UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

CARLOS ANDRADE RIVAS GUTIERREZ

"*Bnei anussim*": uma experiência de judaísmo na periferia paulistana

São Paulo, 2011

Carlos Andrade Rivas Gutierrez

"*Bnei anussim*": uma experiência de judaísmo na periferia paulistana

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia, da FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Urbana/Antropologia da Religião

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Magnani

São Paulo, 2011

Nome: GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas
Título: “*Bnei anussim*”: uma experiência de judaísmo na periferia paulistana.

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia, da FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a chegar até aqui e vencer árduas batalhas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Guilherme Magnani, por ter acreditado em meu potencial, pela orientação precisa, pelos bons conselhos, pelos ensinamentos. Deu-me liberdade para buscar referenciais teóricos que condissessem com a pesquisa, mas sempre acompanhando o processo, o que me ajudou muito. Suas lições sobre a prática etnográfica foram fundamentais para minha formação e desenvolvimento intelectual..

Aos meus pais, Inez e José Carlos, que sempre me apoiaram e me ajudaram nos momentos difíceis, com paciência e carinho. À minha tia Irene, que sempre esteve comigo, e é minha segunda mãe. À Bianca Tomassi, pelo apoio e amor, ajudando-me a vencer minhas limitações.

Às professoras Sandra Stoll e Marta Topel, que integraram minha banca de qualificação e de defesa da dissertação, pelas críticas construtivas e ótimos conselhos, que me ajudaram muito na realização deste trabalho.

Aos meus amigos do grupo de estudo para o processo seletivo do mestrado, em especial, Jacqueline Teixeira, Andrea Cavalheiro, Leonardo Siqueira, Samantha Gaspar e Marcos Malheiros.

Aos grandes amigos do NAU – Núcleo de Antropologia Urbana: Alexandre Barbosa, Alvaro Kanasiro César Assis, Rafael Marques, Pierina Jacinto, Ana Fiori, Yuri Bassichetto, Rodrigo Chiquetto, José Agnello, Abelarda Rodrigues, Priscila Almeida, Nrishinro Mahe, Cleide Lugarini, Lilian de Lucca, entre outros que passaram pelo Núcleo.

A todos os membros do NAU Religião, pois foram fundamentais para a realização dessa pesquisa, com debates de grande qualidade e apontamentos precisos.

Aos amigos do PPGAS-USP, em especial, Guilhermo Aderaldo, Rosenilton Oliveira, Giancarlo Machado, Henrique Antunes, Rodrigo Lobo, Nicodème de Renesse e André Drago.

Aos professores Márcio Silva, Paula Montero, Kabengele Munanga e Marta Amoroso, pelas excelentes disciplinas ministradas.

A todos os funcionários do Departamento de Antropologia.

À comunidade judaica de São Paulo, em especial, aos membros que concederam entrevista e também pelas aulas que recebi em algumas sinagogas. Essa experiência foi única e os conhecimentos adquiridos são de grande importância. Aos rabinos que me atenderam com tanta atenção, paciência e boa-vontade.

A todos os membros da sinagoga *anuss Beith* Israel, de São Paulo, em especial a Mordechai, que sempre esteve disposto a colaborar com a realização dessa pesquisa, e aos fiéis que sempre me atenderam com grande atenção.

A todos os colaboradores, direta, ou indiretamente, desta pesquisa.

Aos queridos amigos Martin e Marcos e suas respectivas famílias, pelas aulas de Torá, *Talmud*, *Mishnê* e outros textos de Maimônides, e pela contribuição fundamental à minha inserção em campo. *Chaverim, toda raba!*

Ao meu grande amigo Maurício, mestre em Ecologia, incentivador, parceiro em horas difíceis, mas também presente nos bons momentos. Estudamos muito juntos e também rimos bastante.

Ao Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino, um grande docente e amigo. Muito obrigado pelos ensinamentos, Luís! Consegui chegar até aqui e devo muito a você por isso.

Outros amigos, não menos importantes, que possibilitaram essa jornada: Paulo Soares, Ernesto de Souza, Sebastião Nascimento, Fábio Elizeu, José Augusto Bezerra,

Dra. Nilza Cintra Seixas, Profa. Dra. Francirosy Ferreira, Prof. Dr. Jorge Ribeiro, Prof. Dr. Clóvis de Barros Filho.

Às minhas avós Antônia Rivas Gutierrez e Maria Cardoso de Andrade. Ao meu avô Antônio Rivas Carrasco (em memória) e ao meu tio Airton, que sempre foi um guerreiro, tanto na vida, quanto nos ringues.

À FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. Além disso, a FAPESP também permitiu, por meio de seu auxílio, a apresentação deste trabalho em importantes congressos da área.

RESUMO

O objetivo dessa reflexão é realizar a análise acerca da inserção de um novo agente no campo judaico, suas relações dentro desse campo e também com a metrópole. Um ex-pastor da Assembleia de Deus e fiéis de instituições pentecostais e neopentecostais passam a se identificar como *bnei anussim*, isto é, afirmam-se descendentes dos judeus forçados a se converter na Inquisição. Após as tentativas fracassadas de reconhecimento da identidade judaica perante as autoridades rabínicas, criam a sinagoga *Beith* Israel, no bairro de São Mateus, periferia de São Paulo. Lá, praticam o judaísmo, conforme seus próprios esquemas de percepção, ortodoxo. O universo empírico compreende a sinagoga dos ditos *anussim*, lideranças religiosas judaicas, especialistas religiosos do campo religioso de São Mateus e moradores do bairro. A metodologia consistiu na análise das interações existentes entre os agentes e suas produções discursivas, além da realização de etnografias para coletar dados qualitativos. A dinâmica existente entre a prática judaica dos autodenominados *anussim* e a lógica específica do bairro é essencial para compreender o fenômeno religioso em questão, pois os dois fatores mantém uma relação dialética.

Palavras-chave: judaísmo; novas identidades; periferia; religiosidade popular.

ABSTRACT

The aim of this study is the analysis of a new agent's entry at the judaic field and his relations inside this field and with the city. An ex-priest from Assemblies of God and others starts to identify himself as *bnei anussim*, in other words, descendents of jews who were forced to convert to christianity during the Inquisition. They try to be recognized by jewish authorities, but the attempt fails. After that, they created their own synagogue *Beith* Israel, at Sao Mateus neighborhood, a poor suburb area in Sao Paulo. There, they practice Orthodox Judaism, according to their own way of perception. The empiric universe consists in the *anussim*'s synagogue, jewish religious authorities, religious specialists of the religious field of Sao Mateus and habitants of the neighborhood. The methodology consisted in the analysis of the interaction between the agents and their discursive productions. Besides, the ethnographic research was used to gather qualitative data. The dynamic among the jewish practices and the neighborhood's logic is essential to comprehend the religious phenomenon, because these two factors are understood in terms of a dialectical relationship.

Key-words: judaism, new identities, poor suburb; popular religiosity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

O campo judaico.....20

2. A FORMAÇÃO DO *HABITUS ANUSSIM* E O PRIMEIRO *KIBUTZ* NO BAIRRO DE SÃO MATEUS..... 32

O bairro de São Mateus: breve introdução.....36

***Kibutz*: o aprendizado judaico.....42**

3. QUEM É JUDEU? 53

Por que ser judeu?.....70

A internet como mundo da vida.....82

A vinda do *Rebe*.....87

4. O CAMPO RELIGIOSO DE SÃO MATEUS.....90

Estrutura da reza judaica como estratégia no campo 126

5. JUDAÍSMO E PERIFERIA.....131

Esdras e seu chapéu: signos de distinção social na periferia paulistana....148

Yetzer Hara: a periferia como teste.....151

6. A QUEDA E O RECOMEÇO DA FISBA.....155

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....171

8. BIBLIOGRAFIA.....175

9. ANEXO.....179

Reportagem da *Folha de S. Paulo*.....179

Lista de sobrenomes de (suposta) origem cristã-nova (na perspectiva de nativos e de alguns historiadores que trabalham com a temática da Inquisição).....182

10. GLOSSÁRIO.....185

"Eu mesmo tenho frequentemente lembrado que, se existe uma verdade, é que a verdade é um lugar de lutas". **Pierre Bourdieu**

1. Introdução

Em 1997, o ex-pastor da Assembléia de Deus, Marcos Moreira da Silva, após muitos questionamentos sobre costumes de sua família tais como, por exemplo, ser circuncidado[1] no oitavo dia após seu nascimento, acender velas na sexta-feira, não comer carne de porco, passou a identificar-se como cristão-novo, ou seja, descendente de judeus *sefardirtas*[2] convertidos ao cristianismo no período da Inquisição, e funda a própria sinagoga, de nome *Beith* Israel, no bairro de São Mateus, na zona leste de São Paulo.

Torna-se necessário uma breve digressão histórica para compreender os acontecimentos que levaram ao surgimento da categoria cristão-novo e, de certa forma, à origem do objeto deste estudo. Segundo o historiador clássico Flávio Josefo, os primeiros judeus chegaram à Península Ibérica antes da Judéia (atual Estado de Israel) ser dominada pelos romanos. Após muitas revoltas na província rebelde, Roma promoveu um ataque em massa, que destruiu Jerusalém. Tem início a segunda diáspora judaica[3], por volta de 70 d.C., em que boa parte dos judeus deslocou-se para *Sefarad* (palavra em hebraico usada para denominar a região ibérica).

Após a conversão do rei visigodo Recareno, em 589 d.C., ao catolicismo, os casamentos entre judeus e cristãos passam a ser proibidos, assim como a adesão ao judaísmo. Posteriormente, fica vedada aos judeus a ocupação de cargos públicos e a prática aberta da religião é proibida. Na maior parte da Europa, são criadas as "judiarias", locais destinados ao confinamento de judeus nas cidades medievais, uma maneira de segregá-los do restante da população.

---

[1] Procedimento que consiste na retirada do prepúcio (pele que recobre a glande) do pênis.

[2] Os judeus se dividem em três grupos étnico-religiosos: *ashkenazitas* (oriundos da Europa Central) e *sefarditas* (originários da Península Ibérica) e os *Mizrachim* ou orientais (da região do Norte da África e Oriente Médio). Há distinções nas tradições religiosas dos grupos, além de lutas pela hegemonia da interpretação "correta" da Torá. O presente trabalho não tratará de todas essas questões, mas irá abordá-las de modo hierarquizado ao problema que este projeto desenha.

[3] A primeira diáspora ocorre em 586 a.C., quando o imperador babilônico Nabucodonosor invade o reino de Judá e destrói Jerusalém, deportando os judeus para a Babilônia.

Há um breve período de paz, com o chamado domínio mouro, entre os séculos X a XII, no qual os judeus possuíam relativa liberdade de culto. Na Espanha, após o final da dominação muçulmana, a violência contra os judeus retorna. No final do séc. XIV, há a perseguição a inúmeras judiarias espanholas:

> O massacre em cadeia atinge as judiarias de Andaluzia, Murcia, Mancha, Ciudad Real, Leon, Logroño e Navarra. O cronista Pero López de Ayala observa: "A avidez de saquear os judeus cresce a cada dia". E a massa saqueia e mata judeus em Alcalá de Guadaira, Ecija, Carmona, Santa Olalla, Cazalla, Córdoba, Andújar, Montoro, Úbeda, Baeza, Jaen, Ciudad Real, Ocaria, Huete, Cuenca, Madri, Toledo, Estremadura, Logroño, Valência, Barcelona, Girona, Cervera, Lérida e Palma de Maiorca. O balanço final foi de cerca de 50 mil mortos. Muitos se convertem ao cristianismo, dando origem ao termo cristão-novo e marrano[4]. Entretanto, praticam sua fé no domínio privado, mas continua a perseguição a eles, pois os conversos eram vistos como hipócritas (CORDEIRO, 1995).

Enquanto isso, os judeus portugueses gozavam de certa liberdade e autonomia, o que levou muitas famílias judias a migrar para Portugal. Em 1492, o Decreto de Alhambra, promulgado pelo Rei Fernando, expulsa os judeus da Espanha, caso desejassem permanecer em terras espanholas, deveriam converter-se ao cristianismo. Tal medida leva a maior parte dos judeus espanhóis, cerca de 120 mil, a fugir para Portugal.

Em 1495, é assinado o contrato de casamento entre o monarca português Dom Manuel I e a princesa espanhola Isabel. Uma das cláusulas do documento é a expulsão de todos os judeus de Portugal. O decreto foi assinado no ano seguinte. Porém, não foi cumprido da maneira desejada pelos espanhóis. O reino português vivia uma grande ascensão econômica, principalmente por conta da burguesia judaica, que dinamizava a produção do país e contribua com o pagamento de altos impostos à Coroa, o que possibilitou verbas para as grandes navegações e a posterior expansão do Império Português. Dessa forma, a retirada dos judeus implicaria grandes perdas aos portugueses, o que motivou o reino a realizar o batismo forçado de milhares e a proibir a saída dos então cristãos-novos do país.

A manutenção da religiosidade judaica dos recém-conversos foi um dos motivos que levou ao massacre de centenas de judeus, em 1506, em uma das principais judiarias

[4] Apesar de a palavra significar, em espanhol, porco, imundo, ou pessoa que se porta mal, não era usada exclusivamente com sentido ofensivo, pois, segundo um rabino entrevistado, o termo *marrano* também tem sua etimologia no hebraico: Mumar-anus (convertido à força).

da cidade de Lisboa. Apesar do perdão geral do Papa Paulo III aos cristãos-novos, a Inquisição é estabelecida em Portugal, para controle e fiscalização da fé do povo. O período de perseguições vivenciado pelos judeus ibéricos coincidia com a incorporação de uma nova e importante colônia do Império: o Brasil.

Segundo o trabalho da historiadora Anita Novinsky (1983), os cristãos-novos encontraram no Novo Mundo não só uma esperança de conquista de terras e riquezas, mas também um local em que pudessem viver em paz, sem preocupações com agentes da Igreja, podendo ter certa liberdade de culto. Dessa forma, muitos começaram a migrar para o país, estabelecendo-se principalmente, em um primeiro momento, no Nordeste do país.

Não houve Tribunal da Inquisição no Brasil, mas durante a existência do regime Inquisitorial, muitos visitadores[5] portugueses vinham até a colônia para investigar casos de heresia, prender suspeitos e enviá-los ao Tribunal do Santo Ofício. A acusação, fosse por meio de testemunho, ou carta, sem qualquer tipo de prova, bastava para que a pessoa fosse indiciada. Em 1591, o visitador Heitor de Mendonça colheu denúncias contra pessoas que guardavam o sábado, matavam animais segundo os mandamentos judaicos e não comiam carne de porco. Seu relato indica que a maior parte dos homens brancos comerciantes era de origem cristão-nova. Em Pernambuco, os netos de uma dona de engenho, de nome Branca Dias, condenada em Portugal por práticas judaicas, são levados presos, por praticar o judaísmo, e queimados vivos no Rossio, principal Praça de Lisboa. Além deles, outros foram presos. Uma pena comum era o uso do "sambenito", espécie de avental, que deveria ser usado pelo resto da vida, o que tornava o condenado um intocável, sendo recebido com pedradas e xingamentos por onde passava.

Com o território nordestino dominado pelos holandeses no período de 1630 a 1654, os judeus passaram a ter total liberdade de culto e é fundada a primeira sinagoga do Novo Mundo, a Kahal Zur Israel, sob o comando do rabino Isaac Aboab da Fonseca. A retomada do Nordeste pelos portugueses culmina na fuga de diversos judeus para a América do Norte. A descoberta de ouro em Minas Gerais leva milhares de cristãos-novos a deslocar-se do Nordeste, com a promessa de riqueza e melhores condições de vida em outra região do país.

[5] Nome dados aos agentes inquisitoriais.

Muitos descendentes dos chamados cristãos-novos, de origem ibérica, adotaram a fé cristã no espaço público e mantinham certas tradições judaicas na esfera familiar.

Após essa breve introdução histórica ao marranismo, considerando os judeus *sefarditas* da Península Ibérica, os cristãos-novos no Brasil do século XVII e o grupo que reivindica tal identidade, no Brasil, na contemporaneidade, podemos retomar o caso do ex-pastor Marcos. Segundo ele, a ocasião em que viu um judeu, pela primeira vez, marcou sua vida:

> "Uma vez no aeroporto, tinha uns 14, 15 anos, fui despedir-me de meu pai, que iria fazer uma viagem, pela Assembléia de Deus. Vi um judeu ortodoxo pela primeira vez. Achei muito bonito a roupa, a barba longa, o chapéu. Disse para minha mãe que sonhava em ser como aquele homem. Ela deu uma risada misteriosa e disse que, de certa forma, já éramos iguais. Hoje entendo o que ela quis dizer, pois ela sabia da nossa ascendência judaica". (Mordechai)

Nascido no Guarujá e filho de um pastor da Assembléia de Deus, Marcos decidiu seguir os passos do pai, para isso, graduou-se em teologia e começou a trabalhar em uma igreja assembleiana. Apesar de ter uma rotina itinerante, pregando em diversas cidades, a maior parte de seu tempo como pastor foi em Curitiba. Em pouco tempo, começou a ter uma ascensão dentro do corpo hierárquico, como indicam os documentos que mostram sua participação em programas de rádio e televisão. A formação de um *habitus* midiático pode ser considerada como ponto fundamental na trajetória de Marcos, pois esse *habitus* deu-lhe a capacidade de elaborar discursos que atendam às demandas religiosas de uma população de periferia. Além disso, sua participação no quadro de especialistas da Assembléia de Deus muniu-lhe de um capital específico para formação de alianças e estratégias, fundamental em sua participação posterior no campo judaico, assim como no campo religioso de São Mateus, como veremos em momento oportuno. Segundo Marcos, o aprofundamento no estudo do Antigo Testamento, aliado a todos os costumes que observava em sua família, começaram a abalar sua fé no cristianismo. Afirma não ter largado a Igreja, logo de início, para não decepcionar o pai. Entretanto, após ter contato com a bibliografia de Anita Novinksy e de Hélio Cordeiro, não teve dúvidas sobre sua origem judaica e decidiu largar o posto de pastor.

> "Não dava mais. Sentia que estava enganando as pessoas, sabia que tudo aquilo era mentira. D-us[6] é um só e não três. Tinha diversos filmes meus, em que eu fazia curas, exorcismo, queimei tudo isso. Cheguei a ter programa em rádios, carro importado, apartamento em bairro de luxo. Abri mão de tudo isso, pois sabia que era judeu e que o judaísmo era a verdadeira religião". (Mordechai)

Após a descoberta de sua suposta judaicidade, Marcos decidiu adotar o nome hebraico de Mordechai Moré. Entretanto, não abandonou a figura de Jesus Cristo, de imediato. Decidiu professar o judaísmo messiânico, modalidade de fé praticada por alguns judeus que também são evangélicos, que se utiliza de toda a liturgia judaica, mas crê em Jesus (Yeshua, em hebraico) como o Messias. Essa prática é muito mal vista pela comunidade judaica, que nega a identidade judaica dos praticantes e afirma que tudo não passa de uma ferramenta criada pelos cristãos a fim de converter judeus ao cristianismo. Atualmente, Mordechai define-se como judeu ortodoxo e não gosta de relembrar seu passado messiânico, afinal, o fato constitui-se em uma perda de legitimidade perante outros agentes do campo judaico.

> "Foi algo muito breve. Um restolho de cristianismo que ainda havia em mim. Digamos que foi uma fase de transição, pra eliminar o que ainda tinha de cristão. Mas hoje em dia, nem penso nisso. Minha fé é inabalável e tudo que era de origem cristã foi embora da minha vida". (Mordechai)

Após deixar o judaísmo messiânico, Mordechai e outros que se intitulam descendentes de cristãos-novos decidem criar a Fisba – Federação Israelita *Sefaradi Bnei Anussim*[7]. A associação, fundada em 1998, tem como objetivo auxiliar supostos descendentes de cristãos-novos, de todo o Brasil, a retornar ao judaísmo. A instituição já chegou a contabilizar 300 grupos no país e mais de 1.500 membros. Por conta de divisões internas, conflitos no campo religioso e outros fatores, o número de filiados sofreu uma queda, mas já se encontra em recuperação, segundo Mordechai. As perdas sofridas pela Fisba serão tratadas com mais detalhes, em momento posterior.

É importante problematizar o uso da história para significar tradições e o estabelecimento de monopólios de classificação social. A tradição a que ambos os

---

[6] De acordo com um mandamento do judaísmo, o nome de Deus não pode ser utilizado em vão. Por isso, os judeu escrevem D-us. Esse padrão será seguido neste trabalho, em respeito aos nativos e seu esquema de percepção religioso.

[7] *Bnei anussim*, do hebraico, filhos dos forçados. O termo bnei anuss é a forma utilizada no singular, na língua hebraica. Entretanto, os nativos utilizam o termo *anussim* mesmo em situações em que falam no singular. Portanto, o trabalho adotará essa particularidade êmica, no discurso dos nativos.

grupos (judeus da comunidade dita oficial e os *anussim*) se apegam é, para Hobsbawn, uma "tradição inventada", que inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período específico de tempo.

> A 'tradição' neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do 'costume", vigente nas sociedades ditas 'tradicionais'. O objetivo e a o característica das 'tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas, tais como a repetição. O 'costume', nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBSBAWN, 2008, p. 10).

De acordo com o autor, muitas vezes, "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não, inventadas. Não se trata aqui de atribuir a invenção a um ou outro grupo, mas compreender que os agentes sociais em questão apegam-se à tradição para legitimar suas práticas e justificar seu pertencimento a um povo, a um determinado legado religioso e cultural. É impossível, além de não se tratar do objetivo dessa pesquisa, mapear origens e indicar os detentores da "verdade histórica". Porém, é necessário abordar, de maneira breve, o uso da história pelos agentes e suas implicações.

Segundo Bourdieu, toda a ação histórica põe em presença dois estados da história: a reificada, quer dizer, a acumulada ao longo do tempo nas coisas, máquinas, costumes, livros, teorias e a incorporada, que se tornou *habitus*. Dessa forma, a história institucionalizada só se torna atuante se algum agente a achar interessante e ver vantagens nela, reconhecendo-a e a assumindo. Nesse processo, encontramos os agentes que se afirmam *bnei anussim* que se reconhecem e adotam um passado comum, com base em uma produção historiográfica específica: o marranismo no Brasil Colônia. Os judeus da comunidade considerada oficial também justificam sua identidade com base em uma história já dada pela Torá e o *Talmud*[8]. Assumem-se herdeiros dessa "tradição", o que confere à burocracia religiosa do "judaísmo estabelecido" o monopólio de classificar quem é judeu e também da apropriação adequada dos livros sagrados.

[8] Livro que contém as discussões rabínicas acerca da lei judaica.

Os agentes que participam desse universo simbólico lutam para manter ou alterar sua posição na hierarquia desse espaço específico. Tanto os que se consideram *anussim* como os judeus ditos oficiais, utilizam-se da história para justificar sua condição de judeu. O processo de significação da Torá e do *Talmud*, entendidos aqui como elementos da história reificada, é alvo de disputa por parte dos agentes, a fim de subverter ou manter a ordem que rege o campo judaico. De acordo com o esquema de disposições desses agentes, essa história reificada é incorporada na forma de *habitus*, ou seja, será vivenciada e entendida de maneiras distintas, estando de acordo com a posição e disposição dos participantes dessa esfera.

É importante ressaltar que a história não é objeto de luta somente para os envolvidos no campo judaico, mas também entre os historiadores que, dentro de seu campo específico, travam disputas em torno da produção do conhecimento histórico. Portanto, o material histórico, dependendo dos embates existentes no interior da esfera da disciplina, pode, segundo Hobsbawm, reificar tradições novas, garantindo a elas o status de "tradição antiga". Isso irá refletir nas disputas de outros campos, pois fornecerá bens simbólicos que podem ser utilizados por diversos agentes distintos, com os mais diferentes interesses.

> "A história faz-se nesta luta, neste combate obscuro em que os postos moldam de modo mais ou menos completo os seus ocupantes que se esforçam por se apropriar deles, em que os agentes modificam de maneira mais ou menos completa os postos, talhando-os à sua medida". (BOURDIEU, 2006, p.103.)

O ex-pastor passa a contatar rabinos ortodoxos em São Paulo a fim de que ele e seu grupo pudessem retornar ao judaísmo e ter sua condição judaica oficializada por alguma autoridade religiosa. Apresentaram seus sobrenomes[9], relatos de costumes judaicos nas famílias, a presença de casamentos endogâmicos, a fim de manter o sangue judaico na família. Entretanto, todos os representantes religiosos consultados foram unânimes: o grupo não tem como comprovar a ancestralidade matrilinear[10], por isso, devem fazer a conversão. Mordechai, em nome do grupo, prontamente recusou a proposta.

[9] O Dicionário *Sefaradi* de Sobrenomes é uma compilação de cerca de 12 mil sobrenomes judaicos, de origem ibérica. Exemplos: Moreira, Carvalho, Andrade, Freitas, etc...
[10] Segundo o esquema de percepção ortodoxo vigente, judeu é aquele que é filho de mãe judia.

> "Não podemos nos converter no que já somos. O *anussim* é judeu e, por isso, precisa passar pelo processo de *teshuvá*[11]. Caso contrário, isso seria desonrar toda nossa história, o nome dos meus ancestrais e negar todo o sofrimento que os antepassados sofreram com a Inquisição. Outra coisa, se eu já tenho uma alma judia, ao me converter eu perco a minha alma e ganho uma nova. Como fica isso? Eu não sou *goy*[12]!". (Mordechai)

Os agentes que se identificam como *anussim* fizeram a seguinte questão aos rabinos: "vocês tem como apresentar uma certidão de casamento de sua tataravó materna?". Alguns rabinos entrevistados garantiram que se trata de um bom argumento, mas que nada podem fazer, pois a lei judaica é essa.

> Podemos constatar as lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. A produção e imposição de uma classificação legítima. (BOURDIEU, 2006: 113).

O trabalho de categorização é feito a todo o instante pelos agentes do campo judaico, conforme seus esquemas de percepção, incorporados de acordo com a posição que ocupam na estrutura do universo religioso, por meio de dizer algo bom ou ruim sobre certo grupo, censurando-o ou aprovando-o, reificando ou destruindo determinada identidade.

Com as seguidas negativas, Mordechai e seus fiéis decidiram criar a própria sinagoga, a *Beith* Israel, no bairro de São Mateus, zona leste da cidade de São Paulo, onde vivem mais de 150 mil habitantes e é um dos principais redutos nordestinos da cidade. A escolha do local foi mais influenciada pela possibilidade de existência de cristãos-novos a serem resgatados ao judaísmo do que pela falta de recursos para alugar uma casa em uma região considerada mais nobre.

---

[11] Do hebraico, retorno. Tanto na conversão, como no retorno, o indivíduo é circuncidado, no caso dos homens, e passa por uma micvê – pequena piscina de água para purificação espiritual - (no caso das mulheres, há apenas a passagem pela micvê). A diferença está na benção proferida em ambos os rituais. Ela é diferente tanto para o converso quanto para o judeu que está retornando à religião, pois se considera que o convertido está recebendo uma neshamá (alma) judaica, enquanto que o judeu que retorna já a possui; ele somente passa por um processo de purificação, que limpa o pecado de idolatria, cometido enquanto este se encontrava em outra fé. O judaísmo não é uma religião proselitista, ou seja, não tenta buscar novos adeptos. A conversão nem sempre é fácil, pois o contato com os rabinos é, geralmente, dificultado. Além disso, há um preço, cerca de R$ 2.5000 nas sinagogas liberais. Já as ortodoxas não cobram, mas o processo deve ser finalizado em Israel, o que implica em gastos com viagem, estada, alimentação, etc.

[12] Em hebraico, não-judeu, pertencente a outros povos.

Assim, passaram a viver o judaísmo ortodoxo, segundo seus esquemas de percepção, em um bairro periférico, o que implicará muitas dificuldades. Mesmo com o baixo poder aquisitivo, alimentam-se, o máximo que podem, de comida *kasher*[13]. Veremos no decorrer do trabalho como a dinâmica religiosa é afetada pela lógica do bairro e também o contrário, em uma relação dialética entre o judaísmo *outsider* e a periferia.

Para Mordechai, o fato dos agentes que se intitulam *anussim* serem negros, pobres e de origem nordestina explica a negativa frente às tentativas de retorno e de acesso às sinagogas consideradas oficiais, do circuito Higienópolis - Bom Retiro. O ex-assistente de uma sinagoga ortodoxa, da linha *Chabad*, Ingo Bergson[14], acredita que as características citadas constituem-se como um entrave à aceitação na comunidade judaica.

> "Em Nova York, durante minha formação religiosa, presenciei uma cena no metrô. Estava com o rabino e uma família de negros perguntou onde poderiam tomar o trem para o outro sentido. O rabino disse que não sabia e depois me disse, em português: "De acordo com o *Talmud*, todo o homem tem uma alma animal. O judeu é diferente, pois tem a animal e também uma alma divina. Mas a alma animal de um *goy* negro é inferior a de um *goy* branco". No momento não refleti, mas depois fiquei chocado com a afirmação. (...) Ser pobre e conseguir a conversão é algo difícil, pois mesmo que não pague por aulas, a pessoa precisa gastar dinheiro para comprar livros, contribuir com a sinagoga, além de ser muito difícil que o convertido consiga um casamento bom (mulher rica ou filha de um rabino importante)". (Ingo Bergson, 32 anos, ex-assistente de uma sinagoga *Chabad*).

O pensamento de um membro da instituição não pode ser tomado como reflexo da mesma. Afinal, há diversos grupos e linhas de pensamento no judaísmo. Também não se pode esquecer que os judeus, independentemente da orientação religiosa (ortodoxa ou liberal), participam de diversos universos simbólicos, o que indica que a atitude racista não pode ser vinculada à religiosidade judaica, mas sim a distintos processos de socialização que formaram o agente. Entretanto, o depoimento aponta para a dificuldade

---

[13] Em hebraico, propício, de acordo. Apesar de a palavra ser mais associada ao uso de comida também é utilizada em outros contextos como, por exemplo, esse pergaminho está correto. Logo, ele é *kasher*. *Kashrut* é o termo relacionado às leis alimentares do judaísmo, que serão abordadas em momento mais oportuno.

[14] Com exceção de Marcos Moreira (Mordechai) e rabinos-chefes de sinagogas, todo o entrevistado teve seu nome trocado, pois o estabelecimento de sociabilidade com o grupo de São Mateus, ou a emissão de opiniões que contrariam a lógica vigente da instituição religiosa poderia prejudicar, seriamente, rabinos, funcionários e freqüentadores. Dessa forma, todos os entrevistados serão protegidos com o uso de pseudônimos, a fim de evitar possíveis reprimendas.

de ser negro e pobre e conseguir participar e ingressar em uma sinagoga. Segundo Mordechai, todos os signos negativos, do ponto de vista dominante, que seu grupo carrega, tornam os auto-intitulados *anussim* "no patinho feio que ninguém quer, mas que existe e é judeu".

Por meio da etnografia realizada, conheci o caso de um cabo da Polícia Militar, negro, que se converteu em uma sinagoga ortodoxa. O rabino afirmou que a situação social e raça não importavam para ele, mas sim a fé.

> Deixei de converter um *goy* rico e branco, para converter o cabo, pois vi que ele tinha uma fé verdadeira. Não me importa se o cara é pobre, preto, branco, amarelo, azul...importa se ele ama a Torá e se irá cumprir as mitzvot[15] de HaShem[16]. (Moshe Goldman, rabino de sinagoga ortodoxa no Bom Retiro)

Temos então, como principal objetivo do estudo, a análise do surgimento da sinagoga *Beith* Israel, na periferia paulistana, as relações sociais existentes em seu interior e como esse novo movimento religioso relaciona-se com o bairro de São Mateus. Veremos neste trabalho, a questão da intervenção no espaço urbano, com a experiência de um *kibutz* urbano na região, assim como uma rede de sociabilidade entre os fiéis, por meio de uma criação de comércio *kasher* e também pela troca de favores (empregos, serviços, etc.). No contexto da cidade, o trabalho buscou analisar a maneira como o judaísmo e suas práticas são recebidas pelos moradores do local, a inserção dos que se afirmam *anussim* no campo judaico e no campo religioso de São Mateus, com seus respectivos conflitos e tensões. Além disso, a experiência etnográfica levou à questão do uso de diversos elementos do judaísmo por parte do neopentecostalismo. Veremos que não se trata apenas de símbolos, mas também de uma teologia mais focada no Antigo Testamento e até mesmo no uso de palavras em hebraico durante os cultos. Dessa forma, com a presença de diversos elementos oriundos do judaísmo na prática de igrejas pentecostais e neopentecostais, o trânsito religioso, inusitado em um primeiro momento, torna-se compreensível, se considerarmos que o *habitus* dos fiéis da sinagoga de São Mateus já compreendia, em partes, o discurso da sinagoga *Beith* Israel. Assim como o *habitus* de seu principal especialista, Mordechai, ainda apresenta diversos traços do pentecostalismo, tornando o discurso e sua maneira de lidar com os leigos mais

[15] Em hebraico, mandamentos.
[16] "O Nome", em hebraico. Uma forma, mais respeitosa, de se dirigir a D-us.

próximos aos esquemas de percepção da população de São Mateus e de outros locais da zona leste de São Paulo.

O campo judaico

A construção do recorte, baseado nos dados empíricos e que proporcionou a criação de um modelo de universo simbólico, com a participação de diversos agentes e instituições judaicas, foi feita com base no conceito de campo de Pierre Bourdieu. Vale ressaltar que, segundo a teoria bourdiesiana, o campo é uma criação metodológica do cientista social, ou seja, não corresponde ao real e nem o reflete diretamente. É uma estratégia que permite a análise de determinado objeto e suas interações, sempre permeado por relações de força entre posições sociais.

Em São Paulo, podemos dividir o campo judaico, por meio da oposição liberal versus ortodoxo. A sinagoga CIP – Congregação Israelita Paulista, de orientação liberal, fundada em 1934, por um grupo de judeus alemães, conta com o maior número de freqüentadores em São Paulo, podendo ser considerada a instituição liberal mais importante. Ficou conhecida por ser presidida, durante muitos anos, pelo rabino Henry Sobel, que se destacou como "representante" da comunidade judaica na mídia. É a sinagoga que mais realiza conversões, principalmente para casamentos, conforme afirma o rabino-chefe, Michel Schlesinger. O judaísmo liberal é caracterizado como uma corrente religiosa que acredita que a religião precisa ser modernizada e adaptar-se à cultura local. Dessa forma, possuem uma visão mais flexível da *Halachá*[17], interpretando os preceitos bíblicos, segundo eles, não de maneira literal, mas dentro de determinado contexto histórico. Uma diferença marcante é no que concerne ao *shabat*[18]. O judaísmo ortodoxo proíbe o uso de elevadores, carros, fogão e ligação de qualquer equipamento elétrico, pois, para essa vertente, a corrente elétrica, que passa pelo circuito de um equipamento, gera uma pequena fagulha, considerada por eles como uma forma de fogo. Os liberais não encaram dessa forma, pois, segundo eles, a restrição à

[17] Em hebraico, nome que se dá ao conjunto das leis judaicas.
[18] Período que compreende o pôr-do-sol de sexta feira ao pôr-do-sol de sábado. Em hebraico, *shabat* tem relação com *shavat*, que significa parar, cessar. Dessa forma, o *shabat* é o dia em que não se trabalha e não se realiza uma série de atividades que, segundo o *Talmud*, estão relacionadas a formas de trabalho. Uma das principais proibições é com relação à produção de fogo.

produção de chama está ligada à necessidade do grande trabalho para produzi-la, na Antiguidade. Atualmente, não haveria, na visão liberal, problema em utilizar eletrodomésticos, carro, acender um fósforo, já que nenhuma dessas atividades requer esforço físico.

Os liberais afirmam que os ortodoxos tem uma visão fundamentalista da religião, que afasta os judeus do judaísmo, ao impor dificuldades à pratica religiosa. Por isso, permitem a realização de atividades comerciais durante o *shabat*. Acreditam que não há pecado se um homem encostar em uma mulher como, por exemplo, para cumprimentá-la, o que é terminantemente proibido na ortodoxia, que restringe o toque à esposa e às parentes mais próximas (mãe e irmãs). Além disso, não usam trajes comuns aos ortodoxos: terno preto, camisa branca e chapéu. Usam somente a *kipá*. No caso dos rabinos, utilizam-na todos os dias, já a maior parte dos freqüentadores coloca-a somente no *shabat*. Além disso, não há a exigência da barba, somente os rabinos utilizam-na, bem aparada, ou até mesmo raspada, mas não aceitam a retirada dos pêlos à navalha.

Outro fato importante está relacionado à alimentação: os judeus alimentam-se de acordo com a *Kashrut* (leis alimentares do judaísmo). Pela *Halachá*, o judeu pode comer apenas carne de bovinos e caprinos - animais ruminantes e de casco fendido - e de frango. Peixes são permitidos, mas devem ter escamas e barbatanas. Já os frutos do mar e insetos são proibidos. Além disso, há uma citação na Torá que proíbe a mistura de carne com leite, mas que é interpretada de modo distinto por liberais e ortodoxos. Os primeiros enxergam o versículo como a importância que o judaísmo dá à questão do bem-estar animal. Dessa forma, muitos liberais misturam carne com leite, comem camarão, etc. Geralmente, apenas os rabinos de congregações liberais é que guardam tais preceitos. Já os segundos não misturam carne com leite, ou seus derivados, tanto no preparo dos alimentos, como no armazenamento dos produtos: separam a louça, utensílios de cozinha e lugares na geladeira. Muitos ortodoxos possuem pias e fogões, a fim de que não haja qualquer contato. Os produtos industrializados são vistoriados por rabinos, que certificam que não há nada *treif*[19]na composição. O grau de exigência na inspeção é mais uma das diferenças entre liberais e ortodoxos.

> "Os ortodoxos interpretam e vivem o judaísmo de um jeito, nós o vivemos de outro, não compartilhamos da visão deles. Respeitamos, mas temos nossa própria maneira de vivenciá-lo. Acreditamos que o judaísmo transforma-se com o tempo. Essa visão mais liberal é que

[19] Em hebraico, alimento considerado impróprio pela lei judaica.

> permite que os judeus não sejam assimilados. A questão é transformar a forma litúrgica para preservar o conteúdo e a cultura judaica. É viver com a tradição de dois mil anos atrás, mas não como há dois mil anos". (Rabino Schlesinger, chefe da CIP – Congregação Israelita Paulista).

Do outro lado, há as sinagogas ortodoxas, em sua maioria, pertencentes à linha chassídica[20] *Chabad*. O movimento foi fundado há mais de 200 anos, mas tornou-se extremamente popular no século XX, ao ser assumido pelo rabino Menachem Mendel Schneerson. De origem ucraniana, mas radicado nos EUA, o *Rebe*[21] (como era conhecido por seus seguidores) atraiu diversos seguidores por incentivar a prática das *mitzvot* e da *tsedacá*[22]. Sua visão mística do judaísmo e as milhares cartas que respondia com conselhos, fez com que atraísse inúmeros seguidores. Tudo isso permitiu a expansão da linha *Chabad* pelo mundo, estabelecendo sua condição de maior corrente ortodoxa do judaísmo.

Tanto as instituições liberais, quanto as ortodoxas, buscam a hegemonia no campo. Dessa forma, rabinos ortodoxos não aceitam conversões feitas por liberais, não consideram os rabinos liberais como rabinos e não consomem produtos alimentícios que tenham sido vistoriados por esses últimos.

> "Olha, quando eu certifico uma coisa, vou atrás de tudo. Se tiver uma empresa de macarrão, visito todas as fábricas que fornecem produtos para essa e depois as outras que fornecem para as fornecedoras e assim sucessivamente. Em uma dessas, cheguei até mesmo a ir a uma plantação de cana. É minha responsabilidade como rabino. É meu dever certificar de que o produto é *kasher*, pois a comunidade confia em mim. Nunca que eu tomaria um suco que foi inspecionado por um rabino liberal. Primeiro porque ele nem rabino é. Segundo, porque ele não observa os mandamentos, usa carro no *shabat*, come treif. Então, como o produto é *kasher*? Pode ser *kasher* para eles (liberais), mas na minha casa não entra". (Rabino Gabriel Kinetz, da linha *Chabad*).

Os ortodoxos, conforme já citado, observam a liturgia judaica de forma rigorosa, cumprindo os rituais previstos na Torá da maneira mais fiel às escrituras, em sua visão. Segundo a ortodoxia, as leis da Torá são eternas e inalteráveis e devem ser seguidas da maneira mais tradicional possível. Não concordam com a tentativa de flexibilização,

[20] Chassídismo é o nome do movimento fundado pelo rabino Baal Shem Tov, no século XVIII. Trata-se de um judaísmo místico e seus efeitos práticos no cotidiano. As diversas e numerosas linhas ortodoxas são fruto do chassídismo. Logo, o termo também é utilizado para referir-se à ortodoxia.
[21] Título dado a um grande rabino, no judaísmo ortodoxo.
[22] Em hebraico, *tsedec*, a coisa certa a fazer. Alguns rabinos interpretam como justiça social, outros como fazer caridade.

promovida pelos liberais. Tanto que não reconhecem rabinos liberais como líderes religiosos, pois, para eles, somente aquele que cumpre os mandamentos e estudou de maneira ortodoxa pode ostentar tal título. Dessa forma, não aceitam as conversões realizadas pelos liberais, nem os casamentos, a supervisão rabínica de produtos, etc.

Apesar disso, a maior parte dos fiéis da linha *Chabad* não vive o judaísmo de forma ortodoxa. Além dos rabinos, poucos usam barba longa, terno preto e chapéu.

> "O objetivo do *Chabad* é atrair os judeus de volta ao judaísmo tradicional, incentivando os casamentos com pessoas pertencentes à comunidade e fazer com que, paulatinamente, tenham uma vida religiosa. São os freqüentadores não-religiosos, na maior parte das vezes, que acabam mantendo a instituição. A idéia é que se cada judeu passar a cumprir pelo menos uma mitzvá[23], ele estará mais iluminado pela presença de D-us, o que o levará a ficar mais religioso e cumprir outras mitzvot". (Ingo Bergson, ex-assistente de uma sinagoga *Chabad*).

Por sua vez, rabinos e leigos de orientação liberal consideram o pensamento ortodoxo como algo retrógrado e como uma interpretação fanática em torno do judaísmo, o que, segundo eles, é prejudicial para a imagem dos judeus e também responsável por afastá-los da religião. É importante ressaltar que a classificação de não-religiosos, dada aos liberais, tanto pelos *anussim*, como pelos grupos ortodoxos estabelecidos, foi construída dentro da lógica do campo judaico. Logo, a religiosidade libera não representa uma ausência de religiosidade, mas sim um modo distinto de pensar e se relacionar com o sagrado.

Outras sinagogas que mantiveram/mantêm contato com o grupo de São Mateus são de origem *sefardita*, sem ligação com o movimento *Chabad*. Trata-se de duas pequenas sinagogas, com baixo capital simbólico dentro do campo, sendo consideradas inexpressivas, por agentes que ocupam posições mais elevadas no campo, tanto em termos de representatividade, quanto na questão de produção e administração de bens religiosos.

Claro que existem outras sinagogas importantes como a Kehilat Chassidim, da linha chassídica Gur, de origem polanesa, cujo rabino, de nome Horowitz, é o chefe do *Beit Din*[24] de São Paulo, portanto, o grande responsável por autorizar conversões ortodoxas, aceitas por quase todas as sinagogas da cidade. Há também grupos ultra-

[23] Em hebraico: mandamento. No plural, usa-se o termo *mitzvot*.
[24] *Beit Din*, em hebraico, é um tribunal rabínico, com várias funções. Uma delas é a aprovação de candidatos à conversão ao judaísmo.

ortodoxos, caso dos Satmer, mas que não serão incluídos na construção deste campo de estudo, já que não possuem laços de sociabilidade com o grupo estudado e sua relação com a comunidade judaica estabelecida é muito limitada. Segundo Henrique Rattner (1977), a maior parte da comunidade judaica de São Paulo é laica, ou seja, sua relação com o judaísmo se dá pela identificação cultural, por meio do sionismo e da língua hebraica. Porém, essa relação pode ser encarada como uma definição secular do religioso (GIUMBELLI, 2008). De fato, podemos afirmar que o significado do próprio judaísmo está em disputa: religião, para alguns agentes, e cultura para outros.

De qualquer maneira, os judeus que se intitulam seculares são agentes importantes no campo judaico, tanto por sua representatividade numérica, quanto pelo peso de suas instituições (clube, centro cultural, sociedades beneficentes). Além disso, mesmo não participando ativamente de movimentos religiosos, apoiaram o grupo de São Mateus em certos momentos, conferindo-lhes legitimidade. A constituição da comunidade judaica em São Paulo e suas características serão abordadas no terceiro capítulo desse trabalho.

Os agentes de São Mateus que pleiteiam a identidade *anus* definem-se como religiosos, sendo assim, intitulam-se como ortodoxos e tem suas práticas litúrgicas baseadas nos esquemas de percepção do judaísmo chassídico.

A entrada dos autodenominados *anussim* no campo judaico foi um fato que acabou por unir ortodoxos e liberais, fazendo-os concordar com os seguintes pontos: esses novos agentes não são judeus, não deveriam ter sua sinagoga reconhecida pela lei e não tem o direito de decidir se uma pessoa tem ascendência judaica. Entretanto, mesmo com diversos ataques, por parte de rabinos e judeus, a participação no campo judaico é justamente confirmada por conta de tal reação. No processo de conflito com o outro, os dominantes acabam por reconhecer a existência desse outro, caso contrário não teriam como e com quem interagir. Na perspectiva bourdiesiana, falar sobre algo implica impor uma visão sobre esse algo, o que o torna existente, mesmo que de forma negativa. Esse processo de interação entre agentes dominantes e dominados cria o próprio jogo judaico, com suas regras e prêmios específicos.

> Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a illusio é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social. A illusio é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena, ou para dizer de maneira mais simples, que vale a pena jogar. De fato, em um primeiro sentido, a palavra interesse teria precisamente o significado que se

> atribui a illusio, isto é, dar importância ao jogo social, perceber o que o que se passa aí é importante para os envolvidos, para os que estão nele. (BOURDIEU, 2007, p. 139 e 140)

Dessa maneira, passam a perceber os supostos *anussim* como um novo elemento do campo judaico, que rediscute o monopólio das classificações em torno da identidade, e as formas conhecidas de ser judeu e perceber o judaísmo.

Inserção em campo

A realização de entrevistas etnografias foi essencial para a obtenção de dados empíricos, analisados ao longo do trabalho. Meu conhecimento acerca do judaísmo, suas práticas, crenças, simbologia, estrutura ritualística, conhecimento teológico, deu-se por meio de minha grande amizade com Martin, judeu paulistano, de família ortodoxa, que me deu aulas de Torá e *Talmud*. Além disso, sua ajuda foi essencial para a entrada em diversas sinagogas ortodoxas, pois como estudou em escolas rabínicas, conhecia muito bem o *circuito* judaico estabelecido, apesar de não freqüentá-lo. Em uma dessas ocasiões, fomos a uma sinagoga ortodoxa e o *parnas*[25] da sinagoga simpatizou comigo e convidou-me a freqüentar o espaço, assistir às rezas e ter aulas com os rabinos. Como ele era detentor do poder econômico e responsável pela manutenção da sinagoga, não houve qualquer tipo de protesto. Além disso, ocupava uma posição alta na estrutura da sinagoga, por conta de seu capital simbólico elevado, já que cumpria os mandamentos com extremo rigor. Dessa forma, passei a freqüentar a sinagoga, acompanhando a liturgia, aprendendo a rezar e tendo aulas de Torá e *Talmud*, *Mishnê Torá*, do filósofo e rabino Maimônides e outras obras importantes na religião judaica, com rabinos, após as preces. Isso permitiu o ganho de um capital específico, responsável por compreender melhor a religião judaica, e ajudou-me a interpretar como os autointitulados *anussim* encaram o conteúdo dos livros judaicos, como ressignificam a religião, conforme seus esquemas de percepção próprios, a fim de legitimar sua causa e também justificar sua judaicidade. A freqüência à sinagoga foi fundamental para formar um capital religioso, que me ajudou a compreender melhor a dinâmica do campo judaico e a tentar entender a lógica do pensamento dos nativos e sua participação nesse jogo simbólico, ou seja, tomadas de posição, esquemas de percepção, discursos, etc.

[25] Em hebraico: o que fornece sustento. O termo vem de *parnassa*, que significa sustento.

Além do estudo supervisionado, também me dediquei à leitura indivudal da Torá e do *Talmud*. O conhecimento adquirido ajudou-me a ter acesso a outros rabinos ortodoxos e pude realizar o trabalho de campo com mais facilidade. Porém, ainda assim, enfrentei certa resistência e não consegui entrevistar todos os rabinos que mantêm, ou mantiveram algum tipo de relação com Mordechai, pois, ao que tudo indica, tinham receio de alguma represália institucional. O capital específico permitiu-me a observação de diversas adaptações, feitas pelos que se intitulam *anussim*, no que podemos considerar como judaísmo estabelecido, o que não seria possível sem o processo de aprendizado. Dessa forma, pude compreender melhor uma série de ações que envolvem a complexa dinâmica em torno dos agentes que pleiteiam a categoria de descendente de cristãos-novos e os que defendem o atual monopólio da classificação, os ditos judeus estabelecidos.

Metodologia

O método utilizado para tentar mapear o campo judaico e para compreender a lógica da sinagoga de São Mateus na disputa religiosa, tanto dentro do bairro, com as igrejas pentecostais e neopentecostais, como dentro do judaísmo, foi a prática etnográfica. Acompanhei diversos rituais religiosos (rezas, festas, *shabat*, aulas de judaísmo) tanto em São Mateus, como nas sinagogas do circuito estabelecido, nome que dei às instituições religiosas que se encontram no eixo Higienópolis-Bom Retiro.

Durante um ano, acompanhei o calendário litúrgico judaico, estando presente em praticamente todos os seus eventos, tanto em São Mateus, como em outras sinagogas, a fim de tentar perceber particularidades na prática judaica *outsider* e possíveis singularidades em sua percepção religiosa. Essa tentativa também ajudou a compreender o inusitado trânsito religioso existente em São Mateus: do neopentecostalismo ao judaísmo, em contraposição a uma tendência no campo religioso, observada por Ronaldo Almeida (2004), em pesquisa na região metropolitana de São Paulo, que indica a perda de fiéis por parte do catolicismo e o crescimento do neopentecostalismo, principalmente nas camadas de baixa renda.

Dessa forma, o trabalho de campo teve grande importância na tentativa de compreender os motivos que levaram uma forma de religião judaica a crescer e a

encontrar adeptos nas classes populares. Além disso, foi indispensável para analisar a produção e a recepção da mensagem religiosa, adaptada à realidade e às condições de vida existentes no bairro de São Mateus.

Também realizei entrevistas com rabinos liberais e ortodoxos sobre a questão dos que se dizem *anussim* e o retorno ao judaísmo, como uma tentativa de compreender o conflito existente no campo judaico, com a entrada de mais uma instituição a participar dos embates simbólicos. As relações com o circuito estabelecido do judaísmo ampliaram-se de tal maneira que rabinos norte-americanos e israelenses passaram a apoiar o grupo, o que tornou necessário a conversa com esses novos atores. Até mesmo a realização de comércio internacional, por meio de uma empresa intermediação, criada por Mordechai, foi viabilizada pelo reconhecimento de sua identidade judaica no exterior.

Para fomentar a reflexão e buscar meios de interpretação, o trabalho propõe um quadro teórico com certos autores. O trabalho de Pierre Bourdieu tem grande importância na análise realizada, pois o autor recupera a figura do agente social, que investe seu capital adquirido dentro do campo, observando o momento e o lugar. Trata-se do sentido do jogo, que permite aos jogadores uma infinidade de lances adaptados às mais distintas situações. Logicamente, cada campo tem suas próprias regras de funcionamento e um "espaço de possíveis", que indica aos jogadores os limites existentes no jogo, tanto em termos de ação, como os esquemas de percepção e pensamento sobre sua participação em determinado universo simbólico.

Bourdieu propõe uma teoria da ação, por meio da noção de *habitus*, em que a maior parte das ações humanas não tem por base a intencionalidade. Trata-se de disposições incorporadas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada para um certo fim, mas sem propor que ela o tenha como busca consciente. O conceito de *habitus* supera a oposição consciente/insconsciente e estrutura/indivíduo, já que se trata de um conhecimento sem consciência, incorporado ao longo de toda a trajetória do agente

> Para compreendermos a religião, não basta estudarmos as formas simbólicas de tipo religioso, nem sequer a estrutura imanente da mensagem religiosa ou do corpus mitológico, trata-se de observar, portanto, os produtores da mensagem religiosa, os interesses específicos que os animam, as estratégias que empregam em suas lutas. (BOURDIEU, 2001. p. 157).

O modelo teórico nos permite compreender como os agentes pleiteiam a identidade judaica, por meio da categoria *anussim*, e a tentativa de reconstrução de trajetórias, que remontam ao *habitus* e às disposições dos agentes estudados: a perseverança no retorno ao judaísmo, rechaçando a conversão, a percepção da zona leste como uma localidade especial, por contar, segundo eles, com inúmeros judeus em potencial e também o sentimento de missão que apresentam, com o intuito de resgatar os que se afirmam *anussim* e aqueles que, na visão do grupo, desconhecem sua origem e de realizar ações de caridade no bairro. A perspectiva bourdiesiana também auxilia a compreender o embate em torno do significado das *mitzvot* existentes na Torá. O discurso bíblico confere legitimidade para os argumentos religiosos, reificando um grupo em detrimento de outro. Por isso, a batalha em torno do significado de diversas passagens das Escrituras pode ser encarada sob dois aspectos: por parte do grupo de São Mateus, como uma forma de subversão simbólica das regras e parâmetros estabelecidos, já pelos judeus considerados "oficiais" a luta é pela manutenção do esquema vigente, que garante o monopólio de classificação e homologa seu poder simbólico.

Como pode ser percebido pelo uso dos termos estabelecidos e *outsiders*, a teoria de Norbert Elias também é utilizada no processo de interpretação dos dados. O livro "Os Estabelecidos e os outsiders" de Elias e John Scotson é um estudo na comunidade Wiston Parva, nos arredores de Londres. Apesar de homogênea, em critérios como educação, renda e ocupação, havia dois grupos bem delimitados: os estabelecidos, moradores antigos do local, e os *outsiders*, os recém-chegados. Assim como no estudo citado, também podemos utilizar as categorias dentro do campo judaico e explicar ações depreciativas por parte dos estabelecidos, usadas para estigmatizar os *outsiders* e manter sua identidade e superioridade.

> Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22).

Veremos que um dos recursos muito utilizados pelos judeus estabelecidos, assim como na comunidade inglesa, é a fofoca: uma forma de enfatizar clichês (pobres, sem cultura e ex-evangélicos) para tentar impedir a participação dos que se intitulam *anussim* no universo simbólico judaico. Em momento posterior, os ataques, por meio da

fofoca/boato, serão analisados no processo de interação entre dominantes e dominados, na luta pela posição mais elevada dentro do judaísmo.

O principal processo de ação comunicativa, entre os judeus estabelecidos e os que se definem como *anussim* se dá por meio da Internet, em redes sociais como o Orkut, por exemplo. De acordo com o pensamento de Jürgen Habermas, duas esferas coexistem na sociedade: o sistema e o mundo da vida. A primeira está relacionada com a reprodução material, controlada pela lógica instrumental, da técnica, e se faz presente no poder político e na economia. Já a segunda é definida pela reprodução simbólica, pela linguagem e os significados que as pessoas atribuem às regras sociais, às visões de mundo e aos fatos objetivos (HABERMAS, 1989). Dessa forma, o mundo da vida pode ser estendido para a Internet, pois nessa esfera, assim como em outras, diversos atores propõem inúmeras visões sobre diversas questões, atribuem, por meio das trocas lingüísticas, o significado de objetos, fatos, instituições, etc.

É importante ressaltar que assim como no mundo da vida "físico", ou seja, no ambiente tido como não virtual, as trocas comunicativas podem não ser racionais, isto é, são incapazes de gerar consenso, pois não apresentam racionalidade, segundo o modelo teórico habermasiano. Logo, há diversas manifestações na internet que não se constituem como *razão comunicativa*, já que a existência do mundo da vida não garante a racionalidade de todos os argumentos ali expressos. Entretanto, há argumentos racionais[26], os quais são passíveis de críticas, promovendo o dissenso e a discussão das regras estabelecidas. A extensão do mundo da vida para a web permite a análise dos fluxos comunicativos que produzem discórdia e consenso entre os atores, permitindo a criação de redes de significados religiosos, no caso, compartilhadas pelos atores envolvidos.

O conceito habermasiano de mundo da vida é complexo e é mais utilizado no que tange às discussões que envolvem problemas relacionados à esfera pública, na qual os assuntos de interesse público são debatidos e formam-se consensos e dissensos acerca de determinadas questões. Entretanto, podemos pensar a Internet como um espaço com diversos fluxos de comunicação, que produzem visões distintas e também chaves de

[26] Para Habermas, a racionalidade de emissões ou manifestações mede-se pelas reações causadas por seu conteúdo semântico, as condições de validade e as razões que podem ser usadas para garantir a validade de emissões e a verdade existente em uma declaração. Essas considerações têm como objetivo tornar a racionalidade de uma manifestação suscetível à crítica e a fundamentação. A manifestação somente cumpre os pressupostos de racionalidade se apresentar-se como um saber relacionado ao mundo objetivo e sujeito ao debate, e para qualquer observador ou debatedor, o significado da mensagem deve ser o mesmo

significado para pensar a questão dos autodenominados *anussim*. É por meio desse "mundo da vida virtual" que as discussões em torno da judaicidade ocorrem, em sua maioria. Logo, a interação é o eixo central da razão comunicativa, por isso a importância de se ter determinada etiqueta, ou seja, uma conduta social capaz de permitir a um interlocutor a participação em debates dentro de uma sociedade extremamente heterogênea.

Isso nos remete ao conceito de *habitus* de Bourdieu, pois é necessário ter certo comportamento nessa esfera, para que as proposições dos agentes sejam levadas em conta e debatidas entre os demais participantes. Os dados empíricos sobre o conflito entre os grupos e a discussão acerca da legitimidade das práticas e reivindicações dos que se identificam como *anussim* foram obtidos, principalmente, no Orkut, como abordaremos posteriormente, por meio da prática "webetnográfica".

As idéias de Stuart Hall sobre o descentramento do indivíduo na chamada pós-modernidade, também foram utilizadas na tentativa de compreender o surgimento de novas identidades culturais, múltiplas e fragmentadas, assim como o conceito de mercado religioso de bens simbólicos de Max Weber, constantemente trabalhado no presente trabalho. Além disso, sua teoria acerca da mudança da religião em função do processo de urbanização será vital para tentar elucidar a institucionalização da Fisba e a necessidade de organização do movimento dos autointitulados *anussim*.

O tema do marranismo já foi explorado, com sucesso, pela academia nos trabalhos de Anita Novinsky, que tem vasto estudo sobre o processo de Inquisição no Brasil e a perseguição aos judeus, no período colonial. A historiadora também realizou visitas a comunidades marranas, segundo ela, como em pesquisa realizada em Campina Grande, na Paraíba, ainda não publicada, em que mostra características particulares de uma comunidade dita marrana. Há trabalhos etnográficos, na década de 60, no Rio Grande do Norte e na Paraíba, realizados por Dias Medeiros. Na segunda metade da década de 70, em Natal, um suposto grupo de *anussim* potiguares passou a lutar por reconhecimento e criou o Centro Israelita Norteriograndense.

> "Foi a primeira comunidade, depois da repressão inquisitorial, formada no continente americano. Lutando com muitas dificuldades, principalmente com a falta de comunicação com os principais centros judaicos" (VALADARES, 2007. P. 268).

O antropólogo francês Nathan Wachtel dedicou-se a estudos de comunidades consideradas criptojudaicas no sertão nordestino e em outros locais da América Latina, interessado na observação de costumes e tradições judaicas, que se mantiveram mesmo com a imposição da fé cristã. Excluindo as comunidades de Natal e a de Campina Grande, as do interior, na zona rural, têm uma semelhança: os membros não conhecem as práticas judaicas, encaram seus costumes como tradição familiar, em oposição à visão dos pesquisadores, que classificam as práticas como judaicas. Em suma, não se sentem atraídos pela religião judaica, tampouco reivindicam essa identidade e muitos desconhecem o judaísmo.

Em seu estudo Fragile Branches: Travels through the jewish diaspora (2000), o pesquisador norte-americano James Ross viaja por diversos países em busca de supostos remanescentes da diáspora judaica pelo mundo. Em um capítulo dedicado ao Brasil, fala do surgimento da comunidade judaica em Manaus e Belém do Pará, com a vinda de muitos judeus marroquinos, interessados no comércio da borracha, no final do século XIX. Segundo ele, há descendentes desses imigrantes que desconhecem suas origens e muitos que buscam sua judaicidade, seja pela conversão, ou pela vivência do judaísmo no próprio ambiente doméstico, ou em pequenos grupos.

É interessante notar que a busca pela identidade judaica, o interesse pela religião ocorre no ambiente urbano. Para Georg Simmel, a intensificação da vida nervosa é resultado das trocas rápidas e ininterruptas das impressões vividas pelo homem na metrópole que, segundo ele, não reage de forma emocional, como os das pequenas cidades, mas sim intelectual (SIMMEL, 2004: 171).

Segundo o autor, o homem das grandes cidades convive com a pluralidade de formas diferenciadas de relação social. Tal ambiente propicia o conflito, que é o fruto de uma hostilidade e de oposição de idéias. Dessa forma, o conflito pressupõe o reconhecimento da existência do inimigo e de seus interesses (SIMMEL, 2004: 355). Louis Wirth, da Escola de Chicago, define a cidade como um núcleo grande e denso, repleta de indivíduos heterogêneos.

> São Paulo - como outras grandes cidades - constitui um espaço privilegiado para experiências desse tipo, dada a procedência de seus habitantes, a riqueza de suas tradições culturais, a variedade de seus modos de vida, e, por conseguinte, a infinita possibilidade de trocas e contatos que propicia (MAGNANI, 1996: 3).

A pluralidade da metrópole, com grupos tão distintos, constitui um espaço especial de interação com o outro. É na cidade que o indivíduo tem a oportunidade de conhecer e experimentar múltiplas identidades, dado o intenso fluxo cultural. Pela heterogeneidade da população, o "outro" e sua cultura tornam-se próximos, visíveis e passíveis de serem contatados e experimentados. Dessa forma, a dinâmica urbana favorece o surgimento de experiências como as da sinagoga de São Mateus e de outros fenômenos de reivindicação de identidade judaica.

Uma das especificidades da metrópole é a diversidade do seu campo religioso, extremamente dinâmico, rico em instituições e agentes, plural e heterogêneo, com uma grande quantidade de serviços disponíveis a uma população, que, por sua vez, apresenta uma grande e variada demanda por bens simbólicos de salvação. É no ambiente urbano que irá surgir os que se afirmam *anussim*, ou seja, indivíduos que se autopercebem como judeus e reivindicam sua identidade judaica, em oposição ao ambiente rural, onde o chamado criptojudeu, apesar dos costumes ditos judaicos, não apresenta disposição e/ou interesse na busca pelo judaísmo.

2. A formação do *habitus anuss* e o primeiro *kibutz* no bairro de São Mateus

Assim que o ex-pastor Marcos (Mordechai) desligou-se da Assembléia de Deus, formou uma comunidade judaico-messiânica, uma espécie de junção de práticas judaicas como, por exemplo, uso da *kipá*[27], realização do *shabat*, rezas em hebraico, realização da circuncisão nos homens, e a crença em Jesus como Messias, além de considerarem os textos do Novo Testamento. Apesar de não ter sido incluído no campo judaico construído na introdução, pelo fato de as sinagogas judaico-messiânicas não manterem relações nem com os *anussim* e nem com a comunidade judaica estabelecida, vale ressaltar que o movimento também cresce muito no país. A maior parte dessas sinagogas tem origem protestante, ou seja, são criadas por pastores que se desligaram de grandes instituições religiosas e decidiram formar sinagogas. O avanço é tamanho que

[27] *Kipá* é o nome dado a uma espécie de barrete, similar ao solidéu, utilizado pelos judeus. É um símbolo da religião e pelo *Talmud* (livro sagrado para o judaísmo) é uma forma de mostrar o temor a D'us, reconhecendo a superioridade do Criador sobre a criatura.

algumas já contam com *yeshivá*[28]. A maior delas é a Congregação Har Tzion, filiada à *UMJC – Union of Messianic Jewish Congregation* dos Estados Unidos. Localizada em Belo Horizonte, possui programas na televisão, rádios e também uma TV pela Internet. Sua estrutura conta também com um curso de teologia judaico-messiânica online, sendo a grande formadora dos quadros messiânicos do país. Por conta da sua ampla capacidade em receber leigos e divulgar mensagens religiosas, os messiânicos conseguem arrebatar muitos interessados no judaísmo. Dessa forma, não participam efetivamente do campo judaico, mas interferem em sua dinâmica, pois conquistam muitos não-judeus, barrados nas sinagogas estabelecidas, criando uma controvérsia em relação à crença dominante, compartilhada pelos judeus estabelecidos.

A identidade judaica dos messiânicos é negada tanto por judeus ortodoxos e liberais, como pelos ditos *anussim* de São Mateus. Todos esses agentes consideram os messiânicos como uma nova modalidade evangélica, interessada em converter os judeus ao cristianismo. Pela total ausência de interação com a comunidade, atraem muitos adeptos interessados no judaísmo, pela inexistência de barreiras no ingresso e também pela forte ação proselitista dessas instituições. Dessa maneira, as instituições messiânicas, muitas vezes ligadas às igrejas evangélicas, disputarão leigos, interessados no judaísmo, com a sinagoga *Beith* Israel.

Por seu relato, Mordechai afirma que a passagem pelo judaísmo messiânico foi muito breve e que pode até ser desconsiderada.

> "Ainda estava confuso com algumas coisas, mas foi coisa de meses (...) foi meio que uma passagem para eliminar o que havia de cristão dentro de mim. Hoje em dia não tenho mais nada disso, era um restolho, uma coisa que tinha ficado, mas já foi expurgado. Ainda bem que foi antes do nascimento das minhas filhas, elas já nasceram em um lar ortodoxo, 100% *kasher*. O complicado também é que esses messiânicos acabam enganando os *anussim*. Porque o *anussim* é carente espiritualmente, é muito inocente e acaba caindo nas mãos deles". (Mordechai)

Não é possível precisar o tempo que a comunidade de São Mateus permaneceu no judaísmo messiânico. Afinal, tal fato foi descoberto pela comunidade judaica dominante e é usado como argumento para depreciar o grupo dominado, classificando-os como "messigélicos[29]". Sendo assim, Mordechai trata de minimizar o fato, para não

[28] Como são chamadas, em hebraico, academia de estudos religiosos para homens.
[29] Junção das palavras messiânico e evangélico.

perder legitimidade e também, ao mesmo tempo, coloca-se como a única opção de fé verdadeira para os auto-intitulados *anussim*, invalidando as outras, ao afirmar que o messianismo engana o suposto descendente de cristão-novo e os mantém, segundo ele, na mesma condição que se encontravam antes: de evangélicos, mas agora travestidos de judeus.

> Essa inclinação a se tornar ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões que possam justificar sua existência e atribuir-lhes coerência. A narrativa propõe eventos que tendem a organizar-se em seqüências cronológicas e de acordo com relações inteligíveis. (BOURDIEU, 2007: 75)

Esse é o fenômeno categorizado, por Bourdieu, como ilusão biográfica, em que o agente recorta sua trajetória, de uma maneira que lhe é conveniente, reconstruindo a cronologia dos acontecimentos, suprimindo trechos da biografia, apresentando ao interlocutor uma *persona* construída pelo discurso. Deve-se lembrar que tal processo não é consciente, podendo ser explicado por conta do *habitus*, que leva os atores sociais a relatar sua vida de uma maneira mais adequada às regras vigentes no campo em que participa, no caso, o judaico. Logo, a vivência messiânica é minimizada, já que a participação no jogo fez com que Mordechai percebesse que essa passagem de sua vida implica na perda de considerável capital simbólico dentro do campo.

De todo modo, o grupo de São Mateus havia saído de igrejas evangélicas, alguns da Assembléia, outros da Universal, Batista, etc. Como fizeram então para aprender a ler e rezar em hebraico, os costumes e tradições, a realização do cerimonial das festas, enfim, como apreenderam o *habitus* judaico?

Claro que as leituras e o estudo individual sobre o judaísmo foram importantes para a compreensão da teologia judaica, principalmente quando os ditos *anussim* procuraram rabinos para tentar retornar ao judaísmo, já munidos com argumentos que embasavam sua condição, segundo eles, de descendentes de judeus forçados à conversão durante a Inquisição. Após as seguidas negativas por parte das autoridades rabínicas, Mordechai fez um amigo *ashkenazita* chamado Meir. Conheceram-se em uma sinagoga *sefadita*, de orientação ortodoxa. Sensibilizado com a vontade e a fé do novo amigo, Meir encontrou um jeito de ajudá-lo:

> "Conheço um judeu ortodoxo,o Yakov, que tem um bom conhecimento, estudou muito a Torá e pode ajudar vocês. Ele irá para Israel daqui a uns dois meses, por que não fala com ele?"

Yakov é judeu *ashkenazita*, nascido no Brasil, mas que vive em Israel desde menino. Pertence à linha chassídica Breslov, de origem ucraniana, considerada ultra-ortodoxa dentro do campo judaico. Os fiéis seguem os preceitos ensinados pelo rabino Nachman de Breslov (1772-1810), fundador do movimento.

Mordechai decidiu contatá-lo e obteve resposta positiva. Yakov aceitou morar em São Mateus até seu retorno a Israel e a ajudar os que se dizem *anussim* a acessar, segundo seus preceitos, a cosmologia judaica. Ensinou hebraico, a maneira de rezar, a maneira *kasher* de armazenar e preparar os alimentos, o horário das orações, como guardar o *shabat* de maneira correta. Explicou que todos os homens não poderiam cortar a barba e deveriam deixar os *peots*[30] comprido e jamais cortá-lo. Dessa forma, os que se afirmam *anussim* incorporaram, à sua maneira, um *habitus* breslov. Mordechai considera Yakov como o "professor" do grupo.

> "Ele foi muito importante. Um grande amigo, às vezes trocamos mensagens pela Internet. Ajudou muito o movimento. Morou conosco, ensinou os *anussim* a rezar, passou muita coisa para mim. Isso permitiu que eu começasse a realizar esse trabalho importante, de reunir os bnei e ensinar-lhes judaísmo, para que possamos voltar às nossas origens, servir a D'us e ser reconhecido pelo que somos" (Mordechai).

Dessa forma, os ditos *anussim* de São Mateus tiveram, após esse contato, sua experiência mais ortodoxa, em termos de vivência judaica. Televisão, saídas a bares no bairro e o contato com os *goym* deveria ser limitado, pelo que fora ensinado. Logo após a viagem do "professor", Mordechai decide ampliar as atividades religiosas, alugando uma casa na Rua João Batista Bianchi, em São Mateus, onde realiza sua primeira experiência de *kibutz* urbano, com regras religiosas rígidas, e também a dificuldade e necessidade de manutenção de relações com os outros moradores do bairro.

[30] Peot são as tranças usadas pelos judeus ortodoxos. Algumas linhas chassídicas consideram que o peot é o pêlo intermediário entre a barba e o cabelo, enquanto que outras acreditam que é uma trança na mecha de cabelos que nasce logo acima da barba.

O bairro de São Mateus: breve introdução

Antes de relatar e problematizar o *kibutz* e a transformação do *habitus* da comunidade e a institucionalização e racionalização da sinagoga, é importante traçar um panorama sobre o bairro de São Mateus. A compreensão desses processos será mais bem entendida se explicado o contexto do local em que ocorreram.

O distrito de São Mateus está localizado a cerca de 20 quilômetros do centro e conta com cerca de 160 mil habitantes[31]. Segundo informações da Prefeitura, o bairro começou a ser loteado em 1948 e começou a crescer com a forte migração de nordestinos, atraídos pelo crescente desenvolvimento industrial na região do ABCD paulista.

[31] Dado da Prefeitura de São Paulo (2008). Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso em: 01/10/2010.

Imagem 1: Mapa da cidade de São Paulo. Em vermelho, localiza-se o distrito de São Mateus.

Imagem 2: Vista aérea do Bairro de São Mateus

O principal acesso ao bairro se dá pela Avenida Mateo Bei, com duas faixas, nos dois sentidos, que começa no bairro Jardim Aricanduva e segue até o Terminal São Mateus, importante equipamento urbano para os moradores da região, pois mantém linhas que conectam diversas regiões populosas da Zona Leste entre si como, por exemplo, Cidade Tiradentes, Itaquera, São Miguel, Jardim Iguatemi. Além disso, o Terminal possibilita a integração da região com o Jabaquara e o ABC. A Mateo Bei concentra a maior parte do comércio no bairro, com lojas de móveis, autopeças, borracharias, agências bancárias e supermercados.

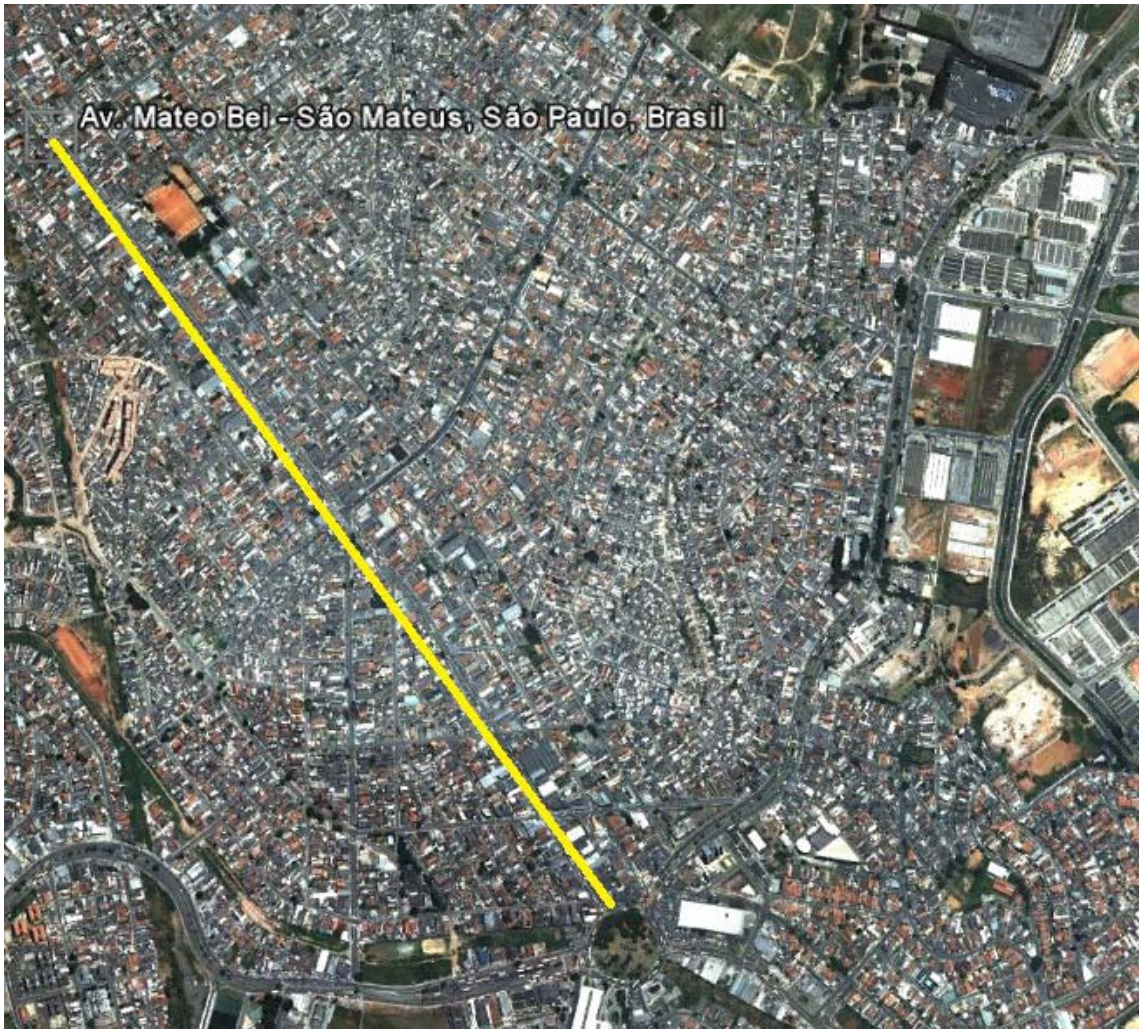


Imagem 3: Avenida Mateo Bei, a principal via do bairro

Logo no começo da Mateo Bei há um enorme templo da Assembléia de Deus, do Ministério Madureira (cisão da Assembléia de Deus). Alguns metros à frente, uma estação de energia elétrica e um grande terreno abandonado. Ao lado, um drive-in com prostitutas, e um bordel, que oferece programas de 20 a 35 reais. Logo após duas lojas de peças automotivas, começa o grande contraste com o local de prostituição. Uma Igreja Universal do Reino de Deus, em uma calçada, e a sede local da Renascer em Cristo, na outra. Avançar pela avenida apenas confirma a grande *mancha*[32] religiosa existente em São Mateus. Encontra-se a Igreja da Graça, a Mundial do Poder de Deus, a Vitória em Cristo e mais a frente, outro templo da Universal. Se contarmos as ruas paralelas e perpendiculares à avenida, esse número multiplica-se em uma série de denominações religiosas. Alguns exemplos: Congregação Cristã, Igreja Unida em São Mateus, Igreja Messiânica, Batista, Assembléia de Deus, Harmonia em Cristo, Igreja

[32] Ver Magnani, 1999.

Pentecostal O Brasil para Cristo, Igreja Cristã Maranata e a Paróquia de São Mateus Apóstolo, católica.

Imagem 4: Uma breve noção da mancha religiosa, no começo da Avenida Mateo Bei. Legendas: ***A****- Assembléia de Deus;* ***B*** *– Igreja Unida em São Mateus;* ***C****- Congregação Cristã do Brasil;* ***D****- Igreja Vitória em Cristo.*

Imagem 5: Mancha religiosa. ***E****- Igreja Mundial do Poder de Deus;* ***F****- Sociedade Espírita Allan Kardec de São Mateus;* ***G****- Igreja Universal do Reino de Deus;* ***H****- Igreja Renascer em Cristo*

> "Vou falar procê...aqui em São Mateus, não só na Mateo Bei, igreja evangélica é mato, irmão, tem pra tudo que é lado, de esquina em esquina. Acho bom porque dá uma certa esperança pro povo...Eu mesmo de vez em quando colo na igreja...não que eu seja crente, tá ligado? Mas minha mãe bota uma prensa pra eu ir, aí acabo indo" (relato de Pedro, ajudante-geral, 19 anos, morador de São Mateus que conheci em uma das viagens de ônibus, para realizar o trabalho de campo).

Ao cair da tarde, após o grande número de trabalhadores voltarem para casa e prepararem-se para o culto, a avenida e as ruas que a cortam concentram muitos homens com ternos e Bíblias na mão, acompanhados de suas famílias. Por outro lado, há também jovens de roupas largas, bonés e jaquetões, assim como outros com camisas de banda e vestidos com roupa preta, concentrados em bares, ou bebendo na frente do ponto de ônibus. Há no bairro, além da grande e considerável *mancha* religiosa, uma

mancha de lazer, com diversas casas de show na região como, por exemplo, o Kazebre Rock Bar, o Formigueiro Rock Bar, a Casa de Cultura São Mateus, com shows de *rap* e diversos outros espaços, organizados pelos próprios moradores, que utilizam, muitas vezes, o próprio espaço da rua, para realizar festas de *funk* e/ou *rap*.

> "Tem muito lugar de rap e funk aqui, mano, na Av. Aricanduva, tem o Expresso Brasil, com funk, samba, axé, pagode, forró. É rapidão de chegar, só pegar o busão que vai pro Metrô Carrão, são uns cinco pontos. A gente forma o bonde aqui e depois cola no baile, pode ser funk, forró ou rap, tá valendo". (Johnatan, 20 anos, desempregado).

Interessadas em manter os jovens no ambiente religioso, muitas igrejas, por meio de seus pastores, admitiram realizar baladas gospel. A maior delas é na Av. Mateo Bei, na Igreja Renascer. O espaço comporta 500 pessoas e realiza festas com diversos tipos de música: rock, samba, pagode e rap, mas sempre com a temática religiosa. O evento, que geralmente ocorre todos os sábados, atrai sempre muitos jovens, pois na maior parte das vezes a entrada é franca, ou cobra-se apenas 1 kg de alimento não perecível.

***Kibutz*: o aprendizado judaico**

Após a breve introdução às características do bairro, podemos retomar o problema. A casa escolhida para ser a sinagoga e o *kibutz* ficava na Rua João Batista Bianchi, que conta com uma concessionária, lojas de autopeças, uma refinaria de petróleo – chama a atenção pelo tamanho da construção – uma empresa que produz máquinas operatrizes e também confecções. O imóvel é grande, uma casa térrea, com um grande terreno ao fundo, com pequenos dormitórios e dois banheiros. Na parte da frente, funcionava a sinagoga, sala de estudos, refeitório e o dormitório de Mordechai e sua família. Nos fundos, nos pequenos quartos, todos com beliches, acomodavam-se os ditos *anussim*. No ano de 2005, moravam ali 22 pessoas. O impacto da mudança dos auto-intitulados *anussim* ao local foi sentido pelas pessoas. Afinal, mais de duas dezenas moravam na mesma casa, sem contar os fiéis que iam para o *shabat* e feriados religiosos.

> "Chamava tanto a atenção que o pessoal falava: ah, tal rua é a dos judeus, é só virar ali na esquina da casa dos judeus. É engraçado, tinha tanta coisa na rua, mas a sinagoga ficou mais marcada ali, que virou um ponto de referência para as pessoas se localizarem" *(Mordechai).*

A casa possuía diversas regras, para os moradores, como a obrigação de participar de todas as atividades religiosas, de manutenção, e todos deveriam se tratar por senhor ou senhora, independentemente de serem casados ou solteiros. Tarefas como faxina e outros serviços eram feitas por meio de escalas. Para os que não tinham qualificação profissional, era obrigatório o estudo e a venda de artesanatos, camisetas, comida, CDs, livros e artigos religiosos judaicos, em contrapartida recebiam uma quantia financeira dos que trabalhavam. Nesse processo de divisão do trabalho, os leigos concedem a Mordechai o título de rabino, pois era o que detinha maior conhecimento sobre a religião, então ficara incumbido de representar os ditos *anussim* e de cuidar da produção religiosa do grupo.

Tal fato é extremamente explorado por judeus estabelecidos, que o atacam dizendo que se ele não estudou em uma *yeshivá*, não pode apresentar-se como rabino.

Para evitar problemas, Mordechai passou a se intitular como *rav*[33] Mordechai, o que não ajudou muito, já que o atacaram novamente, afirmando que era de extrema petulância declarar-se como mestre. De qualquer forma, na Internet ou em contato com judeus estabelecidos ou membros da Fisba de outros estados, evita dizer que é rabino e nega possuir tal título. Entretanto, na comunidade de São Mateus, aceita o título e a responsabilidade de líder religioso e de representante dos que se afirmam *anussim*. Veremos posteriormente que a aceitação do cargo será fundamental para a institucionalização burocrática deste novo movimento religioso.

Os horários do *kibutz* deviam ser cumpridos rigorosamente, todos deveriam acordar às cinco da manhã, arrumar a cama e estar às cinco e meia no espaço da sinagoga, para o *shacharit*[34]. Como não tinham condições de separar as mulheres, por meio de um camarote, ou uma ante-sala, essas ficavam sentadas à esquerda, sendo terminantemente proibido olhar para qualquer uma durante e depois da oração. Após o culto religioso, havia cerca de vinte minutos de sermão, proferido por Mordechai. Interessante ressaltar aqui que o horário da primeira reza era mais cedo do que nas sinagogas comuns, pois parte dos moradores do *kibutz* trabalhava fora e gastava muito tempo com a condução. Sendo assim, podemos ver que o fato de morar em São Mateus e também a questão econômica implicavam e implicam algumas mudanças na religiosidade, que se vê obrigada a adaptar-se à dinâmica do bairro.

---

[33] Em hebraico, mestre.
[34] Reza da manhã

Às sete horas, todos tomavam seu desjejum e às sete e quarenta, todos os que não possuíam empregos, saíam pelo bairro ofertando produtos. Em equipes, separadas por sexo, batiam pelas casas vendendo os bens religiosos produzidos no interior da instituição, o que funcionava, por um lado, como uma maneira de atrair possíveis interessados no judaísmo e, por outro, como uma tentativa de firmar a presença do grupo no bairro, ou seja, publicizar sua existência no *pedaço*. Afinal, saíam sempre usando *kipá*, longa barba e grandes *peots*. Uma moradora da mesma rua, Dona Euza, evangélica, 62 anos, costumava comprar DVDs e camisetas.

> "Sempre ouvi do pastor que os hebreus eram o povo escolhido, então sempre que dava, tentava dar uma ajudinha, comprando uma coisinha aqui e outra ali. Eu não imaginava que eles eram assim diferentes, que não pode encostar em mulher e que usam um chapeuzinho na cabeça e trança. Quando eu vi pela primeira vez até me assustei, não sabia o que era aquilo. Aí eles explicaram que era judeu. Achei uma benção que tinha judeu perto da minha casa. Pra mim foi um sinal de que a vida estava melhorando, mas fiquei meio triste quando soube que eles não acreditavam em nosso senhor Jesus. Mas uma coisa tem que falar, eles são muito de organização, não faziam arruaça, a única coisa que incomodava era uma corneta (*shofar*[35]) que eles tocavam quase que de madrugada".

Às 11 horas da manhã, os internos (como eram chamados os que moravam na casa, mas não tinham emprego), almoçavam e limpavam a cozinha. Depois, reuniam-se em uma sala, na casa da frente, que funcionava como moradia do rabino, sala de reuniões e sinagoga, e recebiam aulas das 13h30min até às 16:00h. O conteúdo baseava-se em três pilares: leis e tradições judaicas, história dos *anussim* e hebraico. Logo após o final dos estudos, havia a reza da tarde (*Minchá*). Depois, era servido um lanche e realizava-se a reza da noite (*Arvit*), às 19:30, já com a presença dos que possuíam emprego. A esses, era recomendado que rezassem se possível, em outra sinagoga, caso conseguissem entrar, ou sozinhos, em seu local de trabalho. Era obrigação levar uma marmita com comida *kasher* e estava proibido comer na casa de parentes que não seguissem o judaísmo, pois a comida é considerada *treif*[36].

---

[35] Espécie de flauta feita com chifre de carneiro. É uma obrigação tocá-la no Rosh Hashaná (Ano Novo judaico). Algumas linhas chassídicas consideram válido tocá-la também em outras datas, pois o som do shofar tocaria o coração do judeu para a presença do Criador, abandonar o caminho do mal e seguir os mandamentos divinos.

[36] Em hebraico, não-*kasher*, imprópria para o consumo.

> "Fiquei um tempo só na sinagoga, porque eu não tenho assim muito estudo. Completei o colegial, mas não tenho curso técnico, então vendia as coisas. Era legal, porque eu aprendia muita coisa na casa, estudava a Torá todos os dias. Eu ficava mais perto de *HaShem*. Depois, eu consegui um emprego de auxiliar de pedreiro. Fiquei feliz, porque aí eu poderia ajudar mais a sinagoga e os outros irmãos que vendiam os produtos. O ruim é que eu trabalhava no Bom Retiro, perto de uma sinagoga, eu falava que era judeu, mas não me deixavam entrar. Uma vez um irmão conseguiu e eu não, vai ver é porque eu tenho mais cara de *sefaradi*, dizem que tenho cara de árabe e talvez acharam que eu era muçulmano". *(Misael, 30 anos, e ex-morador do* kibutz*)*

Todos deviam recolher-se aos seus aposentos às 21:00h, televisão era terminantemente proibida, assim como a música e só podiam ser assistidos filmes com temática judaica. Vale lembrar que todas essas regras somente eram válidas para quem vivesse no *kibutz*, os outros fiéis recebiam as recomendações, mas não tinham suas ações fiscalizadas. Aos domingos, todos os moradores saíam nas feiras do bairro, em equipes, a fim de recolher alimentos para o projeto "Quem tem fome". Uma iniciativa da sinagoga para doar alimentos às pessoas mais necessitadas da região e ensiná-las a aproveitá-los melhor. Uma vez por mês, realizavam um passeio coletivo, em local escolhido por meio de votação. Os dormitórios eram rigidamente separados, em alas para homens, mulheres e casais.

Todos contribuíam, com seus salários e com o dinheiro da venda dos produtos para a compra de artigos religiosos como *tefilin*s[37] e o *Sêfer Torá*[38]. Além disso, pagavam o aluguel da casa e ajudavam na compra de vinho e carne *kasher*, além de darem um auxílio financeiro aos membros que não tinham emprego.

Por conta da baixa condição de renda e dos gastos com a manutenção da casa, adotaram uma alimentação basicamente vegetariana, já que não tinham recursos para comprar carne *kasher* diariamente. Quem se encarregava de comprar alimentos *kasher* era Mordechai, que pegava o carro do *kibutz* e ia até o Bom Retiro a um *mehadrin*[39]para comprar carne e em outra loja para abastecer um tonel com vinho *kasher*. Dessa forma,

---

[37] Em hebraico, prece. Nome dado a duas caixinhas de couro, com preces dentro, presas por tira de couro de animal *kasher*. Após os treze anos, o homem judeu utiliza o objeto na reza matinal, enrolando as tiras no braço esquerdo e colocando uma caixa no lado esquerdo do peito e outra na testa.

[38] Rolo de Torá, ou seja, pergaminhos do Antigo Testamento, escritos à mão. Na verdade, nunca conseguiram reunir valor suficiente para comprá-lo, mas conseguiram uma réplica, usada simbolicamente nos rituais.

[39] Açougue que vende apenas carne *kasher*, ou seja, que foram abatidas de acordo com as leis dietéticas judaicas, sob a supervisão de um rabino. O produto passa depois por um processo de retirada de sangue. Todo esse processo encarece o produto, tornando-o muito restrito à comunidade de São Mateus.

comiam carne apenas no *shabat*, já que, nesse dia, comer tal alimento é, praticamente, o cumprimento de uma determinação divina, segundo a crença do grupo, na época.

Imagem 6: Imagem do kibutz, seguindo a linha chassídica Breslov

Os problemas começaram a aparecer, pois o dono da casa achou absurda a quantidade de moradores e pediu o imóvel de volta, já que não iria permitir contratos de sublocação. Mordechai tentou argumentar e afirmou que se tratava de um *kibutz*, que eram judeus e que viviam em comunidade. O proprietário não se convenceu e tomou o imóvel, o que fez com que a sinagoga tivesse que se transferir para o Jardim Santa Bárbara, na região de São Mateus, em uma residência menor, o que diminuiu o tamanho do *kibutz* e as possibilidades que o outro local permitia: aulas de judaísmo para um número maior de pessoas, auxílio financeiro aos internos e diversos outros pontos daquela sociabilidade específica.

Após essa experiência, Mordechai passou a entrar em contato com um rabino *sefardita*, que o ensinou os costumes e as rezas sefarditas. Essa nova forma de viver o judaísmo foi bem recebida pelos ditos *anussim*, pois consideraram o rito *sefardita* como sendo parte de sua tradição cultural e condizente com sua suposta ancestralidade. Dessa forma, passaram a cortar a barba mais rente ao rosto e cortaram os longos *peots*, em um

processo que significou não apenas a mudança de um sistema de reza para outro, mas a reformulação do *habitus* judaico até então adquirido. A incorporação da estrutura religiosa *sefardita* ajudou a moldar, em um processo longo, o atual *habitus* dos que se afirmam *anussim*, fazendo com que ele tomasse a configuração que possui atualmente, abandonando a ultra-ortodoxia, o que permitiu uma religiosidade mais adaptada às condições de vida do bairro e a produção de mensagens religiosas que atendessem à demanda existente em São Mateus.

> "Foi um período engraçado. Eu usava aquelas tranças e uma barba enorme. Tinha 37 anos, na época, mas parecia que tinha uns 50. Aquilo envelhecia a gente. Sem contar que as mulheres andavam sempre de véu, lenço, aí todo mundo pensava que a gente era muçulmano. Nada contra eles, tenho amigos que são. Mas as pessoas tinham preconceito na rua, com as mulheres, e aí rotulavam a gente de algo que não somos. A gente é judeu. Não acho que as regras da casa eram tão radicais. Afinal, com quase trinta pessoas lá tinha que ter ordem, regras. Televisão ia atrapalhar, pessoal não ia dormir no horário direito, ia desandar o funcionamento do kibutz" (Mordechai)

A vivência de uma religiosidade ortodoxa permitiu a Mordechai um poderoso argumento ante a comunidade judaica estabelecida: o de realmente viver o judaísmo ortodoxo, cumprindo as *mitzvot* de maneira árdua, dada as condições adversas impostas pela exclusão social e pelo bairro em que vivem os ditos *anussim*. Para ele, a experiência também foi muito importante para diversos fiéis. Segundo seus relatos, muitos que viveram no *kibutz* aprenderam a rezar em hebraico, a se comportar de uma maneira judaica e foram considerados judeus, pois chegaram a sinagogas do Bom Retiro já circuncidados e munidos de um capital cultural específico. Dessa forma, os leigos adquiriram um *habitus* judaico que os permitiu o ingresso no campo, sem necessidade de passar por retorno ou conversão. Simplesmente passaram a freqüentar a sinagoga e diante do conhecimento prévio que tinham, não tiveram sua condição questionada pelos rabinos. Mordechai diz que ainda mantém contato com alguns deles.

> "Os rabinos não perguntaram, eles não declararam. Então ficou por isso mesmo.Eles já eram judeus, já sabiam tudo, então ninguém desconfiava. Ás vezes converso pela internet com alguns. Fico meio chateado, pois eles aprenderam as coisas aqui e só foram aceitos lá porque adquiriram o conhecimento aqui. Depois foram embora, esquecendo o passado e toda nossa luta. Mas tudo bem, já estou acostumado com isso". (Mordechai)

O líder religioso da comunidade afirma que certas características, em sua visão, constituem-se como uma barreira para a entrada dos ditos *anussim* em sinagogas do eixo Higienópolis – Bom Retiro. Para ele, o indivíduo que se afirma *anuss* não é apenas carente espiritual e material, mas também cultural.

> "Tem *anussim* que não sabe nem sentar-se a uma mesa, não sabe comer, não sabe falar direito. Então como vai ser aceito em uma sinagoga? Como vai fazer para se comportar. Por isso, a gente faz um trabalho diferenciado que é estimular a voltar a estudar, para não ser rejeitado, mal visto. Eu mesmo quero estudar, fiz Teologia, mas queria fazer outra faculdade para aprender a falar melhor[40], a escrever melhor"

A fala de Mordechai revela que certo *habitus* é essencial para ser bem aceito em uma sinagoga, em um ambiente em que a maior parte das pessoas pertence a posições mais elevadas, em relação aos ditos *anussim*, do espaço social. Trata-se, no caso da comida, da maneira de falar, enfim, de signos de distinção social. De acordo com Bourdieu, em *A Distinção* (2008), as classes populares comem sem formalidades do mesmo modo que se diz "falar sem papas na língua". A refeição é colocada sob o signo da abundância. São preparados pratos "elásticos" e "em fartura", não se recusa nada. Os pratos são repetidos mais de uma vez e não há uma ordem do que é servido: tudo é colocado em cima da mesa, ao mesmo tempo. Essa liberdade está adequada à circunstância de economizar esforços. Além disso, um alimento diferente é servido no mesmo prato e as pessoas comem de maneira rápida. Já a burguesia respeita ritmos que implicam expectativas, atrasos, reservas. Nunca pode se precipitar sobre a comida, só se servem depois que todos estiverem servidos. Os pratos são colocados na mesa seguindo uma determinada lógica. Trata-se de negar a relação com a natureza animal da fome, é uma maneira de negar o consumo em sua função primária, transformando a receita em uma cerimônia social com todo o requinte estético. Fica censurada toda manifestação corporal do comer como, o ruído da mastigação e a negação da própria vontade de comer mais. (BOURDIEU, 2008).

> As diferenças que separam as classes em matéria de linguagem não se reduzem, pois, a uma somatória de demarcadores sociais. Elas constituem um sistema de signos congruentes de diferenciação, ou

[40] Um detalhe curioso é que Mordechai, em momentos litúrgicos, ou na presença do pesquisador usa uma espécie de "sotaque de rabino", enquanto que em momentos de descontração, esquece-se desse hábito.

> melhor, de distinção, que encontram seu princípio nos modos de aquisição socialmente distintos e distintivos. É nas maneiras de falar − e, em particular, nas mais inconscientes, nas mais inacessíveis, em todo caso, ao controle consciente, como a pronúncia − que se conserva e se denuncia a lembrança, por vezes renegada, das origens. (ORTIZ, 1983: 178).

Não se trata aqui de reificar o estigma difundido no senso-comum de que os judeus são sempre pertencentes às posições mais elevadas do espaço social, mas sim de constatar que há uma diferença entre a realidade sócio-econômica vivenciada pelos *anussim* e pela comunidade judaica estabelecida. Apesar de haver judeus pobres, em sinagogas de Higienópolis e Bom Retiro, a rede de sociabilidade existente nesse circuito é muito distinta da de São Mateus, já que sempre há a presença de uma família com mais condições financeiras que mantém a sinagoga, além disso, existe maior contato com membros de maior poder aquisitivo, o que permite a construção de um *habitus*, expresso nas maneiras de se portar à mesa, de falar, considerado adequado pelos outros participantes deste universo simbólico.

Mordechai insiste na questão da escola como fator importante para que os ditos *anussim* possam romper a exclusão e a barreira imposta, segundo ele, pela comunidade. Claro que o capital cultural adquirido na formação escolar tem importância na construção do *habitus*, mas há o papel fundamental do que Bourdieu chama de capital herdado, conjunto de esquemas de agir e perceber que não é apreendido no ambiente da escola, mas sim na vivência familiar e, no caso, na sociabilidade judaica. Dessa forma, a aquisição desse capital só seria possível por um determinado período de socialização em uma sinagoga estabelecida, já que se trata de um aprendizado não consciente, mas que é incorporado pelos próprios processos de interação dentro do campo.

Não obstante, os ditos *anussim* que conseguiram entrar e permanecer em sinagogas consideradas oficiais foram os que tinham os melhores empregos, melhor formação escolar, ou seja, um *habitus* adaptado às exigências de entrada a esse determinado universo simbólico. Sendo assim, não é apenas o capital religioso, ou a própria comprovação da matrilinearidade judaica que permitem o acesso à sinagoga estabelecida, mas sim o conjunto de esquemas incorporados que são adequados às regras vigentes.

De acordo com a teoria da religião elaborada por Max Weber, podemos observar dois momentos distintos na formação da sinagoga de São Mateus. O momento em que Mordechai estabelece-se no bairro e começa a reunir pessoas para congregar o

judaísmo, sem quadros burocráticos, pode ser encarado como uma fase profética, posto que, no modelo weberiano, são características típicas do profeta[41]: força e autoridade e a recusa da remuneração. O profeta traz em seu discurso representações, sentimentos que já existiam antes dele, de maneira inconsciente. A fala profética tem maiores chances de surgir em períodos de crise, que afetam toda uma sociedade ou determinada classe, ou seja, períodos de transformações econômicas que provocam o enfraquecimento das tradições ou dos sistemas de valores que forneciam os princípios da visão do mundo. Os leigos de São Mateus, afetados pelo sistema econômico e desesperançosos com a mensagem de prosperidade distribuída pelas igrejas neopentecostais passam a se sentir atraídos por uma fala que começa a dar algum sentido ao contexto em que vivem e justificar sua existência numa dada posição social. Por outro lado, Weber coloca que a cidade e as profissões urbanas constituem condições favoráveis à racionalização e moralização das necessidades religiosas. A racionalização do trabalho e do tempo, promovidos na cidade, faz com que a importância do controle da natureza desapareça, sendo substituída por questões mais existenciais. O processo de sistematização que conduz à empresa religiosa organizada depende da condição social dos leigos. No caso dos ditos *anussim*, há uma forte questão em torno da identidade, de pertencimento a um antigo grupo, já estabelecido e burocratizado, como Weber demonstra com a unificação dos cultos existentes na antiga Palestina, dada a necessidade dos leigos de encontrar métodos mais racionais para conhecer a vontade divina e de sacerdotes capazes de praticar essa operação.

Claro que no caso do judaísmo, principalmente com o chassídismo - como iremos observar de maneira mais claro com os que se intitulam *anussim* - e sua relação com a *Cabalá*[42], em momento posterior, a questão de uma forma mágica se faz presente. Apesar disso, qualquer tipo de magia é negada pela religião judaica, que rotula a prática como um pecado grave. Para Weber, o ato mágico é mais procurado pelas classes populares, pois traz soluções imediatas para os problemas do cotidiano.

A profecia não cumpre sua pretensão de modificar de modo duradouro e em profundidade a conduta de vida e a visão de mundo dos leigos, a não ser que se torne uma instituição duradoura. Com a organização do *kibutz*, iniciou-se a formação de um aparelho administrativo de tipo burocrático, com a formação de um especialista

[41]O uso do termo remete unicamente ao tipo construído por Max Weber.

[42] Em hebraico, sabedoria. Trata-se de formas místicas do judaísmo, em disputa por agentes religiosos de diversas denominações. Os ortodoxos recusam-se a ensinar para os *goym* e também para as mulheres, já que é um conhecimento restrito aos homens

(Mordechai), detentor do monopólio de produção e distribuição da mensagem religiosa entre aqueles que se afirmam *anussim*, no bairro de São Mateus. A organização da Fisba, com quadros organizados e hierárquicos, também é um sinal da institucionalização do movimento. Dessa forma, Mordechai tornou-se rabino da comunidade, obtendo o monopólio de um poder simbólico, que implica na legitimidade de classificar quem é ou não *anuss*, além de ser o único autorizado a manipular os bens de salvação, conservando a doutrina necessária à manutenção de sua posição na instituição, assegurando a reprodução de seu *locus* no espaço e da própria sinagoga.

Prova do poder simbólico adquirido são as diversas regras criadas para disciplinar e regrar as condutas dos moradores do *kibutz*, impedindo a existência de outras formas de sociabilidade que não àquelas correspondentes às normas da casa.

Trecho extraído de documento distribuído aos moradores, na época:

> "E farás conforme o mandado da palavra que te anunciarem do lugar que escolher o Eterno, e cuidarás de fazer de acordo com tudo o que te ensinarem, e conforme o juízo que te disserem, farás não te desviarás da sentença que te anunciarem nem para a direita nem pra à esquerda.
>
> Devarim[43] 17:8-11
>
> O Rabino ou Rosh devem ser tratados com respeito, reverenciado por seus alunos, ele é um guia espiritual do nosso povo, não são admitidos desrespeito de espécie alguma, é comum que quando ele entrar, os seus alunos se levantem em sinal de reverência.
>
> Falta de respeito ao Rabino ou Rosh dá a exclusão do associado
>
> (Artigo 8°) do estatuto
>
> Em respeito não se da às costas para o rabino.
>
> As mulheres não podem dar as mãos para o rabino"

> Em suma, mediante os refinamentos e as complicações com que contribui para o fundo cultural primário, a sistematização sacerdotal tem por efeito manter os leigos à distância, convencê-los de que esta atividade requer uma "qualificação especial", um dom de graça, inacessível ao comum dos homens, e persuadi-los a desistir da gestão de negócios religiosos, em favor da camada dirigente (BOURDIEU, 2005: 69).

O intuito desse capítulo não foi narrar os acontecimentos na ordem cronológica, mas sim ressaltar a construção do *habitus anuss* e começar a análise da dinâmica existente entre a sinagoga *Beith* Israel e o bairro de São Mateus. A importância da

[43] Devarim, em hebraico, Deuteronômio.

incorporação das estruturas e do processo de transformação que culminou nos esquemas de percepção e ação atuais dos nativos são fundamentais para a compreensão da lógica de suas proposições e da interação e disputa simbólica com os judeus estabelecidos, pelo poder de classificar e legitimar a judaicidade. O *kibutz* da Rua João Batista Bianchi, o primeiro, é um reflexo claro da maneira de pensar do grupo, ressaltando a importância da unidade e sociabilidade entre os ditos *anussim*, a fim de mostrar aos judeus "oficiais" sua força, por meio dos trabalhos realizados em São Mateus e dos projetos grandiosos – o tema será abordado oportunamente no decorrer da pesquisa- quanto à construção de um *kibutz* para mais de mil casas, a fim de promover uma migração de todos os que se dizem *anussim* para a cidade de São Paulo. Não se trata apenas de demonstrar a força simbólica do movimento, mas também, segundo a lógica do grupo, de viver judaísmo, em sua forma plena, na periferia da cidade, retirando o suposto *anuss*, segundo Mordechai, de sua exclusão religiosa, social, econômica e cultural. Além de permitir ao grupo uma vida *kasher*, com a existência de uma rede de trocas, de comércio, de produtos *kasher*, a fim de recuperar, de acordo com o discurso nativo, o que foi perdido nos 400 anos (período que durou a Inquisição) de imposição cristã.

3. Quem é judeu?

O questionamento acerca da judaicidade é algo complexo, pois desde o período do Segundo Templo[44], o judaísmo sempre contou com diversas seitas e grupos rivais, algo que se aprofundou durante a Idade Média. Com o início da Modernidade, temos a *Hascalá*[45]. Nesse contexto, surgem movimentos religiosos liberais, que desejavam que os judeus se adaptassem à realidade européia da época, para diminuir a perseguição religiosa e conseguir a inserção na sociedade secular. Logo, pregavam a flexibilização da tradição judaica, por meio de uma releitura contemporânea da *Torá* e da ressignificação do conjunto de leis judaicas, a *Halachá*, a fim de que os preceitos não fossem observados, na visão desses grupos, como há milhares de anos. A idéia era interpretá-los sob uma ótica humanista.

Tal processo acarreta uma transformação social, econômica, política e cultural nas comunidades judaicas que, consequentemente, altera a definição identitária do grupo e suas relações com o outro (Topel, 2005). De forma quase simultânea, os movimentos nacionalistas judaicos (sionistas) afastaram-se da *Halachá*, em uma tentativa de reconstruir a identidade e a comunidade judaica em torno de noções de etnia, nação, território e cultura. Logo, surgiram novas formas de expressão do judaísmo, o que tornou o processo de identificação, seja entre os próprios judeus, ou até mesmo na Antropologia, muito mais complexo. Conforme afirma Della Pérgola (2007, apud TOPEL, 2005, p. 83 e 84):

> O judaísmo é um complexo multifacético de expressões normativas, cognitivas, comportamentais e outras. Pode ser, ao mesmo tempo, religião, etnicidade, cultura, organização comunitária, grupo social, memória pessoal e coletiva, folclore e mais. Conseqüentemente, nenhum indicador ou medida únicos pode adequadamente, entender a complexidade da identificação judaica. A identificação judaica pode e deve ser descrita e mensurada por uma variedade de indicadores.

Os desdobramentos após a *Hascalá* fizeram com que a identidade judaica, em muitos casos, ficasse subordinada a outras mais universalistas. É o caso da maior parte da comunidade judaica da cidade de São Paulo, que é marcada pela secularidade.

[44] Templo construído pelos hebreus, no mesmo local do Templo de Salomão, após o regresso da Babilônia, em 539 a.C. O Segundo Templo foi destruído em 70 d.C., pelos romanos, em resposta à grande revolta judaica.

[45] Em hebraico: Iluminismo judaico. Movimento com origem na Europa Central, no final do séc. XVIII, cujo principal objetivo era modernizar o judaísmo.

Lógico que isso não significa que não tenham religiosidade, mas a identificação e expressão da identidade judaica se dará de maneira distinta, sem o uso, na maior parte das vezes. de signos religiosos específicos que diferenciam os judeus. O intuito desse capítulo é relatar a interação entre a comunidade judaica paulistana estabelecida, ou seja, considerada oficial, e os ditos *anussim* do bairro de São Mateus e a disputa em torno do monopólio da classificação. Por conta disso, é válido relatar, de maneira breve, a migração dos judeus à cidade de São Paulo, a fim de compreendermos o processo de entrada dos judeus "oficiais" na metrópole e a trajetória de suas instituições religiosas. Isso permitirá compreender como a questão urbana também interfere no processo de interação entre os *estabelecidos* e os *outsiders*.

O período em que houve maior fluxo migratório de judeus coincidiu com o profundo processo de industrialização e urbanização do Brasil. Entre o final do séc. XIX e começo do séc. XX, desembarcam em São Paulo judeus da Europa Central e Oriental e da região do Mediterrâneo oriental. As primeiras sinagogas da cidade foram fundadas nas décadas de 1920 e 1930, no bairro do Bom Retiro, onde se encontrava a maior parte dos imigrantes judeus. Depoimentos revelam que nenhum desses templos era presidido, à época, por um rabino, mas pelos homens mais idosos, detentores do conhecimento litúrgico (Topel, 2005).

Em seu trabalho, a autora destaca que o judaísmo tomou um rumo diferente no país, tendo os Estados Unidos como base de comparação. Além dos EUA ter recebido maior número de imigrantes judeus, muitos queriam inserir-se na sociedade americana e triunfar no país, deixando de lado a identidade e religiosidade ortodoxa para alcançar esse objetivo. Porém, um número significativo de ortodoxos ainda identificava-se com as tradições e preocupava-se em preservar sua religiosidade. Já em São Paulo, a maior parte dos imigrantes preocupava-se em participar da sociedade maior e ascender socialmente. Dessa forma, boa parte da comunidade concentrou-se em outras formas de expressão de sua identidade judaica, com a criação de entidades culturais e instituições sionistas como, por exemplo, o clube Hebraica, localizado no bairro de Pinheiros, e a Fisesp – Federação Israelita do Estado de São Paulo (Rattner, 1977). Pertencer a esses espaços era um sinal de prestígio na esfera judaica. Enquanto isso, as sinagogas ortodoxas, também chamadas de tradicionais, ficaram esvaziadas, e os freqüentadores eram, em sua maioria, idosos. A CIP, de cunho liberal, (conforme relatado no capítulo anterior) concentrava o maior número de pessoas e a maior parte das atividades religiosas da comunidade.

Tal panorama começou a mudar com a ascensão do movimento *Chabad*, por meio da popularidade do sétimo e último *Rebe*, Menachem Mendel Schneerson, que teve um papel primordial no crescimento da instituição que hoje é considerada a maior linha ortodoxa judaica no mundo. Seu discurso messiânico e místico atraiu dezenas de milhares de judeus afastados, na visão ortodoxa, da religião e promoveu a propagação do movimento em diversos países pela formação de quadros religiosos e o envio de rabinos para o "resgate das almas judias". Dessa forma, muitos emissários chegaram ao país. Em 1966, começou a funcionar, em Petrópolis, Rio de Janeiro, a primeira *yeshivá* do país. A partir dos anos 70, muitos seguidores do *Rebe* passaram a difundir o judaísmo ortodoxo no país, pregando *mezuzah*[46] na porta de famílias judias, distribuindo livros e materiais religiosos. Em 1974, é inaugurada a sede do *Chabad* em São Paulo, conhecida entre os judeus como *Beit Chabad* central (Topel, 2005). Desde então, o movimento cresceu e deu origem a dezenas de instituições: sinagogas, centros de estudo, escolas, *yeshivá* e atividades assistenciais. Atualmente, há quatorze sinagogas ligadas ao movimento *Chabad* na cidade. A principal proposta do grupo é trazer os judeus de volta ao que é considerado o verdadeiro judaísmo, colocando-os em contato com a religião, por meio de palestras, cursos, encontros de jovens. O principal pressuposto teológico dessa linha chassídica é de que o retorno dos judeus ao judaísmo aceleraria o processo da vinda do *Mashiach*[47].

Após essa breve introdução acerca da migração judaica e seus desdobramentos na metrópole, podemos retomar a questão dos agentes que se afirmam *anussim* e sua busca pelo retorno à religião. Conforme citado no capítulo anterior, Mordechai recebeu grande ajuda de Yakov, judeu da linha *Breslov*. Boa parte do conhecimento adquirido pelo grupo, em termos teológicos, da língua e cultura hebraica se deu por conta da convivência com Yakov. Porém, essa interação não foi responsável apenas pela formação do *habitus* judaico do grupo, mas também pela maior visibilidade no bairro. Essa linha chassídica é conhecida por utilizar grandes *peots* e por não cortar a barba, além do terno preto, com camisa branca e um chapéu. O uso dessa vestimenta, na periferia de São Paulo, chamou muito a atenção para o grupo, que é conhecido por boa parte do bairro, justamente por conta da indumentária utilizada na época. Os *breslovs* caracterizam-se pela expressão da alegria e do bom humor. Esse estado de espírito é

[46] Em hebraico: pequena caixa pregada no batente direito da porta, com um pergaminho que contém parágrafos bíblicos, celebrando a unicidade de D-us e sua aliança com o povo eleito.
[47] Em hebraico: Messias.

praticamente uma *mitzvah* para os seguidores, pois, segundo os preceitos ensinados pelos rabinos dessa linha, quando o homem é feliz e alegre, consegue servir melhor a D-us, cumprindo os mandamentos ordenados por Ele. O estado de felicidade contínua leva, segundo eles, o judeu a uma vida mais religiosa, pois a alegria leva à reflexão dos mandamentos, assim como a segui-los com satisfação.

Apesar disso, Yakov não se sentia tão à vontade fora da sinagoga organizada por Mordechai, pois mesmo sendo brasileiro, passou a maior parte da vida em Israel e nunca morou na periferia. Além disso, não há nenhuma sinagoga *Breslov* no Brasil, o que o impedia de congregar em seu próprio *pedaço* religioso. É possível que alguns judeus ortodoxos sigam essa linha chassídica de maneira independente, mas não se tem registro de alguma instituição desse grupo no país.

Segundo Magnani (1998), nos bairros ocupados por pessoas de baixa renda, na periferia dos grandes centros urbanos, o *pedaço* tem maior importância para os moradores do que em bairros mais nobres, já que, nesses últimos, os vínculos que ampliam a sociabilidade restrita da família nuclear não são os da vizinhança, mas sim os relacionados à esfera profissional. Na periferia, a população encontra-se sujeita às oscilações do mercado de trabalho e tem condições econômicas desfavoráveis. Logo, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Assim, o *pedaço* é um local em que essas pessoas conseguem estabelecer trocas, justamente por ser um espaço regido por relações sociais específicas.

No *pedaço*[48] em que se encontrava, naquele momento, o de São Mateus, Yakov estranhava as roupas justas e decotadas das mulheres, além de músicas com conteúdo pecaminoso, ou seja, um panorama bem diferente ao qual estava habituado em Israel. Por conta disso, evitava conversar com as pessoas na rua e simplesmente olhava para baixo enquanto cruzava as ruas do bairro. Entretanto, tal atitude não foi bem tolerada pelos moradores. Em uma caminhada pela região, acabou passando perto de uma *boca*:

> "- E aí mano, firmeza? Que roupa é essa, maluco? Ae seu comédia, você tá me tirando?Não vai falar nada? Vai passar reto? Cê tá afim de casar com a bala seu filha da puta?
>
> - Não falo muito português, desculpa, não entendo direito. Sou amigo do Mordechai." (O diálogo foi relatado por Mordechai)

[48] Ver Magnani (1998)

Ao falar que era amigo do Mordechai, Yakov mostrou seu "cartão de visitas", ou seja, que conhecia alguém do *pedaço*, mas não era de lá, por isso, ainda não entendia as regras ali vigentes. Mordechai, avisado da confusão, chegou pouco tempo depois e explicou a situação ao jovem traficante, que ficou mais tranqüilo:

> "- Ah, então quer dizer que você é parceiro do Mordechai, aí fechou. Cê devia ter falado antes, mano. Aqui tem um proceder, tá ligado? Tem que ter humildade, mano. O negócio é cumprimenta geral e não se meter na fita dos outros. Entendeu?
>
> - Desculpa, não sabia. Firmeza com você? (sorriu e apertou a mão do rapaz).
>
> - Agora sim, mano! Firmeza!"
>
> (Relatado por Mordechai)

A própria interação com as pessoas do bairro mostrou a Yakov qual era o "proceder" correto do *pedaço*, seu conjunto de regras específico e como era necessário o desenvolvimento de um *habitus* adaptado àquele contexto. Mordechai, em conversa posterior, explicou-lhe que não cumprimentar alguém na região era algo muito mal visto pelos moradores e que até mesmo as mulheres deveriam ser cumprimentadas. Disse-lhe que se não pode dar a mão a uma mulher, deveria cumprimentá-la com um aceno, ou com palavras. Dessa forma, o professor de judaísmo também recebeu "aulas" de como deveria ser a conduta no *pedaço*. Porém, o próprio grupo de Mordechai era muito mais fechado naquela época, já que seguiam uma linha ultra-ortodoxa do judaísmo. Porém, os nativos, antes de formarem um *habitus* judaico, já possuíam esquemas de percepção e de ação específicos à periferia em questão. Logo, por mais que a crença no judaísmo impedisse uma série de práticas que costumavam ser triviais entre os membros da sinagoga, algumas ainda precisavam ser mantidas para a aceitação do grupo no *pedaço*. O isolamento total, como previa Yakov, não era possível, uma vez que os ditos *anussim* viviam no bairro e dependiam da interação com a população local, tanto para sua própria sobrevivência, como para a inserção na grande rede de trocas e ajuda mútua que o *pedaço* permite.

Após o período de aprendizado e experiência do *kibutz* urbano (ver no capítulo anterior), Mordechai decidiu voltar a entrar em contato com rabinos ortodoxos paulistanos, a fim de encontrar algum que estivesse disposto a retornar a comunidade de São Mateus ao judaísmo. Acreditava que agora, com maior conhecimento, poderia

argumentar melhor e convencer as autoridades religiosas da origem judaica dos que se intitulam *anussim*. De fato, Mordechai conseguiu uma nova inserção no campo, pois estava munido de um *capital religioso*, adquirido após o processo de aprendizado com Yakov. A obtenção desse capital permitiu o acesso às sinagogas e conversas mais freqüentes e longas com rabinos da comunidade "oficial".

> "Alguns me respeitam e me consideram como judeu. Já fui à sinagoga deles e fui bem-tratado, participei da reza. Mas é aquela coisa, me consideram judeu lá dentro da sala deles. Não saem falando por aí que sou judeu, ou que os *anussim* tem o direito de retornar e eles (rabinos), a obrigação de retornar esse povo. Isso me deixa chateado, pois sei que tem uma questão social nisso. Somos pobres, para que vão querer pobre lá?"(Mordechai)

Entre 2005 e 2006, a comunidade de São Mateus vivia um momento complexo, pois foram despejados do imóvel que utilizavam como sinagoga e *kibutz*, ou seja, perderam seu local de culto e também a moradia. Além disso, os membros que dependiam do trabalho no *kibutz* ficaram sem dinheiro e alimentação. Tudo isso dificultou a locação de uma casa com o tamanho necessário para abrigar todos os antigos moradores. Portanto, a formação de um novo *kibutz*, como desejavam os ditos *anussim*, estava abortada pela ausência de condições financeiras. Alguns fiéis se desligaram da sinagoga *Beith Israel*, pois conseguiram ingressar em sinagogas oficiais, por conta do capital religioso que adquiriram e também pela própria formação de um *habitus* judaico durante essa experiência de viver o judaísmo de maneira comunitária. Outros retornaram às suas cidades de origem (a maior parte no interior do estado de São Paulo) e lá, com o que aprenderam, criaram sinagogas ligadas à Fisba – Federação Israelita *Sefaradi Bnei Anussim*. Essa iniciativa terá grande importância no desenvolvimento da instituição e será discutida posteriormente.

A questão é que todos os fatores citados acarretaram perda de material religioso: *Sidur*[49], livros para estudo, *talit*[50], *kipot*[51]. Além disso, por conta da influência de Yakov, o grupo estava lendo um *Sidur* de origem *ashkenazita*. Como os agentes intitulam-se descendentes dos judeus *sefarditas* convertidos ao cristianismo, decidiram

---

[49] Livro de orações no judaísmo, utilizado nas rezas diárias e no *shabat*. Há diversos tipos de *Sidur*: *ashkenazi*, *sefaradi* e muitas linhas chassídicas possuem uma edição com características próprias.
[50] Acessório religioso semelhante a um xale, feito em lã. Nas orações da sinagoga, principalmente no Sacharit (reza da manhã), o judeu cobre-se com o tecido. É considerado como um meio de isolamento do mundo físico. Por isso, facilita a concentração durante a oração.
[51] Em hebraico: plural de *kipá* (pequeno chapéu usado pelos judeus, semelhante ao solidéu).

buscar livros de reza compatíveis com sua suposta origem, ou seja, uma mudança complexa na liturgia da comunidade.

Mordechai entrou em contato com um rabino de origem *sefardita*, que decidiu ajudá-lo, por ter se sensibilizado com história e situação do grupo.

> "Vi muita fé neles. Achei muito bonito essa perseverança deles. Mas não aceitei fazer retorno. Minha proposta foi ajudar com aulas sobre judaísmo, acompanhá-los em sua evolução e depois fazer a conversão. Lógico que isso teria um preço, pois também não posso trabalhar de graça. Muito desse dinheiro é utilizado para manter minha sinagoga e assim ajudar outros que estão em busca de judaísmo, além de ajudar Israel e fazer caridade. Sou o único rabino que faz conversões ortodoxas no Brasil, aceitas por Israel!Eu poderia resolver o problema deles. Sem contar que fiz uma *yeshivá* de muito renome." (Rabino Jacob).

Mordechai não aceitou a conversão, pois até então, era extremamente relutante com relação a essa opção. O indivíduo que se afirma *anuss*, para ele, deveria retornar ao judaísmo. Passar por um processo de conversão seria "negar a própria história e desonrar os antepassados que sofreram". O rabino Jacob ensinou-lhe o ritual litúrgico *sefardita* e como as festas judaicas são celebradas segundo essa liturgia.

> "Ele ajudou bastante. Queria converter e cobrar um preço meio alto para nós, mas ele foi muito bom, fez de tudo para ajudar. Mas ele tomou muita pedrada da comunidade por isso. E ainda é um homem doente, coitado. Bati o pé na questão do retorno, ele até tentou, mas disse que não poderia dar um certificado assim e que nós teríamos que freqüentar só a sinagoga dele. Aí interrompi o processo." (Mordechai)

O discurso atual do líder religioso dos ditos *anussim* sofreu uma mudança brusca em relação às primeiras entrevistas. Atualmente (2010/2011), afirma que o grupo aprendeu o ritual *sefardita* sozinho, sem ajuda de qualquer rabino. Não se trata de uma ação consciente, pois após a entrada no campo judaico, o agente passa a perceber o funcionamento das regras vigentes e o conjunto de valores compartilhado naquele universo específico. Esse aprendizado da prática mostrou-lhe que associar sua imagem a um rabino muito contestado como Jacob teria conseqüências desastrosas perante a comunidade judaica e também perante aos auto-intitulados *anussim.* Afinal, esse contato implicaria a perda de considerável capital simbólico, seja no campo judaico, ou em relação aos fiéis da *Beith Israel.* Muitas pessoas, que se identificam como marranas, algumas ligadas à Fisba, afirmaram em comunidades da rede de relacionamento Orkut

que haviam feito contato e estudado com rabino Jacob. Os *posts*[52], em resposta à informação divulgada, sejam de judeus ortodoxos ou não, homens ou mulheres, tinham um ponto em comum: "picaretas travestidos de judeu que procuraram outro picareta".

> "Garoto, vou te contar uma coisa séria e já vou deixando bem claro, para você não pensar algo errado a meu respeito, que não é lashon hará[53], pois a lei é muito clara: se eu tiver que falar uma coisa má sobre alguém para fazer o bem e, mais do que isso, para alertar sobre um perigo, não é pecado, aliás é uma obrigação. A questão é a seguinte: o Jacob é rabino? Sim, ele realmente se formou em uma *yeshivá*. Mas ele teve vários problemas na comunidade, a sinagoga dele não é mais reconhecida por ninguém, nem aqui, nem em Israel, nem em lugar nenhum. O fato é que nenhuma conversão ortodoxa é realizada aqui. Como ele pode dizer que faz isso? Que Beit Din ele tem para validar isso? O judaísmo aceita conversões, mas não incentiva. Ele praticamente só falta fazer anúncio na televisão. Cá entre nós, garoto, esse homem é movido a dinheiro. Ele converte qualquer um, só precisa pagar e bem. Aí vem falar que é atacado por que converte? As pessoas falam porque realmente é verdade. Quem é enganado por ele não será reconhecido em sinagoga nenhuma, pois nada do que ele faz é válido. Quem vai atrás dele, ou é muito ingênuo, ou é outro farsante". (Rabino Metusalah, ortodoxo, de orientação *Chabad*).

A fama negativa fez com que rabino Jacob perdesse um considerável capital simbólico, o que o levou a ocupar uma posição inferior dentro campo judaico. Isso é um indicativo muito importante para compreender por que ele e outros rabinos aceitaram conversar e/ou colaborar com os ditos *anussim*.

> "A cada classe de posições corresponde uma classe de habitus (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses habitus e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo" (BOURDIEU, 2007: p.21).

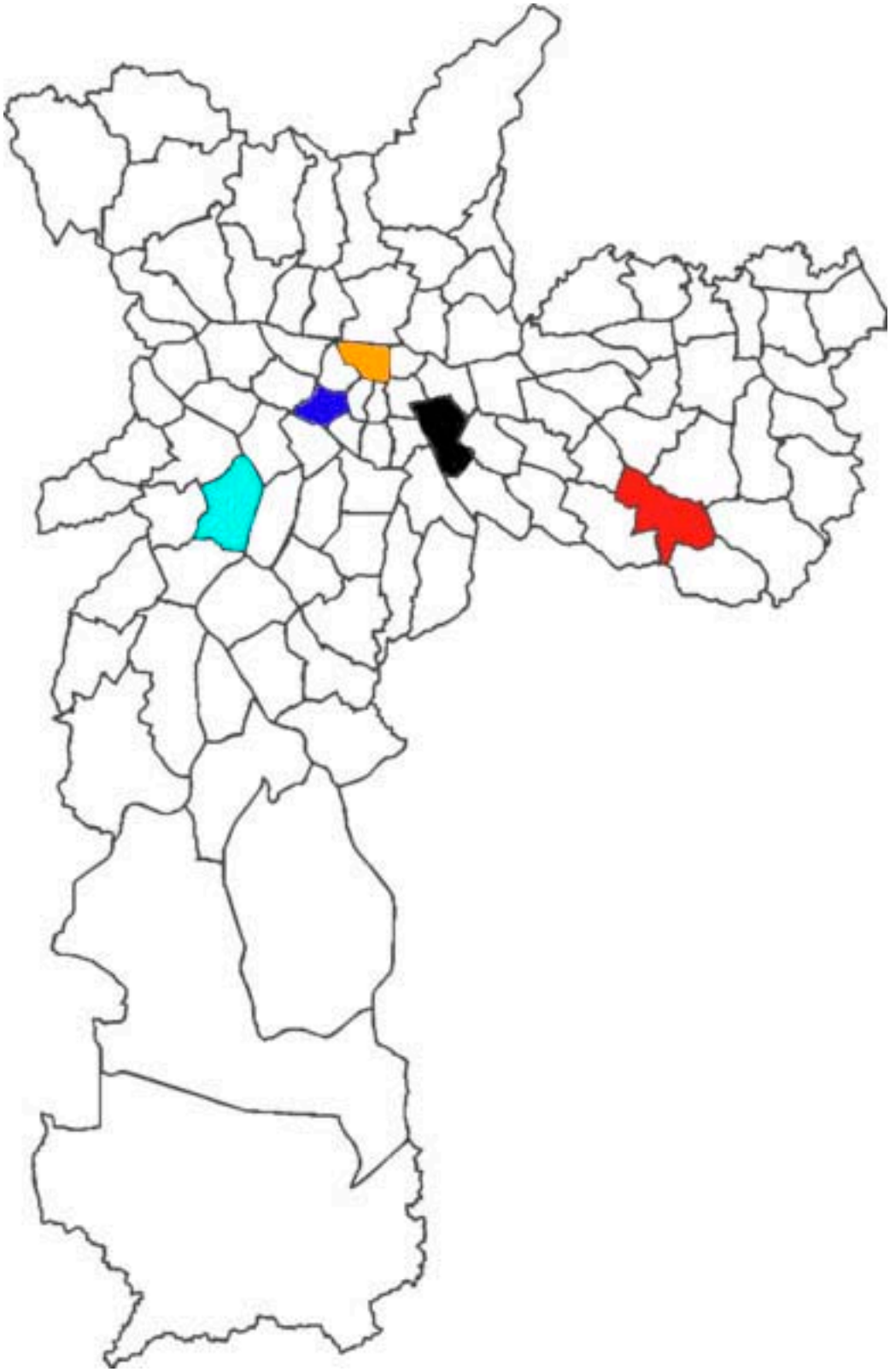
Na introdução do trabalho, há uma apresentação do campo judaico, construído na pesquisa, que será retomado agora. O uso das categorias de Norbert Elias: estabelecidos e *outsiders* são muito úteis para distinguir a comunidade considerada oficial, assim legitimada pela tradição, e os auto-intitulados *anussim*, recém-chegados ao campo. Entretanto, o uso da categoria estabelecido não pode mascarar a intensa disputa de

[52] Nome, em inglês, para as mensagens publicadas em um fórum de discussão ou blog.
[53] Em hebraico: língua má. Significa fazer fofoca, falar mal de alguém, o que no judaísmo, é um pecado grave, de acordo com a *Halachá*.

posições que existe dentro do campo judaico entre judeus “oficiais” e as instituições judaicas. Dessa forma, seguindo a perspectiva de Bourdieu, podemos definir uma importante homologia entre as posições dentro do campo judaico e a posição social ocupada pelos que se afirmam *anussim* na chamada estrutura social. Tentarei demonstrar como essa relação explica a existência de interação entre certos rabinos e os ditos *anussim*.

Segundo Bourdieu, a soma de todos os capitais acumulados durante a trajetória no campo define a quantidade do capital global de um agente/instituição. A participação e volume desses capitais na soma do capital global variam conforme o campo em questão. No caso do judaísmo, assim como em outras religiões, podemos considerar que o capital simbólico - específico das próprias regras que regem o campo e atribuidor de prestígio a seus detentores, construindo a reputação do agente - e o capital econômico são os mais relevantes na constituição do capital global. O conhecimento religioso do rabino, a quantidade de *baalei teshuvá*[54] em uma sinagoga, a capacidade de atrair jovens, a formação do quadro religioso em determinada *yeshivá*, as ações sociais promovidas, entre outros, são fatores que incrementam o capital simbólico da instituição religiosa e de seu clero religioso. Logicamente, há outras tomadas de posição que são bem quistas dentro do campo, mas essas foram as mais perceptíveis durante a realização das etnografias.

[54] Em hebraico: aquele que se arrependeu. Termo usado, dentro do judaísmo ortodoxo, para designar judeus que não praticavam o judaísmo conforme a ortodoxia, mas que passaram a viver segundo a religiosidade ortodoxa.



Mapa da cidade de São Paulo. Em destaque: São Mateus (vermelho), Mooca (preto), Higienópolis (azul), Bom Retiro (laranja), Morumbi (azul-claro). Os bairros citados, com exceção de São Mateus, concentram a maior parte da comunidade judaica "oficial" da cidade. Além disso, houve contatos, em maior ou menor grau, entre os ditos anussim e rabinos ortodoxos, nessas regiões. Por meio da representação

cartográfica, podemos ter uma idéia sobre os trajetos realizados pelos que se intitulam anussim.

O bairro do Bom Retiro, nas últimas três décadas, sofreu uma perda considerável da população de origem judaica que lá residia. A maior parte mudou-se para Higienópolis e Morumbi, regiões consideradas mais nobres na capital paulista (Rattner, 1972). Isso causou a diminuição no número de freqüentadores das sinagogas do Bom Retiro, o que implica grande perda de capital econômico. A falta de dinheiro, segundo rabinos entrevistados, atrapalha a manutenção das sinagogas e a realização de projetos sociais e culturais, muitos dos quais usados para atrair judeus laicos e também a juventude.

> "Antes a comunidade aqui era muito maior. Lembro-me de quando era criança, quando eu ia à sinagoga, no *shabat*, com meu pai, muita gente ia. A gente conhecia as famílias. Não tinha tantos religiosos, mas a gente via muito judeu. Hoje em dia tem bem menos gente. Olha, acho que hoje tem até mais judeus religiosos do que quando era pequeno, mas no geral, diminuiu muito". (Paulo Sanderman, 64 anos, comerciante e freqüentador de uma sinagoga do Bom Retiro).

Atualmente, a maior parte das sinagogas e instituições judaicas também se encontra no bairro de Higienópolis. Esse processo levou a uma perda do capital global das sinagogas do Bom Retiro. O enfraquecimento das instituições religiosas refletiu-se em sua burocracia. É possível observar que os rabinos do bairro perderam certo capital simbólico no campo. Apesar dos rabinos serem muito benquistos, por conta de seu capital religioso e cultural, além do tempo de participação nesse universo simbólico, não conseguem atrair o mesmo público para palestras, tampouco conseguem dinheiro necessário para investir na estrutura e expansão da instituição religiosa. Para se ter uma idéia, nenhuma das sinagogas do bairro possui site na Internet e não se trata de uma opção. O último evento que reverteu o processo de perda de capital global foi a mudança da *yeshivá Tomchei Timimim Lubavitch* da região da Av. Faria Lima para o Bom Retiro.

> "Gostaria sim de ter uma página na Internet. Mas é tudo tão caro e complicado de fazer. Mas ajudaria porque hoje todo mundo está nisso. Acho que mais gente poderia ficar em contato com a sinagoga, receber informações. Mas sem dinheiro e pessoal disposto não tem como" (Rabino Nimoy).

Ao contrário, sinagogas como o *Chabad* central[55], por exemplo, possuem sites muito bem elaborados, com uma grande quantidade de informações religiosas: horário de acendimento das velas de *shabat*, explicação do significado das festas, instruções sobre a realização das festividades, dúvidas dos fiéis, entre outros.

Com a exposição de tais dados empíricos, podemos considerar que houve perda de capital nas instituições do Bom Retiro e, conseqüentemente, a descapitalização de sua burocracia religiosa. Por conta disso, os mesmos perderam posições dentro desse universo simbólico, ocupando uma posição que pode ser interpretada como dominada. Nesse contexto, estão mais próximos dos ditos *anussim* do que as instituições e rabinos que ocupam *locus* mais elevado, hierarquicamente, dentro desse espaço. É importante ressaltar que também há alguns rabinos fora do eixo Bom Retiro – Mooca que já tiveram contato com os autodenominados *anussim*, ou que são simpáticos a sua causa. Entretanto, sem pretensões deterministas, os dados obtidos mostram que o maior número de interações deu-se com os judeus do eixo Bom Retiro – Mooca.

É importante caracterizar a existência de um *circuito "anuss"*. Segundo Magnani, o *circuito* é uma categoria que descreve o exercício de uma prática, ou a oferta de um serviço, por meio de estabelecimentos, equipamentos urbanos e espaços que não possuem contigüidade espacial entre si. Dessa forma, as interações entre os que pleiteiam a identidade *anuss* e judeus da comunidade "oficial", rabinos ou leigos, revelam a existência de um *circuito* particular, indicando que o grupo não está isolado na periferia paulistana, mas em contato com outros espaços judaicos (sinagogas, lojas que comercializam produtos *kasher*, clubes judaicos, etc.). Nesses *circuitos*, há a possibilidade de sociabilidade, de comunicação e trocas, com agentes que não pertencem ao *"pedaço anussim"*, em São Mateus. Isso se dá por meio do compartilhamento de um código específico, no caso, o da sociabilidade judaica, permitindo o uso desses equipamentos urbanos e de trocas interativas entre os agentes. Apesar de haver diferenças entre o *habitus* dos que se afirmam *anussim* e o *habitus* da comunidade judaica "oficial", há um repertório de ações e esquemas de percepção que são comuns a ambos os grupos. As características do *circuito* formado ajudam a definir estratégias do grupo. Dessa forma, a maior parte das interações fora do *pedaço* ocorreu no Bom Retiro, seja por meio da aquisição de material religioso, ou contato com rabinos. A constituição desse *circuito* ajudou o grupo a conseguir apoio, mesmo que de

[55] Ver http://www.*Chabad*.org.br/

maneira velada, que foi vital para a manutenção da instituição, como veremos posteriormente. Essa possibilidade de interação com outros atores permitiu ao grupo conhecer um médico e *mohel*[56], vinculado a uma sinagoga liberal, mas que também realiza circuncisões em membros da comunidade judaica "oficial" ortodoxa. O médico participava, com mais intensidade, de outro *circuito*, o dos Jardins, onde se localiza seu consultório. Logo, tal fato permitiu ao grupo ampliar seus laços de sociabilidade, ao ingressar, ainda que de maneira restrita, em outro *circuito*. Dessa forma, os ditos *anussim* ampliaram seu deslocamento, antes concentrado, principalmente, ao *circuito* das sinagogas e comércios *kasher* de Higienópolis - Bom Retiro e passaram a freqüentar a clínica do Dr. Gruhel.

> "Conheci o Mordechai por acaso, quando fui fazer um brit milá[57] no Bom Retiro. Ele pegou meu cartão e ligou. Passei a fazer a circuncisão dos *anussim*. Sei que eles não têm condições financeiras. Então, geralmente, pagam-me um valor simbólico, ou dão um vinho *kasher* de presente. Para mim, são judeus pobres e é minha obrigação realizar o brit milá, nem que seja de graça, pois é uma mitzvá. Se eu não fizesse, estaria descumprindo um mandamento. Como poderia deixar de fazer o pacto de um menino judeu com D-us? É uma obrigação minha. Se deixasse de fazer seria um mau judeu". (Dr. Gruhel, médico e mohel).

A sociabilidade estabelecida no *circuito* permitiu que diversos membros da sinagoga *Beith* Israel fizessem a circuncisão, tanto bebês quanto adultos. A possibilidade de realizar o *brit milah* com um *mohel* da comunidade judaica "oficial" ajudou a instituição a crescer e aumentou a confiança dos leigos em Mordechai que, por essa "conquista", ganhou maior credibilidade entre os que se intitulam *anussim*. Dessa forma, o *circuito* possibilitou a formação de alianças com rabinos e com um *mohel*, o que aumentou a rede de trocas do grupo e fortaleceu a própria instituição religiosa, já que essa não ficou isolada no *pedaço*, mas sim em contato com diversos outros *pedaços*, pois passou a pertencer ao *circuito*, aumentando os pontos de encontro e sociabilidade e também os conflitos.

---

[56] Em hebraico: responsável por retirar o prepúcio (pele que recobre a glande do pênis). Não precisa ser, necessariamente, um médico, mas um homem judeu que tenha habilidade para realizar a circuncisão e saiba fazer as bênçãos específicas.

[57] Em hebraico: aliança da circuncisão. Trata-se do ritual judaico em que se corta o prepúcio dos recém-nascidos no oitavo dia de vida, simbolizando a aliança entre os judeus e D-us. Em Gênesis 17:1-14, D-us ordena a Abraham (patriarca do povo hebreu) e toda sua descendência a realizar a circuncisão. O procedimento também é realizado nos homens que se convertem ao judaísmo.

Na perspectiva bourdiesiana, as tomadas de posição estão relacionadas à posição ocupada na estrutura do campo, pois a mesma confere um *habitus* específico, determinando esquemas de percepção e um espaço de decisões possíveis dentro do jogo. Logo, rabinos que ocupam uma posição dominada no campo estão em posição homóloga à dos membros da comunidade de São Mateus que, por sua vez, ocupam uma posição também dominada na estrutura social (pequenos comerciantes, operários da construção civil, policiais, etc.), pois se encontram em um *locus* inferior, por conta de seu baixo capital econômico e cultural. Parece haver um interesse mútuo de ambos os agentes, por conta da homologia existente entre dois espaços diferentes. Os ditos *anussim* pedem reconhecimento, enquanto os rabinos que ocupam posição dominada[58] no campo judaico almejam o poder de classificação e de imposição de verdades no universo simbólico judaico.

> "Os *anussim* precisam se organizar, pois quando tiverem um líder carismático, vão chamar a atenção para esse problema, ganhar força política e conseguir conquistar espaços. Sabe, todo aquele que tem interesse, amor pelo judaísmo, deve ser respeitado. Os *anussim* são importantes. Acho louvável viver uma vida *kasher* com tão poucos recursos, isso é admirável. A comunidade que despreza os pobres está condenada. O *Talmud* adverte: os pobres serão nossos líderes no futuro. Tem que cuidar e ajudar os mais necessitados, judeus e não judeus. A tsedacá é fundamental. Fundamental. O chassidísmo veio dos pobres. O Rebe Baal Shem Tov era pobre, tinha um discurso voltado para a pobreza, para a sinceridade, para aqueles que têm o coração puro. Os ricos na época foram contra o chassídismo, não aceitavam que era o verdadeiro judaísmo, pois prega o desapego, a espiritualidade". (Rabino Nimoy, ortodoxo, do Bom Retiro).

O discurso do rabino Nimoy destoa dos outros, pois valoriza uma identidade colocada, constantemente, em xeque pelos judeus que ocupam as posições mais elevadas no campo. Tal fato não é uma coincidência, mas um indício da existência da homologia de posições e interesses entre agentes que ocupam o mesmo *locus* na estrutura de campos diferentes. Poder-se-ia afirmar que a declaração do rabino foi motivada por conta do contexto, ou seja, pela presença do pesquisador. Entretanto,

[58] Pierre Bourdieu utiliza o termo dominado para se referir aos agentes que ocupam as posições mais baixas dentro de um determinado universo simbólico, participando do campo de acordo com as regras estabelecidas pelos agentes dominantes. Segundo o autor, toda forma de dominação simbólica se exerce com a cumplicidade, não-consciente, daqueles que se submetem a ela.

como foi possível constatar, a ajuda do rabino aos ditos *anussim* de São Mateus foi de importância considerável, principalmente nos momentos em que a sinagoga *Beith* Israel sofreu uma perda de fiéis e teve que mudar sua sede para o Jardim Tietê, bairro do distrito de São Mateus. Esse fato será abordado em item posterior, assim como a proposta de ajuda do rabino Nimoy.

Há também outro fato que explica a formação do *habitus* específico de judeus do Bom Retiro: a dinâmica específica do judaísmo no bairro. De acordo com Marta Topel, em seu livro Jerusalém & São Paulo *A nova ortodoxia judaica em cena* (2007), os imigrantes judeus, que se estabeleceram em São Paulo até metade do séc. XX, principalmente no Bairro do Bom Retiro, não eram religiosos e sua principal preocupação era sua inserção na sociedade brasileira e a ascensão social. Por isso, a maior parte dessa geração dedicou-se ao comércio e seus filhos às profissões liberais. Além disso, a identidade da comunidade e seu *pedaço* não estavam centrados na sinagoga, mas sim em instituições seculares como, por exemplo, associações culturais, esportivas e sionistas. Pertencer a tais ambientes era um signo de distinção e de prestígio dentro da comunidade. Isso deixou o espaço da sinagoga ocupado pelos mais idosos. Esse caráter secular e a preocupação com a integração à sociedade maior são responsáveis por uma interação mais significativa entre judeus e não-judeus.

> "Quando os judeus chegaram aqui, não os primeiros, pois esses foram os cristãos novos, em 1600. Mas os fugidos do nazismo, a idéia era sobreviver, então montaram comércios no Bom Retiro. O judeu é um povo que tem a facilidade de se adaptar. Lógico que há a aculturação com os povos que nos misturamos, mas há mais de 2.000 anos, temos mantido as tradições, acho que isso é uma coisa que chama muito a atenção dos *goym*. Então, a preocupação dessa primeira geração era se estabelecer materialmente. A da segunda era sair do comércio e buscar respeito da sociedade brasileira, virando doutor, conquistando respeito e diploma universitário. Os judeus acharam que, com isso, pararia de haver anti-semitismo". (Rabino Nimoy, ortodoxo, do Bom Retiro).

Além disso, não havia uma rede de produtos *kasher* na cidade de São Paulo, o que obrigava os judeus religiosos a ter uma interação com comerciantes do bairro. Dessa forma, os judeus da região, com exceção de linhas ultra-ortodoxas como, por exemplo, os Satmer, tiveram um contato maior com os não-judeus. Forma-se então um habitus judaico, mesmo entre os ortodoxos, marcado pela maior abertura e recepção ao outro, conforme visto no discurso do rabino Nimoy, dada à necessidade de interação, por conta do desenvolvimento específico da comunidade do Bom Retiro.

> "Sabe, tenho uma atuação forte fora da comunidade. Digo para você, com sinceridade, sou o rabino que mais atua junto aos *goym*, combatendo a pobreza e recebendo as pessoas. Eu considero todos como iguais, que precisam de amparo, material, intelectual e espiritual (no caso das pessoas que procuram ou perguntam pelo judaísmo). Tenho amigo *goy*, sou criticado por ser assim, mas paciência é minha maneira de enxergar e de viver o judaísmo". (Rabino Nimoy).

Interessante observar o *habitus* diferenciado de um rabino do Bom Retiro, cuja trajetória e processo de sociabilização distintos formaram um esquema de percepção próprio, mais aberto aos não-judeus. Além de encarar a prática da caridade como missão.

> "Os judeus desenvolveram o misticismo, mas quase nenhum ascetismo do tipo ocidental (...) contrastamos como renúncias do mundo, o ascetismo ativo que é uma ação desejada por Deus, do devoto que é instrumento de Deus e, por outro lado, a possessão contemplativa do sagrado, como existe no misticismo, que visa a um estado de "possessão", não ação, no qual o indivíduo não é um instrumento, mas um "recipiente" do divino. A ação no mundo é vista, assim, como um perigo para o estado irracional e outros estados religiosos, voltados para o outro mundo. O ascetismo ativo opera dentro do mundo; o ascetismo racionalmente ativo, ao dominar o mundo, busca domesticar o que é da criatura e maligno através do trabalho do numa vocação "mundana" (ascetismo do mundo). Tal ascetismo contrasta radicalmente com o misticismo, se este se inclina para a fuga do mundo (fuga contemplativa do mundo)". (WEBER, 1979, p. 373 - 374).

Na visão de Weber, o judaísmo desenvolveu-se de forma mística, ou seja, uma região contemplativa. Entretanto, há uma operação dentro do mundo, que é a tomada de uma série de ações e estratégias para atrair judeus ao judaísmo religioso. A maior parte das sinagogas mantém obras assistenciais. Entretanto, a sinagoga do rabino Nimoy é uma das poucas em que o próprio líder religioso sai às ruas para trabalhar com a população de rua. Dessa forma, esse desenvolvimento peculiar do judaísmo no Bom Retiro parece ter criado um *habitus*, cujas ações tomadas a partir dele buscam a mudança no mundo, realizada não de maneira indireta pela ação da caridade, mas sim pelo próprio rabino, que vê tal trabalho como fundamental. Logo, o pertencimento à posição mais baixa na estrutura do universo judaico leva à formação de um *habitus* diferenciado, uma forma de enxergar e viver o judaísmo de uma maneira distinta. Sob a ótica weberiana, uma religiosidade de caráter mais ascético, em contato direto com a

sociedade maior, sem perder seu caráter ortodoxo, incluindo os *outros*, e não somente com a própria comunidade judaica[59].

> "Trabalho com pessoas de rua, em situação de perigo social. Vou te falar, só um rabino que passou 15 anos estudando em *yeshivá* para fazer esse trabalho direito. Padre, psicólogo formado, com todo respeito, não sabe. Levo-as para o abrigo, cuido delas, tiramos do abandono, da droga. Pois rabino tem esse perfil, tem a ética, a moral, a vontade de fazer tsedacá e a disciplina para isso. Acredito no potencial do ser humano. E sabe de uma coisa? O antisemitismo realmente ocorre nas classes mais altas. A garotada de rua me adora, mas não falo de judaísmo, não somos proselitistas, você sabe. Mas se perguntam eu respondo. Teve um que me pediu uma *kipá* e eu dei. Ele se identificava comigo pela *kipá*, quando ia fazer a visita ele (garoto) colocava. E teve uma vez, umas senhoras de uma sinagoga liberal que viram e não entenderam, acharam ruim....estranharam. Problema delas". (Rabino Nimoy, contando sobre seu trabalho com a população de rua).

A relação com o outro se deu de forma diferente em Higienópolis, pois se tratava de um segundo momento do judaísmo na metrópole: o movimento *Chabad* já estava presente na cidade, dando início à construção de sinagogas, cursos, palestras e encontros, sempre com o intuito de trazer os judeus de volta ao judaísmo, segundo a visão do grupo. Além disso, o bairro passou a contar com a presença de mais sinagogas, espaço para encontro de jovens judeus, mercados kasher, clube, escolas[60], ou seja, uma mancha de judaísmo que acompanha a Avenida Angélica e suas ruas transversais.

O desenvolvimento diferenciado de Higienópolis, especialmente no que tange à abertura de muitas sinagogas ortodoxas e às estratégias proselitistas[61] da linha *Chabad*, faz com que os judeus religiosos e suas lideranças tenham uma postura mais fechada com relação aos *goym*, por conta de um processo de incorporação de estruturas sociais e esquemas de percepção em um ambiente com uma presença judaica mais marcante, já que não havia necessidade de interação com os "outros", por conta da *mancha* de ofertas de bens religiosos e culturais, sem necessidade de intermediários.

---

[59] Essa idéia é reforçada pelo minha própria experiência em campo, pois a entrada em sinagogas e a realização de entrevistas no Bom Retiro foram muito mais fáceis do que em Higienópolis.
[60] Também há escolas judaicas no Bom Retiro
[61] O judaísmo não é uma religião que busca converter não-judeus. Entretanto, o termo é usado em relação às tentativas (cursos, palestras, encontros, etc.) de trazer os judeus não-religiosos à ortodoxia.

Por que ser judeu?

Atualmente, segundo o IBGE[62], há cerca de 60 mil judeus na cidade de São Paulo. Estima-se que apenas 15% dessa população é ortodoxa. Apesar de haver conversões, poucas, pois não é fácil conseguir, seja pela dificuldade imposta por rabinos, o que é uma lei, segundo eles, para testar a fé do candidato à conversão, assim como pelos altos valores (compra de material religioso, viagem a Israel, caso a conversão seja ortodoxa, preço cobrado, etc.). Dessa forma, por que há os que buscam o judaísmo? Por que abandonar tudo, em muitos casos, em busca de uma nova identidade?

> "Tem gente que diz que sou louco. Meus pais, por exemplo. Às vezes penso em tudo que tinha e perdi, por buscar o judaísmo. Não posso fugir do que realmente sou, da religião de meus antepassados. Não posso esquecer a história deles. Mas vejo minha família, minhas filhas e penso: será que vale todo esse sacrifício? Como pastor tinha imóveis, carros, um bom salário. Larguei tudo em busca desse sonho. Passo dificuldades, mas olho para minhas crianças e vejo que valeu a pena: elas estão crescendo em um lar judaico, por mais pobre que possa ser, é *kasher*. Isso não tem preço. Valeu a pena, sim". (Mordechai)

Conforme apresentado na introdução do trabalho, o fenômeno de comunidades marranas que reivindicam sua identidade judaica, no Brasil, é registrado desde a década de 1960. É possível que boa parte desses movimentos tenha se influenciado pelo trabalho de Anita Novinsky, que trata da questão da Inquisição e os cristãos-novos. De fato, a maior parte que se tem registro, utiliza trabalhos acadêmicos para legitimar sua condição judaica. Nesse processo de constituição de grupos que se autodenominam *anussim*, há um claro divisor de águas: o documentário intitulado "Estrela Oculta do Sertão", de 2005, dirigido pela fotógrafa Elaine Eiger e pela jornalista Luize Valente. O filme aborda supostas práticas judaicas mantidas por famílias do sertão nordestino e a luta pela identidade judaica, quando pessoas dessas comunidades descobrem que tradições tidas como familiares são, na verdade, resquícios do judaísmo. O documentário divide-se em mostrar grupos considerados como marranos no sertão e a luta do médico Luciano Oliveira, que vai até São Paulo e tenta retornar ao judaísmo, apresentando seu caso a diversos rabinos ortodoxos.

[62] Dados censitários de 2000.

O filme não foi lançado em circuito nacional. As sessões ocorreram, basicamente, em clubes e centros de cultura judaicos. Logo depois, houve o lançamento em DVD. Com a Internet, muitas pessoas que tinham interesse pela religião judaica, tiverem acesso ao documentário e passaram a se identificar como marranos, aumentando o contingente desse grupo no país, o que aumentou a procura por autoridades rabínicas a fim de solucionar essa questão. A Fisba foi fundada em 1997, mas a partir de 2005, experimentou seu maior crescimento. Tanto em sua sinagoga *Beith* Israel, em São Mateus, como em diversos outros estados do país, com a filiação de grupos que se afirmam *anussim* à entidade.

> "Por um lado, foi muito bom para nós (o filme), pois ajudou muito *anussim* a descobrir seu passado e ir atrás dele. Mas também foi ruim, porque muita gente que não é, acabou descobrindo coisas que só nós conhecíamos. Aí agora fica todo mundo se dizendo *anussim*". (Mordechai).

Interessante notar que, apesar de criticar severamente o monopólio de classificação de quem é judeu e o poder simbólico de fazer crer, ou seja, de tornar natural uma dada visão sobre o judaísmo, poder esse concentrado pelos agentes e instituições que ocupam as posições mais elevadas do campo judaico, Mordechai também estabelece um monopólio de classificação em torno da identidade *anuss*, criando regras pré-definidas para a entrada em seu próprio grupo. Percebe-se então que a relação de violência simbólica não se dá apenas entre os judeus estabelecidos e os *outsiders*, mas também entre os próprios *outsiders*.

> "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". (BOURDIEU, 2006, p. 8)

A partir de 2005, muitos grupos que se intitulam como descendentes de cristãos novos surgem no país e os já existentes ganham novos adeptos, caso da Fisba. O aumento no contingente de pessoas que se intitulam *anussim* acelera o processo de institucionalização da Fisba, com a formação de mais quadros burocráticos à instituição religiosa. Entretanto, uma série de dissidências ocorre e a Fisba perde muitos associados no país e em São Paulo. A complexidade do crescimento de grupos que se intitulam marranos exigirá a construção de um "campo marrano", para fins teóricos e também

para tentar esclarecer melhor a disputa em torno da legitimidade e exclusividade dessa identidade específica. A derrocada do grupo de São Mateus e sua retomada, assim como a discussão acerca do "campo marrano" se dará em um item posterior do trabalho, em momento mais oportuno.

O aumento da pressão marrana e a busca pelo judaísmo são encarados de forma distinta por rabinos, de diversas orientações e bairros, e também pelos judeus leigos, ortodoxos e liberais.

> "As pessoas buscam respostas, mesmo que esteja bem economicamente, existem questões existenciais, espirituais e o judaísmo dá respostas, dá um caminho, com valores, ética. Por isso, o judaísmo é atraente, pois dá explicações, um sistema para viver. Muitas pessoas no Brasil descendem de judeus, há uma forte presença *anussim*. Por isso, quando se descobre como judeu, quer voltar para sua religião, seu povo. É disso que precisamos, líderes religiosos, pessoas exemplares que dêem um exemplo de conduta moral e ética para a humanidade. O judaísmo fornece isso." *(Rabino Nimoy).*

De acordo com o rabino, é algo natural para a alma que se descobre judia querer voltar ao povo. Trata-se de uma visão mais simpática aos que se intitulam *bnei anussim*, por conta da própria posição ocupada no campo e o *habitus* adequado a essa condição. Entretanto, apesar da simpatia a esses grupos, Nimoy sempre deixou claro que um rabino formado deve conduzir a comunidade de São Mateus, ou qualquer outra, pois é necessária uma autoridade rabínica, segundo ele, para verificar os procedimentos e ensinar o caminho ao judaísmo. Isso indica que apesar de ter uma postura diferente de outros rabinos, não concorda com a ruptura total das regras do jogo, ou seja, a idéia é positivar uma série de tomadas de posição e esquemas de percepção, encarados, no atual contexto do campo, como negativos. A inversão simbólica desses fatores garantiria a subversão na estrutura do campo, possibilitando a ascensão, por meio do capital acumulado com a mudança nas regras vigentes.

> "Tem muitos judeus que vão demorar para se identificar, mas há um número enorme de judeus no país, mas estão acanhados, falta uma referência aberta, uma atuação mais forte para resgatar o criptojudeu, o *anussim*. Não existe atuação forte. Não sabia que estavam assim tão organizados, mas bom, eu já tinha visto pela Internet. É complicada essa questão de conversão *safek*[63], eles só aceitam o retorno...entendo

[63] Em hebraico: dúvida. Trata-se de uma conversão especial, realizada quando há alguma dúvida sobre a matrilinearidade judaica.

> o ponto de vista deles. Mas é complexo demais, não dá para um rabino daqui decidir sobre isso, tem que ser um tribunal rabínico de Israel, com força e sabedoria. O Maimônides saberia como resolver essa situação". (Rabino Nimoy).

Apesar de sua visão favorável, o rabino afirma que a principal preocupação ainda é a questão da assimilação cultural, pois, segundo ele "50% dos judeus vão se perdendo a cada ano, com casamentos mistos". Dessa forma, o agente ainda está vinculado à *illusio*, ou seja, o encantamento com o jogo em seu atual formato, com o principal prêmio: trazer os judeus laicos, considerados oficiais, à religiosidade ortodoxa. Seu *habitus* segue os preceitos ditados pelo *establishment* do campo judaico. Porém, a posição ocupada faz com que seu esquema de percepção seja diferente, o que pode acarretar, hipoteticamente, em dado momento, uma transformação nas regras gerais do campo e uma inversão hierárquica.

Já outros rabinos possuem uma visão mais messiânica e/ou mística sobre essa atração ao judaísmo, seja por parte dos que tentam a conversão, ou de supostos *anussim*:

> "Acredito que essa coisa mística da Cabala, esse conhecimento esotérico, mas muito importante e que, às vezes, é deturpado com algumas misturas feitas por místicos, leva a pessoa a achar interessante, e aí descobre que toda essa sabedoria vem do judaísmo e procura a religião. Sem contar que as profecias dizem que, no final dos tempos, e estamos próximo disso, as pessoas descobririam esses ensinamentos. Está escrito que haveria meios de comunicação, como a internet, onde todos os segredos, que eram secretos até para os rabinos, seriam divulgados. Hoje todo mundo tem acesso, o que era escondido pela Igreja, reprimido, está ao alcance de todos. E hoje as pessoas buscam a verdade e o judaísmo é A Verdade. O fato das pessoas procurarem o judaísmo é um sinal do fim dos tempos, pois parte dos homens já percebe e começa a buscar a grande verdade". (Rabino Shatner, ortodoxo, e secretário-geral de conversões no Beit *Chabad*).

> "Acredito que isso se deve muito pela difusão dos cursos de Cabalá, extremamente populares hoje em dia, o que atrai muita gente para o judaísmo. Outra coisa fundamental é a busca atual pela espiritualidade, ou seja, as pessoas procuram uma explicação, um sentido para a vida, o que explica também o aumento do hinduísmo, religiões místicas. O judaísmo é só mais uma dessas religiões que vem crescendo por conta dessa procura pela espiritualidade, por dar resposta a diversas questões e angústias humanas. Atrai ricos e pobres, independente da classe social, pois são perguntas mais transcendentais, anseios universais do homem". (Rabino Michel Schlessinger, presidente da maior sinagoga de São Paulo, a CIP – Congregação Israelita Paulista, de orientação liberal).

A tentativa de classificar a posição ocupada pelos rabinos, no campo judaico, citados acima é inviável, mas podemos afirmar, pensando no campo construído anteriormente, que ambos disputam a hegemonia de classificação e imposições de verdade acerca do judaísmo. É interessante perceber o *habitus* desse rabino *Chabad*, que atribuiu o interesse crescente no judaísmo como um sinal da vinda do *Mashiach*. Tal discurso messiânico é bem claro na teologia dessa linha ortodoxa, cujos esforços tem sempre um fim: acelerar a era messiânica. Dessa forma, o fenômeno do interesse pelo judaísmo é encarado, pelos seguidores do *Chabad*, como algo já previsto anteriormente. Até mesmo a popularização de material judaico, por muito tempo restrito apenas aos sábios da religião, é percebida, segundo esquemas de percepção próprios dessa linha religiosa, a uma profecia anterior.

As opiniões dos dois rabinos podem ser explicadas de acordo com a posição ocupada no campo, já que o pertencimento às posições mais altas implica um *habitus* condicionado a não colocar o monopólio da classificação em risco, ou seja, não há interesse em tornar um campo, que já é conflituoso e marcado por tensões, ainda mais anômico. Dessa forma, nenhum deles vê a possibilidade de retorno à religião, pois, segundo eles, a prova da matrilinearidade judaica, por parte dos que se autodenominam *anussim*, é algo impossível:

> "Acho algo extremamente complicado. É um caso difícil, pois muitos vivem como judeus, tem uma religiosidade, alguns são circuncidados. Logo, são pessoas que se sentem judias. Mas é complicado querer provar a matrilinearidade por terem alguns costumes como, por exemplo, acender velas na sexta-feira. É provável que essas pessoas tenham uma origem judia sim, mas também é muito possível que houve algum tipo de mistura no meio, o que deixa uma dúvida no ar. Por isso, analisamos caso a caso e sugerimos ao interessado que faça uma conversão *sufek* (dúvida em hebraico) em caso de dúvida. Assim, ele entra aqui, passa por uma série de entrevistas, vemos o interesse da pessoa e aí ela faz o curso de um ano e durante esse período participa de nossos cultos e de toda a vida na comunidade". (Rabino Schlessinger, CIP)
>
> "Acredito que existam milhares de judeus que saíram da Inquisição em Portugal, teve casamento dentro da família e continuam judeus. Ou seja, deve ter um monte de gente que é judeu e nem sabe. Agora, o caso dos *anussim* é complicado. Chegam pessoas com relatos familiares, algo fabuloso, que você percebe que foi passado de geração para geração. Alguns até circuncidados. Então, o que é feito: na verdade, antes nós fazíamos conversões, mas paramos, pois o rabino-chefe de nossa instituição ficou chateado, pois tinha gente que fazia só para casar. Então, o que fazíamos quando a pessoa não tinha documentação, ou seja uma ketubá (certificado de casamento), era

> uma conversão especial, de confirmação, que é diferente da feita com o *goy* (não-judeu). É algo para tirar a dúvida, então, por que se recusar a fazer? É só para estar de acordo com a lei de HaShem e mostrar para os rabinos que está disposto a confirmar. Eu mesmo já acompanhei um caso de conversão desse tipo, em Nova York. A pessoa precisa aceitar, para confirmar, já que há dúvidas em torno da sua linha matrilinear. Nessa sinagoga, em São Paulo, já se realizou conversão desse tipo". (Rabino Shatner, *Chabad*).

Diante tais argumentos, não só dos rabinos entrevistados nessa pesquisa, mas também de outros[64] que receberam o líder religioso da comunidade de São Mateus, Mordechai encontrou na Torá, passagens que, segundo ele, justificam a existência dos *anussim* e, por isso, torna o reconhecimento dos mesmos como algo obrigatório para os judeus "oficiais", detentores do monopólio de classificação.

> "Mas agora, assim diz o SENHOR que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu.
>
> Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.
>
> Porque eu sou o SENHOR teu D-us, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate, a Etiópia e a Seba em teu lugar.
>
> Visto que foste precioso aos meus olhos, também foste honrado, e eu te amei, assim dei os homens por ti, e os povos pela tua vida.
>
> Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua descendência desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente.
>
> Direi ao norte: Dá; e ao sul: Não retenhas; trazei meus filhos de longe e minhas filhas das extremidades da terra". (Isaías, 43: 1 a 6).

> "**Portanto lançar-vos-ei fora desta terra, para uma terra que não conhecestes, nem vós nem vossos pais; e ali servireis a deuses alheios de dia e de noite, porque não usarei de misericórdia convosco.**
>
> Portanto, eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que nunca mais se dirá: Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito.
>
> Mas: Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, a qual dei a seus pais.
>
> Eis que mandarei muitos pescadores, diz o SENHOR, os quais os pescarão; e depois enviarei muitos caçadores, os quais os caçarão de

[64] Temendo algum tipo de represália da instituição, ou possível reação negativa da comunidade judaica, negaram a participação na pesquisa.

sobre todo o monte, e de sobre todo o outeiro, e até das fendas das rochas". (Jeremias, 16: 13 a 16).

"A palavra que do SENHOR veio a Jeremias, dizendo:

Assim diz o SENHOR D-us de Israel: Escreve num livro todas as palavras que te tenho falado.

Porque eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que farei voltar do cativeiro o meu povo Israel, e de Judá, diz o SENHOR; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão.

E estas são as palavras que disse o SENHOR, acerca de Israel e de Judá.

Porque assim diz o SENHOR: Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz.

Perguntai, pois, e vede, se um homem pode dar à luz. Por que, pois, vejo a cada homem com as mãos sobre os lombos como a que está dando à luz? e por que se tornaram pálidos todos os rostos?

Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante; e é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será salvo dela.

Porque será naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço, e quebrarei os teus grilhões; e nunca mais se servirão dele os estrangeiros.

Mas servirão ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei". (Jeremias, 30: 1 a 9).

"Portanto, dize: Assim diz o Senhor DEUS: Ainda que os lancei para longe entre os gentios, e ainda que os espalhei pelas terras, todavia lhes serei como um pequeno santuário, nas terras para onde forem.

Portanto, dize: Assim diz o Senhor DEUS: Hei de ajuntar-vos do meio dos povos, e vos recolherei das terras para onde fostes lançados, e vos darei a terra de Israel.

E virão ali, e tirarão dela todas as suas coisas detestáveis e todas as suas abominações.

E lhes darei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne";

(Ezequiel, 11: 16 a 19)

Os trechos retirados da Torá, principalmente o que se encontra em negrito, são uma das principais bases de argumentação teológica dos ditos *anussim* junto ao rabinato, pois, segundo eles, está claro que já havia profecias sobre o marranismo, a ida a terras estranhas (expulsão dos judeus de Portugal e Espanha e a imigração ao Brasil), a adoração a divindades estranhas (santos católicos) e o retorno desse povo desgarrado à nação de Israel. Os rabinos entrevistados declararam que a "Torá é extremamente clara, se não há menção direta aos *anussim*, os trechos retirados referem-se a judeus que

desrespeitaram as leis do Senhor e pagaram por isso, não se trata diretamente dos *anussim*. Pode ser que seja uma menção a eles, como também pode não ser". Essa luta em torno da significação das Escrituras é fundamental para a manutenção, ou transformação das estruturas vigentes no campo, assim como a disposição hierárquica. Dessa forma, tanto estabelecidos quanto *outsiders* disputam o monopólio em torno do significado "verdadeiro" das passagens da Torá, pois a participação no jogo faz com que os jogadores tenham como objetivo a posse poder simbólico.

Outro forte argumento dos ditos *anussim* junto aos rabinos baseia-se em sobrenomes de suposta origem cristã-nova, existência de casamentos endogâmicos, para manter a judaicidade do sangue, segundo eles. A maior parte dos costumes relatados como sendo de origem judaica, tais como: não comer carne de porco, ritos funerários como, por exemplo, colocar pedras sobre os túmulos, lavar o corpo do morto, cortar suas unhas, enterrando-o em uma mortalha, sem caixão, usar as melhores roupas no sábado, acender velas na sexta à noite (período que coincide com o início do *shabat*), códigos de identificação[65] e rezas secretas.

> "Os *anussim* criaram, durante esses séculos, uma série de códigos para identificação, como na maçonaria. Por exemplo, quando um antigo dizia: lá vai um homem bom. Estava se referindo a um judeu que poderia casar-se com sua filha. Uma outra coisa era beijar as costas da própria mão e as costas da mão do outro *anussim*, na hora de dar a mão para cumprimentar. São muitos códigos. Minha mãe mesmo, por exemplo, fazia rezas em ladino[66]. O problema é que tem coisa que acaba vazando por conta da Internet, aí muita gente começa a se dizer *anussim*, mas não é. Aí é caso de conversão, caso a pessoa queira o judaísmo." (Mordechai).

Não há registros de tais códigos, mas outros entrevistados, que se intitulam *anussim*, da sinagoga *Beith* Israel, também confirmam sua existência, afirmando que se tratavam de práticas presentes em suas famílias. Pode ser, segundo Hobsbawm, uma "tradição inventada", com a idealização de certas práticas que eram, no passado, normais a um determinado grupo de pessoas. Entretanto, trata-se de um argumento considerável, não só para provar a identidade para a comunidade "oficial", mas também para identificar outros supostos *bnei anussim*. Além disso, é bem pouco provável que

[65] Atendendo à solicitação dos nativos, não irei detalhar esses sinais, pois os *anussim* temem que outros tomem conhecimento desse segredo.
[66] Dialeto *sefaradi*, muito semelhante ao idioma espanhol.

algo reificado como uma legítima tradição marrana seja negada por alguém que reivindique para si essa identidade.

Os argumentos não convenceram as autoridades rabínicas que continuavam convencidas de que, apesar de existência de alguns indícios, era impossível garantir a matrilinearidade judaica de Mordechai e seu grupo. Os autodenominados *anussim* passaram a crer que se trata de uma forma de mantê-los afastados, já que muitos são negros e/ou pobres.

> "Na minha opinião, tem uma barreira que é claramente social e racial. Quem vai querer pobre na sua sinagoga?" (Mordechai)

> "Discordo, não me interessa se é negro ou pobre. Interessa se a mãe é judia. Quando você chegou aqui, presenciou meu telefonema. Eu estava responsável por um casamento, queria saber quem casou os pais da noiva, para confirmar se a menina é judia. Quem casou foi o Sobel, ele nem liga para isso, ou seja, vou precisar de testemunhas ou ir atrás de quem casou a avó, para ter certeza do judaísmo dela e ela tem dinheiro, é de família rica. A questão não é financeira. Eu sou a favor de conversão. Gosta do judaísmo? Se junta com a gente! Ame o judaísmo, isso é ótimo. Mas retorno é só para quem pode comprovar, para quem tem documentos, se há dúvida, mas por um lado indícios, fazemos essa conversão especial. Realmente, concordo que não é fácil de conseguir, há empecilhos, é difícil, mas é uma maneira do rabino testar a fé da pessoa. Ver o quanto ela está disposta a lutar para fazer parte do povo judeu". (Rabino Shatner, Beit *Chabad*).

> "Não é verdade, a questão de pobres e negros. Há muitos aqui, tanto convertidos, como pessoas que não são judias, mas que gostam do judaísmo e abrimos nossas portas para que elas possam participar do culto conosco. A sinagoga tem seus custos, com infra-estrutura e professores. Mas também dispomos de um departamento social que concede bolsas de até 100%, basta o interessado trazer um comprovante de renda ou de não renda. Não é porque não tem dinheiro que não pode abraçar o judaísmo. Muitos de nossos alunos tem bolsas de 50%, 70% e até mesmo de 100%". (Rabino Schlessinger, da CIP).

Durante o trabalho de campo, em uma sinagoga liberal, conheci uma convertida, de nome Isabela, 28 anos, estudante de administração, negra e pobre. Ela não se considerava *anuss*, converteu-se por "gostar de judaísmo". Combinamos um encontro no sábado, na parte da manhã, para acompanhar a celebração de um *shabat*, na sinagoga. Era uma boa oportunidade de observar como uma pessoa pobre e negra interagia na sinagoga. Encontramo-nos na calçada da sinagoga, antes do serviço religioso ter início. Muitas famílias chegavam de carro, já que os liberais não têm

qualquer restrição quanto à utilização de automóveis no *shabat*. Isabela comentou que gostaria de morar em local próximo ao templo, para não ter que utilizar o ônibus, pois, segundo ela, "era um desrespeito ao *shabat*".

Ela estava vestida de maneira bem recatada: sapatos, uma saia preta que ia até a altura dos joelhos, com meia-calça bege por baixo, e uma blusa, sem decote, com mangas até o cotovelo. Era um dia quente e a maior parte das mulheres trajava calça jeans e blusas decotadas. Os homens usavam calça jeans e camiseta, calça e camisa social. Nenhum deles estava de *kipá*, entravam na sinagoga, após passar pela segurança rígida: era necessário apresentar documentos e passar por um detector de metais. Tal medida era flexibilizada, quando se tratava de uma família mais assídua nas atividades realizadas no local, ou uma figura importante na comunidade judaica.

Após passar pela portaria, todos se dirigiam a um grande auditório, mas antes, os homens paravam e pegavam uma *kipá*, em um grande cesto, junto à porta de entrada. Depois, todos um *Sidur* nas estantes e entravam no local. Dentro da sinagoga, o primeiro estranhamento: não havia separação entre homens e mulheres, ou seja, todos se sentavam misturados. Não era uma escolha aleatória de locais. Pessoas com mais amizade, famílias que se conheciam, sentavam-se próximas às outras, formando, segundo Isabela, as "panelinhas". Isabela não queria se sentar próxima de um homem, o que é impossível em uma sinagoga liberal. Sendo assim, arrumou uma maneira peculiar para conseguir: sentava-se na última cadeira da fila e verificava se não havia um homem sentado ao lado, à frente, ou atrás. Tal procedimento demorava um pouco e causava certa irritação aos presentes. Decidi sentar-me na parte de trás, na penúltima fileira, pois assim poderia ver o rabino, no púlpito, e também como os outros se portavam durante a reza.

Muitas mulheres conversavam animadamente, mas de forma silenciosa, durante a reza, mas quando excediam no volume, recebiam olhares de repreensão. Isabela não conversava com ninguém e assistia atentamente ao culto, sempre olhando o *Sidur*. O rabino utilizava microfone e, logo depois da reza, começou a fazer um sermão sobre a necessidade de colocar as crianças em escolas judaicas e cobrou maior participação nas atividades culturais da sinagoga, enfatizando a importância da manutenção da cultura

judaica e sua transmissão aos filhos. Após o culto, havia um salão repleto de mesas com salgadinhos e bolachas, vinho e suco de uva. Era a cerimônia de *kidush*[67].

Todos se cumprimentavam, dando um *shabat shalom*, ou seja, desejando um bom *shabat*. Comecei a cumprimentar algumas pessoas e Isabela fazia o mesmo. Notei que muitos a olhavam com certo estranhamento. Uma senhora com que conversava, perguntou-me se eu havia trazido uma amiga para conhecer o judaísmo. Respondi que, na verdade, era justamente o contrário, o que a deixou impressionada, pois, segundo ela, nunca tinha visto uma judia negra. Perguntou-me logo em seguida se Isabela era convertida. Respondi que era proibido, segundo a *Halachá*, lembrar o passado de um convertido, o que deixou a senhora um pouco envergonhada.

Percebi que, assim como na sinagoga, formavam-se grupos distintos: o dos homens, adolescentes, crianças e mulheres. Havia grupos com os dois gêneros, principalmente entre os jovens. Notei que Isabela tinha ficado isolada, não conseguindo entrar em nenhum grupo.

> "Sabe, muita gente aqui pode me olhar torto. Mas eu é que tenho motivo para olhar. Você viu como essas mulheres estão vestidas? Isso é comportamento *kasher*? Por isso, minha vontade mesmo é fazer aliah[68] e me converter com algum rabino ortodoxo lá em Israel. Não sei também por que eles não sentam separados. Vai matar alguém ficar longe da mulher por algumas horas? Sou mais identificada com o judaísmo ortodoxo, lá vou ser muito mais aceita, porque eu cumpro muito mais coisa do que o pessoal aqui da sinagoga" (Isabela).

Os rabinos acreditam que a condição étnica e econômica influencia, de alguma forma, o ingresso e convivência na sinagoga:

> "Não, acho meio difícil (integração dos mais pobres na comunidade).....Veja, depende, é muito variável, tem pessoas aqui que são mais tolerantes, outras menos, como em qualquer comunidade. Alguns ficam mais isolados, outros nem tanto, depende da pessoa também, do seu esforço para integrar-se. De um modo geral, o convertido sempre busca mostrar maior apego a fé, tenta cumprir mais mandamentos, de maneira que todos o reconheçam e tenham orgulho dele. Isso é um incentivo para a comunidade, ver como os convertidos se comportam e seguem mandamentos. Eles dão exemplo". (Rabino Schlessinger)

---

[67] Em hebraico: santificação. É a benção recitada sobre o vinho ou suco de uva para santificar o *shabat* ou uma festa judaica. O termo também é usado para se referir a refeição cerimonial, servida na sinagoga, após o serviço religioso do *shabat*.
[68] Emigração judaica a Israel.

> "Tem uma mulher na sinagoga que é convertida e ela tem uma fé e observância impressionantes! Ela cumpre as mitzvot, se bobear, até melhor do que a minha esposa! É um exemplo para todos nós. A Torá manda amar o convertido e fazemos isso aqui. Ela se casou, está bem e é extremamente fiel à Halachá". (Rabino Shatner)

Ser convertido já é um signo de distinção negativo no campo judaico, pois mesmo com a existência de um mandamento que proíbe lembrar o passado do converso, na prática, isso continua a ser um problema. Além disso, ser pobre e negro, dentro do campo, implica a posse de mais dois signos de distinção negativos. Por conta disso, podemos observar que os convertidos tentam reverter essa situação por meio da religiosidade. A obtenção de capital religioso, por meio do estudo, do aprendizado do hebraico, conhecimento da Torá, etc. convertem-se em capital simbólico para os recém-ingressos no campo, ajudando na acumulação de capital global e possibilitando a ascensão dentro do universo simbólico judaico. A estratégia de expressar uma prática religiosa mais ortodoxa do que a dos outros é o principal meio de capitalização dos convertidos que, com isso, esperam maior reconhecimento da comunidade e maior quantidade de interações na comunidade como, por exemplo, ser chamado para passar o *shabat* na casa de alguém, ser convidado a um casamento, festa de noivado, etc.

> "Nossa sociedade é racista, não é uma questão do judeu, mas do brasileiro como um todo. Nos EUA, Israel, Europa é diferente, você vê negros freqüentando sinagogas tranquilamente, mas aqui é um tabu. Você não vê nenhum. Com certeza ele iria se sentir mal e ia ter um estranhamento, não sei se conseguiria casar. Para você ter uma idéia, tem gente aqui que se sente mal e outros que discriminam por causa da roupa que está usando. Uma mulher discrimina a outra por usar bolsa de grife. Imagina então se for negro. É complicado, não vou negar". (Rabino Nimoy)

Por meio de seu *habitus*, mais próximo da interpretação e vivência do chassídismo como abandono material, Nimoy condena o preconceito e também as signos de distinção social na sinagoga que, para ele, deve ser um local neutro, onde todos são iguais, por conta da fé. Tanto que o rabino levou um *goy*, morador de rua, à festa de noivado de sua filha, o que chocou boa parte da comunidade. "Não quero nem saber se gostaram. Levei porque quis levar. E daí? Sou assim mesmo". Como debatido anteriormente, o rabino está em uma posição homóloga aos pobres, na sociedade maior, por isso, seus interesses e anseios, tomadas de posição e esquemas de percepção, ou

seja, seu *habitus* é diferente dos de outros rabinos e tais ações, como a da festa de noivado, podem ser considerados, na ótica bourdiesiana, como uma transgressão às regras do campo, pelo menos, durante certas ocasiões.

A Internet como mundo da vida

Se considerarmos o espaço da rede mundial de computadores, ou seja, a Internet como uma extensão ou como uma parte do espaço público, ou seja, como o *mundo da vida*, segundo o conceito habermasiano, isto é, o espaço onde ocorrem trocas comunicativas, que podem levar ao entendimento por meio da argumentação. Somente a presença e participação no *mundo da vida*, por meio da ação comunicativa, poderão tornar pública a existência desse grupo e assim publicizar sua luta pelo reconhecimento. Para Habermas, a ação comunicativa é um conceito "que comporta conotações que em ultima instancia remontam a experiência central da força sem coação da fala argumentativa, que permite realizar o entendimento e suscitar o consenso. É na fala argumentativa que os diversos participantes superam a subjetividade inicial de suas respectivas concepções e, graças á comunidade de convicções racionalmente motivadas, asseguram-se, ao mesmo tempo, da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade do contexto de suas vidas" (HABERMAS, 1987).

Sendo assim, esse espaço virtual, principalmente o site de relacionamentos *Orkut*, foi fundamental para que a comunidade judaica tomasse conhecimento da existência da Fisba, o que gerou intenso debate. Alguns judeus prontamente repudiaram os ditos *anussim*, acusando-os de charlatanismo e de serem "crentes que querem se tornar judeu". Outros afirmaram que a comunidade de São Mateus, por praticar o judaísmo e seguir suas leis, deveria ser respeitada e auxiliada por rabinos competentes. Mas houve casos de judeus, leigos e rabinos, que conheceram o grupo pela Internet e decidiram ajudá-lo. Além disso, redes sociais foram e ainda são de grande importância para a Fisba, na conquista de novos adeptos, tanto em São Paulo, para sua sinagoga *Beith* Israel, quanto em outros estados, aumentando o poder da instituição e sua visibilidade.

Por conta disso, Mordechai criou o blog da Fisba[69], uma maneira de expressar na rede seus argumentos acerca de sua judaicidade e também de conquistar novos fiéis, por

[69] http://www.uniblog.com.br/fisba/

meio de explicações acerca do marranismo. Além disso, criaram uma lista de e-mail para a comunicação entre os que se afirmam *anussim*. A burocracia religiosa da entidade, na figura de Mordechai principalmente, utiliza a lista para o envio de mensagens convocando os ditos *bnei anussim* a lutar contra a atual situação e a ajudar a sinagoga em São Paulo, sede do movimento, e cobrar a presença dos fiéis no serviço religioso, a fim de que tenham quórum mínimo para um *minyan*[70].

O acompanhamento do fluxo comunicativo mostra como os auto-intitulados *anussim*, de fato, participam do campo, mesmo na condição de dominados. Bourdieu explica que a ofensa, ou ação contra algo ou alguém implica a existência desse algo e, portanto, sua presença naquela esfera. Negar a existência de algo é, segundo ele, assumir sua condição de objeto, ou agente existente. No caso do *Orkut*, isso fica ainda mais claro, pois muitos conheciam a trajetória do grupo: origem no pentecostalismo, passagem pelo judaísmo messiânico e, por último, a reivindicação da identidade judaica.

Retirado da Comunidade Judeus Marranos[71]

> "ENTENDAM O SEGUINTE: NINGUÉM, MAS ABSOLUTAMENTE NINGUEM, DO GRUPO DO SR. MOREIRA (nome civil de Mordechai), NEM ELE MESMO, PODERÃO SER ENTERRADOS EM CAMPO SANTO JUDAICO. SE pensarmos em termos de São Paulo, nem no Butantã nem no Embú. Portanto, vivam uma mentira, deixem o Sr. Moreira mentir e enganar mais gente, levando o dizimo deles. Ao final de sua mentirosa existência, serão enterrados juntos dos seus, ou seja, num cemitério cristão. Ou num cemitério ateu. Pois, nos Cemitérios Judeus NÃO SERÃO! Não há espaço para para charlatões , como o Sr. Moreira no OLAM HABÁ (mundo vindouro)".

> "Baseado em tudo que tenho visto aqui, está claro o oportunismo de "Mordechai Moreh". Como um cego num tiroteio, ele atira para todos os lados para ver se acerta alguma coisa. Coloca longas mensagens de outros neste fórum, porem quando coloca 3 palavras próprias, 2 delas estão mal escritas. Faz-se passar por educador judaico, mas não sabe nem o básico do Hebraico ou do Judaísmo. Apresenta uma oferta do meu professor de aceitar falar com pessoas

[70] Em hebraico: contagem. É o quórum de dez judeus adultos, necessário para certos serviços religiosos.
[71] http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=193718&tid=2529746567145748945&kw=mordechai+mor%C3%A9&na=3&nst=21&nid=193718-2529746567145748945-2530087658388771493. Acessado em 16/10/2009

> para conversão como fato que o rabino estaria fazendo conversões para sua pífia e irrelevante organização (Fisba)...
>
> Também não é verdade que ele deseja orientação de rabinos, pois já esteve em contato comigo e recebeu a oferta de orientação e ignorou esta oferta. agora vejo que ele me fez um grande favor, pois tenho melhor maneiras de usar meu tempo. Por outro lado, me entristece a realidade Brasileira, aonde *anussim* querendo regressar a casa de Israel encontram as portas fechadas. Isto cria oportunidades para charlatões como a FISBA. E verdadeiramente uma pena".

Retirado da Comunidade Conversão ao Judaísmo[72]

> "AO JOSE ROBERTO;
>
> Sinto dizer que, qualquer procedimento feito com o tal Mordechai Moré (que as pragas do Egito lhe sejam impostas) NÃO TEM NENHUM valor. Ele NÃO é Rabino, nunca foi estudioso de uma *Yeshivá*, não tem reconhecimento de suas atividades pela comunidade judaica de SP. E se vc estiver com ele , abandone, pois ele nada mais é do que um pastor messianico, travestido de judeu. Ele já foi expulso de 4/5 outras comunidades judaicas que participo.
> É um aviso sincero, honesto, para que depois vc não se sinta enganado".

As mensagens retiradas do *Orkut* são só alguns exemplos da interação existente entra Mordechai e os judeus estabelecidos. Na maior parte de suas mensagens, o líder religioso dos ditos *anussim* de São Mateus tenta se defender e afirma que se quisesse ganhar dinheiro, continuaria como pastor evangélico. O fato de ter largado a carreira como pastor é usado por Mordechai como uma forma de legitimação perante a comunidade judaica "oficial" e também entre seus fiéis.

Além disso, tenta se explicar quanto ao uso do título de rabino, que causou grande incômodo aos judeus, afirmando que o mesmo é apenas simbólico e foi outorgado pela comunidade e registrado em cartório, como pude conferir.

> "O estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo". (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.24).

[72] http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=14613553. Acessado em 23/04/2008.

A fofoca é o principal meio que os estabelecidos utilizam para depreciação dos outsiders, para os autores, fazer fofoca trata-se de passar informações depreciativas sobre outrem, transmitindo-as a duas ou mais pessoas. Entretanto, diferentemente da comunidade estudada por Elias e Scotson, os autodenominados *anussim* também utilizam a fofoca para tentar enfraquecer os estabelecidos. Caso da esposa de Mordechai, respondendo ao rabino radicado nos Estados Unidos:

> "Falaste levianamente, o que vc tem visto por aqui,e u acrescento, um b'nei que é leigo, que toma atitude ,que quem deveria tomar seria vcs a favor dos B'nei, os "RABINOS "de plantão do orkut ,e não tomam ,são rabinos que se dizem a favor, e dizem mais, que lutam pela causa e nada fazem ,quando chega alguém com coragem e audácia pra fazer, o que vcs não fazem, porque sempre usam o termo bem que gostaria estar ai pra fazer algo em prol do B'nei;Mas te pergunto? Quando vc se encontrava aqui no Brasil? Porque não fez algo pelos B'nei ? Mas eu te respondo sabe porque ? Falta coragem audácia e da trabalho, tem mais vcs visam o lucro; Sabe porque o Mordechai é malhado, injuriado por vcs ele não visa lucros ,será que vcs está tão disposto como ele correr atrás, gastar o seu tempo indo atrás de circuncisão de graça pra quem não tem condições de pagar,e tem um imenso desejo de se circuncidar e não tem condições, pais que tem desejo de por o seus filhos na aliança e a si próprio,e não tem como fazer isso, que sonham em se converter e entrar pro povo de Israel ,a tão sonhada ida pra Israel, não tem condições, e tb falaste bem um cego sim ,que encontra o caminho no meio da escuridão, e encontra a saída, pra ajudar quem precisa sem levar vantagens é isso que mais perturba não é mesmo ,e te digo muito mais este cego encontra caminhos certos. Ah! Gostaria de saber se a FISBA é uma instituição pífia, tão irrelevante; Por que te incomoda tanto?"

Atualmente (2010/2011), Mordechai não utiliza mais o *Orkut*, pois disse que o site "acabou prejudicando minha imagem e atrapalhando a causa *anussim*. Por isso, criei um perfil da Fisba, para avisar sobre palestras, eventos e para moderar nossa comunidade".

Alguns judeus liberais tentam defender Mordechai e dizem que é necessário "ter pluralidade e não cair nesse radicalismo fundamentalista do *Chabad*, que só aumenta o preconceito". A relação de campo mostra que, em tal ocasião, é cômodo para os liberais utilizar os ataques contra os ditos *anussim* para mostrar sua abertura, em oposição ao "preconceito e ódio incentivado pelo *Chabad*". Podemos perceber aí um interesse, dentro do campo, entre agentes que ocupam posições diferentes, mas se juntam contra um inimigo em comum, no caso, ortodoxos que atacam outras formas de judaísmo.

Boa parte dos judeus que são contrários aos que se dizem *bnei anussim*, chamam esses de “AssembReiano” (com o R em caixa alta) e de “crentes travestidos de judeus”. O termo “AssembReiano” é muito recorrente, assim como “ex-pastor da AssembReia”, usado para se referir a Mordechai. De acordo com Bourdieu, a crítica sociológica submete conceitos lingüísticos a um tríplice deslocamento, substituído: a noção de gramaticalidade pela de aceitabilidade ou, se preferirmos, a noção de língua pela noção de língua legítima; as relações de força simbólica e, ao mesmo tempo, a questão do sentido do discurso pela questão do valor e do poder do discurso, ou seja, a competência lingüística por si só pelo capital simbólico, inseparável da posição do falante na estrutura social. (BOURDIEU, 1983, p. 157).

O “falar errado”, ou seja, sem respeitar regras gramaticais, caracteriza a ausência de capital cultural, tanto o que se adquire nas escolas, por meio da instrução formal, como aquele herdado da família. Essa noção da língua “ilegítima”, percebida por um *habitus* de classe-média judaico, é responsável por atribuir aos ditos *anussim* total desconhecimento, pobreza e falta de “bom gosto”. Por isso, a leitura feita por esse *habitus* é que os auto-intitulados *anussim* não podem ser judeus, nunca serão, pois não possuem a linguagem esperada de um judeu, nem a mínima erudição, seja a posição que o judeu estabelecido ocupe na estrutura do campo. Há também a associação do pertencimento ao pentecostalismo, visto como um signo de distinção negativo, à pobreza intelectual e material. Por isso, o termo “assembReiano”, pode ser considerado como a junção de dois fatores negativos: a língua ilegítima e uma religião considerada inferior, já que, na visão de alguns, é formada por pessoas desprovidas de capital cultural. Segundo o esquema de percepção dos agentes estabelecidos no campo, a ausência de escolaridade e cultura leva o indivíduo a optar pela Assembléia de Deus. O *habitus* da camada média não corresponde ao dos freqüentadores da instituição pentecostal, pois o pertencimento a tal igreja é considerado como um grande signo de distinção negativo, o que já estigmatiza o fiel como “crente, pobre e burro”, segundo mensagens postadas no próprio *Orkut*.

> “Porém, a preocupação com a língua, através da tendência para a hipercorreção, espécie de rigorismo que leva ao exagero com medo de não prestar suficiente atenção e a perseguir, em si e nos outros, as incorreções da linguagem (...) denota um típico hábito pequeno-burguês” (BOURDIEU, 2008, p. 310).

O ato de classificação de outrem também classifica, automaticamente, o classificador. Por isso, judeus de famílias com mais erudição e/ou ligados à academia, pediam, na rede de relacionamentos, para que os outros não usassem tais tipos de argumento, pois "passaria uma imagem extremamente negativa da comunidade judaica de São Paulo, que sempre se notabilizou por ser aberta e plural". Dessa forma, o preconceito lingüístico é encarado por agentes com maior capital cultural, como um signo de distinção negativo, muito pior do que o discurso lingüístico ilegítimo.

A vinda do *Rebe*

Por meio da Internet, os ditos *anussim* conheceram um homem de história curiosa: Paulo, analista de sistemas, 68 anos, e com um grande conhecimento sobre judaísmo. Na década de 80, Paulo, convencido de sua origem judaica, após ter estudado a religião por um bom tempo, em casa, decidiu freqüentar uma sinagoga ortodoxa *sefardita*, no bairro nobre dos Jardins. Simplesmente, conversou com o rabino e disse que estava afastado da religião e inventou um nome judaico. Disse que seus pais eram falecidos e que não possuía mais o comprovante rabínico do casamento deles. O rabino decidiu entrevistá-lo e ficou curioso a respeito do conhecimento que Paulo tinha sobre o judaísmo. Ele explicou que seu pai era neto de rabinos e havia ensinado muita coisa a ele, na infância. O rabino ficou convencido e aceitou que freqüentasse a sinagoga. Morador de Itaquera, Paulo não tinha condições de ir a todas as rezas, mas sempre freqüentava o *Arvit*, prece da noite, e participava dos estudos que ocorriam após o serviço religioso noturno. Também tinha presença assídua no *shabat*. Com o tempo, seu conhecimento sobre o judaísmo desenvolveu-se ainda mais e passou a estudar o *Talmud*, tal leitura é reservada somente a alunos com um conhecimento razoável de judaísmo, sendo considerado um estudo avançado. No final da década de 90, a comunidade sensibilizou-se com a distância que Paulo precisava percorrer, todos os dias, para chegar até a sinagoga. Um grupo decidiu ajudar, arranjando um emprego, bem-remunerado, em Higienópolis. Precisavam apenas de seus documentos para entregar ao empregador. Paulo, receoso de que descobrissem a verdade, negou-se a entregar, o que causou uma desconfiança geral. O rabino exigiu que ele entregasse seus documentos, Paulo atendeu ao pedido. Não foi preciso analisar muito para ver que a história contada era completamente forjada. Paulo foi expulso da sinagoga, apesar de

seus apelos junto ao rabino que o acolhera. Entretanto, toda a argumentação foi em vão. A decisão era irrevogável. Não é possível estimar, precisamente, a quantidade de anos que Paulo passou na sinagoga, pois ninguém fala sobre o assunto, nem mesmo Paulo gosta de relembrar a história. Entretanto, entrevistei um freqüentador da sinagoga que, após muita conversa, decidiu falar:

> "Olha, é uma questão difícil...Era uma pessoa boa, inteligente, com muita disciplina para estudar. Mas ele mentiu para o rabino, para todo mundo. Não tinha como continuar. Mas eu acho que ele é judeu. Depois fui ver o que era *anussim* e acredito na história dele. Ele errou, pois devia ter contado a verdade, mas também, se tivesse feito isso, talvez nem teria entrado aqui, pois os rabinos não aceitam isso. Para mim, deveriam aceitar esse pessoal que realmente é *anussim*. Algum rabino deveria trabalhar com eles, com o próprio Paulo. Deveriam retornar quem é *anussim*, mas acho que mesmo se fizesse isso, não teria como o Paulo voltar. Como dizem, não há clima para ele" (Bernardo, 62 anos, freqüentador da sinagoga ortodoxa *sefardita* e, eventualmente, do Beit *Chabad*).

Após sua conturbada saída, Paulo continuou a praticar o judaísmo, sozinho, em sua residência. Segundo ele, dedicava-se também a ler sobre a religião na Internet, o que o levou a descobrir o grupo que se afirma *anussim*, de São Mateus, e sua sinagoga. Entrou em contato com Mordechai e contou toda sua história. Prontamente foi aceito e muito bem-recebido pela comunidade. Afinal, um membro que fora, durante anos, freqüentador de uma sinagoga considerada oficial chegava com um grande capital simbólico. Por conta de seus estudos aprofundados no *Talmud*, dava palestras, aos domingos, à comunidade da *Beith* Israel. O capital religioso que havia acumulado, somado à importância que os ditos *anussim* atribuíam a ele, por ter sido membro de uma sinagoga estabelecida, fez com que recebesse o título de *Rebe*, ou seja, de grande rabino.

Com seu conhecimento de judaísmo, ajudou a formar quadros para a Fisba, pois muitos alunos eram de outras sinagogas filiadas à entidade, do interior do estado de São Paulo e também de outros locais do país. Os cursos de Torá e *Talmud*, ministrados por Paulo, foram muito importantes para uma padronização litúrgica, tanto dos fiéis da *Beith* Israel, como os de sinagogas ligadas à Fisba. Apesar do estatuto da instituição não impor o judaísmo ortodoxo como condição para entrada na Federação, o monopólio de formação religiosa em São Paulo, por meio dos cursos ministrados, foi importante para

a manutenção da estrutura institucional, antes do surgimento de dissidências motivadas por diversos motivos, como veremos em item posterior.

A presença de Paulo na comunidade de São Mateus foi fundamental para a formação religiosa de novos membros e também para angariar novos adeptos, já que seu capital simbólico transmitia grande legitimidade à instituição. Bourdieu afirma que, em muitos casos, a instituição transfere seu capital e sua importância ao clero. Nesse caso, o processo foi inverso, pois foi o capital simbólico e religioso do agente que aumentou o poder simbólico da instituição. O debate com membros da comunidade judaica "oficial" tomou um novo rumo, graças a sua capacidade argumentativa. Segundo Ingo Bergsson, ex-auxiliar de uma sinagoga *Chabad*, o estudo do *Talmud* aumenta o raciocínio e o poder de argumentação do indivíduo.

Quando os ditos *anussim* eram questionados acerca da possibilidade de provar a matrilinearidade judaica, por meio da apresentação de certificados rabínicos de casamento, respondiam que não possuíam tais papéis. Paulo inverteu o jogo, ao perguntar: "vocês têm?"

> "Eu sou rabino, cresci em uma família judia. Posso comprovar até certas gerações sim. Mas eu sempre soube que era judeu, não descobri depois com a idade". (Rabino Schlessinger, da CIP).

> "Pedir uma ketubá de casamento...bom, isso é....e quem garante isso? É uma forma de barrar o acesso, de desconsiderar tudo o que esses judeus sofreram. Quer saber, entendo eles sim, como vão ganhar uma alma se já possuem uma, como negar os antepassados? Pergunte para algum rabino se vai querer. Não acho que pedir ketubá possa valer alguma coisa. Ok é de praxe, mas isso garante mesmo? É uma questão muito complicada. Realmente, esse argumento (dos *anussim*) tem sua lógica. Acho que quando Mashiach vier ele sentirá pelo cheiro quem é ou não judeu. Muita gente pode cair do cavalo, por isso é melhor tratar bem as pessoas, ter consideração por elas, do que simplesmente bater a porta. Tome conta dos pobres, pois de lá sairá nossa futura liderança. A comunidade que despreza os pobres está condenada. Eu tenho atitudes de ajudar... um amigo meu, até então *goy*, descobriu ser anuss e estou dando uma orientação, ajudando, sabe, tem gente que olha torto o que faço, mas acredito que estou certo. O judaísmo é isso, estou seguindo a *Halachá*, tem que acolher o de fora, é uma *mitzvá*". (Rabino Nimoy, ortodoxo do Bom Retiro).

> "Bom argumento. As profecias dizem que quando Mashiach chegar, ele sentirá pelo cheiro quem é judeu ou não. Vai ver, todo esse tempo, eu e todo mundo aqui, achando que somos judeus, com barba grande, *kipá*, todos ortodoxos, descobriremos que não somos e aí teremos que nós converter. E eles, que hoje não são tidos como judeus, serão vistos como judeus verdadeiros pelo Mashiach e também aqueles que nem sabem de sua identidade judaica terão sua judaicidade atestadas pelo Mashiach" (Rabino Shatner, do Beit *Chabad*).

4. O campo religioso em São Mateus

Conforme indicado no segundo capítulo (p. 29 e 30) do trabalho, a Av. Mateo Bei constitui-se como uma grande *mancha* religiosa, ou seja, uma porção considerável do espaço urbano que se configura pela alta concentração de instituições religiosas, sendo usufruído por boa parte da população do bairro de São Mateus e do Carrãozinho, também na periferia de São Paulo. Em seu estudo sobre trânsito religioso, Ronaldo Almeida e Paula Montero (2001) analisam o fenômeno de migração do catolicismo para diversas religiões que se enquadram na categoria "evangélica". Os dados indicam que a maior parte desse trânsito se deu na periferia dos grandes centros urbanos (ALMEIDA E MAFRA, 2009).

> "Essa expansão neopentecostal, pentecostal, enfim, evangélica, é uma realidade. Cresceu, mas agora está estagnada, pois agora, pelo que percebo, em São Mateus, e estou aqui há seis anos, os evangélicos deixaram de tomar nossos fiéis e começaram a pegar um do outro. Hoje, calculo que cerca de 55% da população do bairro é católica, mas não atuante". (Padre Mauro, responsável pela Paróquia de São Mateus Apóstolo).

A observação do padre sobre o campo religioso de São Mateus confirma a tendência indicada por Almeida e Montero (2001). O número de igrejas neopentecostais e pentecostais é tão grande que foi necessário realizar um recorte, a fim de construir um campo que atendesse aos objetivos do trabalho e que também tornasse a etnografia possível, pois visitar todas as igrejas seria impossível. O campo religioso, no bairro, é extremamente complexo e plural, com a presença de diversos especialistas e a intensa briga por fiéis, a existência de inúmeras dissidências e "tradições inventadas" é usual. Afinal, a busca pela distinção é a principal estratégia dos especialistas do campo religioso para a conquista de novos adeptos e para a reprodução da instituição. Dessa forma, a escolha de determinadas igrejas em detrimento de outras foi baseada nos

presentes critérios: número de fiéis, tamanho do templo, grau de institucionalização, que implica maior número de pastores, obreiros, evangelizadores, estratégias de proselitismo, ou seja, participação ativa dentro do campo religioso e capacidade de publicização de suas ações no bairro de São Mateus.

Dessa forma, selecionei as seguintes instituições, sem contar a sinagoga Israel: Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Católica. Há um termo êmico, que ajudou a fazer tal recorte: os moradores da região usam a expressão "igreja de bairro", para se referir a uma igreja menor, que não tem sede própria e funciona em pequenos comércios (no período noturno) que emprestam, ou alugam seu espaço às igrejas. Já as igrejas maiores, que ficam localizadas na Avenida Mateo Bei, são chamadas simplesmente de igrejas. Essa distinção, realizada pelos próprios nativos, foi fundamental para construção do campo, pois ajudou a indicar as igrejas que realmente disputam a hegemonia no campo religioso de São Mateus e que são consideradas relevantes pelos moradores. Mesmo os freqüentadores de igrejas menores chamam suas denominações de "igreja de bairro", uma forma nativa de dizer que não freqüentam as igrejas mais conhecidas, que ficam na Av. Mateo Bei. As "de bairro" ficam nas ruas adjacentes, ou em pontos mais afastados da avenida, com fluxo menos intenso de pessoas e com menos visibilidade, já que não possuem placas, ou nada que identifique a presença de culto religioso. Até porque, muitas dessas igrejas são itinerantes. Logo, quando o proprietário deixa de emprestar o espaço, procuram outro local próximo para realizar suas atividades.

Não inclui outras religiões como, por exemplo, espiritismo kardecista e afro-brasileiras. Tal escolha deve-se ao fato de terem pouca relevância no campo religioso de São Mateus, de acordo com o recorte adotado por este trabalho. Apesar de participarem desse universo simbólico, a quantidade de adeptos dessas religiões, no local, é muito baixa e nenhum entrevistado pela pesquisa conhecia algum centro espírita ou terreiro. Descobri, posteriormente, pela Internet, a Sociedade Espírita Allan Kardec de São Mateus, que funciona em uma pequena casa. O telefone da entidade estava sempre desligado e não há qualquer indicação no local que se trata de um centro espírita. Já os questionamentos acerca dos terreiros no bairro geravam certo mal-estar. A maior parte dos moradores dizia que "nunca ouvi falar disso por aqui", ou "não sei se existe, pois sou de Deus e não procuro essas coisas". Até mesmo respostas como "por quê? tenho cara de macumbeiro?" e "você é macumbeiro? Quer saber de lugar para fazer coisa ruim?" apareceram durante a pesquisa. Logo, as religiões afro-brasileiras são

extremamente mal-vistas no bairro e, por conta disso, é muito difícil encontrá-las. Afinal, mesmo que alguém freqüente um terreiro, não irá comentar, já que as religiões afro-brasileiras são, tendo como base os entrevistados, mal vistas pelos moradores. Porém, é importante ressaltar que dentro do modelo de campo religioso teorizado por Max Weber, as religiões afro-brasileiras tem grande importância, pois o completam, assumindo a posição de feiticeiro, ou de uma instituição que, mesmo com uma estrutura dita sacerdotal, continua a atender os que a procuram com recursos mágicos (NEGRÃO, 1996). Mas não são somente as religiões afro-brasileiras que utilizam recursos mágicos não moralizados. Veremos que as instituições pentecostais e neopentecostais utilizam uma série de recursos que se encaixariam como mágicos, na perspectiva weberiana. Logo, a categoria de "feiticeiro" e de "empresa religiosa" são extremamente discutíveis, já que mesmo "institucionalizadas", as empresas religiosas empregam recursos mágicos, mas não se trata de uma questão a ser discutida neste trabalho. De qualquer forma, é importante salientar que a opção pela construção do campo religioso sem a presença de outras modalidades religiosas deve-se à ausência dessas na disputa simbólica no interior do campo, o que pode ser atestado pelos discursos dos especialistas religiosos de São Mateus, e pelo *circuito* religioso dos leigos, assim como seus discursos.

A maior parte dos ditos *anussim* é oriunda de igrejas pentecostais e neopentecostais, o que torna necessário uma análise desse trânsito peculiar, ou seja, do protestantismo ao judaísmo, e também tentar explicar a possível relação entre as duas religiões, suas semelhanças e diferenças, em uma tentativa de compreender o predomínio de membros de origem evangélica na sinagoga.

> "Sabe, era meio lógico que eu virasse pastor. Meu pai sempre foi pastor da Assembléia, me incentivou para eu seguir o caminho dele. E eu fiz, queria agradar minha família. Hoje eu me arrependo muito. Peço perdão a HaShem por ter participado daquele teatro. Igreja evangélica é tudo fraude, o pastor enriquece e o povo ali, pobre, sendo enganado. Minha dor era tão grande, que queimei todos os vídeos gravados em que realizei curas, milagres, etc. Era tudo mentira. Mas sabe por que a maior parte dos *anussim* veio de meio evangélico? Costumo dizer que há um DNA *anussim*, por isso, com tanta perseguição da Igreja Católica, o descendente de cristão-novo, acaba entrando na igreja evangélica, por ter esse medo do catolicismo, uma coisa marcada na alma. Sem contar que lá (protestantismo), é o mais próximo do judaísmo que ele pode ter, pois não tem imagem, ídolo, santos. É uma escolha que os *anussim* fazem para conseguir ficar, o mais próximo possível, da fé judaica. E entre catolicismo e protestantismo, o evangélico é o mais perto disso. Não é o ideal, claro.

> Mas sem conhecimento e com esse conflito de identidade, é a única opção". (Mordechai).

O líder religioso dos autodenominados *anussim* afirma que não possui mais "nada de cristianismo" e que se esqueceu completamente da vida no pentecostalismo. Reconhece que veio desse meio, por conta da influência da família, e ataca as igrejas evangélicas e suas "falcatruas para tirar dinheiro dos pobres". Por ter pertencido à burocracia religiosa da Assembléia de Deus, suas críticas sobre essa instituição ganham legitimidade, pois como pastor, na época, tinha contato com os agentes que ocupavam as posições mais altas na hierarquia da igreja e, por isso, segundo ele, tinha conhecimento do que era pedido pela direção da Assembléia. Além disso, Mordechai tenta naturalizar o fato de a maior parcela dos fiéis da *Beith* Israel ser de ex-evangélicos. Muitos judeus associam o passado de Mordechai à possibilidade de ele ainda ser um cristão que esteja tentando converter judeus, o que o faz receber a alcunha de "messigélico", sendo assim, sua tentativa de classificar o protestantismo como forma religiosa mais próxima ao judaísmo, pois, segundo ele, "a idolatria é menor do que na Igreja Católica", é uma estratégia para minimizar o estigma do passado protestante. Outro recurso utilizado por Mordechai é encarar o passado protestante como um traço de judaísmo, já que a pessoa decidiu seguir o que existia de mais próximo ao judaísmo, no mercado de bens religiosos, disponíveis, na época. Importante ressaltar que tais estratégias não são calculadas. São frutos do *habitus* peculiar de Mordechai, que incorporou e interpretou a história marrana e suas características de acordo com "filtros específicos", relacionados à sua trajetória no campo religioso. O processo de formação desse esquema de percepção, responsável pela visão acerca do trânsito religioso *anuss*, ainda recebeu influência das lutas existentes dentro da própria instituição, seja entre a burocracia religiosa, ou entre os leigos.

Mordechai afirma que nada mais tem de cristão, que seu passado como pastor foi enterrado completamente. Entretanto, muitas de suas ações e discursos, o jeito de falar com os fiéis, indica a permanência de uma parcela protestante em seu *habitus*. Não que exista qualquer referência, ou menção à figura de Jesus. Não se trata do conteúdo da mensagem religiosa, mas da forma como é expressa. O *habitus* é a incorporação de estruturas sociais, durante o processo de socialização do indivíduo, que recebe, sem consciência, leis tácitas de percepção e de prática. Logo, a maneira de agir e pregar revela a reminiscência de uma maneira de agir e expressar mais próxima à de pastores

evangélicos. Porém, muitas práticas associadas, pelo senso-comum, às religiões evangélicas também são encontradas na linha judaica ortodoxa *Beit Chabad*. Discutiremos, ao longo desse capítulo, práticas e discursos que indicam a presença da "Teologia da Prosperidade" no judaísmo.

Mas por que o pentecostalismo e/ou neopentecostalismo, com uma teologia tão adaptada às demandas das classes populares, deixa de ser interessante a alguns fiéis? E por que encontram no judaísmo um sistema de explicação coerente do mundo e um discurso que atende aos anseios dos moradores da periferia? O próprio espaço público é responsável por alguns desses casos, pois possibilitou a interação direta entre evangélicos, de diversas denominações, e os ditos *anussim*. Durante a realização de *trajetos* distintos, dependendo do agente em questão, na Avenida Mateo Bei, que concentra as grandes igrejas do bairro, houve o encontro e o estranhamento com o "outro". Como a avenida conta com uma quantidade considerável de linhas de ônibus, constitui-se como principal via de acesso para o deslocamento interbairros e intra-bairro, o que a torna ponto de passagem obrigatório para os moradores da região. Esse grande fluxo de pessoas possibilita o encontro com o "outro" e, dessa forma, descobrir sua existência.

> "Eu estava passando na Mateo Bei, apressado para ir ao culto da Assembléia, porque eu gosto de chegar cedo aos lugares. Aí eu vi um homem com uma roupa estranha, de capona preta, chapéu, rapaz, estranhei. Decidi perguntar o que ele era. Nunca tinha visto aquilo antes no bairro. Ele disse que era judeu, aí eu lembrei que era o povo santo da Bíblia. Fiquei curioso e comecei a conversar com ele. Aí me disse que Jesus não era nada, não uma coisa santa, que era um pecador. Rapaz, fiquei louco e fui pra cima dele, só não dei nele porque o pessoal da rua apartou. Mas aí ele começou a falar algumas coisas que mexeram comigo e disse que se eu tivesse alguma dúvida, para passar na Conêgo Dias, uma travessa da Mateo Bei. No outro dia, fui conversar com o Mordechai, aí então descobri que na verdade eu era judeu e não sabia. Tudo que eu acreditava era mentira. Aí comecei a freqüentar a sinagoga". (David, 53 anos, proprietário de uma fábrica de gesso no Carrãozinho, bairro próximo a São Mateus).

A história de Davi impressiona, pois foi convencido, segundo ele, em pouco tempo por Mordechai. É possível que haja certa ilusão biográfica nessa narrativa, ou seja, o processo de seleção e exclusão de trechos, conforme o agente idealiza a história, tornando-se biógrafo de sua própria vida, de acordo com o conceito bourdiesiano. Essa atitude de Mordechai é vista pela comunidade judaica como proselitismo, ou seja, algo proibido pela religião judaica. Porém, para o líder religioso, tal prática não pode ser

encarada como proselitista, pois, segundo ele, da mesma forma que os "judeus oficiais" buscam trazer os judeus afastado de volta à religião, ele tenta trazer os supostos *anussim* de volta ao judaísmo. O esquema de percepção do grupo, construído de acordo com sua visão sobre o marranismo, identifica o nordestino (caso de Davi), com determinado histórico familiar, costumes e sobrenome como um "*anussim* em potencial". Por isso, a *Beith* Israel também disputa os fiéis existentes no bairro, pois São Mateus é um reduto nordestino, o que torna a região em um espaço privilegiado para a descoberta de descendentes de cristãos-novos.

A vida de Davi, após o contato com Mordechai, sofreu uma grande transformação. Deixou de ir à Assembléia de Deus, aboliu a carne de porco de sua dieta, não abriu mais sua empresa durante o *shabat*, começou a usar a *kipá*, mesmo no ambiente de trabalho e na rua, e passou a freqüentar a sinagoga, sempre que possível. Sua família não aprovou a mudança e disse que ele estava "louco por ter largado Jesus" e ter começado a se comportar de maneira estranha. Apesar da pressão familiar, Davi decidiu manter sua religiosidade judaica. Sua esposa e os três filhos decidiram sair de casa, pois não concordavam com aquela mudança.

> "A valorização da escolha individual em oposição à atribuição da religião familiar se apresenta como um dos valores estruturantes da cosmologia moderna. (..) Essa nova postura gerou transformações nas regras de sociabilidade, evidenciadas nas celebrações, festas e rituais. Os conflitos se tornam mais evidentes quando as identidades religiosas – marcadamente exclusivistas – buscam ocupar novos espaços e marcar presença em celebrações, rituais e festas". (Gomes, 2006, p. 732 e 733)

A análise é extremamente precisa, ao identificar a tensão que passa a existir no núcleo familiar quando um de seus membros adota uma religião diferente. Principalmente, no caso do judaísmo, que rompe completamente com o cristianismo, pois nega a divindade de Jesus e tem um sistema de rezas e práticas distintas, que interferem na rotina do lar, por conta de mudanças expressivas na alimentação, como, por exemplo, a proibição de misturar carne com leite e a obrigação de manter louças separadas, uma para carne, outra para leite e seus derivados. Além disso, o uso da *kipá* no dia a dia causa estranhamento e rejeição por parte dos familiares. Sem contar o calendário litúrgico judaico, completamente distinto do cristão, obrigando os autodenominados *anussim* a se ausentar em diversas ocasiões e também a ausência do

agente nas festas religiosas de sua família, já que essas são consideradas como práticas idólatras, tornando impossível a participação do judeu nessas festas.

> "Minha vida mudou muito depois que eu voltei para HaShem, minha empresa melhorou, consegui uma residência melhor. Sou um homem mais feliz e me sinto bem aqui na sinagoga. É como uma família, fui bem acolhido. E olha que ainda não fiz o pacto (circuncisão). Estou bastante ansioso para fazer. Depois que fiquei sozinho, pensei e chorei muito, mas não por conta da minha família, mas do tempo todo que eu fiquei afastado de D-us". (Davi, membro da sinagoga)

Durante as visitas às igrejas, percebi a existência de um padrão, presente em maior ou menor grau: a existência de bens religiosos típicos, ou seja, oriundos da Torá - Antigo Testamento dos cristãos. Todas as igrejas possuíam *menorah*[73], de tamanhos variados, utilizavam palavras em hebraico durante os cultos e a Universal vendia *mezuzah*, para a proteção da casa de seus fiéis contra os "trabalhos e encostos". O fenômeno parece indicar uma "judaicização" do pentecostalismo/neopentecostalismo, com a incorporação de diversos bens simbólicos da religião judaica. Além disso, a maior parte dos versículos e histórias citadas nos cultos remetia às passagens do Antigo Testamento.

> "Por que nós usamos isso? Por que falamos em hebraico? O bispo Edir sempre pede para que a gente fale do povo de Israel, venda a *mezuza*h e *menorah*. Toda a Igreja Universal deve ter uma *menorah*. Isso o bispo Edir falou em um encontro de pastores. O hebraico é a língua em que Deus se comunicava com seu povo. E esse povo é o mesmo que está na Universal hoje. Ele é eleito. Então fazemos algumas orações em hebraico, para pedir diretamente ao Senhor que ele atue por meio de nós, realizando curas, retirando encostos, ou seja, derramando sua benção e vitórias". (Pastor Rômulo, da Igreja Universal do Reino de Deus).

Na primeira visita que fiz à igreja Universal de São Mateus, o culto da noite estava completamente lotado, com um número muito superior de pessoas do que o lugar realmente deveria comportar. Era uma terça-feira, dia da "Sessão do Descarrego". Os pastores tinham muito trabalho: retiravam encostos e pediam depoimentos aos fiéis sobre a transformação em sua vida, tanto àqueles que tiveram o encosto removido no mesmo dia, quanto àqueles que já participavam da "terapia espiritual" há mais tempo.

[73] Em hebraico: candelabro. Trata-se de um candelabro de sete braços, um dos principais símbolos do judaísmo. Simbolizaria os arbustos em chamas que Moisés encontrou no Monte Sinai.

Retornei no dia seguinte, à tarde, com a esperança de conseguir falar com o pastor. A igreja estava vazia e só então pude perceber que logo na entrada havia um baú para o depósito de donativos e um livro para escrever pedidos de ajuda. Havia também uma enorme cruz de madeira, para que os fiéis colassem pedidos de todos os tipos: busca por emprego, restauração do casamento, fim de vícios e curas para diversos problemas de saúde. Encontrei o pastor Romoaldo, 32 anos, ex-viciado em crack e cocaína. Há seis trabalha na Universal, mas estava no templo de São Mateus há apenas uma semana. Segundo ele, a região é estratégica para a Universal e a ida dele ao bairro foi uma ordem direta dos líderes da instituição. É considerado um pastor importante, pois já havia trabalhado na televisão e em rádio, apresentando programas da IURD. Romoaldo trajava roupa inteiramente branca, inclusive os sapatos. Perguntei-lhe o porquê.

> "Hoje teremos um momento muito importante na Igreja Universal que é a terapia espiritual, para a cura de todos os males: desemprego, doença, depressão, vícios, adultério, etc. Por isso, estou de branco, não sou médico. Mas não existe mal que Deus não possa curar e ele atua por meio de mim, sou um instrumento dele para ajudar a salvar esse povo sofrido de São Mateus" (Pastor Romoaldo).

Bourdieu coloca, em uma construção teórica, diversos agentes, de campos distintos, em um campo maior, que denomina de "campo da cura das almas". Logo, médicos, psicólogos, clérigos, psicanalistas, professores de esportes, de lutas marciais, assistentes sociais, todos fazem parte desse novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e da orientação da visão de mundo, e todos colocam em prática, em suas ações, definições concorrentes, antagônicas, da saúde, do tratamento, da cura dos corpos e das almas. Os agentes que estão em concorrência nesse campo têm em comum o fato de exercerem uma ação simbólica. Esforçam-se para manipular as visões de mundo, manipulando a estrutura da percepção do mundo. Todos os participantes desse campo que lutam para dizer como se deve ver o mundo são profissionais de uma forma de ação mágica, pois com palavras ao corpo, um "tocar" diferenciado, fazem com que se veja e se acredite, conseguindo, dessa maneira efeitos totalmente reais (BOURDIEU, 2004, p. 121 e 122). De acordo com o autor, no "campo da cura das almas", os agentes religiosos ocupam posição dominada. Entretanto, observa-se o inverso em São Mateus, pois pastores pertencem às posições mais elevadas nesse campo, contrariando o modelo teorizado por Bourdieu.

A inversão de posições, no modelo teórico boudiesiano, pode ser explicada pela questão dos especialistas religiosos atuarem em um bairro periférico, com postos de saúde lotados e sem médicos, segundo os moradores, com a total ausência do poder público em diversas áreas. É importante ressaltar que não se trata de uma relação mecânica e condicional, mas a falta de participantes no "campo de cura das almas" de São Mateus, facilita a ascensão dos especialistas religiosos. Afinal, não há tanta tensão nesse universo simbólico, justamente por não contar com tantos "competidores" no jogo. Logo, atingir a posição dominante torna-se um desafio mais simples, sem a competição acirrada com outros agentes presentes no modelo teórico bourdiesiano.

Os pastores, por meio de suas curas espirituais, ganham força no campo teorizado por Bourdieu, pois estão sempre à disposição da população, ouvindo seus dramas, dando sentido e esperança a problemas desconhecidos e, aparentemente, sem solução. Dessa forma, a instituição é extremamente capitalizada, tanto simbolicamente quanto economicamente, pois os agentes religiosos apresentam, pelo menos para os membros da IURD, maior presença em suas vidas e capacidade para diagnóstico e cura, independentemente da natureza do caso: econômica, clínica, psíquica e espiritual. A perda do monopólio de cura é representada pelo uso dos trajes brancos por pastores, já que o uso de tais trajes sempre foi associado aos profissionais da saúde. Entretanto, também devemos ressaltar que a cor branca tem grande importância na umbanda e que pela dinâmica do campo religioso, é possível que esse signo tenha sido incorporado, assim como outros, pela Universal.

> "A gente vê que aqui tem muitas igrejas evangélicas e poucas católicas. A Igreja Católica, com todos os benefícios governamentais, não se preocupa em abrir sedes aqui, querem os bairros ricos apenas. É só você ver por aqui e na zona leste toda. Agora, nós estamos em todos os lugares, pois ricos e pobres, todos tem problemas e precisam de ajuda. Nossa intenção é construir uma sede bem maior para São Mateus, pois estamos crescendo muito. Agora, tem muita igreja evangélica aqui, mas que quer saber de dançinha, musiquinha, de showzinho. Certo, aí o camarada está com um problema espiritual. Está com encosto e vão colocar para dançar? Outra coisa, desde quando isso é louvar o Senhor? Muita gente critica a Universal pelo dízimo. Agora eu te pergunto: como a gente ganha dinheiro se quem vem aqui é por que já não tem mais nada, tá desesperado, no fundo do poço. Outra coisa, o dinheiro que você dá para Universal, você recebe depois. É um investimento que você faz com Deus, para você. Pode demorar, mas uma hora a pessoa recebe aquilo dobrado, ou triplicado, ou até mais. Depende do sacrifício dela. Outra coisa, você tem que dar para receber. A regra é essa" (Pastor Romoaldo).

O argumento que une todos os pastores evangélicos entrevistados é a crítica contra o catolicismo, visto como uma religião voltada para os ricos, que não recebe os pobres, mas que conta com dinheiro do governo, por conta de isenções fiscais. Dessa forma, na luta dentro do campo religioso de São Mateus, praticamente todos os agentes do pólo evangélico unem suas forças contra a Igreja Católica. Quando o pastor menciona igrejas que promovem "dançinhas" e "musiquinha" está se referindo à Igreja Renascer em Cristo, que tem o maior templo no bairro, muito conhecido por ser um dos principais pontos de lazer com a "balada gospel". O ataque direcionado à Renascer é focado na ausência de um trabalho de "descarrego", para tirar encostos, demônios, exus, etc. Além da missa, com coral, música e espetáculo de dança ser considerada inadequada, pois não é o "louvor verdadeiro", nas palavras de Romoaldo.

Apesar de "não obrigar ninguém a pagar o dízimo", o pastor da Universal, durante o culto, não se cansa de ressaltar a importância de tal ato, "como ele transforma a vida da pessoa e traz vitórias". A questão do dízimo é utilizada por todas as instituições, incluindo a sinagoga *Beith* Israel, para atacar a Universal. Após diversas reportagens veiculadas pela Rede Globo sobre o bispo Edir Macedo, os agentes ganharam munição na disputa simbólica contra a IURD, citando casos de lavagem de dinheiro, charlatanismo, entre outros noticiados pela emissora.

O pastor Romaldo defende a Universal e diz que as críticas revelam a hipocrisia das outras igrejas, que também pedem o dízimo, mas que, diferentemente da IURD, não trazem nenhuma transformação à vida de seus fiéis. Durante a conversa com Romoaldo, percebi que todas as suas falas terminavam com uma palavra cortada pela metade, com um tom de interrogação. Reproduzo abaixo um trecho da entrevista com o pastor:

> - Por que as igrejas da região atacam a Universal?
>
> R: Veja, trata-se de uma forma deles tentarem nos atingir, porque nosso sucesso incomoda. A gente faz um trabalho diferenciado, uma terapia espiritual, trazendo vitória aos nossos fiéis. Eles cobram dízimo, mas não fazem nada. Ali, a pessoa dá, mas não recebe nada em troca. Eles ficam mais preocupados em falar para mulher usar roupa de um jeito, cabelo até a cintura, coisa de costumes, que não transforma a vida da pessoa em nada, uma coisa inútil. Você acha que eles vão receber lá alguém drogado, com roupas decotadas. Você acha que alguém que está derrotado vai se sentir acolhido lá? Mas isso tem uma explicação: a Bíblia diz que no final dos tempos apareceriam vários falsos pro.....(tom de pergunta)

> - fetas. Por que o senhor sempre termina suas frases com palavras cortadas, em um tom de pergunta?
>
> R: É porque a partir do momento em que você entrou por aquela porta, não importa se é para um trabalho de faculdade, ou qualquer coisa, você entrou em uma igreja em que Deus está presente. A sua cura começou quando você passou por aquela porta, por isso, você passa a conhecer os problemas, seja aqui do bairro, ou da sua própria vida. A prova disso é que você sempre sabe completar a frase. E isso é com todo mundo que vem aqui. É uma forma de mostrar à pessoa que a resposta para o sucesso, ou para o fracasso está dentro dela mesma. Cada um é responsável pelo seu próprio sucesso e pelo seu fraca....(tom de pergunta)
>
> - sso.
>
> R: Exato. Servir a Deus te leva ao caminho da vitória e da glória, para a prosperidade material e espiritual. Você vê que Deus já está atuando na sua vida, pois você já está tendo as respostas para as suas perguntas, para o que te causa angústia. Lógico que só isso não basta, você precisaria ir aos cultos, mudar e entregar sua vida ao Senhor, para realmente conseguir vitória.

Interessante como o recurso lingüístico adotado pela Universal lembra o método da maiêutica socrática, em que Sócrates levava seus interlocutores a conceber, a partir de suas próprias idéias, um novo tipo de conhecimento. Segundo o filósofo grego, o conhecimento é latente na mente de todos os homens. A IURD, ao que tudo indica, não se baseou na filosofia grega para que os fiéis conseguissem encontrar as respostas em si mesmos. Porém, essa estratégia da instituição é extremamente eficaz para envolver o interlocutor na doutrina da igreja e naturalizar o discurso da instituição. O conhecimento religioso, adquirido ao longo da trajetória dos fiéis, é incorporado na forma de *habitus*, que irá constituir esquemas de percepção acerca do mundo social e também da religião. A teoria *habermasiana* sobre a presença de racionalidade na ação argumentativa, leva em conta reações causadas por seu conteúdo semântico, as condições de validade e as razões que podem ser usadas para garantir a validade de emissões e a verdade existente em uma declaração. Essas considerações têm como objetivo tornar a racionalidade de uma manifestação suscetível à crítica e a fundamentação. A manifestação somente cumpre os pressupostos de racionalidade se apresentar-se como um saber relacionado ao mundo objetivo e sujeito ao debate, e para qualquer observador ou debatedor, o significado da mensagem deve ser o mesmo (HABERMAS, 1999).

Esse trabalho não pretende classificar a argumentação do pastor como possível razão comunicativa, pois se trata de uma análise extremamente complexa e discutível.

Entretanto, vale observar a presença de certas características presentes no modelo habermasiano: a pretensão de verdade, a ação voltada ao convencimento do interlocutor, a possibilidade de crítica ao discurso e, mais importante, a inteligibilidade da argumentação e sua capacidade de formar um consenso.

O processo argumentativo existente na IURD, por ser elaborado com base no conhecimento prévio do interlocutor, consegue boa inteligibilidade e capacidade consensual, aliás, ao completar o discurso, muitos interlocutores encaram o pressuposto como verdade, já que são responsáveis pela formação da totalidade da argumentação, principalmente no que diz respeito à semântica cognitiva. Além disso, o fiel pode criticar a igreja e a religião, dentro de certo limite, já que, segundo Romoaldo:

> "É importante o fiel perguntar, duvidar, pois ele já foi muito enganado e falam muita mentira de nós. Assim, ele percebe que realmente é verdade, que a Universal funciona e é aberta para todos que queiram buscar e batalhar pela vitória. Quando a pessoa pergunta, ela se convence da verdade. Quem não quer discutir (pastores de outras instituições), explicar os porquês é por que está mentindo, não fala o que é verdadeiro. Nós explicamos tudo o que fazemos e por que funciona" (Pastor Romoaldo).

Fui muito bem recebido na igreja Universal e o pastor disse que essa é uma política da igreja: conversar com todos, "pois quem não deve, não teme". Ainda afirmou que nenhuma outra instituição religiosa do bairro atender-me-ia, pois não tem a "postura aberta e transparente" da IURD. No campo religioso de São Mateus, ao que tudo indica, dar uma entrevista a um trabalho acadêmico é algo valorizado pelos agentes, tanto que pastores e fiéis comentavam que a "igreja vai estar numa reportagem", por mais que explicasse que não se tratava da produção de material jornalístico. Dessa forma, nenhum dos pastores recusou-se a falar sobre sua instituição e o bairro de São Mateus. A experiência da burocracia religiosa da Universal na área da televisão e rádio ajudou a incorporar técnicas corporais e expressivas, que se constituíram em um *habitus* preparado a lidar com entrevistas e os mais diversos tipos de questionamento.

Pela entrevista realizada, pode-se afirmar que o maior inimigo da Universal no campo religioso de São Mateus é a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo ex-bispo Valdemiro Santiago, conhecido atualmente como Apóstolo Valdemiro Santiago. Trata-se de uma instituição muito semelhante, no que tange às práticas religiosas, à IURD. Segundo Romoaldo, o Apóstolo Santiago foi expulso pelo bispo Edir Macedo, por desvios de dinheiro e também pelo envolvimento com Satanás. "Eles tentam imitar

tanto a gente que abriram uma igreja na mesma quadra. São falsos e imitadores, além de servirem ao demônio". Quando questionado sobre a presença do judaísmo no bairro, Romoaldo é enfático:

> "Ouvi comentários a respeito desse grupo em uma reportagem da Folha. Não sei de nada, pois nós não lemos esse jornal aqui. Ele está mancomunado com a rede Globo para tentar destruir a Universal. Eles sempre colocam coisas ruins para prejudicar os verdadeiros servos de Deus. Então, eu falo para todos os membros da igreja, assistam somente à TV Record e leiam a Folha Universal. Não vai ler outro jornal, pois só encontrará mentira e manipulação e é isso que eles querem. Agora, esse pessoal aqui. O cara saiu de uma igreja picareta (Assembléia) e aí funda um templo que nega Jesus Cristo? Isso é uma coisa óbvia: obra de Satanás! E ainda tem gente idiota que vai atrás disso. Se teve fiel que saiu daqui? Não sei se teve, para seguir isso, é por que não teve fé para esperar a recompensa do Senhor e aí caiu em uma promessa fácil do demônio. Bem que a palavra sagrada do Senhor alerta que virão muitos falsos profetas. Olha eles aí". (Pastor Romoaldo).

Os termos "falso profeta" e "servo do demônio" são os mais utilizados, pelas igrejas evangélicas, para se referir aos ditos *anussim*. Interessante notar que a recomendação de não assistir a certos canais e não ler outro jornal, que não seja a *Folha Universal*, garante um monopólio de significação do mundo à IURD, garantindo uma reprodução eficaz de sua teologia e a capacidade de fazer ver e crer. O capital midiático da instituição garante não só a vinda de novos fiéis, mas também a manutenção dos membros atuais da igreja. A posse de diversos meios de comunicação é um dos principais recursos estratégicos da instituição na disputa existente no campo e responsável pela força e repercussão de seu discurso religioso.

> "Eu era da Universal, mas não me sentia bem lá. Não sei, mas os irmãos não têm união. Sem contar que o pessoal ria de mim e sempre me pegavam muito dinheiro. O pessoal me deixava isolado. A única coisa que prestou na Universal foi ter conhecido minha mulher, que era obreira, na época. Eu tava meio desiludido com essas histórias de religião. Até que um dia um vizinho meu tava de *kipá*, eu nem imaginava o que era aquilo. Ele explicou dizendo que descobriu que era descendente de judeu e que estava freqüentando uma sinagoga. Eu queria ir, pois pelo que ele me falou, eu vi que também era um. Ele disse que o rabino não deixava qualquer um entrar, mas mesmo assim eu fui. O rabino disse que eu não deveria ir, pois eu era cristão, e tinha que seguir meu rumo, mas eu me interessei e peguei os livros do meu amigo e fiquei cercando. Uma hora o rabino deixou eu freqüentar, fez perguntas sobre a minha família, sobre como eram as coisas na minha casa. Aí ele disse que eu era *anussim*. Falou da circuncisão e eu disse

> que eu tinha feito quando operei a fimose. Aí foi só tirar uma gotinha de sangue e tava feito o pacto. A partir daí eu senti que minha vida tava mudando, que eu ia prosperar. Eu tinha um pacto com HaShem". (Esdras, 32 anos, morador de Guaianase (zona leste de São Paulo), servente de pedreiro, freqüentador da sinagoga *Beith* Israel e ex-fiel da IURD).

É possível perceber a existência de certas práticas e discursos ligados a um *habitus* tipicamente neopentecostal, não apenas na fala de Esdras, mas de muitos fiéis da sinagoga, o que é explicado pela maior parte de seu processo de incorporação de estruturas/conhecimento religioso ter ocorrido em igrejas evangélicas. Dessa forma, termos comuns em denominações cristãs e incomuns no universo judaico estabelecido como, por exemplo, "irmãos", fazem parte do repertório de boa parte dos que se afirmam *anussim*, dado sua longa trajetória no cristianismo. Tais signos, negativados no processo de interação com o judaísmo "oficial", ainda estão presentes no *habitus* dos judeus *outsiders.*

A maior parte dos membros da sinagoga *Beith* Israel destaca a importância da realização do pacto com D-us e como ele tem uma influência decisiva na transformação da vida da pessoa. A prosperidade e proteção são sempre citadas como conseqüências da realização do *brit milá*, pois, segundo muitos fiéis, o retorno à religião de seus ancestrais, a verdadeira, é garantia de bênçãos e solução para os problemas enfrentados no cotidiano. Desde que sejam cumpridos os mandamentos, na visão dos ditos *anussim*, a realização do pacto garante a transformação da vida material e espiritual.

Na perspectiva weberiana, as transformações econômicas correlatas à urbanização possibilitaram a existência de profissões com relativa independência das condições da natureza e, por isso mesmo, permitiram o desenvolvimento do individualismo intelectual e espiritual, favorecendo a "racionalização e moralização das necessidades religiosas". O autor destaca que a constituição da cidade teve um papel decisivo no processo que levou o judaísmo em direção ao monoteísmo: o processo de urbanização suscitou novos interesses religiosos nos grupos leigos, que não se contentavam com a diversidade de cultos com respostas ambíguas e enigmáticas de unificação dos cultos judaicos. O contexto foi importante para o processo de "concentração" das empresas de salvação, hierarquizando o sacerdócio, e a racionalização da religião que relacionou o cumprimento dos mandamentos divinos à esperança de uma vida melhor.

O ritual da circuncisão pode ser encarado como uma conseqüência do processo de racionalização religiosa do judaísmo. Entretanto, em São Mateus, a aliança com D-us, por meio do *brit milá*, parece ter uma forte ligação com um componente mágico, já que a entrada para o povo "eleito" significa uma transformação imediata na vida da pessoa. Dessa forma, a demanda pela prosperidade, tão almejada pelas classes populares, é parcialmente alcançada pela realização de uma cerimônia que, no esquema de percepção dos membros da sinagoga *Beith* Israel, traz soluções aos problemas vividos pelos fiéis. Segundo Weber, a prática mágica caracteriza-se pela busca de objetivos específicos, de maneira imediata, em oposição aos mais abstratos e distas que seriam os da religião. Entretanto, vale ressaltar que o cumprimento das *mitzvot* é encarado pelo grupo como essencial para a obtenção da graça divina, já que a *dádiva* alcançada por meio da circuncisão implica o cumprimento de diversos mandamentos. Sendo assim, há também uma presença forte da "racionalidade religiosa", que se dá pelo processo de sistematização e de moralização das práticas (WEBER, 2004). Pelos dados obtidos nas idas a campo, é possível afirmar que, no campo religioso de São Mateus, o pacto de sangue tem uma importância simbólica considerável, já que une aspectos mágicos e também moralizadores da vivência religiosa. Logo, essa prática tem uma função estratégica importante para a instituição religiosa, pois o discurso da "aliança verdadeira" é muito valorizado e consegue atrair/manter novos adeptos. Tal trunfo é indispensável à "sobrevivência" da sinagoga em um espaço simbólico marcado por competições acirradas com instituições religiosas que contam com mais recursos econômicos e de publicização (espaço na mídia).

Imagem 7: Igreja Universal do Reino de Deus, na Avenida Mateo Bei, em São Mateus. Foto retirada do Google Street View[74].

Na mesma calçada da Igreja Universal, a poucos metros de distância, fica a sede da Igreja Mundial do Poder de Deus. O templo é simples, com cadeiras de plástico e um altar modesto, que conta com um sistema de som com poucas caixas acústicas. Uma obreira explica que a sede é relativamente nova e que a Mundial pretende melhorar a estrutura do local. Centenas de latas de óleo estavam empilhadas, de frente ao altar, assim como a presença de centenas de papeletas em forma de chave, com uma oração. Explicaram-me que se tratava de um óleo santo, ungido pelo pastor e que a chave era um "projeto feito com o Senhor, para ter a graça da casa própria e sair do aluguel". Ambos os itens eram vendidos após os cultos, ou distribuídos aos fiéis que pagavam o dízimo regularmente. Entretanto, alguns fiéis sem condições financeiras, ou recém-chegados à instituição, recebiam os objetos gratuitamente, mas eram alertados sobre a necessidade de pagar o dízimo para a concretização da prosperidade e cura.

O horário do culto da noite, às 19h30, é praticamente o mesmo para todas as igrejas da região. Pude constatar que a presença de fiéis nos cultos noturnos era maior na IMPD - Igreja Mundial do Poder de Deus do que nas outras instituições selecionadas

[74] Os pastores pediram para não tirar foto das igrejas, para os fies "não estranharem", mas autorizaram a reprodução de fotos existentes na Internet.

no processo de construção do campo religioso de São Mateus. Porém, em alguns dias da semana, o número de fiéis da IURD era maior, principalmente às terças-feiras, na "Sessão do Descarrego". Logo, a temática do culto também é um fator considerável para o deslocamento do fiel até o templo. Afinal, o horário é complicado para muitos que trabalham fora da zona leste e dependem do transporte público:

> "Por mim, iria todos os dias, mas não dá por causa do trabalho. Então tem que dar prioridade para um culto. E eu acho que o mais forte, o que dá mais resultado é o da terça-feira. Então, eu falo com meu patrão para sair às 17h na terça e compensar outro dia. Aí consigo chegar aqui (São Mateus) lá por umas 19h e consigo preencher minha folha (ver abaixo), entregar ao pastor e participar. Geralmente, eu folgo nas sextas, aí vou ao culto tranqüilo. Mas durante a semana, preciso dar um jeito para ir ao culto". (Josivaldo, 43 anos, morador de São Mateus e garçom em um restaurante da zona sul da cidade).

Imagem 8: Folheto da "Sessão do Descarrego", distribuído na Igreja Universal de São Mateus.

Antes do início do culto na Mundial, obreiros ficavam do lado de fora, na calçada, convidando os passantes a entrar na igreja e distribuindo o jornal *Fé Mundial – A boa notícia*, com tiragem mensal de 500 mil exemplares. O principal tema do jornal e do culto era a cura. Tanto o pastor quanto o periódico da igreja exaltam as curas realizadas na Mundial e como isso comprovava que "aquela era realmente a igreja de Deus e que os pastores são seus servos diretos". Problemas de ordem econômica como, por exemplo, desemprego e pobreza também são relacionados à categoria doença e passíveis de serem curados por meio da ação divina. Em trecho anterior, relacionei a idéia do campo de cura das almas, idealizado por Bourdieu, e a situação da saúde no bairro de São Mateus. Acredito que essa interpretação, utilizada para explicar o uso dos trajes brancos do pastor da Universal, também pode ajudar a entender a atração que a igreja exerce sobre os leigos ao abordar a temática da cura.

Em um campo de cura das almas (ver pág. 82), como proposto por Bourdieu, cuja ausência de médicos é notória, os agentes que promovem outras explicações e possibilidades de tratamento para uma enfermidade, ganham legitimidade e respeito dos consumidores de bens simbólicos desse universo específico. Dessa forma, ao acolher pessoas que não possuem assistência médica, os pastores ascendem de posição na estrutura do campo de cura das almas, pois passam a impor sistemas de significação e explicação para problemas. Esses esquemas de percepção são validados pela crença dos consumidores nesses bens simbólicos. O ganho de capital simbólico nesse campo maior tem impacto considerável em um mais restrito: o campo religioso de São Mateus.

Dessa forma, a estratégia da Mundial é extremamente eficaz na conquista de fiéis e na luta pela hegemonia simbólica no campo. O apelo aos relatos de curas pode ser encarado como uma tentativa de estabelecer um monopólio do serviço religioso legítimo, ou seja, uma instituição, cujo clero tem exclusividade no contato com o sagrado e na mediação entre a divindade e os leigos. Durante o culto, o pastor perguntou se havia alguém presente que pudesse relatar um caso de cura, muitos levantaram a mão, e o pastor escolheu uma senhora sentada próxima ao púlpito:

> "Estava com câncer no intestino e o médico disse que já tinha espalhado pelo corpo todo. Ele me desenganou, disse que não adiantava mais e que se eu tomasse uma química forte (quimioterapia), poderia ter mais seis meses de vida. Eu não aceitei, pois se o remédio do homem não cura, o de Deus cura. Vi o programa da televisão, todos aqueles milagres e comecei a vir aqui, tem seis meses. Peguei os resultados dos exames e está tudo limpo. Olha aqui,

> pastor, tá tudo nesses papéis. O câncer sumiu. Esses médicos não sabem do poder de Deus, eles não têm explicação para o que aconteceu comigo. Mas eu sei o porquê, é que eu encontrei Jesus nesse ministério e esses pastores que são abençoados, verdadeiros homens do Senhor".

O conteúdo dos programas televisivos da Igreja Mundial do Poder de Deus, que aluga 22 horas do Canal 21, do Grupo Bandeirantes, é composto basicamente por casos de cura de enfermidades e recuperação financeira. O jornal é ainda mais focado na questão dos milagres na área da saúde e na divulgação de notícias da igreja como, por exemplo, a abertura de templos em outros países, acontecimentos nas igrejas de outros estados, lista de endereço de igrejas, evangelização carcerária e a briga com a justiça para conseguir o alvará de funcionamento na sede central da IMPD, no bairro do Brás, região central de São Paulo. Há até mesmo uma seção de cartas para pedir soluções para problemas e a divulgação de um "Disk-Oração" 24 horas, chamado de "Plantão Espiritual".

Após o culto, um obreiro distribuía jornais aos fiéis que chegaram durante o culto e aos passantes. Perguntei-lhe o que achava da presença de tantas igrejas evangélicas no bairro, ao que respondeu:

> "Rapaz, São Mateus é um bairro abençoado. Não tem bairro melhor que esse. Vou te falar, vai ter uma hora que tudo isso aqui (imóveis da Av. Mateo Bei) vai ser só igreja evangélica. Isso mostra que o bairro está com a presença de Deus, que as coisas estão melhorando. Antes de entrar aqui, eu era da Universal, sabe? Mas lá as coisas não davam certo e me tomavam muito dinheiro, eles pediam demais, mais do que o dízimo. Aí eu vim pra cá tem um ano. Minha vida melhorou demais, agora minha mulher também tá vindo, comecei a trabalhar como obreiro e estou só vendo prosperidade. Meus filhos tão indo bem nos estudos, consegui comprar um carro. Só glória. Agora, você precisa ir na sede da Mundial, lá no Brás, e conhecer o Apóstolo. É benção na hora, aí se você conseguir pegar uma toalhinha com o suor dele, você passa no corpo, ou em alguém da sua família, que cura doença e também traz muita prosperidade". (Sr. José, 43 anos, pintor e morador de São Mateus).

As críticas em relação à Universal, principal rival da IMPD, também estão presentes no jornal da instituição. De maneira indireta, em seus textos, o periódico refere-se a "uma igreja que pede mais do que a pessoa pode dar". Em um caso específico, relata a história de uma fiel que "deu tudo o que tinha", mas não alcançou a cura. Apenas conseguiu a transformação após chegar à Mundial e ter contato com o

Apóstolo Santiago. A prática de distribuir toalhas com o suor do bispo que, na visão da igreja, são capazes de curar enfermidades e trazer bênçãos é extremamente criticada pela Universal.

> "Eles falam da gente, porque pedimos dízimo, como se eles não fizessem a mesma coisa. Copiam tudo o que a gente faz. Mas aqui ninguém fica idolatrando o Edir Macedo. Você já viu alguém com toalhinha do bispo Edir? Dizendo que ele cura? Uma coisa é você ser usado como instrumento de Deus, outra é querer ser um falso profeta e afirmar que pode curar sozinho. Isso é uma tremenda de uma idolatria. Ninguém aqui adora falsos ídolos. Só falta os caras ajoelharem para o Santiago. Não duvido que tenha gente que faça isso" (Pastor Romoaldo, da IURD).

Segundo o pastor Régis, responsável pela igreja Mundial em São Mateus, a instituição tem o objetivo de salvar almas e na periferia, segundo ele, há mais gente que necessita de atenção e cuidados. Em sua visão, a Igreja Católica tem presença mais marcada na região central, pois se interessa apenas pelo dinheiro e não na salvação. Para ele, a instituição católica tem muito mais recursos para estabelecer-se em regiões mais nobres, "pois conta com a ajuda do governo, que dá incentivo fiscal". O representante da IMPD afirma que a igreja evangélica tem a obrigação de transformar ex-traficantes, ex-drogados e melhorar a condição de vida dos pobres e que, para isso, necessita do dízimo, pois "Deus só liberta e dá bênçãos se a pessoa acredita na promessa divina e a prova disso é ser dizimista".

> "Temos muita coisa do Antigo Testamento. O candelabro de sete hastes (*menorah*) representa as sete manifestações do Espírito Santo[75]. O óleo ungido aqui é transformado é santificado. A mesma coisa com a chave para a casa própria. Mas é preciso contribuir, dar a Deus para receber em troca. A Bíblia diz isso. Agora, aqui tem muita igreja evangélica, sim. Mas há respeito, não tem competição por fiéis, a briga é contra o inimigo comum: o diabo. A verdadeira igreja evangélica é unida". (Pastor Régis, da IMPD).

De acordo com a análise bourdiesiana, o acordo entre a lógica de um campo e as disposições que suscita e supõe faz com que tudo que possa ser encarado como arbitrário seja mascarado com as aparências da evidência intemporal e universal (BOURDIEU, 2005, p.65). Logo, é de interesse dos dominantes no campo que as regras

[75] No cristianismo, os Sete Dons do Espírito Santo são os valores que são procurados no culto ao Espírito Santo. São encarados de maneira distinta, conforme cada vertente cristã.

e visões estabelecidas sejam encaradas como naturais e também negar a existência de qualquer luta interna para a subversão simbólica e, conseqüentemente, de posições na estrutura. Dessa forma, a burocracia da IMPD assume sua condição de dominante dentro do campo religioso de São Mateus e rechaça a existência de lutas para conseguir mais fiéis e também para implantar novos sistemas de significação religiosa, estabelecendo-se como uma das instituições que tem o poder simbólico de fazer ver e crer, ou seja, de doxificar determinada visão de mundo. O inimigo em comum é o diabo, segundo a visão da igreja, já que para manter sua posição é necessário naturalizar as regras vigentes e fazer "desaparecer" o conflito entre instituições no mercado de bens religiosos.

Quanto aos ditos *anussim*, a Mundial adota postura cautelosa em relação ao movimento e impõe seu esquema de percepção próprio como critério de classificação para definir quem é judeu.

> "Acho isso realmente estranho. Se saiu de um lugar para formar uma coisa nova, é uma seita desunida. O verdadeiro judeu é que ele que acredita em Cristo. Esses de São Mateus não são verdadeiros, pois negam Jesus. Qualquer um que negue Jesus não é verdadeiro". (Pastor Régis).

Interessante ressaltar a presença da ilusão biográfica ao criticar os que se dizem *anussim*, por terem saído de instituições evangélicas, já que a própria Mundial é uma dissidência da IURD. Um caso de reconstrução da trajetória por parte do agente, a fim de recriar sua origem como sendo pura e desvinculada de qualquer passado religioso distinto.

Na frente da sede da Mundial, do outro lado da avenida, fica a Igreja Renascer em Cristo. É a que possui a maior área na região e é conhecida no bairro por promover a balada *gospel*, que atrai muitos jovens, aos sábados. O pastor João, um dos responsáveis pela instituição em São Mateus, mora há 21 nos no bairro. Segundo ele, é "espantoso ver como o número de igrejas evangélicas cresceu em São Mateus". Filho de católicos praticantes, converteu-se em 2001. Segundo ele, vivia uma vida de vícios e pecado, "com jogo, cigarro e bebida". Para o pastor, é normal a presença de igrejas evangélicas no bairro.

> "Acho ótimo ter igreja evangélica aqui. Antes tinha pouco, mas agora não para de crescer. Traz mais gente para Jesus. A carência do povo

> aqui é muito grande. Quanto mais igreja, menos problema e miséria no bairro. Aqui as igrejas fazem um trabalho evangelizador, humanitário, de ajuda em favelas. Sem contar que tem muito fiel de outras igrejas que vem até aqui, somos convidados a pregar em igrejas "de bairro", fazemos aliança na Marcha para Jesus. Temos um trabalho conjunto. Uma boa relação com as outras igrejas, pois queremos a restauração de vida, conquista e prosperidade para São Mateus". (Pastor João, Igreja Renascer).

O comentário do pastor chama a atenção para um fenômeno importante que foi apreendido durante o trabalho etnográfico. Tanto na Assembléia de Deus, como na Renascer, nas igrejas "de bairro", assim como os próprios agentes que se afirmam *anussim* (antes de assumirem sua identidade judaica) e seus familiares há um deslocamento entre igrejas, ao mesmo tempo. Almeida e Montero (2001) relatam o trânsito do catolicismo para o protestantismo. Em São Mateus, é possível observar outro tipo de trânsito religioso: a participação em mais de uma igreja evangélica, em dias diferentes da semana, mantendo vínculo com mais de uma instituição. É muito comum freqüentar uma igreja "de bairro" e uma da Mateo Bei. Em alguns casos, tal trânsito "inter-igrejas"[76] se dá por conta da dinâmica familiar. No caso da Renascer, por exemplo, há muitos jovens que freqüentam a igreja e levam os pais para assistir aos cultos, assim como o inverso também ocorre. Entretanto, há fiéis que adotam tal prática baseada em outra lógica, que não a da família:

> "Sabe moço, vi você aqui na Assembleia. É a sua primeira vez? Ah, que bom! Então, queria te convidar para ir a outro ministério, da Assembleia também, mas "de bairro", que fica lá perto da minha casa. É só ir até o final da Mateo Bei e pegar o sentido de quem vai ao Jardim Tietê. É na segunda rua à direita. Eu vou em três igrejas, na Congregação e nas Assembleias. Eu te aconselho a fazer o mesmo. Porque se a gente vai a uma só, não tem tanta benção. O bom de ir em mais de uma é que você tem mais prosperidade, é mais garantido você receber as coisas de Deus. Sem contar que você conhece mais irmãos. É uma coisa ótima". (Neide, 47 anos, moradora do bairro de São Mateus).

O convite não foi feito apenas a mim. Após o culto, Ivanete convidou pessoas a ir à outra igreja, mas longe do pastor, para que ele não soubesse da situação. Além dela, outra senhora convidava algumas pessoas para ir a uma igreja "de bairro". A escolha

[76] Utilizo o conceito de trânsito religioso, neste caso, de uma maneira distinta da proposta por Montero e Almeida (2001). Trata-se de um trânsito intermitente, ou seja, uma circulação contínua de agentes por instituições religiosas diferentes.

dos convidados não era aleatória. Ao que tudo indica, eram selecionadas pessoas que não tinham uma grande freqüência na congregação e também aquelas que não eram muito próximas ao pastor. De maneira geral, tratavam-se dos leigos com menos capital simbólico dentro da instituição. Muitos dos ditos *anussim* declararam que antes de "retornar" ao judaísmo, tinham a prática de ir a diversas igrejas:

> "Antes de conhecer minha história, fiquei pulando muito de igreja evangélica. Eu ia à Universal e também à Assembleia. Mas não acontecia nada na minha vida, eu dava dízimo que nem um idiota, para as duas! E nunca tive prosperidade nenhuma. Fui obreiro e estava estudando para ser pastor e essa teologia da prosperidade é uma mentira. Sempre passei dificuldades. Até que uma hora, quando conheci o Mordechai e soube que era *anussim*, comecei a largar essas coisas de cristianismo. Quando larguei totalmente essa desgraça e comecei a seguir o judaísmo ortodoxo mesmo, comendo *kasher*, estudando a Torá, aí eu comecei a ver prosperidade. Todo mundo aqui foi enganado por igreja evangélica. O único que fica próspero é o pastor, que rouba os pobres na maior cara de pau. Teologia da prosperidade é palhaçada. Só seguindo o judaísmo é que existe prosperidade verdadeira". (Daniel, 45 anos, identifica-se como *anussim* há cerca de dois anos).

Não é possível afirmar que isso indique um processo de "falência" da Teologia da Prosperidade, pois uma análise da atual situação dessa doutrina necessitaria de muitos dados empíricos, de um extenso trabalho de campo e de uma pesquisa completamente voltada a esse tema. Entretanto, é possível observar uma insatisfação de parte do clero com as explicações e promessas da Teologia da Prosperidade, não apenas por parte dos autodenominados *anussim*, mas também dos fiéis que afirmam que "não é garantido ir somente a uma igreja, precisa freqüentar mais de uma para ter bênçãos". Se há a necessidade de procurar a prosperidade em mais de uma instituição, pode ser um indicativo de desilusão com essa doutrina tão disseminada nas igrejas neopentecostais e algumas denominações pentecostais, como a Assembléia, por exemplo.

A prática do trânsito "inter-igrejas" é observada em praticamente todas as instituições selecionadas na construção do campo religioso de São Mateus. Tanto que os pastores criticam esse deslocamento dos fiéis, pois o enxergam como um grande erro. Logo, a preocupação da burocracia religiosa sustenta a hipótese da existência desse fenômeno.

> "Isso é uma coisa completamente absurda. Quem faz isso não tem fé verdadeira e é muito pior para a pessoa, pois acaba ouvindo muita

> coisa, faz uma mistura, não absorve os ensinamentos de Jesus e se confunde toda. Aí depois vem reclamar que aqui não funciona. Lógico que não vai funcionar, indo a um monte de igreja, sem se concentrar na palavra que a gente passa, no que a gente ensina, sem acreditar na própria fé e no próprio Senhor, como quer que funcione? Aí não dá!" (Pastor Romoaldo, da IURD).

> "Sempre falo que fiel é aquele que vira membro da nossa igreja e só da nossa, porque esse negócio de ir a mais de uma confunde a cabeça da pessoa. Ela não consegue se dedicar direito a sua fé, não consegue ser um dizimista fiel, ou seja, não tem fé no que tá fazendo. Aí depois não pode reclamar que a prosperidade e a cura não vieram". (Pastor Régis, da IMPD).

> "Tem alguns evangélicos no nosso coral e a gente faz uma festa de Natal e eles participam. Tem outras datas que eles também participam, tocam, rezam, mas nunca os vi participar de missa normal, receber sacramentos. Nem poderia por conta do Código Canônico, mas eles participam de festas sim" (Padre Mauro, da Igreja Católica de São Mateus Apóstolo).

> "Acho complexa essa coisa do fiel ir a outras igrejas. É um direito dele, mas acho que a pessoa deve seguir somente um ministério, pois senão pode se confundir. É muita informação. Sem contar que quando você divide sua fé, não consegue dedicar-se totalmente. Quando você freqüenta mais de uma igreja, não consegue seguir nenhuma direito. Então é melhor ficar em uma só, desde que seja evangélica, claro e fazer o seu melhor. Lógico que nós pastores, vamos a outros ministérios, visitamos. Mas aí é uma questão do nosso trabalho. Temos que manter uma boa relação com outras igrejas" (Pastor Hernanes, da Assembléia de Deus).

Há uma preocupação da burocracia religiosa com relação a esse trânsito não controlado dos fiéis, que resulta em uma participação institucional múltipla o que, na visão do clero, enfraquece o laço do fiel com a igreja e causa "uma confusão" com os ensinamentos teológicos recebidos, além do fato do fiel não alcançar a prosperidade por conta da "divisão da fé". Não se trata somente de temer a possibilidade de perder fiéis para outra igreja, mas também de contar com um clero fracionado, ligado a diversas instituições, o que pode suscitar o aparecimento de demandas muito diversas, impedindo a oferta de distintos sistemas de significação do mundo e também de bens simbólicos que atendam necessidades cada vez mais diferenciadas e múltiplas.

Esse fenômeno parece indicar uma insatisfação de parte do clero que não consegue alcançar a promessa da Teologia da Prosperidade e, por isso, começa a buscá-la em diversos locais, ao mesmo tempo. Também é importante ressaltar que o pertencimento a mais de uma instituição permite, segundo os fiéis entrevistados,

“conhecer mais irmãos”. Trata-se de uma forma de ampliar a rede de sociabilidade do indivíduo. Na periferia, há laços importantes com a família e os moradores do *pedaço*. Entrar para uma igreja é uma forma de ampliar a rede, ingressar em mais de uma instituição significa, em tese, acumular mais capital relacional e encontrar mais parceiros para eventuais trocas no contexto da *dádiva maussiana*.

O capital relacional, ou seja, o número de vínculos quem o agente mantém com outros e também a força dessas ligações são de grande importância para conseguir informações sobre empregos, possibilidades de negócio, de relacionamentos, etc. Logo, oportunidades que implicam maior acumulação de capital simbólico e também econômico, ambos fundamentais na formação do capital global do agente e, portanto, em seu posicionamento na estrutura social. Dessa maneira, pertencer a mais de uma instituição religiosa pode significar perda de capital religioso dentro da igreja, porém, pode permitir a obtenção de maior capital relacional e, conseqüentemente, ascensão a um *locus* mais elevado na chamada “sociedade maior”.

No caso dos ditos *anussim*, qualquer atividade em outra instituição religiosa é terminantemente proibida. Porém, no caso de uma visita a uma sinagoga do circuito oficial, trata-se de um meio de conseguir capital simbólico dentro do universo *anuss*, já que o capital religioso acumulado permitiu ser aceito momentaneamente (assistir a uma reza, por exemplo) no eixo dominante do campo judaico. Aquele que consegue tal feito é extremamente valorizado, pois mostra, indiretamente, que seu conhecimento de judaísmo é elevado e permite acesso ao pólo estabelecido. Porém, a ida a qualquer instituição cristã é punida com a expulsão da sinagoga. Além disso, visitar sinagogas *anussim* rivais, ou seja, não federadas à Fisba, também implica expulsão.

A igreja Renascer vê esse fluxo religioso com bons olhos, pois a maior parte de seus fiéis é jovem e costumam levar os pais ao culto, assim como o contrário também ocorre. Porém, a instituição não reprime os que freqüentam outras igrejas, pois seria uma forma de causar tensão familiar e, talvez, até mesmo a proibição, por parte dos pais, de participar dos cultos da Renascer.

> “Gostamos muito que os pais, mesmo que freqüentem outras igrejas, venham assistir a um culto nosso. Porque aí eles vêem que aqui é um bom lugar, que o filho está com boas companhias, recebendo ensinamentos cristãos, longe da droga e em um ambiente evangélico. Isso é ótimo, pois aí o próprio pai também pode começar a freqüentar, e mesmo que não deixe sua igreja, vai incentivar o filho a continuar vindo aqui. Eles percebem que aqui é um lugar onde o filho vai

> encontrar a prosperidade. A Teologia da Prosperidade é uma coisa que funciona aqui, pois sou o maior exemplo, era viciado em bebida, jogo e hoje as pessoas vêem que sou abençoado, que fui transformado. O pai quer isso para o filho" (Pastor João, da Igreja Renascer em Cristo).

Segundo o pastor da Renascer, a igreja tem muita preocupação com o jovem e a questão do lazer no bairro. Para ele, o baile funk e outros tipos de festas degradam a juventude, tanto física quanto mentalmente. Por isso, a iniciativa de promover a balada *gospel*, uma forma de combater os "lugares de perdição", de acordo com a visão da instituição. Outra política do clero é incentivar o jovem a estudar e conseguir um emprego, por meio da sociabilidade formada dentro da igreja. Por meio dessa lógica, a instituição consegue ter êxito em seu processo de reprodução, mantendo os fiéis e conquistando novos.

Nos cultos, os jovens são os primeiros a chegar. Ficam conversando em volta da loja da igreja, que vende camisetas, acessórios, CDs e DVDs *gospel*, ou na porta de entrada. O culto tem início com a apresentação de música ao vivo, acompanhada por um grupo de dança da igreja. Os jovens ficam sempre acomodados nas cadeiras à direita, tendo o púlpito como referencial. Segundo o pastor, trata-se "do canto deles, onde sempre tem uma bagunça, mas é um lugar que eles se sentem bem". Durante as apresentações musicais, os jovens imitam as coreografias do grupo de dança e dão bastante risada. Segundo eles, "o legal da Renascer é que não é só o culto e o louvor, mas também tem diversão, a gente zoa e dá muita risada, faz amigos. É muito louco".

Os outros freqüentadores assistem às apresentações de pé, mas não se manifestam, no máximo, tentam acompanhar o canto. A música é intercalada com as pregações do pastor, o que é bem encarado pelos jovens, pois "não torna o culto chato". Sendo assim, fica claro que o alvo da Renascer é realmente o jovem, já que o formato cerimonial é "do jeito que eles gostam", afirma o pastor João. Não havia sessões de descarrego, ou manifestações de entidades durante o culto.

> "Aqui a gente não faz como a Universal e a Mundial, de ficar forçando a pessoa a ter encosto. Acho que isso é forçar um pouco a barra. Nem todo mundo está possuído. Claro que se estiver, eu e os outros pastores, como homens de Deus, temos o poder de expulsar Satanás, mas acho que as outras igrejas acabam forçando uma situação. Tem que reprimir o demônio se ele estiver presente, não ficar chamando-o para aparecer" (Pastor João, da Renascer).

A crítica às práticas das igrejas dominantes no campo religioso de São Mateus pode ser entendida segundo o *habitus* da burocracia da Renascer. Trata-se de uma instituição que tem uma estratégia mais voltada à juventude que, por sua vez, tem outras demandas e também formas de ver os problemas diferentes dos leigos da Universal e Mundial. Sendo assim, o sistema de significação e percepção de mundo dos pastores dessa denominação é mais voltado às práticas evangelizadoras ligadas ao contexto da festa/lazer. Sem contar que o grande "demônio" citado nos cultos é a droga e a bebida, pois "podem levar o jovem ao caminho errado". Seu *habitus* dominado critica o "encosto" como explicação para os problemas, assim como a prática de exorcismo, segundo o pastor, sem necessidade. Sua tentativa de imposição de mundo é distinta das demais instituições justamente pela posição que ocupa dentro do campo.

Assim como as outras igrejas analisadas, a Renascer também tem forte apelo ao Antigo Testamento e bens simbólicos como a *menorah*.

> "O homem cristão conheceu Jesus, mas não conheceu Deus. Os hebreus já tinham fé em um Deus invisível, a fé era até maior. Então, nós queremos mostrar que o nosso Deus é esse, o do impossível, a pessoa passa por privações, mas o Senhor está agindo na vida dela. Quando a gente lê e fala do Antigo Testamento no culto, o fiel aprende que Deus é capaz de tudo, de abrir o mar, de derrubar muralhas. Isso reforça a fé do povo. É esse Deus que a pessoa quer e esse é o Deus verdadeiro" (Pastor João, da Renascer).

Podemos afirmar que a Renascer também tem a mesma visão da figura divina que as outras instituições: uma divindade forte, guerreira, sempre presente e atuante na vida do fiel, capaz dos feitos considerados impossíveis. Na fala do pastor, o "fiel deseja esse Deus". Logo, a instituição ao trabalhar sua teologia seguindo o Antigo Testamento atende à demanda de um público que tem interesse em um Deus onipotente e que atua no mundo. Tanto que há candelabros de sete velas e também lenços e pingentes com a estrela de Davi à venda na loja da igreja. Incorporar esses bens simbólicos, até então exclusivos do judaísmo e ressignificá-los, faz parte de uma importante estratégia das instituições religiosas do bairro de São Mateus para adequar sua produção de discursos e significados à demanda dos leigos da região, principalmente no que concerne à prosperidade e à transformação de vida.

O pastor mostrou estranhamento com relação à presença judaica no bairro:

> "Olha, acho isso de sinagoga meio estranho. Você sair de uma igreja evangélica e virar outra coisa? Mas se ele teve essa visão divina, para recuperar o povo judeu, quem sou eu para falar? Talvez, Deus tenha dado a ele a missão de resgatar parte do povo eleito. Mas ao mesmo tempo, como homem de Deus, tenho uma preocupação: como um homem que teve uma formação cristã deixa tudo isso de lado e afirma que Cristo não existe? Desculpa, mas isso é Satanás. Uma pessoa de Deus não vai deixar de reconhecer o filho" (Pastor João, da Renascer).

Apesar de acreditar na possibilidade de "missão" de Mordechai, o pastor não hesita em atacar a iniciativa dos que se intitulam *anussim* como obra de Satanás, assim como os outros líderes religiosos entrevistados. O trânsito religioso de um cristão para o judaísmo é encarado como algo impossível para os evangélicos, pois "aquele que conheceu a palavra, não pode negá-la, a menos que seja um falso profeta". O padrão existente nas afirmações dos pastores revela um traço característico de muitos moradores do bairro: a dicotomia em relação à presença do judaísmo. Ao mesmo tempo em que vêem os judeus como um povo santo e admiram sua presença, ou encaram-na como sinal de prosperidade no bairro, também os encaram como um povo "ruim", pois não aceitam Jesus Cristo. Logo, há a presença sempre constante da "judeolatria", como os ditos *anussim* se referem ao fato dos cristãos adorarem o povo judeu, e o preconceito e ódio, em alguns casos, por não aceitarem a figura de Jesus. O isolamento do grupo (durante certo tempo no bairro) e "as portas fechadas aos curiosos", aumentou o anti-semitismo em relação aos autodenominados *bnei anussim*, segundo Mordechai e fiéis da sinagoga.

Imagem 9: Igreja Renascer em Cristo. Foto retirada do Google Street View.

A Assembléia de Deus, do Ministério Madureira, tem o maior templo do bairro, com tamanho comparável ao da Renascer. Nas visitas à igreja, o número de fiéis mostrou-se bem baixo, contrastando com a grande capacidade de público. Durante à tarde, há cultos ministrados por obreiras e/ou fiéis que tenham um capital simbólico considerável dentro da instituição. A presença durante o culto da tarde é majoritariamente feminina. À noite, a presença é maior e o culto é conduzido por um pastor.

> "Essa iniciativa nossa de ter culto à tarde é uma coisa só da Assembléia. Fazemos isso, mesmo sabendo que vem pouca gente. É um horário que o homem não pode vir, porque está no trabalho. Mas a dona de casa vem e isso é muito importante para formar e fortalecer um lar cristão. Tanto que deixamos as obreiras conduzirem a cerimônia para ter essa intimidade maior com a mulher. Coisas que elas entendem, entre elas, principalmente assuntos de casamento, vida amorosa, educação dos filhos. Enfim, problemas que mexem mais com as mulheres. Aqui não tem tanta gente durante a semana, pois a maior parte dos nossos fiéis, graças a Deus, trabalha muito, tem uma vida próspera por conta do trabalho. Mas final de semana sempre lota, sexta à noite também" (Pastor Osmar, da Assembléia de Deus, Ministério Madureira).

A maior parte das mulheres entrevistadas aprova a iniciativa de um culto ministrado por obreiras e o atendimento individual, com aconselhamento, após a cerimônia. Interessante que essa prática mais descentralizada da condução ritual, ou seja, a ausência de pastores e a permissão às obreiras ministrarem o culto, possibilita certos discursos e interpretações que, muitas vezes, são divergentes à teologia estabelecida pelo clero da instituição. No final do culto da tarde, os poucos fiéis devem se ajoelhar na frente do palco e receber uma benção das obreiras, ou se necessário, ser exorcizado. Uma obreira que tocou minha cabeça e proferiu uma benção, disse-me após o fim da cerimônia:

> "Senti que Deus tem um plano novo para sua vida. Você perdeu alguma coisa lá atrás, sofreu, mas Jesus vai restaurar isso agora. Não sei te dizer o que é exatamente, mas foi alguma coisa que você perdeu e agora Jesus na sua vida vai te ajudar a encontrar novamente. Glória, Soberano!" (Eliane, 28 anos, obreira da Assembléia).

Não se trata de uma prática usual dessa instituição pentecostal, já que não faz parte da teologia considerada oficial da Assembléia de Deus. Entretanto, a função

exercida por essas obreiras e suas ações, não implica necessariamente a ameaça do fim do monopólio de gestão dos bens religiosos por parte dos membros que ocupam os cargos mais altos no clero. É possível que a presença e discurso das obreiras sejam necessários à sobrevivência da instituição no campo religioso de São Mateus. Afinal, o discurso voltado às mulheres é importante para a reprodução religiosa no núcleo familiar e atende a uma demanda específica. Além disso, os comentários a respeito do planejamento divino também respondem a anseios dos fiéis. Dessa forma, a instituição religiosa consegue estabelecer seu corpo de leigos tanto pela teologia considerada oficial, baseada em uma visão econômica e racionalizada da fé, assim como pelas práticas dos obreiros que atendem a interesses mais imediatistas e oferecem explicações mais simples.

> "A verdade da empresa religiosa é a de ter duas verdades: a verdade econômica e a verdade religiosa, que a recusa. Logo, para descrever cada prática, seria preciso utilizar duas palavras: apostolado/marketing, fiéis/clientes, serviço sagrado/trabalho assalariado, etc. O discurso religioso que acompanha a prática é parte integrante da economia das práticas como economia dos bens simbólicos" (Bourdieu, 2007, p. 185).

O fato de dar certa liberdade ao baixo clero, também pode ser encarado como uma forma de "deixá-los entrar no jogo". Assim, participarão com mais vontade e não pouparão esforços para fazer grandes investimentos simbólicos na instituição, seja por meio da apresentação de cultos especiais, no período da tarde, ou no aconselhamento ao público. Entretanto, a burocracia religiosa ainda usa meios para marcar sua autoridade e o monopólio da gestão de bens simbólicos.

> "Acho muito importante que as irmãs ministrem o culto e até mesmo exorcizem. Afinal, qualquer irmão, ou irmã, com fé é capaz de combater o demônio, pois ele reconhece na pessoa a autoridade de Jesus Cristo. Mas é claro que se o caso é mais grave, deve passar por um pastor, que tem mais experiência e responsabilidade para expulsar o que há de ruim na pessoa. Então, elas não substituem nosso trabalho. Elas tem a parte delas, que é importante, mas o nosso trabalho como pastor é fundamental para evangelização, passar os valores cristãos essenciais e também comandar batismos, exorcismos e também comandar o processo de cura espiritual" (Pastor Osmar, da Assembléia).

A argumentação do pastor deixa claro que há diversas práticas dentro da instituição que só podem ser realizadas pela burocracia religiosa, que detém o

monopólio de produção de bens religiosos e da criação de sentido para o mundo. Com essas restrições, o "alto clero" mantém sua posição de domínio e as regras do jogo permanecem inalteradas, com o esquema de percepção imposto pela burocracia sendo aceito como o correto e natural. Interessante ressaltar que o pastor sempre prega a igualdade entre irmãos, até mesmo na capacidade de "repreender o demônio". De acordo com a perspectiva bourdiesiana, o ato de tratar os outros como "irmãos" é colocar entre parênteses a dimensão econômica e simbólica da relação, a fim de eufemizar as relações sociais. Não se trata apenas de eufemizar as diferenças sociais existentes na sociedade maior, mas também a situação de desigualdade simbólica no interior da instituição religiosa.

O pastor criticou Mordechai e outros por deixarem a Assembléia de Deus e afirmarem ser descendentes de judeus. Segundo ele, há dissidências dentro da Assembléia como, por exemplo, o Ministério Madureira e o Ministério Belém, mas todas as seitas mantêm-se no cristianismo. Além disso, declarou que a sinagoga pode atrair cristãos para um caminho errado, "pois não há Jesus". Apesar das críticas à comunidade dita *anuss*, os pastores e obreiros usam muitos termos em hebraico durante os cultos. Algumas rezas, a invocação dos nomes de D-us no judaísmo como, por exemplo, *Adonai*, *Elohim*, *Kadosh*. Durante o culto, é possível ouvir a expressão *Baruch Ata Adonai*[77] por diversas vezes.

Em conversas com fiéis da sinagoga, muitos afirmaram que seu desligamento da Assembléia era recente, ou seja, após a sinagoga ter estado lá. Eliahu, 39 anos, casado, era obreiro da Assembléia de Deus e em seu trajeto para chegar à igreja, sempre passava pela sinagoga. A casa, que contava apenas com um letreiro em hebraico, escrito *Beith* Israel, nunca havia chamado sua atenção. Até que um dia, um *banner* anunciando curso de hebraico e cultura judaica chamou sua atenção.

[77] Em hebraico: Abençoado o Criador.

Imagem 10: Fachada da sinagoga com o banner anunciando cursos

Decidiu assistir à palestra gratuita e percebeu que poderia conhecer mais sobre a Bíblia, história do povo judeu e aprender hebraico. Eliahu, até então obreiro, tinha intenção de fazer o curso de teologia e tornar-se pastor e pensou que as aulas poderiam ajudá-lo a "subir de posto" na igreja. Entretanto, após algumas semanas de curso, sua fé cristã começou a ser abalada.

> "Eu comecei a ler mais e vi que Cristo não poderia ser o Messias, por uma série de razões. Aí comecei a perguntar para o Mordechai sobre ele e o grupo. Aí ele me explicou o que era *bnei anussim*. Percebi que eu também era um, pela história da minha família e até por sempre ter detestado idolatria, já era um ranço que eu tinha de igreja católica. Aí ficou aquela coisa complicada, eu ia ganhar dinheiro, virar pastor. Ter uma vida melhor, mas vi o exemplo do Mordechai que largou tudo o que tinha para servir HaShem. Conversei com minha mulher e ela disse que eu estava louco, que fizeram lavagem cerebral em mim. Contei a história dos cristãos-novos e expliquei que ela também era descendente de marranos. Ela não aceitou. Levei-a para conhecer o rabino, aí foi que aconteceu a revelação" (Eliahu, membro da sinagoga *Beith* Israel e ex-obreiro da Assembléia).

Convencido da judaicidade de sua esposa Lia, levou-a até o culto. Segundo Mordechai e Eliahu, ela começou a gritar com os dois e, de repente, caiu em transe e começou a falar em hebraico. Mordechai então ouviu o clamor do espírito. Tratava-se de uma ancestral de Lia que implorava o perdão por ter se convertido ao catolicismo, o que trouxe desgraça a sua descendência, pois se perderam do judaísmo. A alma implorava que Lia fosse aceita de volta, pois só assim o espírito poderia descansar no

reino divino. O episódio deixou Mordechai extremamente impressionado, pois "nunca tinha visto isso no judaísmo. Só em igreja evangélica, mas isso existe no judaísmo também". Apesar da fala do líder religioso, dificilmente Mordechai teve contato com a bibliografia sobre possessão no judaísmo. Logo, teve uma percepção protestante acerca do fenômeno, pois seu *habitus* estava acostumado a esses tipos de evento.

É possível classificar o episódio como um caso de glossolalia religiosa, em que o fiel e o líder religioso acreditam que o som emitido trata-se de uma língua desconhecida, às vezes de origem divina, ou demoníaca, e que o falante não consegue reproduzir após ter saído do estado de *transe*. Afinal, a mulher possuía um *habitus* protestante, já acostumado a esse tipo de episódio e Mordechai, mesmo vivendo uma religiosidade judaica ortodoxa, teve boa parte de sua socialização no pentecostalismo, ou seja, há reminiscências protestantes em seu *habitus*. Dessa forma, pode-se entender a explicação dos agentes sobre o fato como resultado de esquemas de percepção protestantes, dado o processo de incorporação de estruturas de significado por qual ambos passaram na mesma instituição cristã.

O ex-auxiliar de rabino, de formação *Chabad*, Ingo Bergson, afirma que a possessão também ocorre no judaísmo:

> "Quando estava estudando na *yeshivá* de Nova York, comprei um livro chamado *Dybbuk*[78], não é a peça de teatro, não. Mas um tratado judaico medieval sobre a questão da possessão por espíritos bons e ruins. Muitos rabinos acreditam nisso, apesar de negarem quando perguntados, por ser uma visão meio mística e pelo fato do livro não ser considerado sagrado no judaísmo. Entretanto, tem uma passagem no *Talmud* que cita trechos desse livro, o que dá validade. É o seguinte, HaShem proíbe o homem de se comunicar com os mortos, mas não o contrário. Os espíritos maus, muito ligados a vícios humanos não conseguem ir ao *Olam Rabá*[79] e ficam aqui vagando. O *Talmud* diz que o sono é um momento perigoso, pois se está muito perto da morte. Além disso, o chassídismo acredita que a alma sai do corpo à noite e vaga, ficando apenas 1/60 do espírito da pessoa no corpo. Dessa forma, é o horário perfeito para um espírito entrar em um hospedeiro. Por isso, tantas rezas à noite, para afastar esses maus espíritos do corpo. O espírito, de acordo com os relatos medievais, saía do corpo após conseguir o que queria, ou era necessário um tipo de exorcismo. O fato é que essa prática não é mais usual no judaísmo. Mas foi durante a Idade Média e muitos rabinos ainda acreditam nisso. Isso é possível de acontecer no judaísmo, por tudo que está relatado no *Dybbuk*. Mas não acho que ele (Mordechai) saiba disso. Sem

[78] Em hebraico: espíritos bons ou ruins que possuem o corpo.
[79] Em hebraico: mundo vindouro. O termo pode ser entendido como o reino dos Céus, a morada dos bons após a morte.

> desprezar o conhecimento dele, isso só é ensinado em *yeshivá*, não é algo de fácil acesso." (Ingo, ex-auxiliar de uma sinagoga *Chabad*).

Após a revelação, Eliahu conversou com outros antigos irmãos de fé, que julgava serem *anussim*, e conseguiu atrair mais adeptos à sinagoga. Mordechai continuou ministrando seus cursos, pois, segundo ele, era uma boa oportunidade para ganhar dinheiro e manter a sinagoga, além de conseguir "resgatar" aqueles cuja origem e história remontavam ao marranismo.

> "Não faço proselitismo. Engraçado isso, tá cheio de rabino de Higienópolis, Bom Retiro que dá curso de religião, ou hebraico para *goy* e ninguém fala nada. Aí eu dou e sou apedrejado e taxado de proselitista. Só eles podem dar curso, agora? Outra coisa, não fico fazendo a cabeça de ninguém. Ensino o que está programado no conteúdo e se alguém me faz perguntas, não me nego a respondê-las. Tem gente que descobre que é *anussim*, conversa comigo e pede para entrar. Se eu verificar que realmente tem origem judia, não vou negar. Mas tem muitos que são *anussim*, sabem disso, e continuam evangélicos. Não forço ninguém a entrar, tem várias pessoas da Assembléia e de outras igrejas "de bairro" que fizeram curso aqui, fiz até amizade com eles e continuam evangélicos" (Mordechai).

Dessa forma, é compreensível que a sinagoga *Beith* Israel tenha incomodado o pastor Osmar, da Assembléia de Deus, pois alguns de seus fiéis, até mesmo obreiros importantes, deixaram a instituição e migraram para o judaísmo, levando com eles mulher e filhos. Mesmo que a perda não tenha sido tão expressiva numericamente, do ponto de vista simbólico, essa conquista de fiéis pode ser considera uma vitória dos ditos *anussim*, já que não contam com recursos como *sites* elaborados na Internet, nem horário televisivo, jornal, etc. Ou seja, não possuem as mesmas ferramentas que as outras instituições participantes no campo, mas, mesmo assim, possuem suas estratégias para subverter a relação de forças estabelecida nesse universo simbólico.

Dessa forma, os cursos culturais são a grande porta de entrada para o judaísmo no campo religioso de São Mateus. A maior parte dos novos membros, assim como dos mais antigos, é de ex-evangélicos, o que é bem visto por Mordechai.

> "Vou ser sincero. É muito melhor pegar um *bnei anussim* que tenha saído de igreja evangélica do que um católico. A disciplina do evangélico é maior e ele sabe da importância do dízimo, o que é importante para nós, pois o pessoal não contribui para a sinagoga. Todos somos pobres aqui, mas os *anussim* tem que entender que vivemos em comunidade, precisamos de recursos para manter a

> sinagoga. Mas até evangélico é complicado de contribuir, porque eles saem tão traumatizados com os roubos dos pastores que não querem mais ajudar com dinheiro. Vai ver eles tem medo de perder tudo de novo. Entendo eles, mas eles também tem que entender o lado da comunidade como um todo" (Mordechai).

A questão do pagamento das mensalidades, cujo valor varia entre trinta a sessenta reais, à instituição é um dos entraves para a sinagoga. A maior parte dos fiéis é extremamente decepcionada com a dita Teologia da Prosperidade, pois acreditam que "isso só serve para o enriquecimento do pastor", o que é ilícito, segundo a visão dos que se afirmam *anussim*. A confiança que os fiéis depositam em Mordechai deve-se principalmente pelo fato do líder religioso ter sido um pastor evangélico bem-sucedido que deixou a carreira e o dinheiro de lado para seguir o judaísmo. Portanto, o que no campo judaico é considerado uma mácula em sua biografia, no campo religioso de São Mateus é algo extremamente valorizado. Segundo Eliahu, "o sacrifício e a renúncia material mostram que a fé dele é verdadeira e que suas intenções são *kasher*. Ele poderia ser rico, mas preferiu a pobreza". Dessa forma, a passagem de Mordechai pelo pentecostalismo e sua revolta contra a instituição cristã e as brigas que teve com o clero evangélico consolidam sua posição de líder dentro da *Beith* Israel, pois aumenta seu *carisma* e a imagem de confiança e honestidade.

Muitos ditos *anussim* afirmaram que houve melhora em suas vidas e que passaram a ser mais prósperos. Essa "melhoria de vida" pode ser lida sob a ótica da prosperidade. Afinal, os fiéis da *Beith* Israel comentam que passaram a ganhar mais, que a vida financeira mudou, discurso que também é apregoado pelo líder religioso. Mordechai afirma que após a descoberta do passado judaico e o cumprimento dos mandamentos divinos, a pessoa passa a viver melhor, em diversos aspectos, pois "voltou para o caminho de HaShem e seus mandamentos". Entretanto, esse discurso convive também com um sistema de explicação para a posição que os autodenominados *anussim* ocupam no espaço social.

> "Em outras palavras, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos" (BOURDIEU, 2005, p. 33 e 34).

É importante ressaltar que, apesar da frustração com a dita "Teologia da Prosperidade", nas instituições neopentecostais, os autodenominados *anussim* continuaram a perseguir a prosperidade, encontrado-a, segundo eles, no judaísmo. De certa forma, podemos considerar esse fenômeno como uma "evangelização do judaísmo". Há uma interpretação específica do judaísmo por parte dos ditos *anussim*, já que esquemas de percepção pentecostais/neopentecostais são constituintes de seus *habitus*.

A preocupação com bens materiais e os meios de obter a dita prosperidade são, principalmente, encontrados em instituições de orientação pentecostal/neopentecostal. Porém, deve-se frisar que o judaísmo dito oficial também incorporou, de maneira específica, certos discursos atribuídos à dita "Teologia da Prosperidade". Durante o trabalho etnográfico, presenciei rabinos afirmarem que o uso da barba melhora os negócios, que se "D-us te deu um bom ano, com dinheiro, deve-se gastar indo a Jerusalém, para continuar recebendo *berachot*[80]". Outros insistiam para que os jovens usassem o *tefilin*, a fim de ficarem como os homens com maior capital econômico na sinagoga.

> "Esse discurso de cumprir *mitzvot* para receber benção tem em várias sinagogas. É algo do tipo: 'cumpra uma *mitzvá* e receba em troca de HaShem'. Sem contar as bênçãos que eram prometidas se a pessoa fizesse *teshuvá*. Eu acreditava nisso. Quando trabalhava em sinagoga, como assistente, seguia tudo a risca e falavam que D-us me daria um bom emprego em uma sinagoga, que era questão de tempo e eu faria um bom casamento. Mas realmente batem muito nessa tecla de aproximar-se do judaísmo, voltar a praticar *mitzvot* e melhorar a vida, ser feliz, etc. O *Chabad* principalmente". (Ingo Bergson, ex-assistente em sinagoga ortodoxa *Chabad*).

Como explicar a incorporação de algo que se pressupõe alheio ao judaísmo? Apesar de o judaísmo considerar-se uma religião não proselitista e não ser aberta a não-judeus[81], as instituições religiosas judaicas participam do campo religioso maior, ou seja, estão inseridas em uma esfera que conta com agentes e instituições muito distintos, que produzem bens simbólicos, à princípio, não pertencentes ao judaísmo. Porém, a própria inserção em campo, ou seja, o pertencimento a esse universo simbólico implica entrar em contato com outros agentes e disputar espaço nessa esfera. Logo, a interação

[80] Em hebraico, bênçãos.
[81] Há convertidos em sinagogas ortodoxas e liberais, além de não-judeus que são autorizados, por rabinos, a freqüentar as rezas. Porém, são poucos casos.

que existe no jogo é responsável pela incorporação, não-consciente, de estratégias de lutas de outros jogadores, a fim de atender a demanda de seus próprios leigos. A existência de ferramentas simbólicas, oriundas da dita "teologia da prosperidade", mas úteis aos especialistas religiosos judaicos, são adaptadas ao discurso litúrgico oficial da instituição, a fim de sua própria reprodução e de seu corpo burocrático. Dessa forma, o fenômeno da "evangelização do judaísmo" não está restrito aos ditos *anussim*, mas também pode ser percebido no judaísmo "oficial".

Estrutura da reza judaica como estratégia no campo

A prece no judaísmo consiste basicamente (excetuando festas e ocasiões especiais) em três partes: louvor a D-us, pedidos e agradecimento. O livro de rezas do judaísmo, o *Sidur*, apresenta uma interessante passagem, muito valorizada pelos que se afirmam *anussim* e também pela burocracia religiosa da *Beith* Israel. Trata-se da benção de número 12, a *Bircat HaMinim*[82]:

> "Que para os caluniadores não haja esperança, que os hereges sejam prontamente aniquilados, e que os inimigos do teu povo sejam depressa extirpados. E os malvados (arrogantes) – depressa, destroça-os, quebra-os, oprime-os, abate-os, humilha-os e domina-os. Bendito sejas Tu, Eterno, que és o amparo e a segurança dos justos" (*Sidur* completo, p. 70).

Essa benção é considerada como uma das mais importantes pelos autodenominados *anussim* e por Mordechai. Por seu significado, é muito utilizada para pedir justiça referente aos problemas do cotidiano. O poder dessa ferramenta simbólica, quando comparada a outras formas de pedido existentes no mercado religioso, reside na possibilidade de estar em contato direto com D-us e pedir, sem intermediários, a total destruição de seu inimigo. O conteúdo da passagem impressiona o agente que reivindica a identidade *anuss*:

[82] Em hebraico: Benção dos Hereges.

> "Essa benção é muito forte e dá resultado. Não tem isso em igreja evangélica, você falar na língua de D-us (hebraico), pedindo para destruir as pessoas ruins, não tem não. Tem aquelas coisas da Universal de escrever um pedido num papel e entregar para o pastor. Agora é diferente eu falar direto com D-us e pedir justiça. Eu peço para que HaShem faça justiça com as pessoas que foram ruins comigo, com a minha família, com o povo judeu. Na hora que a gente lê, cada um faz seu pedido. Eu fico muito confiante, sinto que estou falando ali com Ele e que Ele vai atender aos pedidos de justiça e derrotar os meus inimigos" (Esdras, membro da *Beith* Israel).

A impressão de Esdras acerca da oração indica que ela atende a anseios imediatos das classes populares, já que é permitido pedir a punição de quem fez algum mal, direta ou indiretamente. Segundo os autodenominados *anussim*, seus principais inimigos são vizinhos que fazem piadas sobre as vestimentas judaicas, os que oprimem o grupo, os que os acusam de matar Jesus, os traidores da causa *anus*, patrões que não respeitam o *shabat*, moradores do *pedaço* que desrespeitam as leis de D-us, na visão dos ditos *anussim*, seja por ouvirem músicas pecaminosas e usar roupas sem recato e os que seguem o caminho do crime, os "bandidos". A figura de um D-us guerreiro, que pune aqueles que fazem mal a seu povo é extremamente valorizada pelos ditos *anussim*, dada a condição social que ocupam. Além disso, a valorização dessa faceta divina também é promovida pelas igrejas evangélicas, ao voltarem-se ao Antigo Testamento e buscar bens simbólicos até então associados ao judaísmo: *menorah*, *mezuzah*, estrela de David, etc.

> "Damos muito valor a essa benção, pois ela é muito importante. Para os problemas do cotidiano, isso dá força para a pessoa enfrentar. Além disso, é bom dirigir essa prece a nós mesmos, para que a inclinação ao mal não habite em nós e para que os *anussim* consigam seguir uma vida *kasher* em meio a tantas coisas erradas no bairro como, por exemplo, mulheres com roupas decotadas, dançando funk, músicas que incentivam o sexo, várias coisas que testam o *anussim* na periferia" (Mordechai).

Porém, há uma disputa simbólica em torno do significado dessa reza. Ingo, ex-auxiliar de uma sinagoga *Chabad*, afirma que, originalmente, a benção foi criada para os judeus que se desvirtuaram do caminho da *Halachá* (lei judaica). Com o tempo,

segundo ele, passou a ser usada contra pessoas que representam um grande perigo ao povo judeu como, por exemplo, Adolf Hitler.

> "Eles devem usar essa reza pensando no cotidiano, mas também deve ter gente nas sinagogas que acredita que a reza é para esse fim. Quem reza a Bircat HaMinim pensando nos problemas do dia a dia, provavelmente não estudou e não conhece a discussão rabínica atrás dessa prece. Entretanto, pela definição dos sábios sobre a benção, os judeus podem rezá-la pedindo justiça contra os hereges que, no caso seriam os *anussim*. Já os *anussim* poderiam rezar tendo em mente os judeus que impedem seu retorno, pois esses seriam os hereges na cabeça deles" (Ingo Bergson).

Dessa forma, podemos afirmar que Mordechai apropria-se da mensagem religiosa original e garante o significado desejado por seus potenciais consumidores, por meio de um processo de ressignificação, atendendo aos anseios dos leigos. Além disso, reforça sua posição de agente que possuí a exclusividade para significar bens simbólicos, garantindo sua reprodução na burocracia religiosa e garantindo a reprodução dos esquemas de percepção vigentes na sinagoga.

> "A gestão do depósito de capital religioso (ou sagrado), produto do trabalho religioso acumulado, e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a conservação ou a restauração do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolvem somente podem ser assegurados por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua (ordinária) necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos, a saber, o corpo de sacerdotes, e o mercado oferecido a estes bens, a saber, os leigos como consumidores dotados de um mínimo de competência religiosa (habitus religioso) necessária para sentir a necessidade específica de seus produtos." (BOURDIEU, 2005, p. 59).

A hipótese dos auto-intitulados *anussim* rezarem tal benção tendo a comunidade judaica dita oficial como alvo é confirmada por Mordechai.

> "Nós pensamos sim na comunidade que não nos aceita. Mas não pedindo sua destruição, mas para que o temor e o mal que existem possam sair e deixar com que eles no vejam, pela primeira vez, como judeus que nem eles, sem preconceito. Ajudando-nos a recuperar o que perdemos na Inquisição. Isso é o que clamamos para que HaShem tire deles esse ódio e os faça ver a verdade". (Mordechai).

Para o líder religioso, o passado de perseguições fez com que a maior parte dos bnei *anussim* não conseguisse acumular capital, estudar e, por isso, a maior parte

encontra-se nas periferias das grandes cidades. Segundo ele, a Inquisição foi determinante para a atual situação de pobreza dos que se afirmam *anussim*, já que "tomou todos os bens e obrigou o cristão-novo a viver nas piores condições possíveis". De acordo com Mordechai, os ditos *bnei anussim* são excluídos socialmente, culturalmente e emocionalmente. A exclusão é explicada não só pela perseguição católica, mas também por conta do desígnio divino.

> "Quando nossos antepassados adotaram o cristianismo, HaShem decidiu que os cristãos-novos e seus descendentes sofressem com a pobreza, a falta de estudo, pois os *anussim* de hoje passam pelo sofrimento como uma forma de punição pelo que seus antepassados fizeram. Além disso, toda essa dificuldade em viver o judaísmo na periferia, com a pobreza, em um ambiente nem um pouco *kasher* é uma provação que temos de enfrentar para provar a D-us que somos dignos de retornar ao povo de Israel. Ultrapassar todas essas barreiras, vencer as adversidades, é tornar-se digno perante HaShem, pois precisávamos disso, por isso nascemos nessas condições" (Mordechai).

Dessa forma, a explicação para a "exclusão econômica e educacional" dos autodenominados *anussim* é dada pelas dificuldades que seus antepassados sofreram durante o período da Inquisição e também como uma maneira de "pagar os pecados cometidos pelos ancestrais", uma punição imposta por D-us. Logo, a posição social dos ditos *anussim* é justificada, por Mordechai, como uma herança da perseguição aos cristãos-novos e também como uma imposição divina, para testar a fé dos que se afirmam *anussim* que, na visão da burocracia religiosa da *Beith* Israel, precisam passar por esse processo de "penitência" para dar valor ao judaísmo e à Torá. Logo, o clero consegue fornecer aos leigos uma explicação para o *locus* que ocupam no mundo material, fornecendo sentido à situação vivida pelos fiéis e justificando a posição de "dominado" na estrutura social.

Durante a realização da pesquisa, percebi que boa parte, talvez 50% dos fiéis, eram policiais militares e/ou seguranças. A presença significativa desses profissionais não parecia ser apenas uma coincidência. De fato, os policiais entrevistados relataram como encontraram no judaísmo uma religião que os protege de todos os perigos da profissão.

> "Ser policial é complicado. Você sai de dia e não sabe se vai voltar à noite para ver seus filhos. Ser policial aqui na periferia é ainda pior, pois tem bandido morando na sua rua e se descobrem quem você é e o que faz....já era. Nosso armamento é uma bosta, ter que enfrentar vagabundo usando calibre .38? Quando eu conheci o judaísmo e entrei na sinagoga, muita coisa mudou. Melhorou muito. As rezas me deixam fortalecido, pois no *Sidur*, ou no Tehilim[83], sempre tem referências a D-us ajudando e cuidando dos guerreiros de seu povo. Isso me dá coragem. Além disso, gosto muito da Cabalá e o Mordechai colocou aquela fitinha vermelha cabalística na minha mão. Sinto muita proteção divina com isso. Ele também fez a Guematria[84] e me ajudou a escolher um nome que me protegesse e me trouxesse prosperidade. Maguen é escudo em hebraico, ou seja, carrego em mim um escudo divino de proteção. Minha vida melhorou tanto que até consegui comprar, do meu próprio bolso, um calibre .40. Não é o ideal, mas aumenta minhas chances em uma troca de tiros". (Maguen, 30 anos, soldado da Polícia Militar).

O policial encontrou no judaísmo a proteção que buscava, segundo ele, sem sucesso, em outras religiões (neopentecostais). A mística judaica e o conteúdo das rezas e sua forma, atenderam às expectativas em relação à proteção divina. Apesar da produção de bens religiosos cabalísticos poder ser encarada como uma forma de produção de amuletos mágicos, segundo a perspectiva weberiana, pois atende a fins imediatistas, como, por exemplo proteção, prosperidade, afugentar a inveja, etc., parte dos judeus não encara como uma prática mágica. Entretanto, dentro do campo judaico há um conflito em torno da Cabalá, suas práticas e significados.

> "Esse negocinho de pulseirinha vermelha é coisa de judaísmo liberal. Ouvi dizer que teve uma cantora *goy*a que começou a usar isso e a estudar a Cabalá. Como isso? Esse é um conhecimento exclusivamente masculino! Outra coisa, a pessoa só pode estudar Cabalá a fundo e realmente compreender o que é depois de anos de estudo de Torá e *Talmud*. Essa Cabalá que ensinam por aí é picaretagem, não tem nada a ver com a verdadeira, que é uma ciência extremamente complexa" (Rabino Metusalah, ortodoxo).

A popularização da Cabalá é vista por rabinos, tanto ortodoxos quanto liberais, como uma explicação para o crescimento do interesse no judaísmo. Entretanto, os rabinos negam qualquer elemento mágico na prática, pois a Torá "proíbe expressamente a prática mágica". Os autodenominados *anussim* também têm a mesma opinião sobre o tema. A possibilidade de adotar um nome que confira proteção ao indivíduo é algo

[83] Em hebraico: Livro de Salmos.
[84] Método judaico que estabelece um número a cada letra hebraica. Ajuda a formar nomes, com fins cabalísticos, e também é importante para o estudo e aproveitamento da filosofia cabalística.

extremamente atraente para certa classe: policiais e seguranças, que se expõem a riscos com freqüência. Logo, a guematria também é um importante recurso estratégico dentro do campo religioso de São Mateus, pois fornece soluções rápidas às demandas dos leigos.

> "A propriedade mágica não é concebida como naturalmente, absolutamente e especificamente inerente à coisa à qual está ligada, mas sempre como relativamente extrínseca e conferida. Às vezes, ela o é por um rito: sacrifício, benção, (...) encantamento em geral. Outras vezes, a existência da propriedade é explicada por um mito e, nesse caso também, ela é considerada como acidental e adquirida" (MAUSS, 2007, p. 137).

5. Judaísmo e Periferia

Na visão de Stuart Hall, as sociedades da modernidade tardia são marcadas pelas constantes e rápidas mudanças e também pelas diferenças. Essas características peculiares produzem um "descentramento do sujeito", ou seja, confere diversas identidades ao indivíduo. Dessa maneira, o homem deixou de ter uma identidade centrada, fixa, para ter identidades que ora se cruzam, ora são contraditórias. Segundo o autor o sujeito está sempre partido, dividido, mas vivencia essas diversas identidades como uma única (Hall, 2006). Nesse capítulo, tentarei abordar a identidade híbrida dos ditos *anussim*, que portam diversas facetas: judaica, periférica, étnica (em alguns casos) e como se entrecruzam, ou se contradizem, dependendo do contexto. O *habitus* de cada identidade será determinante na formação de um *habitus* final, que será determinante às ações e esquemas de percepção dos agentes. Trata-se de uma tentativa do trabalho de promover um diálogo entre os conceitos de Hall e Bourdieu.

Também tentarei expor como o judaísmo altera a dinâmica do bairro e é alterado por ele, em uma relação dialética. Além do processo de interação entre os que se afirmam *anussim* e os moradores do *pedaço* e as lutas em torno da significação da própria periferia e de sua produção cultural, em uma tentativa de mostrar a

heterogeneidade de seus habitantes e as disputas simbólicas que existem em torno das classificações do *pedaço* e da multiplicidade na maneira de viver e enxergar esse espaço social.

Acredito que a análise bourdiesiana sobre a idéia de região seja útil para conceituar a periferia, tanto no plano espacial quanto simbólico. O autor observa que a questão da região está em jogo, como objeto de luta, entre sociólogos, historiadores, economistas e geógrafos. Sua crítica aos conceitos elaborados por outras disciplinas baseia-se, no caso dos geógrafos, na atenção talvez exagerada ao que se vê. Para Bourdieu, o geógrafo limita-se à análise de conteúdo do espaço, olhando pouco para as fronteiras políticas ou administrativas da região. No caso do economista, a região é encarada pela questão de custos, natureza de fluxos de capital, a importância quantitativa desses e sua tendência a aceitar os argumentos dos geógrafos, em uma estratégia para ocupar uma região do espaço científico dominada pela geografia.

Essa luta pela autoridade científica ocorreu justamente em um momento[85] em que as políticas governamentais buscavam o "ordenamento do território" e a questão da "regionalização" e "ação regionalista". Logo, o objeto "região" tornou-se disputado pela academia por conta da importância atribuída aos estudos regionais, por parte do Estado.

Essa disputa foi fundamental para que os defensores da identidade dominada - os próprios agentes que vivem nas regiões que não pertencem a um "centro" estabelecido, aceitassem os princípios de identificação de que a sua identidade é produto. (BOURDIEU, 2006, p. 109). A contribuição de Bourdieu para a análise da idéia de região se dá por meio da problematização das lutas acerca da noção de região e, conseqüentemente, a produção de estigmas sociais.

> "As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo" (BOURDIEU, 2006, p. 113).

[85] O autor se refere aos debates em torno do regionalismo, durante a década de 60, na França.

Dessa forma, podemos encarar a periferia como um objeto de disputa, não só na academia, mas também na própria região, entre diversos agentes que tentam, por meio de seus esforços individuais e/ou coletivos, produzir um sistema de verdade a respeito do local e promover a reificação de uma determinada identidade, tida como natural, pelo pertencimento à região. Conforme comentado anteriormente, há uma grande *mancha* religiosa no bairro, com agentes e instituições que enxergam o bairro como "centro evangélico", que tem como missão expurgar o pecado existente, segundo eles, nos bordéis e bares de São Mateus.

> "Olha, aqui tem muita igreja evangélica. Mas o que tem também de boteco e puteiro não é brincadeira. Sei disso por que antes de eu me converter, infelizmente, vivia nesses lugares, só gastando minha vida. Da mesma forma que tem a salvação, a perdição tá ali do lado. Mesmo que sejam outras igrejas, é melhor comprar e derrubar essas lugares de Satanás e construir mais. O ideal seria se a Mundial fizesse uma sede gigante aqui, na minha opinião. Mais gente entraria para a igreja, seria abençoada e não daria dinheiro para esses lugares" (Sr. José, 43 anos, pintor e obreiro da Mundial do Poder de Deus".

Entretanto, o bairro também possui uma grande *mancha* de lazer, com prostíbulos, bares, casas de show e também imóveis alugados para festas itinerantes. Além disso, há o Espaço Cultural São Mateus, a Casa de Cultura de São Mateus e um CEU – Centro Educacional Unificado, o Kazebre Rock Bar, na Avenida Aricanduva. Tentarei apresentar as disputas que ocorrem nesses e por esses espaços, entre diversos agentes, inclusive os autodenominados *anussim*.

Comecei a etnografia da *mancha* de lazer pelo Espaço Cultural São Mateus. Descobri que o local não ficava tão próximo do que considerava como o bairro de São Mateus. Dessa forma, não desci na Av. Mateo Bei, como de costume, mas o ônibus seguiu até a Avenida Sapopemba, próximo ao Terminal São Mateus, em uma viagem mais longa do que a usual. O Espaço Cultural foi criado por um grupo de pessoas ligadas ao movimento Hip-Hop, para ser uma casa com apresentações de grupos de rap (do *pedaço* e também de fora), além de oferecer oficinas de criação de rap e dança *break*, durante os dias de semana. Era dia de apresentação do grupo Facção Central, famoso no universo do Hip-Hop. O local, uma casa assobradada, com o primeiro piso aberto e um palco, estava completamente lotado. Assim que cheguei, todos os olhares se

dirigiram a mim. Quase todos os freqüentadores eram negros. Um rapaz negro, 19 anos, com roupas largas e boné de lado, dirigiu-se a mim:

> "Aí alemão cabeludo. Acho que cê tá no lugar errado, mano. Aqui não é fita pra você. Vai colar com teus amigos roqueiros lá no Kazebre, tá ligado?" (Vanderson, 19 anos, morador do Jardim).

Expliquei ao rapaz que apesar do cabelo comprido, não era "roqueiro" e que não freqüentava o Kazebre. Estava ali por conta de uma pesquisa. Depois de explicar o mal-entendido, conversamos antes do início do show, próximo a uma barraca que vendia cachorro-quente e cervejas. Vanderson explicou que não gosta dos roqueiros de São Mateus.

> "Eles querem ocupar o nosso espaço, e não falam a realidade daqui. Aqui é Jardim Santo André, 100% favela, mano. Vida louca mesmo (levantou a camisa e mostrou a tatuagem com os dizeres "Vida Loka" (sic). Esses caras de rock já dominam o CEU, sendo que tem a porra do Kazebre pra eles irem. Mas depois a gente derruba a banca deles, os parceiros já ligaram lá e marcaram show, vamos começar a tomar o espaço desses comédias. Fica aí com esse sonzinho de boy, que nem fala a real" (Vanderson).

Percebi que havia uma disputa pelos equipamentos urbanos, não somente para sua utilização, mas também por sua significação. Pelas informações de Vanderson, os *pedaços* dos jovens que gostavam de Hip-Hop e estavam sob o domínio do grupo eram: Espaço Cultural, a Casa de Cultura de São Mateus e o Espaço São Mateus em Movimento, fundado em 1997, que conta com espaço para apresentações de grupos de rap, aulas de *grafitti*, capoeira, artesanato, entre outras atividades.

Perguntei se ele ia muito a São Mateus, ele riu e disse que era morador do bairro.

> "Você não entendeu mano, Jardim Santo André é um bairro de São Mateus, aí na Mateo Bei é o pico mais da hora e o pessoal chama de São Mateus, pra baixo é tudo Jardim alguma coisa". (Vanderson).

O pertencimento a determinado Jardim é extremamente importante para a composição do capital do indivíduo no grupo, por isso, muitos faziam questão de dizer "seu Jardim" e alguns até mesmo usavam bonés confeccionados com o nome do local. Pelo que conversei com moradores, o bairro considerado mais problemático é o Jardim

Santo André. Logo, morar nessa área, segundo a lógica desse universo específico, confere grande capital simbólico ao indivíduo.

O show estava para começar e perguntei a Vanderson e seus amigos se eram religiosos: a maior parte definiu-se como evangélico, mas declararam que não são freqüentadores regulares. Todos se definiam como sendo do movimento Hip-Hop, mas alguns criticavam a política do Espaço Cultural:

> "Na humildade, acho errado ter show de grupo de fora. Tinha que ser para o pessoal daqui. Acho que se for grupo grande, que todo mundo curte, tipo Racionais, Facção Central, aí beleza. Mas de resto tinha que ser pro pessoal do bairro, no máximo da leste. Fica vindo gente da zona sul, oeste, norte. Aí é embaçado porque tem muito rapper bom aqui" (Milton, 21 anos, morador do Jardim Flávia, em São Mateus).

Dentro do próprio *pedaço* do rap havia disputas em torno das regras de uso da casa, com tentativas de imposição de novos esquemas de percepção. Todos eram completamente contrários aos shows de funk que, raramente, ocorriam no local, pois acreditavam que ali deveria ser um espaço destinado exclusivamente ao rap. Porém, comentaram que gostam de funk e freqüentam outros locais:

> "De vez em quando, colo lá no Expresso Brasil, em um pancadão, ou forró. Não que eu curta, vou mesmo é pra pegar mulher. Já fui também na balada gospel, mas não curti. Não pode tomar uma breja, as minas são muito certinhas. Aí não rola" (Vanderson).

O show começou e todos entraram na casa para assistir ao Facção Central, o grupo começou a tocar um de seus *hits*: "Desculpa, mãe". Enquanto isso, perguntei a um rapaz do bar se poderia falar com um dos responsáveis pelo local. Apesar de muita relutância, Marcelo decidiu falar sobre a questão da rivalidade entre rock e rap:

> "Não curto muito falar sobre isso. Mas o fato é que já teve show de rock aqui, mas eu pegava banda punk, que falam sobre a realidade da periferia. Várias bandas aqui da leste mesmo. A galera não curtiu. Não que tenha rolado treta, mas o pessoal não curte mesmo os caras do rock. Até argumentei dizendo que os caras cantavam em português e também falavam a real sobre a periferia. Não adiantou muito" (Marcelo, 29 anos, rapper e ativista cultural).

Pelo breve relato de Marcelo, a disputa intensa pelos espaços de lazer leva a uma separação substancial no bairro de São Mateus, em duas categorias: membros do

Hip-Hop e roqueiros. Claro que há casos de pessoas que freqüentam mais de um *pedaço*, mas são muito raros. Ainda assim, há algo que une esses dois *pedaços* diferentes, o protesto das músicas. Dessa forma, há punks que freqüentam shows de rap e adeptos do Hip-Hop que vão a shows punks. Lógico que quando isso ocorre, respeita-se a regra do *pedaço*. Ninguém vai a um show de rap com camiseta de banda, nem a shows de punk com boné de lado. Apesar disso, os punks não se importam tanto com essa conduta específica em seu pedaço.

> "Velho, quem quiser colar no show, pode colar. Nosso som é para a classe operária mesmo. Se o cara curte rap, pode vir do jeito que quiser, ninguém aqui vai falar nada. Se fosse metaleiro, ou outros estilos, aí até poderia rolar alguma treta. Mas aqui é de boa. É todo mundo da periferia, nem tem essa de diferença. O nosso inimigo é o mesmo: o capitalismo. Agora, uma coisa que tem que divulgar mais é o seguinte, muita gente acha que São Mateus só tem galera que curte rap, tem bastante, concordo, mas tem muito punk também". (Vinny, baixista do "Fúria Operária").

Em visita ao CEU, estava decidido a conhecer os roqueiros e seu espaço. O complexo educacional, fica em um local denominado Parque Boa Esperança, um pouco distante da região central de São Mateus. Funciona aos finais de semana, com o uso de quadras, piscinas (quando não estão quebradas), pista de skate e um espaço para apresentações musicais. Ao chegar lá, não causei tanto estranhamento por conta do cabelo comprido, pois era um signo de distinção positivo naquele *pedaço*. Conversando com alguns jovens que se definiam como roqueiros/metaleiros (esse último grupo detesta ser confundido com o primeiro), criticaram o rap e a visão desse grupo sobre o bairro de São Mateus.

> "Olha, eu não curto esse som, mas sério, enche o saco os caras querendo marcar show aqui. Eles já têm os lugares deles (Espaço Cultural e Casa de Cultura) e ainda querem pegar nosso espaço? Falam que a gente tem o Kazebre, mas lá tem que pagar, sem contar que não deixam entrar menor de idade e para tocar lá, só sendo banda grande, as daqui do bairro não conseguem. Outra coisa, seu trabalho é falando sobre o bairro? Por que tudo relacionado à zona leste é visto como rap? Chega programa de televisão aqui e mostra como se todo mundo gostasse de rap. Por que não falam que é um bairro de rock? Rock não é cultura também? Eu respeito eles, mas detesto esse papinho de 'sou vida loka, aqui é favela'. Por isso, o bairro é tão mal visto pelo pessoal de fora. Aqui tem problema, é lógico que tem. Mas São Mateus não é só isso. Não deviam mostrar só o lado deles" (Aline, 17 anos, moradora do Jardim Flávia).

O discurso de Aline revela a disputa não somente por espaços, mas também em torno da significação do bairro e do que é considerado como cultura de periferia. Há uma luta em torno das produções culturais de áreas consideradas periféricas, uma tentativa de legitimar uma forma específica de produção cultural como sendo a expressão de identidade periférica. Entretanto, há múltiplos atores em São Mateus, em uma disputa intensa pelos espaços e pelo poder de classificação do bairro.

Acredito que a heterogeneidade de manifestações culturais da periferia, com uma diversidade enorme de agentes sociais faz necessário o uso do termo: culturas de periferia, para não haver uma reificação de um tipo de expressão cultural, já que há conflitos simbólicos entre os produtores em torno da significação legítima da região.

> "O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema – segundo o paradigma 'black is beatiful'.(..) É porque (a periferia) existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que nela participam podem ser levados a lutar (e com probabilidades objetivas de sucesso e de ganho) para alteraram a sua definição, para inverterem o sentido e o valor das características estigmatizadas" (BOURDIEU, 2006, p. 125 e 126).

Os membros da sinagoga *Beith* Israel têm identidades divergentes na questão musical: os policiais não gostam de rap, em geral, pois acreditam que a maior parte dos grupos tem letras que atacam a Polícia e passam uma imagem, segundo eles, equivocada do trabalho policial. Alguns afirmam seu gosto pelo *heavy metal*. Inclusive, um deles foi até vocalista de uma banda, formada em São Mateus, quando mais jovem. Outros declararam gostar de MPB, forró e música sertaneja. Em comum, todos declararam ouvir música israelense e apreciá-la.

> "Eu era metaleiro, gostava de ouvir um som, usava cabelo comprido. Gosto até de alguns raps, mas tem muito que só fala bobagem a respeito de policial. Moro na periferia, sofro com dificuldade, sou trabalhador também, tento defender a vida dos outros e os caras defendem bandido? Meu trabalho que é o errado, agora? Tem mau policial? Claro que tem, mas a maior parte não é. Por isso, não gosto muito desses raps, até porque vários ficam fazendo apologia ao tráfico" (Januário, 29 anos, policial militar).

Mordechai afirma que gosta de rap, por ser um estilo musical que mostra a realidade que o agente que se diz *anuss* enfrenta todos os dias. Dessa forma, os signos negativos de pobreza, positivados pela música rap, também passam por um processo de positivação, pois ressaltam, segundo o líder religioso, a exclusão que os fiéis sofrem e suas dificuldades. Entretanto, faz uma ressalva e diz que não apóia os grupos que fazem apologia ao crime e/ou à violência.

O grupo enfrentou resistência ao estabelecer-se no *pedaço* e, por isso, a Fisba criou uma série de projetos sociais, em conjunto com entidades da região para promover atividades esportivas, culturais no bairro de São Mateus. A intenção da instituição é realizar festivais de rap na região e também de outros estilos musicais.

> "Temos esse projeto de concurso de rap, pois a garotada gosta bastante. A condição para participar é não fazer apologia ao crime, ou ter coisa gospel. Lá em Brasília, tem um grupo de rap judaico que é ligado a uma comunidade vinculada à Fisba. Eles fazem um som bem legal, ressaltando o caminho duro do *anussim*, passam uma mensagem positiva, para seguir o caminho do bem. Já falamos deles aqui para o pessoal do Espaço de Rap, eles conhecem e gostam do grupo. O pessoal do Liberdade Condicional queria muito fazer o show aqui. Só estamos esperando levantar um dinheiro, ou fazer uma parceria para arranjar um lugar e pagar a passagem deles. Vai ser um *Bait*a show aqui em São Mateus, muita gente vai gostar". (Mordechai).

Imagem 11: Grupo de rap Liberdade Condicional

Muitos moradores vêem os ditos *anussim* com certa ressalva, pois são identificados por esses como "descendentes do povo que matou Jesus". O fato é que já tiveram uma sinagoga apedrejada e foram forçados a se mudar de um amplo imóvel, no qual funcionava a sinagoga e o primeiro *kibutz* urbano do grupo, após o proprietário descobrir que eram judeus. Porém, muitos moradores evangélicos veem o grupo com bons olhos, já que, para eles, trata-se do povo eleito, citado no Antigo Testamento.

De qualquer forma, ao estabelecerem-se na região e dar início às atividades religiosas e comerciais, tiveram que se inserir no *pedaço*. Mordechai ingressou no Conseg – Conselho Comunitário de Segurança, de São Mateus, levando os moradores do bairro a considerá-lo uma liderança respeitável, já que passou a encaminhar problemas dos vizinhos à subprefeitura responsável pela região. Além disso, muitos policiais são membros da comunidade, o que fez com que a população local sentisse uma certa garantia de que eram "gente de bem".

> "Olha, no começo, quando eu vi esse pessoal por aqui, estranhei muito. Eles usavam roupa estranha, falavam entre eles numa língua esquisita. Fiquei muito desconfiada, sabe? Aí quando eu vi que tinha um monte de policial lá, que era amigo deles, sosseguei. Vi que bandido não era. E comecei a olhar uns rapazinhos sempre com esse bonezinho (*kipá*) na cabeça, voltando de ônibus, com uniforme, mochila. Aí eu vi que era gente trabalhadeira, gente de bem. Antes o pessoal fazia muita fofoca, falava que era um povo ruim, mas depois a gente viu que eles eram gente de bem, cumprimentam todo mundo, antes eles eram mais fechado, na deles, mas hoje todo mundo conhece eles" (Dona Silvana, 63 anos, moradora de São Mateus).

O relato da moradora mostra a mudança de atitude da comunidade ao longo do tempo. Os autodenominados *anussim* perceberam a necessidade de manter uma maior informalidade, ou seja, um contato maior com os *goym*, para serem aceitos no *pedaço* e participarem da rede de trocas que nele existe.

Segundo Magnani (1998), nos bairros ocupados por pessoas de baixa renda, na periferia dos grandes centros urbanos, o *pedaço* tem maior importância para os moradores do que em bairros mais nobres, já que, nesses últimos, os vínculos que ampliam a sociabilidade restrita da família nuclear não são os da vizinhança, mas sim os relacionados à esfera profissional. Na periferia, a população encontra-se sujeita às oscilações do mercado de trabalho e tem condições econômicas desfavoráveis. Logo, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Assim,

o *pedaço* é um local em que essas pessoas conseguem assegurar suas necessidades, justamente por ser um espaço regido por relações sociais específicas.

Um fator extremamente importante para a aceitação do grupo no *pedaço* foi a caridade. Muitos moradores que precisam de atendimento médico vão até a sinagoga e pedem uma carta de encaminhamento da Fisba – Federação Israelista *Sefaradi Bnei Anussim*, conseguindo ser atendidos com mais rapidez. Segundo Mordechai, a subprefeitura respeita a comunidade judaica de São Mateus e agiliza a marcação de consultas. O fato é que o documento emitido tem sua eficácia simbólica e implica a necessidade de retribuição, no esquema da *dádiva* maussiana.

Um exemplo dessa relação de troca aconteceu no pior momento já vivido pela sinagoga. Após perder um sobrado que funcionava como sinagoga e residência de Mordechai e sua família, por conta da perda de inúmeros fiéis e, conseqüentemente, das condições econômicas para manter o local, o líder religioso foi obrigado a se mudar para o Jardim Tietê, um bairro do distrito de São Mateus, muito mais distante da Mateo Bei e muito mais pobre. Segundo Rebecah, esposa de Mordechai, estavam agora na "periferia da periferia".

Suas filhas precisavam ir à escola, mas Mordechai estava ocupado demais, assim como sua mulher, com a captação de recursos, a fim de conseguir um novo local de culto e restabelecer a instituição religiosa. Estavam morando em um imóvel com mais quatro famílias, já que eram dois sobrados, um na frente e outro nos fundos. Seu vizinho era vendedor de churrasquinho no Terminal São Mateus e tinha uma caminhonete velha. Viúvo há pouco tempo, não tinha com quem deixar as duas filhas, após pegá-las na escola. Fizeram um acordo: levaria as filhas de Mordechai até a escola e as traria de volta, enquanto que Mordechai e sua esposa cuidariam das crianças no período da tarde. A medida resolveu o problema das duas famílias, mas criou um novo:

> "Olha, é complicado. Já falei para essas meninas não ficarem cantando música cristã aqui em casa e parece que fazem isso só para provocar. O bom é que minhas filhas tem uma educação muito judaica, só comem *kasher*, nem pegam a merenda da escola. A gente avisa os professores antes. Elas não se deixam influenciar por essas coisas cristãs. Elas gostam é dessas porcarias que as crianças daqui ficam ouvindo, essa coisa de emo: Justin Bieber, Restart. Eu tenho que sair daqui. Esse lugar é horrível. E esses vizinhos? Como ter uma vida *kasher* com alguém ouvindo Rebolation[86]? Como rezar em um ambiente desses? Sem contar que essas meninas ficam destruindo

[86] Hit de axé do grupo Parangolé.

> tudo. Estou enlouquecendo. Queria saber se algum judeu de Higienópolis conseguiria passar por tudo isso. O cara precisa ter muita fé em HaShem". (Mordechai).

> "Tio, não conta para ele, mas meu pai falou que tem que tomar cuidado porque ele não acredita em Jesus e fica falando numa língua estranha (hebraico). Tem um monte de coisa estranha aqui, que eu nunca vi. Acho ele esquisito, mas gosto de ficar aqui brincando com as meninas e a tia Rebecah cozinha gostoso e trata a gente bem. Ele também é legal, mas fica bravo, quando a gente faz bagunça. Eu gosto de mexer nas coisas, mas ele não deixa" (Lúcia, 6 anos, moradora do Jardim Tietê).

A jovem menina queria mexer nos rolos da Torá, o que fez com que Mordechai me pedisse para conversar com ela, "já que você entende de psicologia". Consegui convencê-la, após muito tempo de conversa, comparando a importância que ele dava ao objeto com o carinho que ela tinha por suas bonecas favoritas. Apesar das dificuldades, o líder da sinagoga seguia com seu projeto de arrecadação de alimentos e doava o que conseguia para vizinhos, o que o fez ser bem quisto no *pedaço*. Logo, a caridade é importante não só para a legitimação da ação religiosa no mundo, mas também para conquistar respeito e participar do *pedaço*.

É importante ressaltar que ações de caridade no bairro não são calculadas pelos ditos *anussim*, com a finalidade de conseguir estabelecer-se no *pedaço*. Segundo Bourdieu, apesar das ações serem orientadas a determinados fins, não são conscientemente dirigidas a eles, nem dirigidas por eles. O conceito de *habitus* supera a oposição consciente/insconsciente e estrutura/indivíduo, já que se trata de um conhecimento sem consciência, incorporado ao longo de toda a trajetória do agente. Desse modo, a caridade é praticada não tendo em vista um fim específico, mas se trata da maneira como o grupo percebe e pratica o judaísmo, o que resulta, neste caso, na entrada no *pedaço* e em sua sociabilidade específica.

Os *goym*, quando solicitados, sempre estarão de prontidão para fornecer algum remédio, emprestar ferramentas e material de construção, ajudar no transporte de algum objeto, oferecer caronas, entre outras diversas formas de retribuir o auxílio dado pelos autodenominados *anussim*. Outra ação de destaque no bairro é o projeto "*Quem tem fome?*", que consiste na arrecadação de alimentos nas feiras-livres e sua posterior distribuição às famílias carentes, tanto às que são considerados judias como às *goym*.

Em ida a campo, participei com Mordechai da coleta na feira. Fiquei encarregado de transportar o carrinho, enquanto o líder da comunidade conversava com

os feirantes. Ele usava uma boina, em cima da *kipá*, pois, segundo ele, tal estratégia diminuiu o "preconceito do pessoal". Cumprimentava todos, de maneira muito alegre:

> "Olá, como vai, querido (a)? Tem algo para nos ajudar hoje? Como vai sua família? Espero que todos estejam com as bênçãos do Eterno, assim como você."

Muitos sorriam, cumprimentavam-no e davam alimentos, enquanto que outros pediam para que ele passasse no final da feira. Outros simplesmente ignoravam ou respondiam que "hoje não". Aquele que entregava algum item recebia uma bênção de Mordechai. A maior parte dos entrevistados disse que gosta de ajudar, pois a doação ajudará pessoas carentes e também porque gostam de receber uma benção de Mordechai que, segundo eles, por ser judeu, tem uma "palavra forte".

> "Eu gosto muito de receber as bênçãos dele, uma vez, minha filha tava doente, ele pediu por ela e rapidinho melhorou. Aí eu vi que é um homem de Deus, que tem uma fé muito forte. Então ajudo com todo gosto, pois sei que é uma boa ação e que ainda recebo graças do Senhor." (Dona Marilda, 48 anos, feirante).

Um dos principais problemas enumerados pelos nativos é a dificuldade de seguir a alimentação *kasher*. Muitos produtos podem ser encontrados em sites de entidades como o BDK – *Beit Din Kashrut*, que verifica a produção de diversos alimentos, a fim de classificá-los como apropriados para o consumo, de acordo com as leis dietéticas judaicas. Porém, produtos como, por exemplo, carne e vinho, além de artigos religiosos, não são vendidos na zona leste.

A obtenção desses bens torna necessária a realização de *trajetos* pela metrópole, o que obriga os que se intitulam *anussim* a sair de seu *pedaço* e deslocarem-se ao Bom Retiro, bairro mais próximo de São Mateus, onde existe uma rede de comércio de artigos judaicos e também de comida *kasher*.

> "Geralmente, todos me tratam muito bem. Já me conhecem, mesmo não sendo dali, eles vêem a *kipá*[87], o *tsitsit*[88], conversam

---

[88] Espécie de regata, utilizada pelos homens e meninos, por baixo da roupa, com franjas pendentes, que ficam para fora da vestimenta. Os judeus *sefaradi* deixam-no dentro da calça. É um mandamento, no judaísmo ortodoxo: (Bamidbar 15:37-40): *"Eles usarão pequenas franjas nos cantos de suas vestes…"*

> comigo em hebraico, aí percebem que sou judeu. E outra, por que eu iria comprar comida *kasher* se não fosse judeu? Às vezes pensam que sou judeu egípcio, ou árabe, por ser negro". (Mordechai Moré)

A maior parte dos deslocamentos é feita de ônibus, que leva até ao metrô Carrão, de onde partem até a Estação Luz. As compras são feitas para toda a comunidade e a carne é armazenada no freezer da sinagoga, podendo ser retirada pelos membros posteriormente. Entretanto, muitas vezes o *trajeto* não é realizado apenas por Mordechai, mas por um grupo, pois são muitos itens para carregar, principalmente garrafões de vinho *kasher*. Dessa forma, como frisa Magnani em *Festa no Pedaço* (1998), essa viagem não é completamente "fora do *pedaço*", pois se vai ao Bom Retiro, no caso, em grupo. Às vezes, tentam conseguir um carro, com algum membro da comunidade, principalmente para transportar o vinho armazenado em barril.

Alguns nativos já fizeram o *trajeto*, mas por questões de trabalho. Esdras, 30 anos, ajudante de pedreiro, trabalhou por cerca de cinco meses em uma obra na região. O *Minchá*, reza da tarde, era durante sua jornada de trabalho, o que dificultava sua relação de trabalho com os colegas.

> "Eu me afastava para rezar e ia trabalhar de *kipá*. Eles (outros funcionários da obra) estranhavam. O problema é que a hora da reza batia bem com o horário do almoço. Alguns levavam marmita e outros comiam em um marmitex[89] próximo. Eu sempre levava minha comida, por que eu como *kasher*. Mas era complicado, pois ficavam cantando, ou botando música no celular, na hora que eu rezava e isso me atrapalhava. Cheguei até a discutir. Aí pensei, se tô aqui e tem sinagoga perto, vou rezar em uma. Mas perguntaram quem eu conhecia, quem eu era. Expliquei que eu era judeu, mas não me deixaram entrar. Acho que deve ser por que tenho muita cara de árabe, né? Aí eu pedi para um rapaz da rua bater uma foto minha em frente à sinagoga". (Esdras)

Apesar de não conseguir entrar para rezar, Esdras sempre mostra, orgulhosamente, sua foto em frente a uma sinagoga. Isso garante um determinado capital simbólico dentro do grupo *anuss*, ajudando-o a conquistar certo *status* na comunidade, pois atravessou a cidade (Guaianazes, no extremo leste, até o Bom Retiro) e foi fotografado na frente de um templo distante. Algo que, para muitos nativos, é um grande feito. Segundo a lógica do grupo, a expressão religiosa no espaço público, seja nas ruas do *pedaço*, ou fora dele, é considerada como uma prova de fé, pois o

[89] Termo para se referir a restaurantes que vendem refeições a baixo custo, geralmente, servidas em embalagens descartáveis de alumínio.

cumprimento das *mitzvot* nas situações e ambientes mais adversos mostra a força da crença e o orgulho em torno da identidade judaica.

Tanto é verdade que Esdras não teve somente problemas ao trabalhar fora de seu bairro de origem (Guainazes). Ele perdeu o emprego "de carteira assinada", pois o patrão não aceitava que ele saísse mais cedo às sextas-feiras para cumprir o *shabat*[90]. É interessante notar como o *habitus* desses agentes é moldado pelo conteúdo religioso e acaba por influenciar a conduta e a expressão de opiniões na esfera do trabalho e também na própria periferia.

> "Habitus, uma estrutura mental que, tendo sido inculcada em todas as mentes socializadas de uma certa maneira, é ao mesmo tempo individual e coletiva; uma lei tácita da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social, fundamenta o senso comum". (Bourdieu, 2007, p.127.).

Segundo Esdras, ele não aceitou a proposta do antigo patrão (sair com uma hora de antecedência), pois ele não teria tempo para tomar banho e deixar a casa arrumada para o *shabat*. Sendo assim, optou por "pedir as contas".

> "Pra mim, tá muito claro. Eu trabalhava muito, mas ganhava pouco, não tinha prosperidade, pois tinha que sacrificar o *shabat*. Aí percebi que se eu cumprisse a lei de HaShem, eu que seria rico, não meu ex-patrão. Ele disse que eu era louco por largar o emprego por causa de religião. Mas, na verdade, ele queria era que eu não rezasse pelo meu D-us, pois aí eu continuaria fraco, nas mãos dele". (Esdras).

O cumprimento do *shabat* passou a ser tanto para Esdras como para outros, um dos principais fatores na escolha de um emprego, já que é necessário encontrar uma ocupação com horários flexíveis. Além disso, o *habitus* judaico também promove uma rede de sociabilidade específica. O principal passatempo dos ditos *anussim* entrevistados é assistir à televisão, principalmente programas judaicos e partidas de futebol. A conversa após o *shabat*, na sinagoga, também é apontada como um importante momento de lazer dos membros. Em espaço separado do ambiente de culto, há um local separado para a confraternização dos fiéis. Conversam sobre jogos de

[90] Período que compreende o pôr-do-sol de sexta feira ao pôr-do-sol de sábado. Em hebraico, *shabat* tem relação com *shavat*, que significa parar, cessar. Dessa forma, o *shabat* é o dia em que não se trabalha e não se realiza uma série de atividades que, segundo o *Talmud*, estão relacionadas a formas de trabalho. Uma das principais proibições é com relação à produção de fogo.

futebol, religião, situações no emprego, a política em Israel, trocam informações sobre vagas de trabalho, tocam violão, cantam e bebem juntos.

> "A sinagoga sempre é pensada para ter um espaço livre, para conversa do pessoal. Isso é importante para a vida em comunidade, para o próprio judaísmo. Tanto que sempre tem lugar para dormir, com colchões, para que os que vem de longe possam passar o *shabat* aqui. É sempre uma festa, com conversa e alegria, após o serviço religioso. Também gostamos muito de assistir a filmes que tenham algo a ver com a *parashá*[91] da semana, filmes sobre judaísmo, para promover um debate entre nós. Agora, temos a intenção de formar um cinema comunitário, para incentivar a cultura e também diminuir o antissemitismo". (Mordechai)

Aos domingos, muitos têm o costume de ir a casamentos ou a casa de parentes, já que sábado é "dia de sinagoga". Esdras conta que gosta de visitar parentes em Itaquaquecetuba, município da Grande São Paulo, próximo da zona leste da capital.

> "Vou lá, tomo uma cerveja. Visito meus cunhados, às vezes vou na casa do meu irmão, aqui em Guaianazes mesmo. O problema é que eles são evangélicos. Sempre dá alguma discussão, por conta de religião, então eu evito falar disso. Na maior parte das vezes, eu não posso comer porque a comida não é *kasher*. Mas é legal ver os parentes. Tem vezes que eu vou a casamentos, mas só na festa, não entro na Igreja, porque não é permitido no judaísmo, lá é lugar de idolatria". (Esdras)

Dessa forma, o *habitus* judaico do fiel faz com que seu relacionamento com a dinâmica do *pedaço* tenha uma natureza distinta. Há festas em que não podem ir, por conta da data e/ou do local, empregos que não aceitam por conta dos esquemas de percepção religiosos, além de não poderem realizar qualquer tipo de favor que se caracterize como trabalho, no sábado.

Essa interação social, restrita em alguns pontos, ainda causa estranhamento nas pessoas do bairro, que não compreendem certas ações dos autodenominados *anussim*, como a recusa em ser padrinho de casamento, ir à Igreja, ou a alguma festa no *shabat*. Daí a preocupação da comunidade com a realização de projetos de divulgação da cultura judaica na zona leste, pois acreditam que isso deixará a população mais esclarecida quanto às práticas do judaísmo, diminuindo a resistência que ainda existe por parte de alguns moradores.

[91] Nome dado à porção semanal de textos da Torá.

Por isso, entraram em contato com as escolas da região e acertaram um acordo com a direção: irão exibir o documentário "*A Estrela Oculta do Sertão*", para apresentar a história dos ditos *anussim*, como surgiram e explicar seus costumes e leis religiosas, tão estranhas aos moradores do *pedaço*. Além disso, a Fisba apresentou um projeto para cuidar de uma praça próxima à nova sinagoga. A instituição fica responsável por cuidar do local e pode, em contrapartida, exibir sua logomarca e usar o espaço para promover cursos à comunidade. Segundo o *habitus* judaico do grupo, é dever ajudar todas as pessoas e não somente os que se afirmam *anussim*. Dessa forma, criar esse plano de ação não é apenas um estabelecimento no *pedaço*, mas o cumprimento de mandamentos divinos e também uma forma de atrair supostos *anussim* em potencial:

> "Isso é bom, pois vai ter muito *anussim*, que o filho virá praticar esporte, vai assistir às palestras para melhorar a vida, aprender empreendedorismo e vai descobrir que é *anussim*. Ou seja, a gente faz um bom trabalho social e ainda recupera judeus que não sabem, não conhecem sua história" (Mordechai).

Logo, também há uma intenção de atrair pessoas para a comunidade, já que seu *habitus* possui um esquema de classificação próprio que considera muitos moradores como potenciais *anussim*. Dessa forma, o trabalho social também implica a possibilidade de angariar novos adeptos e crescer dentro do campo religioso de São Mateus. Outra idéia de Mordechai é criar um cinema comunitário, dentro do espaço da sinagoga, com uma televisão de 42 polegadas, em que os filmes seriam escolhidos por meio de votação, mas sempre com certos critérios, para não ofender o decoro, ou levar ao descumprimento de alguma *mitzvá*.

Dessa forma, com a criação de um *pedaço* de lazer, com a realização de atividades culturais e desportivas na praça próxima à sinagoga, com palestras de empreendedorismo e programação neurolinguística, "para a programação mental do indivíduo e seu sucesso no mundo do trabalho e na realização profissional", segundo Mordechai, os ditos *anussim* deixam de serem atores subordinados no *pedaço* e passam a ganhar certa importância na constituição de regras e conduta dentro desse espaço social específico. A estratégia para ocupar outras áreas de lazer também implica o crescimento da importância, o ganho de capital específico no *pedaço*.

Apesar do termo *pedaço* (Magnani, 1998) referir-se a um conjunto de regras, valores e conduta, em um dado espaço geográfico, acredito que os conceitos de capital

específico de Bourdieu e o de luta pelo poder de classificação e significação de regras e condutas, ligados à idéia de campo (um conceito teórico e construído pelo pesquisador, sem limites físicos), podem ser complementares, pois há tensão e tentativas de subversão simbólica no *pedaço*.

A instituição religiosa, com cursos, palestras e atividades voltadas ao bairro de São Mateus, consolida uma nova posição no *pedaço* e também faz com que sua conduta específica, ou seja, seu *habitus* diferenciado, expresso em roupas e costumes diferentes, seja encarado com normalidade. A esfera pública ganha mais um ator para a discussão no *mundo da vida*, acerca de questões que envolvem o cotidiano do bairro: o que é periferia, identidade e a expressão cultural que se pretende legítima e exclusiva. Além da discussão de políticas para o bairro, como a cobrança de melhoria no sistema de saúde, nas escolas, etc. Com seu blog na Internet e as recentes exposições midiáticas: entrevista na *Folha de S. Paulo*, no programa *Mosaico* (voltado à comunidade judaica e exibido pela TV Aberta, emissora comunitária de São Paulo) e no *Jornal da Gazeta*. O líder religioso ganhou publicização e maior respeito dentro do *pedaço*, o que lhe confere maior legitimidade para propor soluções e participar ativamente dos debates no mundo da vida, mas não mais como rabino.

> "Conheço muita gente aqui, sou respeitado e acho que os *anussim* tem que entrar para a política, para buscarmos soluções para os problemas do nosso povo e também para a periferia, que é o reduto, ou gueto em que estamos. Por isso, tenho a intenção de me candidatar a vereador daqui alguns anos" (Mordechai).

Segundo Habermas, torna-se necessário o exercício da reflexibilidade por parte dos religiosos, ou seja, colocar a fé em interação com outros pontos de vista, necessário para o agir comunicativo e pressuposto indispensável para a participação no *mundo da vida*. Torna-se necessária a compreensão de que na esfera pública, não se deve comportar-se como indivíduo, mas sim como cidadão, participando dos processos de interação e de produção de consenso. Logicamente, que Mordechai ainda terá sua identidade religiosa, mas terá que saber conciliar suas posições identitárias, a fim de não perder espaço dentro do bairro, saber conciliar os interesses dos autodenominados *anussim*, com os dos moradores do *pedaço*, os quais possuem as mais distintas identidades.

A atenção midiática que o bairro ganhou por conta da sinagoga e os projetos da instituição como, por exemplo, criação de um museu sobre a Inquisição e formação de um novo *kibutz*, é vista com bons olhos por moradores da região:

> "Sou evangélico, mas achei muito legal tudo isso. Só traz coisas boas para o bairro, se tudo isso sair do papel e com o Mordechai cobrando coisas da Prefeitura, tem tudo para São Mateus melhorar: levar asfalto para onde não tem, melhorar a iluminação, mais creches, médicos nos postos de saúde. Tudo isso é bom para o bairro. Sem contar que melhora a imagem aqui de São Mateus e pode até atrair turistas e melhorar a economia da região. A zona leste precisa disso. Antes, só tinha visto o bairro quando alagava tudo aqui, ou quando tinha chacina, no programa do Datena. Pela primeira vez vi uma coisa sobre São Mateus na TV sem ser tragédia (reportagem sobre a sinagoga na TV Gazeta)" (Fred, 35 anos, gerente de um supermercado na Av. Mateo Bei, em São Mateus).

Esdras e seu chapéu: signos de distinção social na periferia paulistana

O membro da sinagoga *Beith* Israel sempre sonhou em ter um chapéu "de rabino", preto, com abas grandes e perguntou-me se não conheceria alguém que vendesse. Um amigo que tinha tal item e não o utilizava há anos decidiu doá-lo. Esdras ligou-me e ficou feliz ao saber que tinha conseguido seu chapéu. Convidou-me para almoçar em sua casa, em um domingo. Após cerca de uma hora e meia de viagem de trem, cheguei até a estação Guaianazes, próxima de sua residência. Ele já me esperava na catraca, com calça social, camisa pólo e sua *kipá*. Cumprimentei-o e dei-lhe o chapéu.

Após os agradecimentos, olhou bem o item e colocou-o na cabeça e fomos caminhando até sua casa. Passamos por uma praça, em que os idosos jogavam damas, ao lado de uma pista de concreto, na qual jovens divertiam-se com skates e patins. Ao passarmos, todos pararam suas atividades para olhar Esdras e seu chapéu. Ao passarmos pelos pequenos comércios abertos, bares, bazares e salões de cabeleireiros, encaravam-no fixamente, sem tecer qualquer comentário. Perguntei-lhe se não incomodava chamar tanta atenção por conta do chapéu:

> "Não, eu queria o chapéu mesmo. Antes, eu passava aqui de *kipá* e todo mundo me chamava de Bin Laden, fazia graça com a minha cara, o pessoal aqui de baixo, perto da estação. Indo aqui pra cima, na minha rua, o pessoal respeita. Todo mundo me chamava de muçulmano, então com o chapéu, vão ver que eu sou judeu, não gosto de ser chamado de muçulmano. Isso me ofende. Eu sou judeu e o

> pessoal tem que entender isso" (Esdras, 30 anos, servente de pedreiro, morador de Guaianazes).

Ao chegarmos a sua casa, sua mãe e esposa esperavam-nos com o almoço pronto. Percebi que minha presença era considerada uma ocasião importante, por conta da variedade de pratos na mesa. Não estava com tanta fome, porém, para não entristecê-los, comi tudo que me foi oferecido. O prato principal era peixe com macarrão. Estranhei a combinação e perguntei-lhe se era uma prática comum em sua casa:

> "O que a gente mais come aqui é peixe. Não tem carne *kasher*, mas peixe tendo barbatana e escama é *kasher*. Mas quando eu não tenho dinheiro para peixe, aí compro frango, que é mais barato. Aí minha mulher '*kasher*iza' ele, tirando todo o sangue, antes de cozinhar. É o jeito aqui no bairro. Seria bom se tivesse um açougue *kasher*, mas com preço barato, uma vez eu fui no Bom Retiro e os preços eram caros demais" (Esdras).

Segundo ele, essa mudança alimentar foi sugerida pelo rabino, como está acostumado a chamar Mordechai, a fim de que os ditos *anussim* conseguissem ter uma alimentação, o mais *kasher* possível, em um bairro sem opções. Antes, com mais recursos financeiros, Mordechai e outros autodenominados *anussim* compravam carne *kasher* em estabelecimentos no Bom Retiro, armazenavam no freezer da sinagoga, e distribuíam-na aos outros membros.

A mãe de Esdras, Lourdes, 68 anos, estava muito feliz com minha presença e perguntou se eu também era rabino. Perguntei-lhe por que achava isso e ela respondeu-me que era parecido com os rabinos que ela via no programa *Shalom Brasil*, voltado à comunidade judaica paulistana, transmitido pela TV Aberta. Moradora do bairro há quase 40 anos, não tem intenção de voltar ao centro da cidade:

> "Nasci no interior, aí depois minha família veio pra São Paulo e fomos morar na Rua Bela Cintra. Aí depois, eu fui trabalhar em uma empresa de ônibus, meus pais não queriam, mas fui. Conheci meu marido lá e vim morar em Guainazes. Mas aqui é muito melhor, lá o pessoal não se fala, ninguém conhece ninguém. Se precisar de ajuda, não tem um conhecido. Aqui é ótimo, tem problema no Hospital que é muito ruim, mas tirando isso, adoro Guaianazes" (Dona Lourdes, 68 anos).

É possível observar que tanto ela, quanto Esdras, valorizam o *pedaço*, pois encontram nele uma rede de sociabilidade e de trocas, o que possibilita uma série de

vantagens que não teriam no centro da cidade. Ambos afirmam que não mudariam de bairro, a menos que fosse para São Mateus, para não precisarem dormir na sinagoga, antes do *shabat*, já que o deslocamento a pé dura cerca de 2 horas, segundo os cálculos de Esdras, que não utiliza qualquer meio de transporte, telefone, ou liga qualquer aparelho eletrônico durante o *shabat*.

Esdras gosta muito de assistir a programas judaicos na televisão, pois, segundo ele, é uma ótima maneira de estudar judaísmo e aprender algo novo. Isso o levou a comprar um celular moderno, cujo valor varia entre 400 a 500 reais, para poder gravas os programas na memória e assisti-los no trem/ônibus, quando sai para fazer algum bico, ou procurar emprego. Certa vez, soube pelo programa que haveria uma palestra com um rabino importante sobre cultura judaica, no clube Renascença.

> "Tentei ligar, para passar meus dados e confirmar minha presença. Era grátis, mas mesmo se tivesse que pagar alguma coisa, eu dava um jeito. Mas a mulher disse que a palestra era só para a comunidade judaica. E aí disse que era judeu e ela disse que eu era evangélico e bateu na minha cara! Aí liguei outro dia para o *Chevra Kadisha*[92], pois queria comprar um túmulo para mim e minha mulher. É importante ser enterrado em cemitério judeu. Eu estava decidido a comprar na lata, sem parcelar. Poderia reformar a laje aqui de casa, mas decidi comprar um túmulo. Liguei e a mulher disse que eu não era judeu e não poderia comprar, mano, não acreditei, fiquei louco da vida, liguei de novo e ela bateu na minha cara. Por que?" (Esdras)

[92] Em aramaico: sociedade sagrada. Trata-se da associação que cuida dos cemitérios israelitas em São Paulo.

Imagem 12: Esdras e sua esposa assistindo ao programa Shalom Brasil. Obs: *Os rostos foram desfocados para preservar a identidade dos nativos.*

Segundo a mãe de Esdras, ter um filho judeu é motivo de muito orgulho e ela fica muito feliz. Seus outros filhos são evangélicos. Ela se identifica como judia, diz que não come nada de porco, mas que não freqüenta tanto a sinagoga, pois o marido não gosta "dessas coisas de judeu" e a obriga a freqüentar a Igreja Batista, onde é obreiro. Lourdes diz que o marido já está com muita idade, quase noventa anos, e "quando ele se for, vou freqüentar mais a sinagoga com o Esdras e aqui vai ser uma casa judaica, mesmo, sem meu marido colocando esse programa evangélico no rádio". Ela afirma ter crescido na umbanda e virou evangélica após seu marido ter adotado a religião. Depois, com a descoberta de Esdras, realmente achava que era descendente de judeus:

> "Minha avó falava que a gente era de um povo que não era daqui. Era lá de longe e ela tinha muitas coisas assim delas né? E fazia a gente cumprir: tinha que por roupa bonita na sexta-feira, tinha que fazer mortalha para os mortos e tinha que colocar pedrinha no túmulo. Depois que eu conheci o rabino que eu soube que era tudo coisa de judeu e que eu era também" (Lourdes, 68 anos, mãe de Esdras).

Durante minha visita, o pai de Esdras estava na Igreja, assistindo ao culto dominical e participando dos estudos da Bíblia. Segundo ele, a relação com o pai é complicada, pois começam a discutir sobre religião e "sempre dá alguma briga, a mesma coisa com meus irmãos. Gosto deles, mas evito falar de religião". Essa tensão na família é comum em muitos lares dos fiéis da *Beith* Israel, segundo Mordechai. Isso, em sua visão, é um dos fatores que leva os ditos *bnei anussim* a buscar sinagogas messiânicas, ou seja, que acreditam em Jesus como messias, pois "o choque não é tão grande e a pessoa ainda pode continuar freqüentando a Igreja dos parentes. Mas isso é péssimo, pois leva o *anussim* para o caminho errado".

Yetzer Hara: a periferia como teste

De acordo com Mordechai, ser judeu ortodoxo é algo difícil, pois exige muitos sacrifícios. Mas, segundo ele, na periferia é que a prática ortodoxa do judaísmo é uma verdadeira provação. Aquele que consegue enfrentar todas as adversidades, seja por conta do *Yetzer Hara*[93], impedimentos socioeconômicos, dificuldades para obter alimentos *kasher*, entre outros problemas, mostra que realmente ama HaShem por cumprir seus mandamentos em um bairro que coloca inúmeros entraves à vivência judaica.

> "Temos que ser sinceros: ser judeu na zona leste é muito mais difícil do que na zona sul (a maior parte dos nativos refere-se assim às regiões nobres de São Paulo). Aqui é o Yetzer Hara atacando o tempo todo, por isso, precisamos estar bem-alimentados na fé. Na periferia é baile funk, mulher com roupa justa e decotada, completamente atiradas. Não que não tenha isso em outros lugares da cidade, mas igual ao que tem aqui? Não mesmo. Aqui o cara prova se é judeu observante mesmo, pois as coisas são cumpridas com mais dificuldade. Aqui tem anti-semitismo mais presente. Sem contar que aqui você tem que se dar bem com todo mundo. Não tem essa de ser fechado somente com os seus. Deixa de cumprimentar alguém aqui para você ver, se o cara for do PCC[94] – Primeiro Comando da Capital, tá lascado. Se você não cumprimentou a mulher, ou irmã dele, aí segura a bucha. Na zona sul não tem PCC. Na maioria das vezes, me trataram bem em Higienopólis e Bom Retiro, mas as comunidades de lá são mais fechadas. Aqui a gente é mais aberto até porque

[93] Em hebraico, inclinação para o mal, para testar o homem com desejos e vontades inadequadas. É um inimigo da fé e, ao mesmo tempo, um aliado, pois é necessário o desvio, justamente para que o ser humano o contorne e siga o caminho correto indicado pela Torá.
[94] Uma das maiores facções criminosas do país. Ver Biondi (2010).

> precisamos ser. O *Talmud* diz que temos de nos adaptar a viver em um local. É o que fazemos". (Mordechai)

As dificuldades apontadas por Mordechai indicam como a lógica do bairro também interfere na dinâmica da religião. Por conta de certas regras vigentes no *pedaço*, os autodenominados *anussim* não podem se recusar a cumprimentar uma mulher, ou seja, são obrigados a tocá-la, ao dar um aperto de mão, o que não é permitido no judaísmo ortodoxo. A justificativa dos nativos é que a Torá determina que o homem deve abrir mão de certos preceitos, caso isso seja necessário para a manutenção da própria vida. O contato com o sexo feminino seja na questão do toque, ou até mesmo no estabelecimento de um diálogo, é percebido e vivenciado de maneira distinta, em relação ao circuito Higienópolis – Bom Retiro.

Uma das práticas de lazer dos homens da sinagoga era ir ao *Maavah*, bar árabe, próximo ao metrô Carrão. O grupo saia da sinagoga e seguia até a av. Mateo Bei, para pegar algum ônibus que fosse à direção da estação de metrô. Uma das preocupações era usar uma boina ou boné, para a *kipá* não ficar aparente e não chamar tanta atenção. Segundo os ditos *anussim*, era o momento de "se fantasiar de *goy*". Ao chegar lá, pediam cerveja, comiam *tabule*[95] e tâmaras e fumavam narguilé (grande cachimbo com um filtro de água). Assistiam aos espetáculos de dança do ventre e conversavam sobre variados assuntos. Atualmente, não freqüentam mais o espaço, pois, segundo eles, a casa deixou de ter uma temática oriental, que era próxima à cultura assumida pelo grupo.

> "Hoje mudou, é coisa sertaneja. Antes era árabe mesmo, com comida, narguilé, dança. O momento de lazer é muito importante. Principalmente para o *anussim*, que tem uma vida tão complicada. Mas lá era um lugar para testes também. Havia dançarinas, mulheres que se sentavam à mesa para conversar conosco, pois percebiam que éramos judeus, por causa do *tsitsit*, talvez. Aí eu via como cada um se comportava. Ali dava para perceber quem cedia ao Yetzer Hará, pela maneira de olhar, de se comportar, de falar. Era um lugar não só para se divertir, mas para testar a fé dos *anussim*" (Mordechai).

No *pedaço*, a interação entre homens e mulheres é praticamente obrigatória, pois não conversar ou apertar a mão de uma mulher é encarado como algo

[95] Espécie de salada síria, mas os *anussim* afirmam que se trata de um prato de origem *sefaradi*.

extremamente ofensivo pelos agentes pertencentes a esse espaço social, segundo seus esquemas de percepção. Dessa maneira, os *anussim* tiveram que adaptar seu *habitus* à lógica vigente no *pedaço*, a fim de ingressar nessa rede de sociabilidade específica e também para evitar uma possível represália. Entretanto, essa obrigação de cumprimentar gerou uma necessidade de explicar, teologicamente, que tal atitude era permitida.

Isso levou a burocracia religiosa do grupo a pensar e debater o mandamento que se refere à interação entre homem e mulher no espaço público, ou seja, entre pessoas que não possuem laços de parentesco. Buscaram explicações na Mishné Torá, obra que tem a compilação das leis judaicas, realizada pelo rabino e filósofo judeu Maimônides, também conhecido como Rambam. Segundo a interpretação que fizeram do texto, não há mal algum em cumprimentar uma mulher, desde que não haja nenhuma intenção sexual, e que a mulher não esteja *nidá*[96]. Dessa forma, tentam explicar aos vizinhos e pessoas mais próximas do *pedaço* de que não as cumprimentam somente nesse período. Tal medida pode não resolver completamente o impasse existente, mas o argumento é mais bem aceito pelos moradores de São Mateus, ao entender, após explicações, que para a comunidade judaica a mulher encontra-se impura, durante esse período.

Esse esforço pode ser encarado como uma tentativa de construir um sistema de crenças e práticas religiosas, por meio da estratégia da leitura e interpretação de Rambam, a fim de legitimar sua percepção de mundo e criar um discurso que atenda a uma categoria particular de necessidades próprias dos ditos *anussim*. (BOURDIEU, 2006).

A necessidade do trabalho específico do *corpus* religioso para justificar uma nova situação acaba reforçando as estruturas do poder da burocracia religiosa, tornando claro, aos fiéis, sua importância e a exclusividade de competência para decidir e pensar o religioso. Logo, a interferência da lógica do bairro no campo religioso não enfraquece a instituição. Ao contrário, fortalece o processo de racionalização da produção de bens religiosos, reforçando a importância e exclusividade da burocracia religiosa. Tudo isso acaba por acentuar o processo de institucionalização da *Beith* Israel, com a formação de quadros específicos para pensar e dar respostas às questões emergentes no processo de interação com e no *pedaço*.

[96] Em hebraico, mulher que está no período menstrual.

Dessa forma, tentei expor nesse capítulo como diversos agentes, incluindo os que se afirmam *anussim*, disputam tanto espaços físicos quanto simbólicos, além de haver uma luta em torno da significação do bairro e da produção cultural atribuída a ele. A pluralidade identitária é um indicativo das distintas disposições dos agentes ante o jogo para definir a periferia, assumindo-a e tornando seu pertencimento como algo positivo, algo feito pelos rappers e também pelos ditos *anussim*, ao afirmarem que "somente um judeu verdadeiro consegue ser *kasher* nesse ambiente", ou os que pregam visões diferentes do bairro. Interessante ressaltar, nessa breve conclusão, que certas expressões reivindicam pertencimento a uma visão socialmente construída de periferia, enquanto que outras negam completamente o pertencer a algo visto como negativo.

> "Na visão de mundo do novo protestantismo que ganha uma significação quase inquestionável nas periferias pobres sob o império da violência e do terror, não há lugar para o outro. Inteiramente incorporado, mas com um sinal negativo, esse universo só pode ser, também, integralmente rejeitado" (MONTES, 2007, p. 137)

O texto de Maria Lúcia Montes faz referência não só à visão de "império do mal", por parte do protestantismo, mas também às religiões afro-brasileiras. Com meus grifos, pretendo usar a citação para mostrar uma maneira de se distinguir (não só por parte dos protestantes, mas também de outros atores) de uma determinada visão de periferia, evidenciando os conflitos simbólicos em torno de sua significação.

6. A queda e o recomeço da Fisba

Em 2008, a Federação Israelita *Sefaradi Bnei Anussim* contava com um grande quadro de filiados, tanto em São Paulo, como em outros estados. Segundo Mordechai, a instituição chegou a ter até 1.500 membros, inclusive na Venezuela, conforme pude

comprovar ao ler cartas de uma comunidade, que se reivindica a identidade *anuss*, venezuelana. Com 12 anos de existência, a instituição já contava com muitos membros insatisfeitos, segundo eles, cansados de esperar pela definição de sua situação e pelos rabinos ortodoxos de Israel e dos EUA, amigos de Mordechai, que nunca apareciam.

No mesmo ano, em parceria com um grupo dito *anuss* do Tatuapé, que era aliado à Fisba, mas não federado, conseguiram trazer um rabino peruano, residente em Israel, para fundar uma *yeshivá* e tentar o retorno dos autodenominados *anussim*. A tentativa foi fracassada, por dissidências entre os dois grupos, e também pela forte pressão do rabinato judaico para barrar essa iniciativa. Com a negativa, Mordechai passou a perder considerado capital simbólico dentro da instituição e no campo marrano.

A construção de um campo marrano é complexa, porém, em minha tentativa, acredito que devem ser levados em consideração os grupos ditos *anussim* com maior relevância, como a Fisba, a Sica - Sindicato Israelita das Comunidades Anousitas (que hoje é, talvez, a maior força dentro do campo), a Organização Raízes do Brasil e comunidades independentes como, por exemplo a de Recife, que foi amparada por um rabino da *Shavei* Israel, órgão rabínico israelense que procura descendentes de judeus pelo mundo para o auxílio no processo de retorno ou conversão e também a do Varjão, cidade próxima à Brasília, que conta com um rabino, de suposta origem *anuss*, que fez o retorno e hoje dedica-se à comunidade formada no Varjão.

Ainda há diversos grupos espalhados pelo país, no Piauí, em Campina Grande, em que também há um rabino israelense acompanhando o grupo, mas acredito que o critério para o recorte seja não só o número de membros de instituições/comunidades, mas sua capacidade de luta para imposição de verdades e até mesmo as que dispõem de mais ferramentas simbólicas para obter o monopólio de classificação para definir quem é marrano. De certa forma, em um exercício teórico, podemos considerar o campo marrano como sendo um sub-campo dentro do universo judaico. Afinal, há interações, trocas comunicativas e simbólicas, entre os grupos *outsiders* e a comunidade estabelecida.

Um dos principais fatores que confere legitimidade, capital simbólico e ascensão dentro do campo marrano é o contato com rabinos ortodoxos do judaísmo oficial, pois isso legitima o clero perante os leigos, que passam a confiar na burocracia religiosa, garantindo o monopólio da gestão dos bens religiosos e do tratamento da "questão *anuss*" aos representantes dos grupos auto-intitulados como marranos. Assim

que Mordechai perdeu o contato com o rabino peruano, diversas famílias saíram da sinagoga, lideradas por um ex-membro. O dissidente encontrou uma solução: converter-se ao judaísmo caraíta[97]. O caraítismo surgiu como uma seita que defendia apenas a Torá escrita, ou seja, entregue por D-us, negando o *Talmud* e as leis rabínicas, ou seja, uma oposição ao judaísmo rabínico. O líder da dissidência entrou em contato com rabinos caraítas norte-americanos e conseguiu seu retorno e do grupo que havia saído com ele.

Agora, apesar de serem judeus caraítas, eram considerados "oficiais", não pela comunidade judaica de São Paulo, mas por rabinos norte-americanos, não só de origem caraíta, pelo Movimento Caraíta Mundial e também pelo Estado de Israel. Isso atraiu outros membros, que deixaram a sinagoga *Beith* Israel. Preocupado, Mordechai convocou uma reunião com líderes de diversas comunidades filiadas, ou não, à Fisba. O encontro foi chamado de Ma'amad[98]. Os presentes discutiram a importância de angariar recursos para formação de uma *yeshivá* e também a união entre eles, para a realização de casamentos entre seus filhos e a importância de preservar a cultura *sefardita bnei anuss*, ou seja, rejeitar as propostas de conversão à variante *ashkenazita* (judeus da Europa Central) e não adotar seus costumes.

Havia um freqüentador, Meir, judeu ortodoxo, da comunidade "oficial", de origem *ashkenazita*, que apresentou o amigo *Breslov*, de Israel, que foi o "professor" do grupo no início do movimento. Durante o evento, Meir era alvo de jocosidades, por sua origem diferente, já que ali, ele era o *outro*. Entretanto, tratava-se do principal pilar de sustentação de Mordechai, pois mostrava que ele possuía contatos com a comunidade judaica oficial. Uma forma, mesmo que precária, de assegurar o capital simbólico que ainda tinha dentro do campo marrano.

Uma dos principais pontos da argumentação de Mordechai era a questão da unidade dos ditos *anussim*, pois juntos teriam forças para lutar pelo retorno ao judaísmo, sem ter que passar pelo processo de conversão. Além disso, afirmou que deveriam permanecer unidos, pois a comunidade judaica continuaria a ignorá-los e que deveriam continuar a luta pelo reconhecimento junto a entidades rabínicas estrangeiras, mas formando as próprias sinagogas, enquanto esperam pelo resultado, para não perderem conhecimento religioso durante o processo e continuarem servindo a D-us. Em seu

[97] Em hebraico: seguidores das escrituras.
[98] Em hebraico: líderes da comunidade.

discurso, Mordechai fez uma analogia curiosa sobre como deveria ser a "unidade *anuss*":

> "Precisamos ser uma única nação, como a nação corinthiana, que mesmo com tantas diferenças está sempre unida, para lutar e defender o Corinthians. Os corinthianos ficaram 23 anos esperando um título e continuaram fiéis a sua causa. É nisso que precisamos nos espelhar, na nação corinthiana, que não perde a fé, que pode perder jogos, mas não se entrega nunca, está sempre na arquibancada, unida!" (Mordechai).

Achei seu discurso extremamente curioso. Afinal, em conversa informal, havia declarado ser torcedor do Santos Futebol Clube, mas não gosta muito de futebol. Porém, Mordechai explicou que muitos dos autodenominados *anussim* são corinthianos e que a comparação era válida, pois, segundo ele, conseguia mostrar aos fiéis, de maneira clara, o que era fé, paciência e união em torno de uma causa comum. Podemos observar que tanto Mordechai, quanto os demais, possuíam um *habitus* "periférico", já que as metáforas futebolísticas são classificadas como discursos das posições mais baixas da estrutura social, segundo o esquema bourdiesiano, presente em sua obra *A Distinção*.

Após a reunião, exaltaram a presença dos líderes presentes, no blog da instituição. Tempos depois, a sinagoga sofre a perda de toda a comunidade do Varjão. Mordechai estava intermediando a vinda de um rabino, porém, a liderança regional possuía mais dinheiro e ofereceu um salário mensal e melhor estrutura de trabalho ao rabino. Dessa forma, rompeu com a Fisba.

> "Foi uma perda muito grande. Senti como uma traição mesmo. Eu viajava tanto para lá e aí romperam. Com isso, a gente deixou de receber muitas contribuições e a dívida da Fisba começou a aumentar muito. Nisso, para tentar salvar, sujei meu nome e depois minha mulher também ficou com nome sujo. As contas chegavam, mas não tínhamos dinheiro para pagar" (Mordechai).

A perda de fiéis representou uma significativa perda de capital econômico para a instituição. Além disso, Mordechai perdia cada vez mais capital simbólico por não ter um rabino que estivesse vinculado à instituição. Sem contar as recentes reclamações pela conversão. Cansados de esperar pelo retorno, os leigos começaram a pressionar a burocracia, propondo uma solução ao problema: conversão ao judaísmo. Para atender a essa demanda, Mordechai entrou em contato com um rabino liberal que se dispôs a dar

uma palestra de Torá e *Talmud* e conversar sobre o processo de conversão ao judaísmo. Empolgado, Mordechai postou a informação no blog da instituição.

A sinagoga liberal descobriu e o rabino foi repreendido, o que o levou a cancelar a palestra. Nisso, outros membros começaram a sair e foram buscar, por si próprios a conversão.

> "Olha, o Mordechai não é má pessoa. Fiquei já na casa dele, mas o cara quer viver um judaísmo sozinho. Não aceita se submeter a nenhuma instituição, ou rabino. O problema dele é que não quer perder o status, aí o grupo não ia a lugar algum. Ele sempre vinha com promessas grandiosas e nada acontecia. Nada sai do papel lá. Às vezes acho que o Mordechai não tinha contato com rabino nenhum. Ele acha que vai conseguir provar alguma coisa com sobrenome? Eu cansei e decidi buscar meu caminho. Converti-me em uma sinagoga liberal e agora pretendo ir a Israel para realizar a conversão ortodoxa, pois lá é coisa de dias, se você já conhece bem a religião. Sem contar que nessa de querer fazer uma parceria, ele queria cobrar um valor maior, como intermediário, e ganhar um lucro no processo de conversão dos outros". (Francisco, 33 anos, ex-membro da sinagoga *Beith* Israel e hoje convertido em uma sinagoga liberal).

Não só Francisco, mas outros membros criticaram a falta de "democracia", segundo eles, na instituição, já que Mordechai "era sempre o presidente e se recusava a buscar alternativas à conversão e arrumar um rabino para coordenar". Mordechai discorda e afirma que tentou o retorno até as últimas conseqüências e, para ajudar os outros, buscou orientar os membros que pretendiam se converter.

> "É incrível como as pessoas falam mal de mim. Quando entrei em contato com a sinagoga liberal, a idéia foi baixar o valor por cada convertido, já que era um grupo com mais de 15 pessoas. Só tentei ajudar e tem gente falando que eu queria pegar dinheiro? Poxa, as pessoas dormiam na sinagoga que eu mantive com meu dinheiro. Eu gastei tudo nisso! Muitas pessoas nem pagavam a contribuição mensal. Olha só o bairro em que a gente mora e vem falar que estou atrás de dinheiro? Sem contar que a gente ensina tudo para o *anussim*, depois ele sai daqui com tudo que aprendeu, gratuitamente, e vai para outra sinagoga e ainda fala mal de mim. É doloroso isso. Mas HaShem sabe o que faz" (Mordechai).

Segundo o líder religioso da sinagoga de São Mateus, um rabino liberal brasileiro, radicado nos Estados Unidos, e que se dedica à conversão, estava farto do grupo que se reivindica *anuss* e entrou em contato com lideranças liberais de São Paulo, a fim de oferecer conversões a baixo custo, para acabar com o movimento. Para

Mordechai, o que confirma sua versão da história é a grande quantidade de convertidos, que saíram da *Beith* Israel, em sinagogas liberais.

O mesmo rabino liberal acusado por Mordechai declarou no Orkut que propôs orientação à Fisba, mas sua proposta foi recusada e que o líder religioso de São Mateus não deseja orientação de nenhum rabino. Segundo ele, Mordechai "se passa por educador judaico, mas não sabe nem o básico do hebraico ou do judaísmo. É uma pena que muitas pessoas que queiram voltar a Israel acabam criando oportunidades para charlatões como a Fisba".

> "Esse cara disse isso no Orkut, mas não cumpre nem a lei judaica. Se propôs a ajudar sim, com curso online, comprando os materiais vendidos no site dele e depois pagando uma nota pela conversão. Bela ajuda que ele ofereceu. Muita gente aqui conseguiria pagar, né? Que beleza" (Mordechai).

A perda de tantos membros, no mesmo intervalo de tempo, pode ser um indicativo da dinâmica do campo, com o surgimento concomitante de mais grupos, brigando pela hegemonia no campo marrano e que, se não possuíam o mesmo alcance nacional, ou estrutura institucional, tinham o trunfo de contar com um rabino da comunidade oficial que, pela análise do universo simbólico marrano, é o fato que agrega maior capital simbólico ao agente/instituição. Além disso, Mordechai foi vítima de grave calúnia na Internet, por um pastor evangélico, o que mostra a tensão existente no campo religioso de São Mateus.

Tudo isso causou a perda de muitos fiéis e ainda por cima a sinagoga foi apedrejada. Após denúncia na Polícia, a apuração não chegou aos culpados e deu o caso como encerrado. Com a dificuldade econômica, foram despejados da casa que usavam como sinagoga, que ficava em ponto próximo a Av. Mateo Bei, na rua Cônego Antônio Dias Pequeno, cujo acesso era mais fácil aos fiéis.

Imagem 13: A Av. Mateo Bei localiza-se na linha amarela e o imóvel que os ditos anussim utilizaram durante cerca de 3 anos, no ponto A.

Mordechai conseguiu uma casa, em imóvel onde havia outras três, no Jardim Tietê, bairro do distrito de São Mateus, próximo à Avenida Engenho Novo, em que passa o Córrego dos Machados, ou como a população local chama: "esgotão".

Imagem 14: Panorama do Jardim Tietê, com o córrego dos Machados, ou "esgotão".

Aconselhado por amigos da comunidade judaica, Mordechai investe o pouco que tem para abrir uma empresa de trading, para realizar a intermediação da exportação de commodities. Os contatos passados pelos amigos, tanto os da comunidade judaica de São Paulo, como do exterior, foram fundamentais para o início do negócio, pois Mordechai era reconhecido como judeu, o que facilitava o fechamento de contratos, pela confiança existente entre os que compartilham a mesma identidade. Isso indica que mesmo quando o grupo foi para uma região ainda mais periférica, não permaneceu isolado no bairro, pois a sociabilidade gerada no e pelo *circuito* garantia a circulação e sociabilidade em outros locais da cidade, com diferentes agentes, o que permitiu a Mordechai entrar em contato com um *circuito* ainda maior: o dos comerciantes internacionais, principalmente os de origem judaica.

> "Tenho que reconhecer uma coisa. O Rabino Nimoy foi muito legal, mandou trezentos reais, sem eu pedir, cesta básica *kasher*, e ainda passou contatos de pessoas no exterior para eu fazer negócio, ou seja, fui apresentado como sendo amigo dele. Isso abriu muitas portas. Fico muito grato a ele. Ele até chegou a oferecer escola judaica para os meus filhos e uma moradia no Bom Retiro, mas eu teria que parar todo esse trabalho. Acho que isso era uma estratégia dele para acabar com o movimento *anussim*" (Mordechai).

A ajuda de Nimoy (rabino ortodoxo do Bom Retiro) foi importante, segundo a avaliação de Mordechai, para que o negócio prosperasse e para a própria continuidade da instituição, como poderemos observar. Não se trata de fazer um exercício de futurologia, mas a suposição de Mordechai vai contra o esquema de percepção que Nimoy tem sobre a questão *anuss*.

> "Os *anussim* são importantes. Acho louvável viverem uma vida *kasher* com tão poucos recursos, isso é admirável. Mas tem aí uma questão social, eles se reúnem, ficam juntos, vivem em comunidade, se casam, mas falta a liderança religiosa, precisa ser rabino para comandar tudo isso, para conhecer, orientar, tem que ter passado por uma *yeshivá*. Ter uma linha de pensamento clara, seguindo os preceitos judaicos. Mas acho ainda que eles vão conseguir. Uma hora vão crescer e não poderão mais ser ignorados como são agora" (Rabino Nimoy).

Fica claro que a divergência que o rabino do Bom Retiro tem em relação ao movimento é a falta de uma liderança religiosa que tenha estudado em uma *yeshivá*. Não é possível afirmar que Nimoy assumiria tal papel, até porque seria uma considerável perda de capital simbólico para um agente que já não ocupa uma posição dominante no campo judaico. Entretanto, é possível que a ajuda a Mordechai implicasse uma subordinação a Nimoy na questão *anuss*, algo que o representante do grupo de São Mateus, pelas entrevistas com dissidentes, "não aceita de jeito nenhum".

> "Fiquei com o Mordechai um tempo. Cara, tenho uma metáfora para explicar a Fisba: 'quando você é *anussim*, está perdido, caminhando em um labirinto, à procura de uma saída. Na Fisba, você está no mesmo labirinto, mas sentado, sem se movimentar'. Lá não se vai a lugar nenhum, só se perde tempo. O Mordechai não aceita conversão, pois ele não quer largar o cargo de presidente. Pô, como que pode uma instituição ter por 13 anos o mesmo presidente? Ele nunca ouviu falar em eleições? Sem contar que o cara é muito sonhador, acha que vai construir escola judaica na zona leste, com parcerias. Ele não vive a realidade. Fala que tem contato com rabinos, com tribunal rabínico, tudo conversa! Outra coisa, lá dentro é cheio de dizer que tem Depto. Cultural, Depto de Marketing, disso, daquilo, mas é a mulher dele, ou ele mesmo ocupando outro cargo. Isso é a instituição grande que eles falam? Amadorismo total. Estava me preparando para entrar na CIP e fui cair nessa furada, quanto tempo perdi." (Reinaldo, 30 anos, diagramador).

A crítica em relação à ausência de eleições na instituição é um tema muito comum, nas entrevistas realizadas com antigos membros da *Beith* Israel/Fisba. Além disso, alguns vêem tal prática como sendo evangélica, pois entidades judaicas como a Conib – Confederação Israelita do Brasil e Fisesp – Federação Israelita do Estado de São Paulo, possuem eleições e alternância de poder.

> "A usurpação que reside no fato de alguém se afirmar como capaz de falar "em nome de" é o que autoriza a passagem do indicativo ao imperativo (...) O fetichismo da representação é o que permite ao porta-voz autorizado autorizar-se junto ao grupo que ao utoriza para exercer uma coação reconhecida, uma violência simbólica sobre cada um dos membros isolados do grupo. O efeito de oráculo permite ao porta-voz falar em nome do grupo, com toda a autoridade, pois o "eu" do representante anula-se em proveito de uma pessoa transcendente" (BOURDIEU, 2004, p. 196 e 197).

Segundo Reinaldo, as práticas de Mordechai e da *Beith* Israel são evangélicas, pois não tem seriedade e o líder religioso usa palavras de baixo calão, "algo impensável

para um judeu sério", segundo Reinaldo. A revolta com a ausência das promessas feitas pela instituição indica sua fragilidade.

A sinagoga passou por um processo de institucionalização, conforme comentado anteriormente, porém, não foi uma estruturação tão grande quanto o clero religioso havia apregoado. Tanto que a maior parte dos cargos encontra-se ocupados por Mordechai e sua esposa. O *habitus* do ex-membro da sinagoga mostra sua visão idealizada do judaísmo, por um lado. Afinal, rabinos da comunidade oficial também fazem piadas com temas sexuais, entre os homens. Pude comprovar isso durante o processo etnográfico.

Mas a questão que mais apareceu nos relatos dos entrevistados foi a relutância de Mordechai em aceitar a conversão, pois "retorno não existe, ou se converte ou esquece, a regra é essa, mas o cara não aceita e vai brincar de ser judeu com a esposa para sempre". Reginaldo mandou um e-mail a diversos grupos ditos *anussim*, rivais de Mordechai, com diversas acusações sobre sua conduta enquanto líder da Fisba, o que foi utilizado, posteriormente como ferramenta simbólica para atacá-lo no campo marrano.

Após receber tantas críticas do clero, Mordechai tomou duas decisões: alugar um novo salão na região do Jardim Tietê para restabelecer a sinagoga e adotar um discurso simpático à conversão, na esperança de manter os membros, ou tentar recuperar os que se desligaram da instituição. Conseguiu convencer um pastor evangélico, que tinha um sobrado na Av. Engenho Novo a alugar-lhe o local, mesmo com seu nome no SPC – Sistema de Proteção ao Crédito.

> "Essa é a vantagem de ser judeu na periferia. Tem muito evangélico que é "judeolátra", o cara ficou louco ao saber que eu era judeu. Tanto que nem fez caso, facilitou o pagamento, até deu um prazo maior. Mas depois, foi só atrasar um aluguel que o cara veio dizendo que a sinagoga não dá certo, pois não acreditamos em Jesus. Fiquei até com vontade de abrir um B.O., só fiquei quieto porque não teríamos outro local para ir" (Mordechai).

Por meio da Internet, o líder religioso anunciou a inauguração da nova sinagoga, o que chamou a atenção da mídia. Uma repórter da *Folha de S. Paulo* procurou o grupo e produziu uma reportagem que foi veiculada na revista da *Folha* (ver anexo), suplemento que acompanha as edições de domingo, no dia 07/11/10 com o título: "Um rabino negro na zona leste". Após a repercussão, Mordechai recebeu inúmeras ligações de pessoas que desejavam voltar à sinagoga. O capital midiático que

ganhou com a exposição na revista convertia-se agora, dentro do campo, em capital simbólico, possibilitando sua ascensão na estrutura desse universo simbólico e recuperar fiéis à instituição religiosa.

RELIGIÃO

Um rabino negro na zona leste

Mordechai Moré ergue sinagoga em São Mateus e quer unir judeus nordestinos • OCIMARA BALMANT

O comerciante negro e alto é mais um morador da periferia de São Paulo. Passaria despercebido pelas ruas de São Mateus, na zona leste. Mas é impossível não chamar a atenção com aquela quipá na cabeça, acessório típico em bairros como Higienópolis e Bom Retiro, mais completamente inusitado por ali.

"As pessoas estão acostumadas a ver judeus brancos de olhos azuis. Por isso, se assustam comigo", diz Mordechai Moré, 43, o nome hebraico do homem que nasceu e cresceu Marcos Moreira. Foi pastor evangélico e há dez anos se assumiu judeu. Desde então, aprendeu hebraico sozinho, reza três vezes ao dia, cumpre o shabat (a guarda do sábado), descobriu outras famílias judias no bairro e comanda por lá a construção de uma sinagoga.

Dentro de casa, aboliu qualquer alimento "impuro" do cardápio da família. A mulher, Hadassa, também judia, só cozinha comida kasher. Ele sonha com um colégio judaico na região, mas, enquanto não consegue, improvisa. Só conversa com os quatro filhos em hebraico, para aprenderem a língua, e ensinou às crianças o que minha mãe me dizia quando eu era criança", lembra ele.

Ser judeu não foi uma decisão tomada ao acaso. Mordechai é descendente dos "forçados", os judeus que foram obrigados a se converter ao cristianismo na época da Inquisição e que chegaram ao Nordeste como imigrantes no século 16 (leia mais à pág. 41). Muitos deles renunciaram à religião, mas não à tradição.

Caso dos avós e dos pais de Mordechai. Sua infância foi permeada de costumes judaicos: mais velho de quatro irmãos, ele foi circuncidado, nunca comemorou o Natal nem comeu carne de porco. "Minha mãe até cantava música em ladino, uma mistura de espanhol com hebraico. Eram coisas que eu não entendia, mas eles desconversavam, diziam que era tradição dos antigos." •

"Ser judeu na periferia é difícil. O povo acha que judeu não acredita em Deus. Já levei

Mordechai Moré em São Mateus, na zona leste, onde mora

SÃO MATEUS

Prontamente, seu ressurgimento no campo provocou reações imediatas no universo simbólico marrano, podendo ser conferidas na comunidade do Orkut: "Não ao falso marranismo". Um dos membros reclama do excesso de exposição da mídia, que causa, segundo sua visão, o aparecimento de falsos grupos *anussim:*

> "Vejam como ele cita coisas que são apenas chavões, que a simples leitura do que vemos escrito por aí como costume de marrano já faz com que ele possa dizer que é um.
>
> E de onde ele saiu? Do meio protestante, depois messiânico...Mas não podemos culpar os evangélicos dizendo que ele é um produto deles. É muito antes um produto de tudo isso que se fala de marrano por aí, dessa exposição de coisas que estavam muito bem guardadas dentro de casa. Criamos mais quantos assim que vêem "marrano" como senha prá se dizer Judeu, sem ter qualquer comprometimento, simplesmente querendo passar o pires?" (mensagem postada no dia 11/11/10).

O membro ainda afirma que Mordechai é, na verdade, um messiânico, pois entrou em seu perfil no *Facebook* e encontrou uma conversa com um líder de uma sinagoga messiânica do Nordeste que queria fazer doações à nova sinagoga dos ditos *anussim* de São Mateus. Segundo o autor, em postagem no Orkut, "quem aceita dinheiro de messiânico é messiânico". De acordo com Ingo Bergson (ex-auxiliar em sinagoga ortodoxa *Chabad*), não há problema em aceitar doações de um *goy*, desde que o dinheiro não seja utilizado para compra de materiais religiosos.

Segundo Bourdieu, o órgão de imprensa que pretende atingir grandes públicos deve perder as asperezas, buscando não chocar ninguém, e jamais buscar assuntos problemáticos. Para ele, quanto mais um jornal estende sua circulação mais caminha para assuntos banais que não levantam problemas. É o chamado esquema *soft news*, nos estudos de comunicação, que não suscitam debates, mas apenas mostram curiosidades.

Esse tipo de exposição permitiu a Mordechai uma importante ilusão biográfica, ou seja, possibilitou-lhe recortar trechos de sua biografia que não eram interessantes para sua participação no campo judaico e, conseqüentemente, no campo marrano. Logo, não disse à reportagem que tinha sido pastor evangélico, preferiu dizer:

> "Quando eu tinha 17 anos, resolvi que ia virar Hare Krishna. Então, minha mãe não se aguentou e contou: 'A gente é descendente de judeu. É melhor ser judeu que Hare Krishna'". Na época, Mordechai optou por mesclar as duas religiões. "Achei que devia pregar Jesus para os judeus. Fiz isso um tempo, mas, de repente, percebi que o que eu queria dar para eles não era mais o que eu queria para mim. Decidi fazer o retorno." *(Mordechai).*

Apesar da passagem confusa, tanto por conta de sua declaração, quanto pelo processo de edição do texto, o objetivo é alcançado: desvencilha-se da imagem de ex-pastor, que tanto o prejudicara na sua luta dentro do campo judaico. A reportagem gerou repercussão entre a comunidade judaica. O programa Mosaico, voltado à comunidade paulistana, decidiu gravar uma entrevista[99] com Mordechai sobre a abertura da sinagoga e a questão dos *bnei anussim*. O apresentador refere-se ao grupo como descendente de judeus e o repórter fala que está em São Mateus para "ver a nova sinagoga de São Paulo". Após a reportagem, há um comentário de Francisco Gotthilf, conhecido como "Sr. Mosaico", pois comanda o programa televisivo desde sua fundação, em 1961. Trata-se de uma figura muito conhecida e respeitada na comunidade judaica. Seu comentário, no programa, sobre a iniciativa dos ditos *anussim*: "Acho louvável alguém construir uma sinagoga com tantas dificuldades".

Após o programa, Mordechai conquistou um capital simbólico considerável e recuperou posições no campo. Afinal, membros da comunidade judaica oficial e o programa da comunidade colocaram-no como descendente de judeu e elogiaram sua iniciativa. O programa não é voltado às questões religiosas, mas sim à cultura judaica. Entretanto, as declarações conferiram grande legitimidade a Mordechai. Com a

[99] Pode ser conferida em: http://www.youtube.com/watch?v=1RQhi1jkVSw&

facilidade de sites como YouTube, colocaram o vídeo na Internet, de forma que fosse divulgado a outros membros do campo judaico e marrano.

A iniciativa surtiu efeitos imediatos e a sinagoga *Beith* Israel conseguiu a volta de seu c*hazan*[100], responsável por "guiar" a reza na sinagoga, por meio de seu canto. Rogério é considerado um *chazan* de grande qualidade, tanto que até já trabalhou em sinagogas do circuito oficial. Havia deixado o grupo para unir-se à comunidade do Varjão, onde recebia até mesmo um salário para exercer a função. Após estudos com o rabino que coordenava a comunidade, decidiu voltar à sinagoga *Beith* Israel, por conta da amizade que tinha com Mordechai e também pela possibilidade de realizar um trabalho em uma instituição que voltava a crescer. Além disso, era vantajoso ter Rogério de volta, pois ele é bem conceituado no campo marrano, por conta do tempo estudos que realizou com o rabino Oliveira, em Varjão. Tanto que foi criticado por sua decisão de voltar à instituição:

"PUTA KEEP ARE YOU ROGÉRIO?! FISBA????????? É MELHOR ESTAR USANDO DROGAS, QUE USANDO FISBA!" (Post retirado da comunidade do Orkut "Não ao falso marranismo").

Para ter Rogério de volta, Mordechai concedeu maior espaço ao *chazan*, que dividiu, de certa forma, a liderança religiosa com ele. Ou seja, tem um papel mais expressivo do que em sua primeira passagem pela instituição. Após a influência e maior poder conferido ao *chazan*, a Fisba se coloca não mais como uma instituição que busca o retorno dos autodenominados *bnei anussim*, mas sim auxiliar os supostos descendentes de cristãos-novos, ensinando-lhes a religião, costumes e língua hebraica, para que já cheguem preparados, quando tentarem a conversão em uma sinagoga liberal ou ortodoxa, do circuito oficial. Isso fez com que a instituição recuperasse parte de seus membros e atraísse pessoas interessadas exclusivamente no processo de conversão e que não se intitulam como *anussim*. Entretanto, o retorno de Rogério não durou muito. Em maio de 2011, após uma discussão com Mordechai, decidiu sair, de novo, do grupo e juntou-se ao grupo de Campinas, que havia se desligado da Fisba.

> "Tomei uma baita rasteira, de novo. Poxa, abri minha casa para o cara, ajudei. O pessoal de Campinas também me traiu. Por quê? Não sei, acho que o líder de lá queria mais poder, mas ele sempre se mostrou tão fiel à Fisba. No fundo, estava só preparando o bote. Estavam em

[100] Em hebraico: cantor.

> uma situação financeira boa, mas não nos ajudaram. Quando eles estavam com dificuldade, demos tudo de material religioso. Mas já estou acostumado com isso. A gente sofre, pois o *anussim* assim desunido, só atrapalha mais a causa, os rabinos vêem com maus olhos. Mas por um lado é melhor mesmo, ter gente assim, que descumpre *mitzvot*, por perto é pedir para receber desgraça. Melhor ter eles longe" (Mordechai).

Logo, a mudança na dinâmica do campo marrano alterou a oferta de bens religiosos da Fisba, pois esta passou a ter seu foco na preparação para conversões, ou seja, houve uma mudança profunda nos esquemas de percepção da instituição, a fim de manter sua existência no campo e atender às demandas dos leigos. Esse processo de transformação do discurso religioso foi uma das estratégias para a ascensão da instituição e seus representantes, após a brusca queda sofrida. Entretanto, ainda planejam ter a própria sinagoga e Mordechai ainda busca o retorno para si e sua família, aceitando a conversão, somente e unicamente, em último caso.

A exposição na mídia ainda aumentaria com mais uma reportagem, dessa vez, no Jornal da Gazeta. Mais uma vez, utilizando-se da "ilusão biográfica", Mordechai consegue "apagar" seu passado evangélico, assim como o de todo o grupo. Além disso, por chamar a atenção, indiretamente, para o bairro. Os ditos *anussim* ganharam grande respeito no *pedaço*, já que eram "famosos" e, na visão de moradores da região, conseguiram expor São Mateus, pela primeira vez, de forma positiva na televisão.

> "Fiquei muito orgulho de ver São Mateus na televisão. A gente se sente importante, sabendo que tem vizinho famoso (risos). Até dá para ver minha casinha na reportagem. Meu filho salvou no computador. Achei muito bom para São Mateus. É capaz de agora os políticos olharem mais para cá" (Julieta, 65 anos, aposentada).

A esperança dos moradores do *pedaço* é que novas intervenções do poder público sejam realizadas no local. Em 2010, a avenida principal do Jardim Tietê e outras ruas transversais, ganharam asfalto e iluminação, pela primeira vez. Entretanto, as principais reivindicações dos moradores: canalização e tratamento do córrego, ainda não foram atendidas pelos governantes. A chuva é um grande problema no bairro, pois os alagamentos são constantes. Como a sinagoga funciona em um sobrado, com pé direito do térreo alto, tem condições de ajudar vizinhos a salvar móveis e eletrodomésticos na "hora da enchente". Dessa forma, muitos passaram a ajudar a sinagoga, com doações de diversos tipos, por conta da reciprocidade vigente no *pedaço*.

Após a publicização do grupo, Mordechai foi contatado pela esposa de um rabino, que trabalha em uma instituição ortodoxa em Higienópolis. O casal está disposto a ajudar o grupo a realizar conversões. Mordechai abandonou a idéia do retorno, pois, segundo ele, não agüenta mais correr atrás e nada acontecer. Atualmente, julga impossível o retorno. Para salvar a instituição, o líder religioso aceitou a conversão como única via possível para solução da questão *anuss* e também a subordinação a um rabino ortodoxo, que irá coordenar os estudos. A princípio, a esposa do rabino estabelecido dará aulas de hebraico e culinária *kasher*. Depois, pessoas de confiança do rabino darão aulas de judaísmo para os ditos *anussim* e a conversão será realizada por rabinos de sua confiança, em Israel. Para viabilizar a viagem dos membros do grupo e pagar as aulas de judaísmo, Mordechai criou um projeto, aprovado pelo rabino que passou a apoiar o grupo, para captação de recursos, a fim de bancar a viagem e estada em Jerusalém. Apesar de ter um rabino ortodoxo coordenando o processo, Mordechai não publicizou o fato, pois o rabino teme ser identificado.

> "O rabino é muito bom e atencioso. Mas não pode aparecer, senão dá problema para ele. Ele vai fazer toda a parte de bastidores, abrir as portas para a gente em Israel, talvez ele venha até aqui, mas tem que ser de um jeito que ninguém descubra. A esposa dele virá, para dar as aulas. Isso vai ser ótimo, pois vai resolver nossa situação. Eles entendem nossa causa, respeitam a gente. São muito atenciosos. É uma benção em um momento tão difícil". (Mordechai).

Em junho de 2011, o grupo sofreu nova ação de despejo, por inadimplência, e tiveram que deixar o imóvel que utilizavam como sinagoga e moradia. Ainda buscam um novo lugar na zona leste, mas dessa vez, próximo de algum metrô, seguindo as orientações do rabino ortodoxo que decidiu ajudá-los, pois, segundo ele, "fica mais fácil para os professores darem aula, para ele se deslocarem e comprarem *kasher*. Mesmo sendo mais caro o aluguel, tem que ter metrô perto". A intenção de Mordechai, após a conversão, é estudar em uma *yeshivá* e obter o título de rabino. Dessa forma, crê que estará apto para ajudar os ditos *anussim* da zona leste e de outras partes do país. Além disso, afirma que irá incentivar a ida de jovens, "para estudarem em uma *yeshivá.* Assim, cada sinagoga filiada à Fisba vai ter um rabino oficial e formado para controlar as coisas. Aí, eles vão ter que aceitar a gente, querendo ou não". Há uma preocupação visível com a formação de quadros para a instituição, a fim de retomar o poder simbólico, temporariamente perdido, com a subordinação ao rabino ortodoxo de

Higienópolis. A concretização do projeto de Mordechai permitiria que os hoje ditos *anussim* conseguissem oficializar sua identidade judaica, possibilitando a retomada do monopólio da classificação no campo marrano e também um novo poder simbólico: conversões oficiais, reconhecidas pelo rabinato de Israel.

> "A idéia é termos nossos próprios rabinos, construir uma *yeshivá* aqui na zona leste, uma escola feminina, uma sinagoga só nossa, mas perto do metrô, para ficar fácil de chegar. Queremos transformar a zona leste em um bairro judaico. Essa é a intenção. O projeto prevê renda para o associado, para que ele monte um comércio *kasher*, para que possamos construir um novo *kibutz*, moradia digna, um clube judaico, que obedeça a *Halachá*, para que os que hoje são *anussim*, possam desfrutar amanhã, como judeus, de fato e de direito. Mas não vou me esquecer de São Mateus. Essas pessoas me deram muito, fizeram muito por mim, a gente sofreu aqui? Sim, mas muita gente, *anussim* e *goy*, acolheu a gente. Tem que retribuir. Dando tudo certo, quero fazer um centro cultural e esportivo aqui e manter projetos sociais, para tirar os jovens do crime. Vamos adotar mais praças e mostrar que o judaísmo abraça os pobres, principalmente esses, que ajudaram tanto". (Mordechai).

O ambicioso projeto de Mordechai pretende não só ressignificar o bairro e dar-lhe uma identidade judaica, mas também, na lógica do *potlatch*, mostrar quem "realmente faz *tsedacá*", segundo suas palavras. Uma forma de mostrar o poder simbólico do grupo frente os estabelecidos no campo judaico. Mordechai não tem planos de abandonar a zona leste, quer continuar a viver no local. Mesmo se o projeto for bem-sucedido, não pretende se mudar de bairro, ou permanecer em Israel. Segundo ele, mesmo convertido, não esquecerá seu passado como *anuss* e nem o local ao qual os ditos *anussim* pertencem.

> "A gente tem que ficar aqui. É nosso lugar. Tem cara que acha que se convertendo, vai sair daqui e casar com uma judia loira de Higienópolis. Nunca, ele sempre será um convertido, um *anussim*, pobre. Temos que ter nossa sinagoga, pois lá jamais seremos aceitos, em qualquer circunstância. Sabe gosto muito do livro de Isaías, tem uma passagem que diz: '*O deserto e o lugar solitário se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Abundantemente florescerá, e também jubilará de alegria e cantará*'[101]. Onde é o deserto? Oras, a Zona Leste é o deserto! Não tem nada aqui, só pobreza, mas é a terra que HaShem destinou ao *anussim*. Se recebemos isso de D-us, essa terra está prometida. É nosso lugar e ele será transformado, como Isaías disse. A zona leste é o deserto anussim e vamos ficar aqui" (Mordechai).

[101] Livro de Isaías 35:1-2.

Imagem 15: Fachada da atual sinagoga Beith Israel (casa azul), no Jardim Tietê.

A principal instituição que rivaliza com a Fisba, a Sica, é comandada por Asher Ben-Shlomo, judeu brasileiro, radicado em Israel, com ligação ao partido ultradireitista e religioso *Shas*[102]. Tentei entrevistá-lo, mas ele afirmou que só aceitaria participar caso assinasse um documento atestando minha "judaicidade", filiando-me ao movimento e realizando uma doação ao partido. Neguei a proposta e preferi acompanhar sua instituição pelas redes sociais. Com o contato de muitos rabinos ortodoxos em Israel, já conseguiu retornar diversos brasileiros que se intitulam como *anussim* ao judaísmo e até mesmo disponibilizou bolsas de estudo em *yeshivot*[103] israelenses. Em conversa com o rabino ortodoxo Bonder, que teve contato com Asher, consegui mais informações sobre o movimento:

> "O Asher é ultrasionista. Não que eu seja contra Israel, mas o que ele propõe é algo insano. Para ele, qualquer pessoa que tenha sobrenome de "cristão-novo" deve ser considerada judia e retornar a Israel para processos de estudos, a fim de fazer retorno ou conversão. Isso, para mim, é proselitismo. A idéia dele é que milhares emigrem para Israel, como um jeito de tirar os palestinos de lá e também uma forma de manter o caráter judaico da população israelense. Como ele vai fazer isso se seleciona as pessoas sem critério algum? A preocupação dele é mais com a questão laica do que com a religiosa, por isso afastei-me. Mas devo reconhecer que ele tem muitos contatos no *Knesset*[104]e com

[102] Em hebraico: Federação *Sefaradi* dos Guardiães da Torá.
[103] Em hebraico: plural de *yeshivá*.
[104] Em hebraico: assembléia. É o parlamento do Estado de Israel.

> muitos rabinos ortodoxos. A idéia dele é virar deputado lá e aprovar leis que facilitem esse retorno em massa. Acho isso errado e perigoso, não só para a religião judaica, mas para o próprio estado de Israel" (Rabino Bonder).

A hegemonia no campo marrano faz com que Asher seja quase tão atacado quanto Mordechai, pois muitos o criticam por "tirar a cultura dos *anussim* e impor a eles uma religiosidade *ashkenazita Chabad*". Além disso, afirmam que a maior parte das pessoas que entra na instituição de Asher não possui qualquer ascendência judaica, ou seja, são, segundo outros agentes desse universo simbólico, "falsos marranos".

Mesmo com o sucesso em suas tentativas, a instituição de Asher não conseguiu capital midiático, ou publicização, ao contrário da sinagoga *Beith* Israel, que chama atenção da mídia por conta da prática do judaísmo na periferia paulistana. Dessa forma, prossegue a luta no campo marrano, a fim de fazer ver e crer, criar sistemas de significação e lutar pelo monopólio de definir que possui realmente a ascendência matrilinear marrana.

7. Considerações finais

Essa dissertação buscou discutir a questão da luta em torno do monopólio de classificação de quem é judeu e também as relações de sociabilidade entre os ditos *anussim* e a comunidade judaica estabelecida. A análise do fenômeno da reivindicação da identidade judaica e suas implicações tornou necessário um recorte empírico específico, constituindo um universo de estudo diversificado: judeus ortodoxos e liberais, assim como seus respectivos líderes religiosos, os autointitulados *anussim*, diversos moradores da zona leste de São Paulo, além de líderes religiosos de denominações pentecostais e neopentecostais e seus fiéis.

A pesquisa revelou como a metrópole, com sua heterogeneidade, permite a emergência de uma nova instituição, a sinagoga *Beith* Israel, no bairro de São Mateus, na periferia da capital paulista. O surgimento desse movimento religioso altera, como observado, a dinâmica do bairro. Entretanto, a lógica específica do *pedaço* também interfere na esfera religiosa. Afinal, o grupo teve que ressignificar o judaísmo dito tradicional em outro, adaptado à lógica e às condições da periferia. Nesse processo, a burocracia religiosa tem que encontrar explicações na Torá e no *Talmud*, para legitimar as mudanças, o que faz com que ganhem um respaldo dos leigos, reforçando o

monopólio de produção de bens simbólicos dos especialistas religiosos. Além disso, as demandas específicas dos moradores de periferia foram atendidas, por meio de uma redefinição simbólica de rezas, práticas e rituais, em um processo de "evangelização do judaísmo", já que o discurso é similar ao da Teologia da Prosperidade. Logo, faz sentido para os fiéis, pois esse discurso já está incorporado no *habitus*, por conta da trajetória dos leigos da sinagoga *Beith* Israel. A escolha geográfica da sede religiosa não se deu apenas por questões econômicas, ou somente pela crença de Mordechai de que o bairro é um "reduto de *anussim* em potencial", mas também porque o líder religioso já possuía um conhecimento prévio acerca da disputa simbólica existente no campo religioso das periferias das grandes cidades. Afinal, atuou como pastor em bairros periféricos, o que lhe proporcionou a formação de um *habitus* adequado a lidar com certa classe de leigos. Dessa forma, o estabelecimento da sinagoga em São Mateus pode ser considerado como uma ação estratégica da instituição, orientada por um senso prático específico, adquirido pela participação nesse universo simbólico.

É importante ressaltar que não coube a esse trabalho julgar qualquer tipo de reivindicação identitária, mas sim mostrar a construção em torno da "judaicidade" por meio de trocas simbólicas entre agentes que ocupam posições distintas no campo judaico. O grupo estabeleceu um considerável capital relacional, com rabinos do Brasil e do exterior, possibilitando o ingresso no *circuito* judaico estabelecido, o que permitiu a interação, a possibilidade de trocas e até mesmo a sobrevivência da instituição religiosa.

O fenômeno da reivindicação da identidade judaica, ou talvez o fenômeno maior da "judaicização" das práticas religiosas pode ser observado em diversas instituições A disputa mais intensa leva a tentativas de estratégias mais eficazes no campo religioso. Uma das analisadas no trabalho é a utilização do Antigo Testamento e de seus bens simbólicos, até então restritos ao judaísmo. Essa "judaicização" do neopentecostalismo parece ser eficaz, pois atende a uma demanda dos leigos por uma divindade forte, guerreira e que consegue realizar feitos impossíveis, como o Deus retratado na Torá. Entretanto, não se trata apenas da dinâmica própria do campo religioso, mas também da questão da cidade que, com sua pluralidade de grupos, torna público e acessível, bens simbólicos até então desconhecidos. Logo, a metrópole, por suas características específicas, é o local ideal para analisar esses novos arranjos, presentes no campo religioso e na experiência de novas formas de sociabilidades, muitas delas, influenciadas pela religiosidade.

Uma das preocupações do trabalho foi em relação à análise das disputas pelos equipamentos urbanos na periferia, assim como a luta em torno de sua significação, pois a heterogeneidade de seus atores e de suas expressões culturais revela uma importante tensão para produzir um sistema de significados acerca da ideia de periferia. Logo, acredito que esse estudo contribuiu para um olhar distanciado, permitindo enxergar não uma cultura reificada da periferia, mas as lutas que existem entre diversos produtores pela expressão cultural legítima. Por isso, a meu ver, o termo "culturas" de periferia é mais adequado, pois reconhece as lutas simbólicas em torno da noção de pertencimento à periferia. O conceito de múltiplas identidades no mesmo indivíduo, na visão de Hall sobre a sociedade pós-moderna, é um fator extremamente relevante para o estudo da emergência de práticas "de periferia", pois permite ao pesquisador estudar as divergências existentes entre agentes de um mesmo *pedaço*, já que suas identidades podem gerar um efeito de contrariedade, ou complementaridade, dependendo do contexto.

> "A percepção do mundo social é o produto de uma dupla estruturação social: do lado "objetivo", ela está socialmente estruturada porque autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não se oferecem à percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desigual; do lado "subjetivo", ela está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação suscetíveis de serem utilizados no momento considerado, e sobretudo os que estão sedimentados na linguagem, são produtos de lutas simbólicas anteriores e exprimem, de maneira mais ou menos transformada, o estado das relações de força simbólicas" (BOURDIEU, 2006, p. 140).

Para Bourdieu, a constituição de um campo é a "institucionalização da anomia". Segundo o autor, um espaço social que tem posições estruturais sempre fixas, inexistência de conflitos, esquemas de percepções ligados a um referencial imutável e regras estanques, não pode ser considerado um campo. Afinal, a teoria bourdiesiana afirma que o campo caracteriza-se pela existência de inúmeras tensões entre posições, visões de mundo distintas, estrutura dinâmica que regula e é regulada pelos agentes, ou seja, um universo em constante transformação, sem regras fixas. A palavra anomia tem origem grega: *a+nomos*, em que *a* significa ausência e *nomos* lei, norma. Dessa forma, a existência de um campo está ligada à presença de uma anomia constante no universo social em consideração.

Logo, o campo é um espaço com posições distintas, que disputam a hegemonia nesse universo simbólico, a fim de manter, ou subverter os esquemas de percepção e as regras vigentes. Não há uma autoridade suprema, mas uma pluralidade de forças que torna os processos de significação e produção de verdades, incertos. Dessa forma, a entrada dos autodenominados *anussim*, seja no campo judaico, no campo religioso, ou até mesmo no campo de produção cultural da periferia, torna-os mais "anômicos", pois uma nova instituição e seus respectivos agentes são um perigo para a ordem estabelecida e também um concorrente direto na disputa pelo mercado de leigos, no caso do campo religioso. A presença de um novo agente em um campo torna-o ainda mais "anômico", pois aumenta as tensões entre posições e promove maior quantidade de fluxos comunicativos. Dessa maneira, os sistemas de produção de verdades dos universos simbólicos considerados passam a ser disputados por um número maior de participantes, o que acirra a batalha em torno do monopólio de fazer ver e crer.

Desta forma, na periferia de São Paulo, é possível perceber a emergência de uma nova forma de religiosidade, caso dos ditos *anussim* e sua tentativa de construção de um judaísmo específico, que tenta atender às demandas dos leigos da zona leste, adaptando-se à lógica do bairro de São Mateus. Esse cenário é responsável pelo desenvolvimento de um judaísmo peculiar, em comparação ao praticado no eixo Bom Retiro-Higienópolis, que produz um sistema de verdades compatível às necessidades dos consumidores de bens religiosos da região, possibilitando um trânsito religioso distinto: das religiões de orientação neopentecostal/pentecostal a uma religião que se afirma judaica.

8. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, R. (Org.); MAFRA, C. (Org.). **Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, R. **Religião na metrópole paulista**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 19 (56) p. 15-27. São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Ronaldo e MONTERO, Paula. 2001. **Trânsito Religioso no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, 2004, 15, no. 3

ARAÚJO, L.B.L. **Religião e modernidade em Habermas**. São Paulo, Loyola, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.
_____. **A Distinção**. São Paulo: Edusp, 1998.
_____. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1996.
_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORDEIRO, Hélio Daniel. **Os Marranos e a Diáspora Sefardita**. São Paulo: Editora Capital Sefad, 1997.

DANTAS, Beatriz G. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DIAS MEDEIROS, João F. **Nos Passos do Retorno**. Natal, RN: Edição do Autor, 2005.

DELLA PÉRGOLA, S. Jewish Identity/Assimilation/Continuity: Approaches to a Changing Reality, **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 3, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____ **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

FRY, Peter. **Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo**. São Paulo: Debate e Crítica, 1975.

GEERTZ, C. **Observando o Islã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GORENSTEIN, Lina. **Brasil Marrano: As pesquisas recentes**. Disponível em: http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/104 Acesso em: 28/12/2008

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HABERMAS, J. **Entre Naturalismo e Religião**. Rio de Janeiro: *Tempo Brasileiro*, 2007.

_____.**Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____, HABERMAS, Jürgen**. Teoría de la acción comunicativa I**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987.

HOUTART, François. **Sociologia da religião**. São Paulo: Ática, 1994.

LAVALLE, Adrián Gurza. **Jurgën Habermas e a virtualização da publicidade**. In: Margem, São Paulo, n.16, dez. 2002, p. 65-82

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ **O Olhar Distanciado**.Lisboa: Edições 70, 1986.
_____ **Tristes trópicos**, Lisboa/São Paulo, Ed. 70/Martins Fontes.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida, in: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Festa no Pedaço**. São Paulo: Hucitec, 1998.
_____. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1991.
_____. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
_____.TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: USP/ FAPESP, 2000.
_____.MANTESE, Bruna (Orgs.) **Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007.
_____."**Santana de Parnaíba, memória e cotidiano**". Disponível em: http://www.n-a-u.org/magnanisantanadoparnaiba.html . Acesso em 20/10/2009.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia M. (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MARTINO, L. M. S. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.
_____. **A santa guerra simbólica**. São Paulo: Ética e Meios, 1997, v. 2, n. 2, p. 6-6
MARTINO, L. M. S.; SOUZA, B. M. (Org.). **Sociologia da Religião e Mudança Social**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004, v. 1. 173 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NEGRÃO, Lísias. **Umbanda*:* entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RATTNER, H. **Tradição e mudança: a comunidade judaica em São Paulo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

ROSS, James R. **Fragile Branches: Travels Through the Jewish Diaspora**. New York: Riverhead Books, 2000.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de la modernité**. Paris: Payot, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**. Petrópolis: VOZES, 2003.

TOPEL, Marta. **Jerusalém & São Paulo. A nova ortodoxia judaica em cena**. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2005.

VALADARES, Paulo. **A Presença Oculta: Genealogia, Identidade e Cultura Cristã-Nova Brasileira nos Séculos XIX e XX**. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

WACHTEL, Nathan. **A fé da lembrança**. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

WEBER, Max. 1979. **Ensaios de sociologia**. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. **A política como vocação**. Brasília: Editora UNB, 2003.

_____.**Economia e Sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004, vol 1.

_____.**Economia e Sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004, vol 2.

Um rabino negro na Zona Leste

Mordechai Moré ergue sinagoga em São Mateus e quer unir judeus nordestinos

Por Ocimara Balmant

O comerciante negro e alto é mais um morador da periferia de São Paulo. Passaria despercebido pelas ruas de São Mateus, na zona leste. Mas é impossível não chamar a atenção com aquela quipá na cabeça, acessório típico em bairros como Higienópolis e Bom Retiro, mas completamente inusitado por ali.

"As pessoas estão acostumadas a ver judeus brancos de olhos azuis. Por isso, se assustam comigo", diz Mordechai Moré, 43, o nome hebraico do homem que nasceu e cresceu Marcos Moreira, foi pastor evangélico e há dez anos se assumiu judeu. Desde então, aprendeu hebraico sozinho, reza três vezes ao dia, cumpre o *shabat* (a guarda do sábado), descobriu outras famílias judias no bairro e comanda por lá a construção de uma sinagoga. Dentro de casa, aboliu qualquer alimento "impuro" do cardápio da família. A mulher, Hadassa, também judia, só cozinha comida *kasher*. Ele sonha com um colégio judaico na região, mas, enquanto não consegue, improvisa.

Só conversa com os quatro filhos em hebraico, para aprenderem a língua, e ensinou às crianças uma desculpa para recusar o lanche da escola pública onde estudam. "Falei para dizerem que são alérgicas. Era o que minha mãe me dizia quando eu era criança", lembra ele.

Ser judeu não foi uma decisão tomada ao acaso. Mordechai é descendente dos "forçados", os judeus que foram obrigados a se converter ao cristianismo na época da Inquisição e que chegaram ao Nordeste como imigrantes no século 16.

Muitos deles renunciaram à religião, mas não à tradição. Caso dos avós e dos pais de Mordechai.

Sua infância foi permeada de costumes judaicos: mais velho de quatro irmãos, ele foi circuncidado, nunca comemorou o Natal nem comeu carne de porco. "Minha mãe até cantava música em ladino, uma mistura de espanhol com hebraico. Eram coisas que eu não entendia, mas eles desconversavam, diziam que era tradição dos antigos." A revelação foi feita a contragosto.

"Quando eu tinha 17 anos, resolvi que ia virar Hare Krishna. Então, minha mãe não se aguentou e contou: 'A gente é descendente de judeu. É melhor ser judeu que Hare Krishna'". Na época, Mordechai optou por mesclar as duas religiões. "Achei que devia pregar Jesus para os judeus. Fiz isso um tempo, mas, de repente, percebi que o que eu queria dar para eles não era mais o que eu queria para mim. Decidi fazer o retorno."

O preço foi alto: a primeira mulher o deixou, os pais cristãos demoraram a aceitar a decisão e a comunidade de São Mateus o discriminou. "Ser judeu na periferia é muito difícil. Pela crendice popular, judeu não acredita em Deus. Já recebi paulada na cabeça e fui expulso de uma casa que aluguei quando o dono descobriu que eu era judeu."

Hoje, uma década depois, a quipá de Mordechai já não atrai tantos desafetos. Pelo contrário, o promoveu. Por ali, todos o tratam como rabino. "Para quem não é judeu, todo mundo que usa quipá é rabino. Eu não me autodenomino, mas a comunidade precisava de um líder." Ele se refere às cerca de 20 famílias de São Mateus que se reúnem na sinagoga Beit Israel, criada por ele com um único objetivo: "Aqui no bairro há muitos nordestinos filhos dos 'forçados'. Não quero converter ninguém. Só quero ajudar a comunidade a descobrir a ascendência e se sentir à vontade para professar."

Ainda neste mês, deve ser inaugurado o novo prédio da sinagoga. A construção azul clara, em fase final de reforma, fica na avenida Engenho Novo, um endereço recém-asfaltado. "Construo com dinheiro do bolso, mas às vezes fica difícil. Não temos um Abravanel", brinca o rabino, em referência a Silvio Santos. Apesar da quipá, da Torá e de ele sobreviver da venda de pedras preciosas, não tem sido fácil se fazer respeitar entre os ortodoxos tradicionais da cidade. "Fiz exame de DNA e consegui mapear

minha árvore genealógica. Não importa se me ignoram. Não quero morar no Bom Retiro nem em Higienópolis. Se o Todo Poderoso, o Eterno, nos reconhecer, já está bom demais."

"Ser judeu na periferia é difícil. O povo acha que judeu não acredita em Deus. Já levei paulada na cabeça"
MORDECHAI MORÉ

"Quando eu tinha 17 anos, queria virar Hare Krishna. Minha mãe contou: 'A gente é descendente de judeu'"
MORDECHAI MORÉ

Fonte: Revista São Paulo 7 a 13 de novembro de 2010 (suplemento dominical do Jornal *Folha de S. Paulo*)

Texto retirado do site Brasil *Sefarad*: http://www.brasilsefarad.com

Genealogia Judaico-Brasileira

Sobrenomes usados por cristãos novos processados pela Inquisição

A presente lista foi retirada do livro "As raízes judaicas no Brasil", de Flávio Mendes de Carvalho, com os sobrenomes de cristãos-novos, brasileiros ou residentes no Brasil, condenados pela Inquisição nos séc. XVII e XVIII e que constam nos arquivos da Torre do Tombo em Lisboa. Vale lembrar que os judeus, por ocasião da conversão forçada, tiveram que adotar sobrenomes de cristãos-velhos. Assim o fato de um sobrenome estar na lista não nos garante dizer que todas as pessoas que o carregam são descendentes dos cristãos-novos. Por outro lado, o fato de outro sobrenome não estar, não exclui a possibilidade de que possa também ter origem judaica, posto que a pesquisa de Flávio Mendes não abrangeu todo o período de atuação da Inquisição e que os arquivos consultados pelo autor são somente de pessoas que foram processadas por aquele tribunal religioso - pessoas que conseguiram manter suas práticas religiosas em segredo, obviamente, não estariam listadas. Na obra do historiador, constam os nomes e na maioria das vezes a naturalidade, o parentesco e a residência dos judaizantes - termo como eram chamados os conversos descobertos praticando o judaísmo. Há vários casos em que muitos dos membros de uma mesma família foram condenados e torturados para delatar a sua própria gente.

A

Abreu Abrunhosa Affonseca Affonso Aguiar Ayres Alam Alberto Albuquerque Alfaro Almeida Alonso Alvade Alvarado Alvarenga Álvares/Alvarez Alvelos Alveres Alves Alvim Alvorada Alvres Amado Amaral Andrada Andrade Anta Antonio Antunes Araujo Arrabaca Arroyo Arroja Aspalhão Assumção Athayde Ávila Avis Azeda Azeitado Azeredo Azevedo

B

Bacelar Balão Balboa Balieyro Baltiero Bandes Baptista Barata Barbalha Barboza /Barbosa Bareda Barrajas Barreira Baretta Baretto Barros Bastos Bautista Beirão Belinque Belmonte Bello Bentes Bernal Bernardes Bezzera Bicudo Bispo Bivar Boccoro Boned Bonsucesso Borges Borralho Botelho Bragança Brandão Bravo Brites Brito Brum Bueno Bulhão

C

Cabaco Cabral Cabreira Cáceres Caetano Calassa Caldas Caldeira Caldeyrão Callado Camacho Câmara Camejo Caminha Campo Campos Candeas Capote Cárceres

Cardozo/Cardoso Carlos Carneiro Carranca Carnide Carreira Carrilho Carrollo Carvalho Casado Casqueiro Cásseres Castenheda Castanho Castelo Castelo Branco Castelhano Castilho Castro Cazado Cazales Ceya Céspedes Chacla Chacon Chaves Chito Cid Cobilhos Coche Coelho Collaço Contreiras Cordeiro Corgenaga Coronel Correa Cortez Corujo Costa Coutinho Couto Covilhã Crasto Cruz Cunha

D

Damas Daniel Datto Delgado Devet Diamante Dias Diniz Dionisio Dique Doria Dorta Dourado Drago Duarte Duraes

E

Eliate Escobar Espadilha Espinhosa Espinoza Esteves Évora

F

Faísca Falcão Faria Farinha Faro Farto Fatexa Febos Feijão Feijó Fernandes Ferrão Ferraz Ferreira Ferro Fialho Fidalgo Figueira Figueiredo Figueiro Figueiroa Flores Fogaça Fonseca Fontes Forro Fraga Fragozo Franca Francês Francisco Franco Freire Freitas Froes/Frois Furtado

G

Gabriel Gago Galante Galego Galeno Gallo Galvão Gama Gamboa Gancoso Ganso Garcia Gasto Gavilão Gil Godinho Godins Goes Gomes Gonçalves Gouvea Gracia Gradis Gramacho Guadalupe Guedes Gueybara Gueiros Guerra Guerreiro Gusmão Guterres

H/I/J

Henriques Homem Idanha Iscol Isidro Jordão Jorge Jubim Julião

L

Lafaia Lago Laguna Lamy Lara Lassa Leal Leão Ledesma Leitão Leite Lemos Lima Liz Lobo Lopes Loucão Loureiro Lourenço Louzada Lucena Luiz Luna Luzarte

M

Macedo Machado Machuca Madeira Madureira Magalhães Maia Maioral Maj Maldonado Malheiro Manem Manganes Manhanas Manoel Manzona Marçal Marques Martins Mascarenhas Mattos Matoso Medalha Medeiros Medina Melão Mello Mendanha Mendes Mendonça Menezes Mesquita Mezas Milão Miles Miranda Moeda Mogadouro Mogo Molina Monforte Monguinho Moniz Monsanto Montearroyo Monteiro Montes Montezinhos Moraes Morales Morão Morato Moreas Moreira Moreno Motta Moura Mouzinho Munhoz

N

Nabo Nagera Navarro Negrão Neves Nicolao Nobre Nogueira Noronha Novaes Nunes

O

Oliva Olivares Oliveira Oróbio

P

Pacham/Pachão/Paixão Pacheco Paes Paiva Palancho Palhano Pantoja Pardo Paredes Parra Páscoa Passos Paz Pedrozo Pegado Peinado Penalvo Penha Penso Penteado Peralta Perdigão Pereira Peres Pessoa Pestana Picanço Pilar Pimentel Pina Pineda Pinhão Pinheiro Pinto Pires Pisco Pissarro Piteyra Pizarro Pombeiro Ponte Porto Pouzado Prado Preto Proença

Q

Quadros Quaresma Queiroz Quental

R

Rabelo Rabocha Raphael Ramalho Ramires Ramos Rangel Raposo Rasquete Rebello Rego Reis Rezende Ribeiro Rios Robles Rocha Rodriguez Roldão Romão Romeiro Rosário Rosa Rosas Rozado Ruivo Ruiz

S

Sa Salvador Samora Sampaio Samuda Sanches Sandoval Santarém Santiago Santos Saraiva Sarilho Saro Sarzedas Seixas Sena Semedo Sequeira Seralvo Serpa Serqueira Serra Serrano Serrão Serveira Silva Silveira Simão Simões Soares Siqueira Sodenha Sodré Soeyro Sueyro Soeiro Sola Solis Sondo Soutto Souza

T/U

Tagarro Tareu Tavares Taveira Teixeira Telles Thomas Toloza Torres Torrones Tota Tourinho Tovar Trigillos Trigueiros Trindade Uchôa

V/X/Z

Valladolid Vale Valle Valença Valente Vareda Vargas Vasconcellos Vasques Vaz Veiga Veyga Velasco Velez Vellez Velho Veloso Vergueiro Viana Vicente Viegas Vieyra Viera Vigo Vilhalva Vilhegas Vilhena Villa Villalão Villa-Lobos Villanova Villar Villa Real Villella Vilela Vizeu Xavier Ximinez Zuriaga

---

Fonte: CARVALHO, Flávio Mendes de. *Raízes Judaicas no Brasil: arquivos secretos da Inquisição.* São Paulo: Arcádia, 1992.

Glossário

Aliah, em hebraico, emigração judaica a Israel.

Baalei teshuvá, em hebraico: aquele que se arrependeu. Termo usado, dentro do judaísmo ortodoxo, para designar judeus que não praticavam o judaísmo conforme a ortodoxia, mas que passaram a viver segundo a religiosidade ortodoxa.

Beit Din, em hebraico, é um tribunal rabínico, com várias funções. Uma delas é a aprovação de candidatos à conversão ao judaísmo

Bnei anussim, do hebraico, filhos dos forçados. O termo *bnei anuss* é a forma utilizada no singular, na língua hebraica. Entretanto, os nativos utilizam o termo *anussim* mesmo em situações em que falam no singular.

Brit Milah, em hebraico: aliança da circuncisão. Trata-se do ritual judaico em que se corta o prepúcio dos recém-nascidos no oitavo dia de vida, simbolizando a aliança entre os judeus e D-us. Em Gênesis 17:1-14, D-us ordena a Abraham (patriarca do povo hebreu) e toda sua descendência a realizar a circuncisão. O procedimento também é realizado nos homens que se convertem ao judaísmo.

Cabalá, em hebraico, sabedoria. Trata-se de formas místicas do judaísmo, em disputa por agentes religiosos de diversas denominações. Os ortodoxos recusam-se a ensinar para os *goym* e também para as mulheres, já que é um conhecimento restrito aos homens

Chabad: corrente ortodoxa chassídica, fundada no séc. XVIII, cresceu nas últimas décadas, liderada pelo *Rebe* de *Lubavitch*, Menachem Schneerson, e se tornou a maior linha ortodoxa no mundo.

Chassídismo é o nome do movimento fundado pelo rabino Baal Shem Tov, no século XVIII. Trata-se de um judaísmo místico e seus efeitos práticos no cotidiano. As diversas e numerosas linhas ortodoxas são fruto do chassídismo. Logo, o termo também é utilizado para referir-se à ortodoxia.

Devarim, em hebraico, Deuteronômio.

Dybuuk, em hebraico: espíritos bons ou ruins que possuem o corpo.

Goy, em hebraico, não-judeu, pertencente a outros povos.

Halachá, em hebraico, nome que se dá ao conjunto das leis judaicas.

Hascalá, em hebraico, Iluminismo judaico, movimento do final do séc. XVIII, que visava a modernização do judaísmo.

HaShem: em hebraico, “O Nome”, uma forma respeitosa de se dirigir a D-us.

Kasher, em hebraico, propício, de acordo. Apesar de a palavra ser mais associada ao uso de comida também é utilizada em outros contextos como, por exemplo, esse pergaminho está correto. Logo, ele é *kasher*.

Kashrut: termo relacionado às leis alimentares do judaísmo, ou seja, alimentos aptos para o consumo de judeus ortodoxos.

Kidush, em hebraico: santificação. É a benção recitada sobre o vinho ou suco de uva para santificar o *shabat* ou uma festa judaica. O termo também é usado para se referir a refeição cerimonial, servida na sinagoga, após o serviço religioso do *shabat*.

Kipá, em hebraico: solidéu.

Ladino: Dialeto *sefardita*, muito semelhante ao idioma espanhol.

Lashon hará, em hebraico: língua má. Significa fazer fofoca, falar mal de alguém, o que no judaísmo, é um pecado grave, de acordo com a *Halachá.*

Mashiach, em hebraico, Messias.

Marrano: em espanhol, porco, imundo, ou pessoa que se porta mal, não era usada exclusivamente com sentido ofensivo, pois, segundo um rabino entrevistado, o termo *marrano* também tem sua etimologia no hebraico: Mumar-anus (convertido à força).

Mehadrin: açougue que vende apenas carne *kasher*, ou seja, que foram abatidas de acordo com as leis dietéticas judaicas, sob a supervisão de um rabino. O produto passa depois por um processo de retirada de sangue.

Menorah, em hebraico, candelabro. Trata-se de um candelabro de sete braços, um dos principais símbolos do judaísmo. Simbolizaria os arbustos em chamas que Moisés encontrou no Monte Sinai.

Micvê, em hebraico: pequena piscina de água para purificação espiritual.

Minyan, em hebraico: contagem. É o quórum de dez judeus adultos, necessário para certos serviços religiosos.

Mitzvá, em hebraico, mandamento. São 613 mandamentos codificador por Maimônides, com base na Torá. *Mitzvot* é o plural, em hebraico, mandamentos.

Mohel, em hebraico: responsável por retirar o prepúcio (pele que recobre a glande do pênis). Não precisa ser, necessariamente, um médico, mas um homem judeu que tenha habilidade para realizar a circuncisão e saiba fazer as bênçãos específicas.

Nidá, em hebraico, mulher que está no período menstrual.

Olam Rabá, em hebraico: mundo vindouro. O termo pode ser entendido como o reino dos Céus, a morada dos bons após a morte.

Rebe: título dado a um grande rabino, considerado carismático e sábio.

Sefarditas: Os judeus se dividem em três grupos étnico-religiosos: *ashkenazitas* (oriundos da Europa Central) e *sefarditas* (originários da Península Ibérica) e os *Mizrachim* ou orientais (da região do Norte da África e Oriente Médio).

Sêfer Torá: rolo de Torá, ou seja, pergaminhos do Antigo Testamento, escritos à mão.

Shabat, em hebraico, sábado. O período que compreende o pôr-do-sol de sexta feira ao pôr-do-sol de sábado. Em hebraico, *shabat* tem relação com *shavat*, que significa parar, cessar. Dessa forma, o *shabat* é o dia em que não se trabalha e não se realiza uma série de atividades que, segundo o *Talmud*, estão relacionadas a formas de trabalho.

Shofar: Espécie de flauta feita com chifre de carneiro. É uma obrigação tocá-la no Rosh Hashaná (Ano Novo judaico). Algumas linhas chassídicas consideram válido tocá-la também em outras datas, pois o som do shofar tocaria o coração do judeu para a presença do Criador, abandonar o caminho do mal e seguir os mandamentos divinos.

Sidur, em hebraico, livro de rezas.

Sufek, em hebraico: dúvida. Trata-se de uma conversão especial, realizada quando há alguma dúvida sobre a matrilinearidade judaica.

Talit: Acessório religioso semelhante a um xale, feito em lã. Nas orações da sinagoga, principalmente no Sacharit (reza da manhã), o judeu cobre-se com o tecido. É considerado como um meio de isolamento do mundo físico. Por isso, facilita a concentração durante a oração.

Talmud: Livro que contém as discussões rabínicas acerca da lei judaica.

Tefilin, em hebraico, prece. Nome dado a duas caixinhas de couro, com preces dentro, presas por tira de couro de animal *kasher*. Após os treze anos, o homem judeu utiliza o objeto na reza matinal, enrolando as tiras no braço esquerdo e colocando uma caixa no lado esquerdo do peito e outra na testa.

Teshuvá, em hebraico, retorno.

Treif, em hebraico, alimento considerado impróprio pela lei judaica.

Tsedacá, em hebraico, a coisa certa a fazer. Alguns rabinos interpretam como justiça social, outros como fazer caridade.

Tsitsit: Espécie de regata, utilizada pelos homens e meninos, por baixo da roupa, com franjas pendentes, que ficam para fora da vestimenta. Os judeus *sefarditas* deixam-no

dentro da calça. É um mandamento, no judaísmo ortodoxo: (Bamidbar 15:37-40): *"Eles usarão pequenas franjas nos cantos de suas vestes…"*